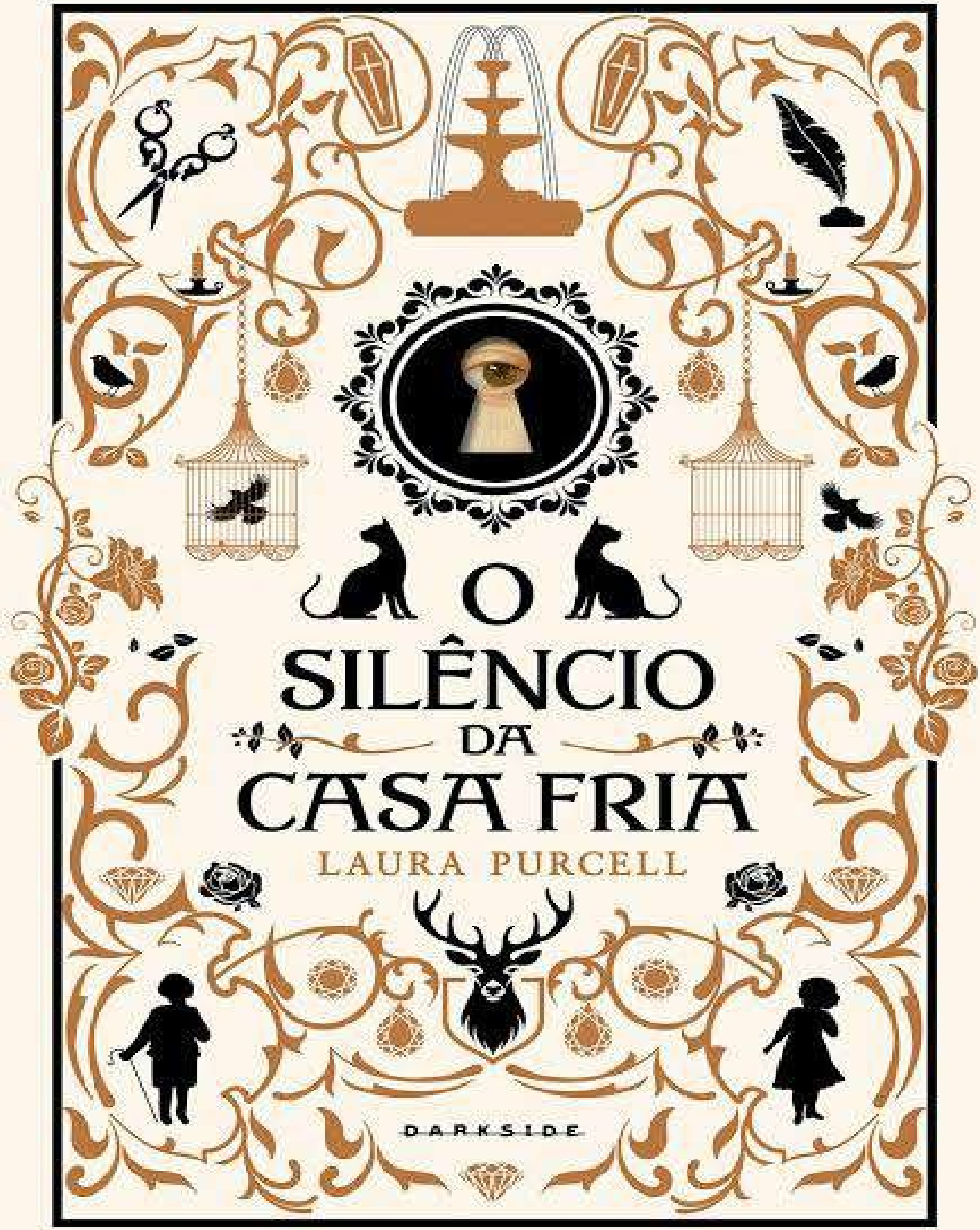
O SILÊNCIO DA CASA FRIA
LAURA PURCELL
DARKSIDE

DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É

expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo **SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:** O Le Livros e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: LeLivros.love ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste LINK.

"Quando o mundo estiver

unido na busca do

conhecimento, e não mais

lutando por dinheiro e poder,

então nossa sociedade

poderá enfim evoluir a um

novo nível."

Para Julieta

HOSPITAL DE SÃO JOSÉ

O novo médico a pegou de surpresa. Não que houvesse algo incomum em sua chegada – médicos iam e vinham com bastante frequência. Mas este era jovem. Novo na profissão, assim como no local. Havia um brilho nele que fez seus olhos doerem.

'Essa é ela? Sra. Bainbridge? A *Sra* foi um toque agradável. Ela não conseguia se lembrar da última vez que recebera um título. Tocava como uma música que ela só conseguia se lembrar. Ele ergueu os olhos de suas anotações, atento a ela. - Sra. Bainbridge, meu nome é Dr. Shepherd. Estou aqui para te ajudar. Para ter certeza de que estamos dando a você o nível suficiente de cuidados.

Cuidado . Ela queria se levantar de onde estava sentada na beirada da cama, pegar o braço dele e guiá-lo gentilmente até a porta. Este lugar não era para inocentes. Ao lado da bruxa atarracada de meia-idade de uma atendente, ele parecia tão vibrante, tão vivo. As paredes caiadas ainda não haviam tirado a cor de seu rosto ou entorpecido o tom de sua voz. Em seus olhos ela viu o brilho de interesse. Isso a perturbou mais do que a carranca do atendente.

- Sra. Bainbridge? Voce entende?'

'Te disse.' O atendente fungou. — Você não vai conseguir nada com ela.

O médico suspirou. Enfiando os papéis debaixo do braço, ele entrou na cela dela. 'Isso acontece. Muitas vezes em casos de grande angústia. Às vezes, o choque é tão intenso que torna o paciente incapaz de falar. Parece provável, não é?

Elas borbulharam, as palavras em seu peito. Suas costelas doíam e seus lábios formigavam com a força delas. Mas eles eram fantasmas, ecos de coisas que tinham sido. Ela nunca iria experimentá-los novamente.

Ele se inclinou para frente para que sua cabeça ficasse no nível dela. Ela estava bem ciente de seus olhos, arregalados e sem piscar por trás de seus

óculos. Anéis mais pálidos de verde menta.

'Pode ser curado. Com tempo e paciência. Eu vi isso feito.

O atendente respirou fundo em desaprovação. — Não se aproxime, doutor.

Ela é feroz, tudo bem. Cuspiu na minha cara uma vez.

Com que firmeza ele a observava. Ele estava perto o suficiente para ela sentir o cheiro dele: sabonete carbólico, cravo. A memória cintilou como uma caixa de fósforos. Ela se recusou a deixar a pederneira acender.

— Você não quer se lembrar do que aconteceu com você. Mas você *pode* falar. A inalação de fumaça não foi ruim o suficiente para deixá-lo mudo.

— Ela não vai falar, doutor. Este não é nenhum tolo. Sabe onde vão colocá-la se ela não estiver aqui.

— Mas ela sabe escrever? Ele olhou ao redor do quarto. — Por que não há nada aqui para ela escrever? Você não *tentou* se comunicar com ela?'

— Não confiaria nela com uma caneta.

— Uma lousa então, e giz. Você vai encontrá-los no meu quarto. Ele pescou em seu bolso e empurrou uma chave para o atendente. 'Pegue-os. Agora, por favor.

Com uma carranca, o atendente pegou a chave e saiu pela porta.

Eles estavam sozinhos. Ela sentiu os olhos dele sobre ela – não duros, mas desconfortáveis, como as cócegas de um inseto rastejando sobre sua perna.

— A medicina está mudando, Sra. Bainbridge. Eu não sou um homem que vai lhe dar choques elétricos ou mergulhá-lo em banhos frios. Eu quero ajudar.' Ele inclinou a cabeça. — Você deve saber disso com certeza. . .

acusações foram feitas contra você. Algumas pessoas sugerem que você deve ser transferido para uma instalação mais segura. Ou que talvez você não pertença a um asilo.

Acusações . Eles nunca explicaram a base da acusação, apenas a chamaram de assassina, e por um tempo ela fez jus à reputação: jogar copos; arranhando as enfermeiras. Mas agora ela tinha um quarto próprio e uma medicação mais forte, era muito esforço fazer o papel. Ela preferia dormir.

Esquecer.

— Estou aqui para decidir seu destino. Mas para ajudá-lo, preciso que você *me ajude* . Preciso que você me diga o que aconteceu.

Como se ele pudesse entender. Ela tinha visto coisas além da compreensão de seu pequeno cérebro científico. Coisas que ele negaria eram possíveis até que eles se aproximassem furtivamente dele e pressionassem suas mãos gastas e lascadas contra as dele.

Uma covinha apareceu em sua bochecha esquerda enquanto ele sorria. —

Estou vendo o que você está pensando. Todo paciente diz o mesmo, que eu não vou acreditar neles. Confesso, há muitos delírios aqui, mas poucos são sem fundamento. Alguma experiência os formou. Mesmo que pareça extraordinário, eu gostaria de ouvir – o que você *acha que* aconteceu. Às vezes, o cérebro não consegue lidar com as informações que precisa processar. Dá sentido ao trauma de maneiras estranhas. Se eu puder ouvir o que sua mente lhe diz, talvez possa entender como funciona.

Ela sorriu de volta. Era um sorriso desagradável; aquele que fez as enfermeiras se afastarem. Ele não vacilou.

— E talvez possamos transformar sua situação a nosso favor. Quando ocorre um trauma, muitas vezes ajuda a vítima a escrevê-lo. De forma destacada. Como se tivesse acontecido com outra pessoa. A porta gemeu; o atendente voltou com o giz e a lousa na mão. O Dr. Shepherd os pegou e estendeu a mão para a cama, oferecendo os itens como um ramo de oliveira.

— Então, Sra. Bainbridge. Você vai tentar por mim? Escreva algo.'

Tentativamente, ela estendeu a mão e pegou o giz. Sentou-se estranhamente em sua mão. Depois de todo esse tempo, ela não conseguia se lembrar de

como começar. Ela pressionou a ponta na lousa e desenhou uma linha vertical. Ele guinchou – um guincho horrível e agudo que fez seus dentes ficarem no limite. Ela entrou em pânico, empurrou muito forte. A ponta do giz se partiu.

“Eu realmente acho que um lápis seria mais fácil para ela. Olha, ela não é perigosa. Ela está simplesmente tentando fazer o que pedimos.

O atendente o encarou. — Seja na sua cabeça, doutor. Trarei um mais tarde.

Ela conseguiu raspar algumas letras. Eles estavam fracos, mas ela estava com medo de usar a força novamente. Apenas visível na lousa estava um *Hello trêmulo* .

O Dr. Shepherd a recompensou com outro sorriso. 'É isso! Continue praticando. Você acha que poderia construir isso, Sra. Bainbridge, e fazer o que eu pedi? Anote tudo o que você se lembra?

Tão fácil quanto isso.

Ele era muito jovem. Muito fresco e cheio de esperança para perceber que haveria momentos em sua vida que ele gostaria de apagar – anos inteiros de momentos insuportáveis.

Ela os empurrou tão fundo que só conseguiu alcançar um ou dois. O

suficiente para confirmar que ela não queria o resto. Sempre que ela tentava pensar no passado, ela *os via* . Seus rostos horríveis barrando o caminho para o passado.

Ela usou o punho da manga para limpar a lousa e escrever novamente. *Por quê?*

Ele piscou atrás dos óculos. 'Nós vamos . . . Por que você pensa?'

Cura.

'Está certo.' A covinha apareceu novamente. 'Imagine se pudéssemos curá-lo? Libertá-lo deste hospital?

Deus o ama. *Não* .

'Não? Mas . . . Eu não entendo.'

— Já lhe disse, doutor — disse a atendente com sua voz áspera de pega. —

Ela fez isso, tudo bem.

Ela dobrou as pernas para cima e deitou na cama. Sua cabeça latejava. Ela levantou as mãos para o couro cabeludo e agarrou, tentando segurar as coisas no lugar. Cerdas formigavam em sua cabeça raspada. Cabelo crescendo, meses passando, trancado.

Há quanto tempo? Um ano, ela supôs. Ela poderia perguntar, escrever a pergunta na lousa, mas temia saber a verdade.

Certamente era hora de seu remédio, hora de amortecer o mundo?

- Sra. Bainbridge? Sra. Bainbridge, você está bem?

Ela manteve os olhos fechados. Chega, chega. Quatro palavras, e ela tinha escrito demais.

"Talvez eu a tenha pressionado demais por hoje", disse ele. Mas ele ainda pairava, uma presença inquietante ao lado de sua cama.

Isso estava tudo errado. Sua mente estava descongelando.

Finalmente, ela o ouviu se endireitar. Chaves tilintaram, uma porta se abriu.

'Quem é o PROXIMO?'

A porta se fechou e abafou suas vozes. Suas palavras e passos se dissiparam pelo corredor.

Ela estava sozinha, mas o isolamento não a confortava como antes. Ruídos que geralmente passavam despercebidos vinham dolorosamente altos: o chocalhar de uma fechadura, risadas ao longe.

Frenética, ela escondeu o rosto sob o travesseiro e tentou esquecer.

A verdade. Ela não conseguia parar de pensar nisso durante as horas frias e cinzentas de silêncio.

Eles não tinham jornais na enfermaria – pelo menos, não quando ela tinha permissão para entrar lá – mas os rumores tinham um jeito de se infiltrar por baixo das portas e pelas rachaduras nas paredes. As mentiras dos jornalistas chegaram ao asilo muito antes dela. Desde que ela acordou neste lugar, ela recebeu um novo nome: *assassina* .

Outros pacientes, atendentes, até as enfermeiras quando achavam que ninguém podia ouvir: torciam a boca e mostravam os dentes ao dizer isso, famintos. *Assassina* . Como se quisessem assustá-la. *Ela* .

Não era a injustiça que ela detestava, mas o barulho, suas sílabas sibilando em seus ouvidos como – *Não* .

Ela se mexeu na cama e abraçou os braços arrepiados, tentando se controlar.

Até agora ela estava segura. Seguro atrás das paredes, seguro atrás de seu silêncio, seguro com as belas drogas que abafaram o passado. Mas o novo médico. . . Ele era o relógio sinalizando com um sinal de pavor que seu tempo havia terminado. *Talvez você não pertença a um asilo.*

Pânico espiralou em seu peito.

Voltar novamente para as mesmas três opções. Não diga nada e presuma-se culpado. Destino: a forca. Não diga nada e, por algum milagre, seja absolvido. Destino: o mundo frio e afiado lá fora, nenhum remédio para ajudá-la a esquecer.

Restava apenas uma escolha – a verdade. Mas o que foi isso?

Olhando para o passado, os únicos rostos que ela via claramente eram os de seus pais. Ao redor deles, figuras sombrias se aglomeravam. Figuras cheias de ódio que a aterrorizaram e distorceram o curso de sua vida.

Mas ninguém acreditaria nisso.

Uma lua cheia brilhou em linhas prateadas através da janela no topo da parede, tocando sua cabeça. Ela ficou lá, observando, quando o pensamento veio a ela. Neste lugar de desgoverno, tudo estava de cabeça para baixo. A verdade era louca, além dos reinos de qualquer imaginação saudável. E era por isso que a verdade era a única coisa garantida para mantê-la fechada a sete chaves.

Ela deslizou da cama para o chão. Estava frio e levemente pegajoso. Não importa quantas vezes eles o limpassem, o cheiro de mijo pairava no ar. Ela se agachou ao lado de sua cama, finalmente encarando a sombra volumosa do outro lado do quarto.

O Dr. Shepherd mandara colocá-lo ali: o primeiro item novo em uma paisagem imutável. Apenas uma escrivaninha. Mas era outro instrumento para abrir o sepulcro e exumar tudo o que ela havia enterrado.

Com o pulso batendo no pescoço, ela rastejou pelo chão. De alguma forma, ela se sentiu mais segura lá embaixo, agachada embaixo dela, olhando para as pernas entalhadas. *Madeira* . Ela estremeceu.

Certamente não havia razão para ser cauteloso, aqui. Certamente eles não poderiam levar nenhum pedaço de madeira e. . . Não foi possível. Mas então nada disso foi possível. Nada disso fazia o menor sentido. No entanto, *aconteceu* .

Lentamente, ela se levantou e inspecionou a superfície da mesa. O Dr.

Shepherd havia deixado todos os utensílios para ela: papel e um lápis

grosso e sem ponta.

Ela puxou uma página em sua direção. Na escuridão ela viu um vazio branco, esperando por suas palavras. Ela engoliu a dor em sua garganta.

Como ela poderia reviver isso? Como ela poderia fazer isso com eles, tudo de novo?

Ela olhou para a página em branco, tentando ver, em algum lugar em sua vasta extensão de nada, aquela outra mulher de muito tempo atrás.

A PONTE, 1865

Eu não estou morto.

Elsie recitou as palavras enquanto sua carruagem percorria estradas rurais, agitando torrões de lama. As rodas faziam um barulho molhado de sucção.

Eu não estou morto. Mas era difícil de acreditar, olhando pela janela salpicada de chuva para o fantasma de seu reflexo: pele pálida; bochechas cadavéricas; cachos eclipsados por gaze preta.

Lá fora o céu estava cinza-ferro, a monotonia quebrada apenas por corvos.

Milha após milha e o cenário não mudou. Campos de restolho, árvores esqueléticas. *Eles estão me enterrando* , ela percebeu. *Eles estão me enterrando junto com Rupert.*

Não era para ser assim. Eles já deveriam estar de volta a Londres; a casa aberta, transbordando de vinho e velas. Nesta temporada, os corantes vívidos estavam na moda. Os salões estariam inundados de azulina, malva, magenta e verde parisiense. Ela deveria estar no centro de tudo: convidada para todas as festas cravejadas de diamantes; pendurado no braço do anfitrião em seu colete listrado; a primeira-dama entrou na sala de jantar. A nova noiva sempre ia primeiro.

Mas não uma viúva. Uma viúva se esquivou da luz e se sepultou com tristeza. Ela se tornou uma sereia afogando-se em crepe preto, como a Rainha. Elsie suspirou e olhou para o reflexo vazio de seus olhos. Ela deve ser uma esposa terrível, pois não ansiava por reclusão. Sentar-se em silêncio meditando sobre as virtudes de Rupert não ajudaria em sua dor. Apenas distração poderia fazer isso. Ela queria ir ao teatro, subir e descer nos ônibus barulhentos. Ela preferia estar em qualquer lugar do que sozinha nestes campos sombrios.

Bem, não completamente sozinho. Sarah sentou-se curvada nas poltronas em frente, debruçada sobre um volume de couro surrado. Sua boca larga se moveu enquanto ela lia, sussurrando as palavras. Elsie já a desprezava.

Aqueles olhos bovinos castanho-lama que não continham nenhuma centelha de inteligência, as maçãs do rosto franzidas e o cabelo esguio que sempre escorria de seu gorro. Ela tinha visto garotas de loja com mais refinamento.

- Ela será sua companhia - prometeu Rupert. — Apenas observe-a enquanto estou na Ponte. Mostre-lhe alguns pontos turísticos. A pobre garota não sai muito.

Ele não estava exagerando. Sua prima Sarah comia, respirava e piscava –

ocasionalmente ela lia. Era isso. Não havia iniciativa, nem desejo de

melhorar sua posição. Ela estava contente em sua pequena rotina como companheira de uma velha aleijada até que a velha morreu.

Como um bom primo, Rupert a acolheu. Mas era Elsie que estava presa a ela agora.

Folhas amarelas em forma de leque desceram das castanheiras e pousaram no teto da carruagem. *Pat, pat* . Terra sobre o caixão.

Apenas mais uma ou duas horas e o sol começaria a se pôr.

"Quanto tempo mais?"

Sarah ergueu os olhos da página com os olhos vidrados. 'Hum?'

'Quanto tempo?'

'Até . . .?'

Querido Deus . — Até chegarmos.

'Eu não sei. Nunca estive na Ponte.

'O que? Você também não viu? Era incompreensível. Para uma família antiga, os Bainbridge não tinham muito orgulho de sua sede ancestral.

Mesmo Rupert, aos quarenta e cinco anos, não tinha memória do lugar. Ele só parecia se lembrar de que possuía uma propriedade quando os advogados estavam ratificando seu contrato de casamento. 'Eu não posso acreditar nisso. Você não visitou mesmo quando era pequeno?'

'Não. Meus pais sempre falavam dos jardins, mas eu nunca os vi. Rupert não se interessou pelo lugar até . . .'

'Até que ele me conheceu', Elsie terminou.

Ela engoliu as lágrimas. Eles estiveram tão perto, não estiveram, de criar a vida perfeita juntos? Rupert tinha subido para preparar a propriedade para a primavera e o herdeiro que chegaria para herdá-la. Mas agora ele a deixou, sem experiência em administrar uma casa de campo, para lidar com o legado da família e um filho iminente, sozinha. Imaginou-se amamentando um bebê em uma sala decadente com estofamento verde-ervilha esfarrapado e um relógio na lareira envolto em teias de aranha.

Os cascos dos cavalos rangeram do lado de fora. As janelas começaram a embaçar. Elsie abaixou a manga e a esfregou no vidro. Imagens sombrias passavam pesadamente. Tudo estava coberto de vegetação e pobre.

Remanescentes de uma parede de tijolos cinza surgiram da grama como lápides, enquanto trevos e samambaias fervilhavam ao redor. A natureza estava se destacando, recuperando o espaço com silvas e musgo.

Como poderia a estrada para a casa de Rupert *estar* em tal estado? Ele era um homem de negócios exigente, bom com números, equilibrado em seus

livros. Então, por que ele deixaria uma de suas posses degenerar nessa bagunça?

A carruagem sacudiu e parou abruptamente. Peters praguejou lá de cima da caixa.

Sarah fechou o livro e o colocou de lado. 'O que está acontecendo?'

— Acho que estamos chegando perto. Inclinando-se para frente, ela olhou o mais longe possível. Uma leve névoa subia do rio que corria ao longo da trilha e encobria o horizonte.

Certamente eles estavam em Fayford agora? Parecia que eles estavam sacudindo por horas. Embarcar no trem em Londres no amanhecer manchado e cor de uísque parecia uma ocorrência da semana passada, não desta manhã.

Peters estalou o chicote. Os cavalos bufavam e se retesavam em seus arreios, mas a carruagem apenas balançava.

'E agora?'

O chicote estalou novamente. Os cascos chapinharam na lama.

Knuckles bateu no telhado. 'Alô aí? Você vai ter que sair, senhora.

'Fora?' ela repetiu. 'Não podemos sair nessa imundície!'

Peters pulou da caixa, aterrissando com um splat. Em alguns passos molhados ele estava na porta, abrindo-a. Névoa varreu e jogou em torno do limiar. — Não há escolha, receio, senhora. A roda está presa rapidamente.

Tudo o que podemos fazer é dar um puxão e esperar que os cavalos façam o resto. Quanto menos peso na carruagem, melhor.

'Certamente duas senhoras não pesam tanto?'

"O suficiente para fazer a diferença", disse ele sem rodeios.

Elsie gemeu. A neblina pressionava sua bochecha, úmida como a respiração de um cachorro, trazendo o cheiro de água e um cheiro profundo e terroso.

Sarah guardou o livro e pegou as saias. Ela fez uma pausa, anáguas levantadas acima de seus tornozelos. — Depois de você, Sra. Bainbridge.

Em outras circunstâncias, Elsie ficaria satisfeita se Sarah se submetesse a ela. Mas desta vez, ela preferia não ir primeiro. A névoa já havia se construído com uma velocidade surpreendente. Ela podia apenas distinguir a forma de Peters e sua mão, estendendo-se em direção a ela. 'Os passos?'

ela perguntou, sem muita esperança.

— Não consigo derrubá-los neste ângulo, senhora. Você vai ter que pular. É

só um pouco. Eu vou pegar você.'

Toda a sua dignidade tinha chegado a isso. Soltando um suspiro, ela fechou os olhos e saltou. A mão de Peters tocou sua cintura por um instante antes de colocá-la na lama.

— Agora você, senhorita.

Elsie cambaleou para longe da carruagem, não querendo que os pés grandes de Sarah pousassem em seu trem. Era como andar sobre pudim de arroz.

Suas botas escorregaram e ficaram presas em ângulos estranhos. Ela não conseguia ver onde os colocou; a névoa flutuou até seus joelhos, obscurecendo tudo abaixo. Talvez fosse isso também – ela não queria ver a bainha de seu novo vestido de bombazina bordada com sujeira.

Mais castanheiros apareceram em manchas através do nevoeiro. Ela nunca tinha encontrado nada assim; não era amarelo e sulfuroso como um London Particular, não pendia, mas *se movia* . Quando as nuvens de prata e cinza deslizaram para o lado, revelaram uma parede rachada ao lado da linha de árvores. Tijolos caíram dela, deixando buracos como dentes perdidos. Mais ou menos na metade do caminho havia uma moldura de janela vazia e apodrecida. Ela tentou ver claramente, mas as imagens se dissolveram quando a neblina voltou.

'Pedros? O que é esse edifício medonho?'

Um grito rasgou o ar úmido. Elsie se virou, seu coração batendo forte, mas apenas uma névoa branca encontrou seus olhos.

"Calma agora, senhorita." A voz de Pedro. 'Você esta bem.'

Ela soltou a respiração e observou-a infiltrar-se na névoa. 'O que está acontecendo? Eu não posso te ver. Sarah caiu?

'Não não. Eu a peguei a tempo.

Provavelmente a maior excitação que a garota havia experimentado durante todo o ano. Uma brincadeira estava na ponta de sua língua, mas então ela ouviu outro som: mais baixo, mais insistente. Um gemido profundo e alongado. Os cavalos também devem ter ouvido, pois tilintaram em seus arreios.

'Pedros? O que é que foi isso?'

O barulho veio de novo: baixo e triste. Ela não gostou. Ela não estava acostumada com esses sons e névoas campestres – nem queria estar.

Levantando seu trem, ela cambaleou de volta para a carruagem. Ela se moveu muito rápido. Seu pé deslizou, o chão escorregou sob ela e suas omoplatas bateram contra a lama.

Elsie estava deitada de costas, atordoada. O lodo fresco escorria no espaço entre a gola e o gorro.

- Sra. Bainbridge? Onde você está?'

O golpe havia tirado o fôlego dela. Ela não estava ferida – não tinha preocupações com o bebê, mas não conseguia encontrar sua voz. Ela olhou para o branco ondulante. A umidade encharcava seu vestido. Em algum lugar, em uma parte distante de seu cérebro, ela chorou pelos danos em sua bombazina preta.

- Sra. Bainbridge?

Aquele gemido veio mais uma vez, mais perto agora. A névoa se movia como um espírito inquieto acima dela. Ela sentiu uma forma sobre sua cabeça, uma presença. Ela resmungou debilmente.

- Sra. Bainbridge!

Elsie se encolheu ao vê-los, a centímetros de seu rosto: dois olhos sem alma. Um nariz molhado. Asas negras como um morcego. Ele a cheirou, então baixou. *Rebaixado* .

Uma vaca. Era apenas uma vaca, amarrada por um pedaço de corda puída.

Sua voz voltou fluindo em uma onda de constrangimento. 'Puxa! Afaste-se, não tenho comida para você.

Não se moveu. Ela se perguntou se poderia – não era uma criatura saudável.

Um pescoço fibroso sustentava sua cabeça e moscas pairavam sobre suas costelas salientes. Pobre bruto.

'Aí está você!' Peters tirou a vaca do caminho com alguns chutes. — O que aconteceu, senhora? Você está bem? Deixe-me ajudá-lo.

Levou quatro tentativas antes que ele conseguisse levantá-la. Seu vestido deixou o pântano com um rasgo pegajoso. Arruinado.

Peters deu um sorriso torto. — Não se preocupe, senhora. Não parece um lugar que você precisa se vestir, não é?

Ela espiou por cima do ombro dele, onde os últimos tentáculos de névoa estavam se contorcendo. Certamente não. Certamente a aldeia que flutua à vista não poderia ser Fayford?

Uma fileira de chalés caindo aos pedaços se agachava sob as árvores, cada uma com uma janela quebrada ou uma porta danificada. Buracos nas paredes foram remendados às pressas com lama e esterco. A palha quebrada fez uma patética tentativa de se estender sobre os telhados, mas estava salpicada de mofo.

"Não é à toa que ficamos presos." Peters gesticulou para a estrada que passava diante dos chalés. Era pouco mais que um rio marrom. — Bem-vinda a Fayford, senhora.

"Isso não pode ser Fayford", ela disse a ele.

O rosto pálido de Sarah apareceu ao lado deles. 'Eu acho que é!' ela respirou. — Ah, céus.

Elsie só conseguiu ficar boquiaberta. Já era ruim o suficiente estar preso no campo, mas *aqui* ? Casar-se com Rupert pretendia levantá-la acima de sua posição, fornecer-lhe camponeses bem alimentados e inquilinos humildes.

"Fiquem aí, senhoras", disse Peters. 'Vou tirar esta roda enquanto a névoa está clara.' Ele voltou com cuidado sobre a lama.

Sarah se arrastou ao lado de Elsie. Pela primeira vez, Elsie ficou feliz com sua presença. — Esperava agradáveis passeios pelo campo, Sra. Bainbridge, mas temo que teremos que ficar em casa neste inverno.

Dentro de casa . A palavra era como uma chave girando em uma fechadura.

Aquele velho sentimento preso da infância. Como ela poderia tirar sua mente de Rupert se ela tinha que ficar dentro de casa?

Havia livros, ela supôs. Jogos de cartas. Não demoraria muito para eles se tornarem tediosos.

— A Sra. Crabbly alguma vez te ensinou a jogar gamão, Sarah?

'Ai sim. E então claro. . .' Ela congelou, os olhos arregalados.

'Sara? O que é isso?'

Ela balançou a cabeça para os chalés. Elsie se virou. Rostos sujos pairavam perto das janelas. Pessoas miseráveis, piores que a vaca.

— Eles devem ser meus inquilinos. Ela levantou a mão, sentindo que deveria sinalizar para eles, mas sua coragem vacilou.

– Devemos... – Sarah se contorceu. — Devemos tentar falar com eles?

'Não. Ficar longe.'

— Mas eles parecem tão miseráveis!

Eles fizeram. Elsie vasculhou seu cérebro procurando maneiras de ajudar.

Visitá-los com uma cesta e ler uma passagem da Bíblia? Aquilo foi o que as senhoras ricas faziam, não era? De alguma forma, ela não achava que eles apreciariam o esforço.

Um cavalo relinchou. Ela ouviu uma maldição e se virou para ver a roda da carruagem explodir do pântano com um gorgolejo poderoso, espalhando lama sobre Peters.

– Bem – disse ele, lançando um olhar irônico para o vestido de Elsie. 'Que faz de nós dois.'

A carruagem avançou alguns passos. Atrás dela, Elsie viu as ruínas de uma igreja. Seu pináculo havia desaparecido, deixando apenas uma ponta

---

irregular de madeira. Grama amarela e esparsa o cercava, abarrotada de lápides. Alguém os observou do lychgate.

Bolhas borbulhavam no estômago de Elsie. O bebê. Ela colocou uma mão em seu corpete enlameado e usou a outra para pegar o braço de Sarah.

'Vamos. De volta à carruagem.

'Ai sim.' Sarah avançou. 'Vamos chegar em casa o mais rápido possível!'

Elsie não podia compartilhar seu entusiasmo. Pois se esse ninho de rato fosse a aldeia, o que diabos eles encontrariam na casa?

O rio sussurrou para eles; um som apressado e desencarnado. A pedra salpicada de musgo formava uma ponte sobre a água – deve ser a mesma ponte que deu o nome à casa.

Não era como nenhuma das pontes de Londres. Em vez de arquitetura e engenharia modernas, Elsie viu arcos em ruínas provocados por espuma e

spray. Um par de leões de pedra descoloridos flanqueava os postes de cada lado da água. Isso a fez pensar em pontes levadiças, a Torre de Londres –

Traitors' Gate.

Mas este rio não era como o Tâmisa; não era cinza ou marrom, mas claro.

Ela apertou os olhos, seus olhos pegando um movimento sob a superfície.

Formas escuras, rodopiando. Peixe?

Quando chegaram ao outro lado, uma velha guarita surgiu como se do nada.

Peters diminuiu a velocidade da carruagem, mas ninguém saiu para cumprimentá-los. Elsie baixou a janela, estremecendo com a sensação de sua manga pegajosa se movendo contra seu braço. — Continue, Peters.

'Lá!' gritou Sara. "A casa está lá."

A estrada descia por uma série de colinas, onde o sol começava a se pôr.

Bem no final, agachado em uma ferradura de árvores vermelhas e laranjeiras, estava A Ponte.

Elsie levantou o véu. Ela viu uma construção jacobina baixa com três empenas no telhado, uma torre de lanterna central e chaminés de tijolos vermelhos surgindo atrás. Ivy saiu do beiral e engoliu as torres em cada extremidade da casa. Parecia morto.

Tudo estava morto. Parterres jaziam prostrados sob o olhar sem alma das janelas, as sebes marrons e crivadas de buracos. As trepadeiras sufocavam os canteiros de flores. Até os gramados eram amarelos e esparsos, como se um contágio se espalhasse lentamente pelo terreno. Apenas o cardo prosperava, seus espinhos roxos eriçados em meio ao cascalho colorido.

A carruagem parou em uma varredura de cascalho, em frente à fonte que formava a peça central do terreno decadente. Uma vez, quando a pedra era

branca e as figuras esculpidas de cachorros em cima eram novas, deve ter sido uma bela estrutura. Nenhuma água brotou dos jatos. Rachaduras balançavam pela bacia vazia.

Sarah recuou. "Eles estão todos para nos ver", disse ela. 'Toda a equipe!'

O estômago de Elsie afundou. Ela estava muito ocupada olhando para os jardins. Agora ela observava três mulheres vestidas de preto esperando do lado de fora da casa. Dois usavam toucas e aventais brancos, enquanto o terceiro estava de cabeça descoberta, mostrando uma mecha de cabelo de ferro. Ao lado dela estava um homem rígido e de aparência formal.

Elsie olhou para suas saias. Eles foram remendados como um portão de ferro enferrujado. A lama tornou a bombazina pesada e a fez grudar em seus joelhos. O que seus novos servos pensariam se a vissem em tal estado?

Ela ficaria mais arrumada e limpa em suas roupas de fábrica.

— Uma amante deve conhecer sua casa. Mas eu esperava não fazer isso enlameado.

Sem aviso, a porta do carro se abriu. Ela pulou. Um jovem estava diante dela, sua figura esbelta vestida com um terno preto.

— Ah Jolyon, é você. Obrigado Senhor.'

'Elsie? O que diabos aconteceu? Seu cabelo castanho claro estava penteado para trás, como que para destacar o desânimo escrito ali.

'Um acidente. A roda da carruagem ficou presa e eu caí... Ela apontou para a saia. — Não consigo ver a casa assim. Mande-os de volta para dentro.

Ele hesitou. Suas bochechas coraram ao lado de seus bigodes. 'Mas . . .

Pareceria tão estranho. O que eu devo falar?'

'Eu não sei! Diga-lhes qualquer coisa! Ela ouviu o som frágil de sua própria voz e se sentiu perigosamente perto das lágrimas. — Invente alguma desculpa.

'Muito bem.' Jolyon fechou a porta e recuou. Ela o viu se virar, a brisa levantando um cacho de cabelo em seu colarinho. — A Sra. Bainbridge é. .

. indisposto. Ela terá que ir direto para sua cama. Acenda o fogo e mande um pouco de chá.

Murmúrios soaram do lado de fora, mas então houve o estalo bem-vindo de pés marchando de volta sobre o cascalho. Elsie deu um suspiro de alívio.

Ela não precisava enfrentá-los – ainda não.

De todas as pessoas, Elsie achava os servos os mais críticos: invejosos da posição de seu mestre, já que estava intimamente ligada à sua. A casa de Rupert em Londres torceu o nariz para ela quando ela chegou da fábrica de fósforos. Sua confissão de que não mantinha empregada doméstica desde a

morte de sua mãe selou seu desprezo. Apenas o respeito por Rupert e os olhares de advertência de Rupert os tornavam civilizados.

Sara se inclinou para frente. 'O que você vai fazer? Você precisará se trocar imediatamente, sem ser visto. E Rosie não está aqui!

Não. Rosie não estava disposta a deixar sua vida e seu salário em Londres para viver neste remanso. Elsie não podia culpá-la. E para ser honesta, ela estava secretamente aliviada. Ela nunca se sentiu confortável em se trocar na frente de sua dama de companhia, tendo mãos estranhas contra sua pele.

Mas ela precisaria contratar outro logo, mesmo que apenas por causa das aparências. Ela não queria ficar com a fama de ser uma daquelas viúvas excêntricas que povoam o campo.

— Acho que vou me virar sem Rosie por enquanto.

O rosto de Sarah se iluminou. — Eu poderia ajudá-lo com os botões na parte de trás. Sou bom em botões.

Bem, isso fez uma coisa.

Jolyon apareceu de volta ao lado da porta, abriu-a novamente e estendeu a mão. — A equipe está segura dentro. Venha agora, saia.

Ela desceu os degraus com dificuldade e aterrissou desajeitadamente com uma chuva de pedras. Jolyon ergueu as sobrancelhas para o vestido dela.

'Deus do céu.'

Ela afastou a mão.

Enquanto ele ajudava Sarah a descer, ela examinou a casa. Não revelou nada. Cortinas foram puxadas através das janelas em uma tela preta implacável. Ivy estremeceu contra a parede.

'Venha. Os baús que você enviou estão no seu quarto.

Eles subiram um lance raso de degraus até a porta aberta. Antes de cruzarem a soleira, um cheiro de mofo se estendeu e forçou seu caminho até as narinas de Elsie. Alguém tentou cobri-lo com uma nota mais suave e atalcada. Havia aromas de uma gaveta de linho: lavanda e ervas verdes.

Jolyon caminhou rapidamente, como fez em Londres, seus passos batendo no chão de pedra cinza cravejado de losangos. Elsie e Sarah vagavam atrás dele, ansiosas para dar uma olhada na casa.

A porta se abriu diretamente para o Salão Principal, uma caverna de esplendor antigo. Detalhes medievais se destacaram: uma armadura, espadas curtas exibidas em leques na parede e vigas do telhado carcomidas por cima.

— Você sabia que Carlos I e sua rainha ficaram aqui uma vez? perguntou Sara. — Minha mãe me contou. Imagine-os, andando por este andar!'

Elsie estava mais preocupada com o fogo que ardia em uma grelha de ferro preto. Ela correu em direção a ela e estendeu as mãos enluvadas para as chamas. Ela estava acostumada ao carvão; havia algo enervante nesses troncos crepitantes e no cheiro doce e profundo de sua fumaça. Isso a lembrou do acordo que eles usavam na fábrica de fósforos para fazer as talas. A forma como se partiu sob a serra.

Ela desviou o olhar. De cada lado da lareira havia duas pesadas portas de madeira, gravadas com ferro.

"Elsie." Jolyon parecia impaciente. 'Haverá um incêndio em seu quarto.'

— Sim, mas eu... Ela se virou, e os músculos de seu rosto endureceram como cera. Debaixo das escadas. Ela não tinha notado antes. Uma caixa longa e estreita estava sobre uma mesa no centro de um tapete oriental. 'É

aquele . . .?'

Jolyon abaixou a cabeça. 'Sim. Ele estava na sala de estar a princípio. Mas a governanta me informou que é mais fácil manter este quarto arejado e fresco.

Claro: o cheiro de ervas. Elsie recuou, sentindo suas entranhas se contraírem. Ela queria se lembrar de Rupert sorrindo e elegante, como ele sempre foi, não como uma boneca sem vida em exibição.

Ela limpou a garganta. 'Eu vejo. E pelo menos os vizinhos não terão que andar pela casa quando vierem prestar suas homenagens. Aquela terrível indiferença que a tinha possuído quando ela ouviu pela primeira vez sobre a morte de Rupert começou, mas ela a empurrou de volta. Ela não queria ser inundada pela dor ou amargura – ela só desejava fingir que nunca, nunca tinha acontecido.

"Parece que não há muitos vizinhos." Jolyon se apoiou no corrimão.

"Apenas o vigário chegou até aqui."

Como isso foi terrivelmente triste. Em Londres, os homens ficariam honrados em ver Rupert pela última vez. Ela lamentou, mais uma vez, que eles não o tivessem trazido de volta à cidade para um bom enterro, mas Jolyon disse que era impossível.

Sarah caminhou até o caixão e olhou para dentro. — Ele parece pacífico.

Caro homem, ele merece ser. Ela se virou para Elsie e estendeu a mão. —

Venha, Sra. Bainbridge, e olhe.

'Não.'

'Está tudo bem. Venha. Vai te fazer bem ver como ele é sereno. Vai ajudar com a dor.

Ela duvidava seriamente disso. "Eu não quero."

"Sra. Bainbridge..."

Um tronco explodiu na grade. Elsie gritou e saltou para a frente. Uma chuva de faíscas cobriu suas saias e derreteu em cinzas antes de chegarem ao tapete. 'Bondade.' Ela colocou a mão no peito. — Esses fogos antigos. Eu poderia ter sido incendiado.

'Dificilmente.' Jolyon passou os dedos pelo cabelo. — Precisamos levá-la para cima antes que os criados cheguem e... Elsie? Elsie, você está me ouvindo?

O salto para longe do fogo tinha feito isso. Ela estava perto o suficiente para ver os picos do perfil de Rupert erguendo-se sobre o cetim branco: a ponta cinza-azulada de um nariz; cílios; cachos de cabelo grisalho. Era tarde demais para desviar o olhar. Ela avançou, cada passo colocado com o cuidado que usaria para se aproximar de uma criança adormecida.

Gradualmente, a parede alta do caixão recuou.

A respiração a deixou em uma corrida. Não era Rupert. Na verdade, não. O

que estava diante dela era uma imitação, fria e inexpressiva como uma efígie de pedra. Seu cabelo estava perfeitamente lubrificado no lugar, sem nenhum sinal do cacho que sempre caía sobre o olho esquerdo de Rupert.

As veias quebradas que adornavam a bochecha de Rupert eram uma mera mancha cinzenta. Até o bigode parecia falso, destacando-se proeminentemente da pele seca.

Como aquele bigode fez cócegas. Ela sentiu novamente em sua bochecha, sob seu nariz. O jeito que ela sempre ria quando ele a beijava. O riso foi o presente de Rupert. Parecia errado ficar ao redor dele solene e silencioso.

Ele não iria querer isso.

Quando seus olhos viajaram para o queixo dele e os pontos de barba que agora nunca cresceriam, ela notou pequenas manchas azuis na pele. Eles a lembravam da infância e agulhas de costura, chupando com força no dedo.

Claro, eram lascas. Mas por que ele teria farpas no rosto?

"Elsie." A voz de Jolyon era firme. — Devemos subir. Haverá tempo suficiente para dizer adeus amanhã.

Ela assentiu e esfregou os olhos. Não foi difícil arrastar-se para longe. O

que quer que Sarah pensasse, olhar para um caixão não era nada como se despedir do marido. O tempo para isso passou com seu último suspiro.

Tudo o que tinham no caixão era uma sombra pálida do homem que fora Rupert Bainbridge.

Foram necessários dois lances de escada antes de passarem pelas vigas do Grande Salão e saírem para um pequeno patamar. Apenas algumas

lâmpadas estavam acesas, brilhando em manchas e revelando o papel de parede vermelho flocado.

– Por aqui – disse Jolyon, virando à esquerda.

Nuvens de poeira se ergueram sob os pés de Elsie enquanto ela a seguia, suas saias úmidas farfalhando contra o tapete. O corredor transmitia um ar de grandeza surrada. Sofás de tapeçaria espreitavam contra as paredes com bustos de mármore lascados pontilhados entre eles. Eles eram coisas horríveis, observando-a com expressões mortas, sombras rastejando sobre suas maçãs do rosto e afundando nas órbitas de seus olhos. Ela não reconheceu nenhum escritor ou filósofo famoso. Talvez eles fossem proprietários anteriores da Ponte? Ela procurou em seus rostos impassíveis por um traço de Rupert, mas não encontrou nenhum.

Jolyon fez uma curva à direita, depois outra rapidamente à esquerda. Eles se depararam com uma porta em arco. "Esta é a suíte de hóspedes", explicou.

— Achei que você se sentiria confortável aqui, Srta. Bainbridge.

Sara piscou. 'Uma suíte, só para mim?'

'Sim, de fato.' Ele deu um sorriso tenso. — Sua caixa está lá. Vou dormir no corredor perto da escada dos empregados. Ele gesticulou com um movimento de seu braço. — A Sra. Bainbridge está em uma suíte de espelhos na outra ala.

Elsie ergueu as sobrancelhas. Uma suíte de espelhos. Era esse o nível em que ela havia descido? 'Que emocionante. Seremos como gêmeos. Ela tentou manter a acidez em sua voz, mas temeu não ter sucesso.

— Vou me acomodar — disse Sarah, sem jeito. — Então irei ajudá-la a se vestir, Sra. Bainbridge.

— Leve o tempo que precisar — disse Jolyon. — Vou mostrar a minha irmã o quarto dela. Então vamos desfrutar de um jantar tarde juntos.

'Obrigada.'

Agarrando o braço de Elsie, ele a fez marchar de volta pelo caminho que eles tinham vindo. — Você não deve tratar Sarah como uma criada —

resmungou ele.

— Na verdade, não vou, pois ela não trabalha para ganhar a vida. Ela é uma solteirona aqui na minha caridade, não é?

— Ela era a única família que Bainbridge tinha.

Elsie sacudiu a cabeça. 'Isso não é verdade. *Eu* era a família de Rupert. *Eu* era seu parente mais próximo.

— Ah, sim, você conseguiu convencê-lo disso.

"O que diabos você quer dizer?"

Jolyon desacelerou até parar. Ele olhou por cima do ombro, verificando se não havia servos vagando nas sombras. 'Sinto muito. Isso foi grosseiro da minha parte. Não é sua culpa. Mas eu pensei que Bainbridge e eu havíamos combinado, antes do casamento, exatamente o que aconteceria nessa situação. Foi um acordo de cavalheiros. Mas Bainbridge. . .'

Desconforto penetrou em seu estômago. 'O que você está dizendo?'

— Ele não lhe contou? Bainbridge mudou seu testamento um mês antes de morrer. Seu advogado leu para mim.

— O que ele disse?

— Ele deixou tudo para você. Tudo. A casa em Londres, The Bridge, sua parte na fábrica de fósforos. Ninguém mais se beneficia.

Claro que sim. Um mês atrás – foi quando ela contou a ele sobre o bebê.

Pensar que depois de tudo que ela passou, ela conseguiu se casar com um homem atencioso, um homem prudente – e o perdeu. *Descuidado* , Ma teria dito. *Assim como você, Elisabeth* .

— É estranho que ele mude seu testamento? Eu sou sua esposa, estou carregando seu filho. Certamente o arranjo é perfeitamente natural?

'Seria. Um ou dois anos depois e eu não teria problema algum com isso.

Balançando a cabeça, ele se afastou pelo corredor.

Ela tentou acompanhá-lo, incapaz de se concentrar no caminho que ele tomou; as paredes vermelho-vinho pareciam ondular como pano. 'Não entendo. Rupert agiu como um anjo. Esta é a resposta às minhas orações.'

'Não não é. Pense, Elsie, pense! Como se parece? Um homem que todos pensavam ser um solteiro convicto casa-se com uma mulher dez anos mais nova que ele e investe na fábrica do irmão dela. Ele muda seu testamento para torná-la a única beneficiária. Então, apenas um mês depois, ele está morto. Um homem que parecia forte como um boi está morto, e ninguém sabe como.

Cristais de geleira se formaram em seu peito. — Não seja ridículo.

Ninguém sugeriria...

— Ah, eles estão sugerindo isso, garanto. E sussurrando. Pense na fábrica de fósforos. Pense no meu bom nome! Tenho que passar por essa tempestade de fofocas sozinho.

Ela tropeçou. Era por isso que Jolyon a queria no país, por que ele se recusou a levar o corpo de Rupert de volta para Londres para o enterro: escândalo.

Ela se lembrou do último escândalo. Policiais com seus chapéus de ferro, anotando depoimentos. Os sussurros que zumbiam em seu rastro como um rastro de moscas e aqueles olhares famintos e pontiagudos. Anos disso.

Levaria anos para desaparecer.

'Querido Deus, Jo. Quanto tempo o bebê e eu teremos que ficar neste lugar?'

Ele se encolheu. Pela primeira vez, ela notou a dor brilhando em seus olhos.

— Droga, Elsie, o que há de errado com você? Estou falando de uma mancha em nosso nome, na fábrica, e você só consegue pensar em quanto tempo vai ficar longe de Londres. Você sente falta de Rupert?

Ela sentia falta dele como o ar. 'Você sabe que eu sei.'

— Bem, devo dizer que você faz um bom trabalho em escondê-lo. Ele era um bom homem, um grande homem. Sem ele teríamos perdido a fábrica.

'Eu sei.'

Ele parou no final do corredor. 'Este é o seu quarto. Talvez, uma vez acomodado, tenha a decência de lamentar.

— *Estou* de luto — ela retrucou. — Eu só faço isso de uma maneira diferente de você. Passando por ele, ela escancarou a porta e a fechou atrás dela.

Ela fechou os olhos e se recostou, ambas as palmas das mãos contra a madeira, antes de exalar e cair no chão. Jolyon sempre foi assim. Ela não deveria levar suas palavras a sério. Doze anos mais novo que ela, ele sempre teve tempo para sentir, chorar. Foi Elsie quem resistiu. E não era esse o ponto? Para manter a pequena Jolyon na ignorância do que ela sofreu?

Depois de alguns minutos, ela era dona de si mesma. Ela esfregou a testa e abriu os olhos. Um quarto limpo e claro estava diante dela com janelas de ambos os lados, uma voltada para o semicírculo de árvores avermelhadas que abraçavam a casa e a outra voltada para a ala oeste, onde Sarah estava hospedada. Seus baús estavam empilhados no canto. Um fogo chiava na lareira e Elsie ficou aliviada ao ver um lavatório ao lado. Fios de vapor subiam do jarro. Água quente.

Ela ouviu a voz de Ma, clara em seu ouvido. *Garota boba, fazendo tanto barulho. Vamos lavar todos esses pensamentos ruins.*

Ficando de pé, ela tirou as luvas e foi molhar o rosto. Seus olhos doloridos melhoraram instantaneamente e a toalha que ela usou para limpar sua pele era maravilhosamente macia – quaisquer que fossem as falhas do lugar, ela não poderia culpar a governanta.

Uma pesada cama de dossel esculpida em jacarandá assomava contra a parede oposta. Roupas de cama creme bordadas com flores estavam espalhadas sobre ela. Então veio a penteadeira, seu espelho de três peças envolto em tecido preto. Ela suspirou. Era o primeiro espelho que ela via desde que deixara a estação. Hora de avaliar o dano causado por sua queda na lama.

Colocando a toalha de volta no trilho, ela se aproximou e se sentou no banquinho. Ela puxou o material preto de lado. Foi um superstição tola: cobrir espelhos para impedir que os mortos fiquem presos. Não havia nada dentro do vidro, exceto três mulheres loiras e de olhos castanhos, cada uma em um estado lamentável. Seu véu de gaze esvoaçava na nuca como um corvo preso em uma rede. Cachos soprados pelo vento encrespavam-se ao redor de sua testa e, apesar de sua breve lavagem, uma mancha de lama permanecia em sua bochecha direita. Elsie esfregou até derreter. Graças a Deus ela se recusou a ver os criados.

Lentamente, ela ergueu os braços cansados para tirar o gorro e a touca, e começou a longa tarefa de soltar o cabelo. Seus dedos não eram tão ágeis como costumavam ser – ela se acostumou a ter Rosie fazendo isso. Mas Rosie e todos os confortos daquela vida passada estavam a quilômetros de distância.

Um alfinete se prendeu em um emaranhado e a fez suspirar. Ela deixou cair as mãos, chateada além da razão com este pequeno aborrecimento. *Como isso aconteceu?* ela perguntou às mulheres desgrenhadas diante dela. Eles não tiveram resposta.

O vidro aqui era frio e áspero. Não continha a noiva sorridente e bonita que ela havia encarado há tão pouco tempo. Espontaneamente, uma cena surgiu em sua memória: Rupert, de pé atrás dela naquela primeira noite e escovando seu cabelo. Orgulho em seu rosto, flashes da escova de prata.

Uma sensação de segurança e confiança, tão rara, enquanto ela considerava sua imagem invertida. Ela poderia tê-lo amado.

O casamento era uma relação de negócios, cimento para garantir o investimento de Rupert na fábrica de fósforos, mas naquela noite ela realmente olhou para o homem e percebeu que poderia amá-lo. Em tempo.

Infelizmente, o tempo era a única coisa que eles não tinham.

Uma batida na porta a fez sobressaltar.

'Botões?' A voz de Sara.

'Sim. Entre, Sarah.

Sarah havia trocado seu vestido de viagem por um vestido de noite que já tinha visto dias melhores. A tintura preta o manchava em manchas irregulares. Ela mal parecia apresentável, mas pelo menos ela tinha

trançado seu cabelo ratinho. — Você escolheu um vestido? Eu poderia perguntar a uma das empregadas se há um ferro de passar roupa. . .'

'Não. Por favor, pegue uma camisola. Se Jolyon quisesse que ela sofresse, isso é o que ela faria. Ela agiria exatamente como ele, depois de Ma. Isso o serviria. Ele veria como era irritante e inútil tê-la choramingando lá em cima.

O reflexo de Sarah torceu as mãos no espelho. 'Mas . . . jantar . . .'

'Eu não vou descer. Não tenho apetite.

— Mas... mas não *posso* jantar sozinho com o sr. Livingstone! O que as pessoas diriam? Mal nos conhecemos!

Irritada, Elsie se levantou e foi buscar uma camisola. Sarah tinha sido *realmente* a companheira de uma dama? Ela deveria saber melhor do que ficar e discutir com sua senhora. 'Absurdo. Você deve ter falado com Jolyon no casamento.

— Eu não estava no seu casamento. A Sra. Crabbly ficou doente. Você não se lembra?

'Oh.' Elsie levou um momento para tirar uma camisola de um baú e arrumar o rosto antes de se virar. 'Claro que não. Você vai ter que me perdoar.

Aquele dia . . .' Ela olhou para o algodão branco em suas mãos. 'Tudo passou em um borrão tão feliz.'

Renda Honiton, flor de laranjeira. Ela nunca tinha pensado em ser uma noiva. Podia-se de lado essas fantasias depois dos vinte e cinco anos. Para Elsie, a perspectiva parecia ainda menos provável. Ela se desesperava de encontrar alguém em quem pudesse confiar, mas Rupert tinha sido diferente. Ele carregava algo no ar ao seu redor, uma aura inatamente boa.

"Eu entendo", disse Sarah. 'Agora venha aqui. Vamos ver esse vestido.

Elsie preferia ter mudado sozinha, mas não havia escolha. Ela mal poderia dizer ao primo de Rupert que ela possuía um gancho de botão – apenas prostitutas deveriam usá-los.

Sarah trabalhou habilmente, seus dedos movendo-se sobre os ombros de Elsie e descendo por sua cintura como as mais leves pancadas de chuva. O

vestido caiu sussurrando em suas mãos. 'Material tão bom. Espero que a lama vá embora.

— Talvez você possa levá-lo lá embaixo para mim. Deve haver uma empregada de cozinha que vai colocá-lo no cobre sem pedir uma coroa.

Sara assentiu. Ela dobrou o vestido e o abraçou contra o peito. 'E . . . o resto?' Ela lançou um olhar tímido para a gaiola de anáguas, molas de aço e argolas segurando Elsie. — Você vai conseguir...?

'Ai sim.' Autoconsciente, ela colocou as mãos nas fitas que seguravam sua crinolina. — Nem sempre tive empregada, sabe.

Foi o silêncio e a quietude de Sarah que fizeram a carne de Elsie arrepiar.

Seus olhos se fixaram na cintura de Elsie e se expandiram, mais escuros e estranhamente brilhantes.

"Sara?"

Sarah se sacudiu. 'Sim. Muito bem. Estarei à caminho.'

Elsie olhou para seu corpo, confusa. O que fez Sarah olhar? Com um choque doloroso, ela percebeu: suas mãos. Ela tirou as luvas para lavar o rosto e revelou as mãos em toda a sua feiúra rachada. Mãos endurecidas pelo trabalho, mãos de fábrica. Não as mãos de uma dama.

Mas antes que Elsie pudesse dizer qualquer coisa em sua defesa, Sarah abriu a porta e saiu.

HOSPITAL DE SÃO JOSÉ

Apareceu durante a noite. Assim que ela levantou a cabeça do travesseiro e enxugou os olhos ásperos, ela viu. Estrangeiro. Errado.

Ela tropeçou para fora da cama, seus pés batendo contra o chão frio. Ele estava pendurado diante dela. Ela estreitou os olhos. Doeu olhar, muito brilhante, mas ela não se atreveu a desviar o olhar. Amarelo. Marrom.

Redemoinho de linhas e formas.

Chegou sem ela saber. Se ela desviasse o olhar, ele se moveria novamente?

Embora fosse mudo, parecia gritar, bater dentro de sua cabeça.

Ela não podia voltar para a cama; ela teve que segurá-lo na baía. A luz do dia escorria pelas janelas altas, dura e caiada como as paredes. Seus raios rastejaram pelo chão, depois passaram por ela. Por fim, a porta se abriu.

- Sra. Bainbridge.

Era o Dr. Shepherd.

Sem se virar, ela ergueu a mão trêmula e estendeu o dedo indicador.

'Oh. Você viu a pintura. O ar mudou quando ele chegou pelo ombro dela. —

Espero que seja do seu agrado.

O silêncio se estendeu.

— Isso ilumina o lugar, não é? Achei que, já que você não tem permissão para entrar na enfermaria e no pátio de exercícios com os outros pacientes, você poderia apreciar um pouco de cor. Ele transferiu seu peso para o outro pé. 'Esta é a direção que nosso hospital está tomando. Não vamos mais submeter nossos pacientes a células sombrias. Este é um refúgio para a recuperação. Deve haver coisas alegres e estimulantes.

Ela viu agora o que o artista tentara capturar: uma cena de berçário. Um quarto ensolarado com uma mãe arrulhando sobre um berço. Seu vestido era como um narciso, seu cabelo como ouro fiado. Havia rosas brancas em um vaso, em cima de uma mesa ao lado do bebê.

'Faz isso. . . Isso a incomoda, Sra. Bainbridge?

Ela assentiu.

'E por que isto?' Seus sapatos rangeram quando ele pegou a lousa dela.

Embora o lápis fosse melhor para escrever sua história, o giz e a lousa facilitavam a conversa. Ele os colocou em suas mãos. 'Conte-me.'

Novamente. Ele a estava esculpindo, pedaço por pedaço. Esse era o plano dele, ela supôs. Para arrancar cada centímetro dela; outra confissão, outra memória até que ela se esgotou.

Já vinham à noite: sonhos que eram realmente flashes do passado.

Paisagens de sangue, madeira e fogo. Ela não os queria. Até que ponto no passado miserável ela deveria mergulhar antes que ele a considerasse desequilibrada e a deixasse sozinha?

— Você não gosta da cor? Não anima seu espírito e o lembra de tempos melhores?'

Ela balançou a cabeça. *Tempos melhores* . Ele assumiu que ela tinha isso, em seu passado.

— Lamento tê-lo causado angústia. Acredite em mim, eu quis apenas trazer prazer. Ele suspirou. 'Você vai sentar baixa? Vou providenciar para que a pintura seja removida assim que terminarmos.

Com o olhar fixo no chão, ela cambaleou de volta para a cama e se sentou, segurando o giz e a lousa com tanta força como se fossem armas. Como se eles pudessem defendê-la.

"Não leve esse pequeno contratempo a sério", disse ele. — Estou satisfeito com seu progresso. Eu li o que você escreveu. Vejo que seguiu meu conselho e escreveu como se os eventos tivessem acontecido com outra pessoa. Ela não conseguia olhar para ele; ela estava intensamente consciente da pintura, pendurada ali. Suas pinceladas, sua moldura. Ele forçou uma risada. 'A memória é complicada. São engraçados, não são, os detalhes que você lembra? Aquela vaca...!

Ela pegou o giz, ainda desajeitada. *A vaca não é engraçada.*

Ele inclinou a cabeça. — Não quis dizer... me perdoe. Foi errado eu rir.

Sim .

Mas, na verdade, ela o invejou com aquela risada. Invejava o fato de que ele ainda *podia* rir.

Risos, conversas, música – todas essas coisas pareciam relíquias, atividades que seus ancestrais podem ter adotado, há muito tempo, mas não tinham relevância para ela.

Ela olhou de volta para a mesa.

— Você olha fixamente para a mesa. O que o incomoda?

Seus dedos tremiam enquanto escrevia. *Madeira* .

'Madeira. Você não gosta de madeira?

A palavra conjurou outros sons: o barulho de uma serra, uma porta se fechando.

'Interessante. Mais interessante. Claro, depois do incêndio e sua lesão. . .

Talvez seja por isso?

Ela piscou para ele.

— Talvez seja por isso que você não goste de madeira. Porque lembra o fogo. Porque queima.

O fogo?

Ele foi muito rápido. Ele estava vivendo a uma velocidade três vezes a velocidade de seu mundo subaquático drogado. Era por isso que seus braços pareciam tão marcados, por que eles nunca a deixavam ver um espelho? Ela tinha estado em um incêndio?

— Mas é claro que pode haver outras razões. Estive examinando seu arquivo. Pela primeira vez, ela notou os papéis que ele carregava debaixo do braço. Ele os espalhou sobre a mesa: o passado dela exposto, exposto, como um corpo na laje de um necrotério. — Você cresceu, vejo, em uma fábrica de fósforos. Primeiro foi propriedade de seu pai e, após a morte dele, passou a ser confiada até que você e seu irmão atingissem a maioridade. Imagino que você tenha visto muita lenha e fogo em uma fábrica de fósforos.

Isso também? Nada era sagrado – tudo deveria ser dragado.

A dúvida floresceu em seu peito e ele deve tê-la percebido, pois disse: —

Espero que você entenda que não é a curiosidade ociosa que incita minha investigação. Tampouco é apenas um desejo de curá-lo – embora eu espere fazer isso também. O hospital e a polícia me incumbiram de fazer um relatório. Ele pegou dois papéis da mesa e foi até ela. — Quando você chegou, não havia como interrogá-lo. Seus ferimentos foram grandes demais. Ele mostrou a ela o primeiro item: um recorte de jornal com uma gravura. Dava a impressão granulada de alguém envolto em bandagens, manchas escuras aparecendo onde o sangue havia vazado através do linho.

— Mas agora que você está fisicamente, se não mentalmente, recuperado, tornou-se uma questão de alguma importância determinar a causa do incêndio.

Ele não estava insinuando. . . Aquela múmia na gravura não era *ela* ? O

pânico tomou conta dela. O papel era datado de mais de um ano atrás. Todo aquele tempo havia passado, mas ela se lembrava de pouco mais que uma vaca e os rostos de figuras de madeira pintadas.

Ele se sentou ao lado dela na cama. Ela se encolheu. O calor de seu corpo, o cheiro dele – era tudo muito real.

“Os restos de quatro corpos foram encontrados. Duas das mortes já haviam sido registradas. São esses outros dois que devemos explicar. Ele empurrou os óculos no nariz. — É provável que haja um inquérito. Dada a sua condição atual, provavelmente me pedirão para falar em seu nome. Então você vê por que devo pressioná-lo para obter informações. Encontre a verdade. Eu quero ajudar.'

Ele continuou dizendo isso. A repetição só fazia parecer falso.

Presumivelmente, o que ele realmente queria era estabelecer sua carreira resolvendo o caso dela.

Mas mesmo que ela não confiasse nele, ele estava certo sobre uma coisa: deve haver uma declaração. Por mais doloroso que fosse, ela tinha que insistir e lembrar do resto, ou poderia acabar pendurada na ponta de um laço.

A forca não deveria assustá-la. Deus sabia que havia muito pouco para viver. Mas era instinto, ela supôs, enterrado profundamente dentro dela, lutando como um animal selvagem. Ela não queria morrer – apenas dormir, segura, aqui. Envolto por paredes brancas e drogas.

Lascas de ouro cintilaram diante de seus olhos. Os óculos dele; ele estava se aproximando, olhando para o rosto dela. 'Você pode não se lembrar de tudo ainda, mas tenho certeza que podemos fazer isso entre nós – desperte a parte de sua mente que está adormecida.'

Ela se afastou dele, fazendo a cama ranger. Colocando o giz na lousa, ela começou a escrever desajeitadamente. Grito, chiado. Essa era a voz dela agora, parecia: um som alto, abrasivo, desprovido de palavras.

Onde estava o fogo?

As sobrancelhas do Dr. Shepherd se ergueram. — Você não se lembra do fogo? Seu ferimento?

Vagas imagens flutuaram de volta. Ela se lembrou de mil insetos de dor roendo suas costas. Uma estranha impressão de enfermeiras, aromas medicinais. Tudo estava muito abaixo – ela tinha camadas e camadas para descascar antes que pudesse alcançá-lo claramente.

Colocando uma mão em seu ombro, o Dr. Shepherd tirou a lousa de seus dedos. Ela pensou, por um instante, que ele ia segurar sua mão. Mas então ela percebeu que ele estava mostrando a ela: mostrando a pele brilhante e marmoreada em seu pulso. Gentilmente, ele dobrou a manga áspera de seu vestido. Manchas rosadas brotaram ao redor de seu cotovelo, deformadas, enrugadas como frutas velhas. Cicatrizes queimavam tão profundamente que nunca seriam apagadas. Sim, ela viu agora. Foram queimaduras. Como ela não tinha percebido antes?

— Esta — disse ele, abaixando a mão dela —, esta fotografia foi tirada há algumas semanas. Você se lembra?

Ela se lembrou do flash e da fumaça, do jeito que eles pareciam explodir dentro de sua cabeça. Mas quando ele deslizou a fotografia para o colo dela, o rosto que olhava para trás era um estranho. Era uma mulher – pelo menos, o vestido listrado e o lenço amarrado no pescoço pareciam sugerir que era uma mulher – mas seu cabelo era curto, crescendo em tufos de um couro cabeludo manchado. Pele escura e esburacada esticada sobre suas bochechas. Um olho caiu na pálpebra inferior.

Ela viu seu próprio nome escrito embaixo.

Elisabeth Bainbridge. Detido por suspeita de incêndio criminoso.

A PONTE, 1865

Elsie se endireitou com uma batida na porta, confusa com o ambiente. A tarde cinzenta se aprofundou no carvão de uma noite de outono. O fogo

queimava baixo na lareira. Apenas uma única vela tremeluzia sobre a penteadeira, uma folha de cera dura em espiral na lateral. A memória recuou: ela estava presa no campo – e Rupert estava morto.

A batida veio novamente. Ela pegou suas luvas de renda e as colocou.

"Entre", ela resmungou. Sua boca tinha um gosto rançoso. Quanto tempo ela estava dormindo?

A porta se abriu. O metal bateu contra a louça e uma jovem baixinha, talvez com cerca de dezoito anos, atravessou a soleira carregando uma bandeja.

'Senhora.' Ela colocou a bandeja na penteadeira, acendeu o lampião a gás e acendeu com a vela.

Elsie piscou. Certamente era um truque de seus olhos - esta era realmente sua empregada? Ela estava imunda da cozinha, fuligem riscando seu avental grosseiro. Seu rosto não era totalmente simples; ela tinha cílios longos e lábios grossos e rosados que teriam sido agradáveis se não se curvassem em uma expressão impertinente. Ela não usava boné. Seu cabelo escuro estava repartido no meio de uma forma severa, em seguida, amarrado atrás de suas orelhas em um nó na parte de trás de sua cabeça.

Tal criatura passou por uma empregada nesta parte do país? Se Elsie soubesse disso, ela não teria se preocupado com sua própria aparência antes.

"Senhora", a garota disse novamente. Tardiamente, ela fez uma reverência desajeitada. A bandeja chacoalhou. — O Sr. Livingstone disse que você pode estar com fome.

'Oh.' Ela não sabia dizer se isso era verdade: a combinação de cheiros que saía da bandeja a deixava faminta e nauseada na mesma medida. 'Sim. Isso foi muito gentil da parte dele. Vou levar a bandeja aqui. Ela apoiou um travesseiro atrás das costas.

A garota se adiantou. Ela não tinha o andar cuidadoso dos criados de Londres; seu passo ousado sacudiu a tigela e fez a sopa escorrer pela borda.

Depositando a bandeja nas pernas de Elsie com um baque, ela recuou e dobrou os joelhos em outra reverência.

Elsie não sabia se ficava ofendida ou se divertia. A garota era claramente uma caipira. 'E você é . . .?'

'Mabel Primos. A empregada.' Ela tinha uma voz estranha; uma mistura entre um sotaque cockney e um sotaque country. 'Senhora.'

Ocorreu a Elsie que talvez Mabel geralmente não fosse permitido subir escadas. Eles podem ter ficado desesperados por um par de mãos e enviado qualquer um. Pela maneira como ela olhou para a pilha de roupas de Elsie no chão e a gola de renda de sua camisola, você pensaria que ela nunca tinha visto algo tão caro em sua vida. 'Você é a empregada doméstica? A ajudante de cozinha?

Mabel deu de ombros. — Apenas a empregada. Eu e Helena. Não há outros.

'Bem, então, isso faz de você a empregada de todo o trabalho.'

'Se você diz. Senhora.

Elsie ajustou a bandeja no colo. O vapor subia da superfície de uma sopa marrom-amarelada salpicada de ervas. Ao lado dele havia um prato de carne grelhada e uma substância grumosa de cor creme que parecia fricassê de frango. Ela estava com fome, mas a ideia de comida revirou seu estômago. Fazendo uma careta, ela pegou uma colher e mergulhou na sopa.

Ela ficou surpresa ao ver Mabel ainda parada ali. O que diabos ela estava esperando? — Você pode ir, Mabel. Não preciso de mais nada.

'Oh.' Pelo menos ela teve a graça de corar. Limpando as mãos no avental, ela fez outra reverência desesperada. 'Desculpe. Senhora. A Ponte não tem dona há quase quarenta anos. Não estamos acostumados.

Elsie abaixou a colher e deixou a sopa deslizar de volta para a tigela.

'Mesmo? Tanto tempo? Que estranho. Eu quero saber porque?'

— Houve um monte de criados que morreram, eu acho. Nos velhos tempos.

Afaste a família de morar aqui. Ouvi falar na aldeia – algo sobre um esqueleto que desenterraram no tempo do rei George. Um esqueleto no jardim! Imagine isso!'

Realmente, havia tantos mortos naquele jardim que não foi uma surpresa.

'De fato! Você cresceu na vila de Fayford, suponho?

A risada de Mabel a fez pular. A empregada jogou a cabeça para trás como uma mulher comum em um teatro musical.

Isso não funcionaria – não funcionaria de jeito nenhum. — Eu te divirto, Mabel? ela estalou.

— Deus a abençoe, senhora. Mabel enxugou um olho com a ponta do avental. 'Ninguém da aldeia trabalha aqui.'

— E por que isso pode ser?

“Eles estão com medo do lugar. Dá-lhes os morbs.

g

O peso se instalou em seu pescoço. Superstição? Premonição? Fosse o que fosse, ela não queria que Mabel visse. — Bem, isso parece muito tolo. Era apenas um esqueleto. Não há nada a temer, não é? Mabel deu de ombros. —

Isso é tudo, Mabel.

— Muito bem, senhora. Sem uma reverência, ela se virou, apagou a lâmpada e saiu pela porta. Ela não se incomodou em fechá-la atrás dela.

'Mabel!' Elsie ligou. — Você apagou a luz por engano, não consigo ver. . .'

Mas ela já podia ouvir os pés chatos de Mabel descendo as escadas.

Ninguém veio fechar a porta ou retirar a comida. Desesperada, Elsie colocou sua bandeja de jantar intocada no chão e se recostou nos travesseiros.

Quando ela acordou, o quarto estava tão escuro quanto um véu choroso. O

fogo expirou, deixando o ar frio. A mácula daquela maldita sopa ainda pairava no ar, fazendo seu estômago se contorcer. Como a empregada poderia simplesmente deixá-lo lá para apodrecer e ficar sujo? Ela teria que falar com a governanta pela manhã.

Foi então que ela ouviu: um raspar baixo, como uma serra contra a madeira.

Ela ficou rígida.

Ela realmente tinha ouvido isso? Os sentidos podiam pregar peças no escuro. Mas então veio de novo. *Sibilo* .

Ela não queria lidar com outro problema esta noite. Certamente se ela continuasse enrolada com os olhos fechados, o barulho iria embora? *Sibila, silva* . Um som rítmico e abrasivo. *Assobio, assobio, assobio* . O que *foi* ?

Ela puxou a tampa sobre a orelha até abafar o barulho. Por fim, parou. Sua cabeça caiu com o peso da exaustão. Provavelmente foi algum disparate tolo; animais na floresta. Ela não reconheceria seus sons – ela sempre dormira em uma cidade. Estava em silêncio agora, e ela poderia voltar a dormir. . .

Sibila, silva . Ela começou, cada centímetro dela eletrificada. *Sibilo* .

Dentes contra a madeira. Raspagem.

Cegamente, ela tateou debaixo do travesseiro em busca de sua caixa de fósforos. Não estava lá. Claro que não estava lá, ela não tinha desempacotado ainda. Sua mão parecia vazia, vulnerável, sem a caixa. Ela tinha que ser cuidadosa, ela não deveria entrar em pânico.

Quase caindo da cama, ela se atrapalhou no escuro em busca de uma alavanca de gás, um isqueiro, qualquer coisa. Seus dedos encontraram

apenas poças duras de cera onde a vela havia derretido. *Sibila, sibila.*

A escuridão era absoluta – seus olhos se recusavam a se ajustar. Não era como Londres; não havia postes de luz do lado de fora. Ela foi forçada a avançar lentamente, sentindo seu caminho adiante. A perna da penteadeira, uma forma redonda e elástica – um aro de sua crinolina. Ela manobrou em torno dele, ouvidos tensos para o som. A própria quietude parecia pesada –

carregada, como se estivesse esperando.

Ela colocou a mão para baixo e sentiu-a afundar em algo. Ela recuou e gritou. Houve um estrondo e um líquido escorreu por sua camisola. Os odores de frango e carne anunciaram que ela se arrastou direto para a bandeja do jantar.

Sibila, sibila. Elsie atirou-se para longe da bandeja. Preto, nada além de preto diante de seus olhos. Como ela poderia sair deste quarto?

Finalmente, ela distinguiu um tom de cinza. Ela rastejou em direção a ela e sentiu uma superfície sólida. A porta. Lutando para ficar de pé, ela procurou a maçaneta e abriu a porta.

Estava mais claro no corredor. Ela deu alguns passos para fora, seus pés afundando no tapete empoeirado. Pequenas nuvens flutuavam enquanto ela se movia.

Não havia nada que sugerisse o que havia feito o barulho. Tudo estava parado. O luar atravessava a torre da lanterna em barras de prata e os bustos de mármore brilhavam.

Sibila, sibila. Elsie foi na direção do som. Ela tinha que parar – ela nunca iria dormir com aquela raquete. *Sibila, sibila.* Chegou mais rápido, frenético. Seus pés acompanharam o ritmo enquanto eles passavam pela galeria, em direção às escadas. Ela tinha certeza: vinha de cima.

Os degraus levavam a um patamar estreito com paredes caiadas de branco.

O último andar da casa, tradicionalmente o domínio dos empregados. Ela seguiu o som por um corredor, passando pela torre da lanterna, até que o farol do luar se desvaneceu em um brilho abafado. O piso macio deu lugar a ladrilhos frios sob os pés. Ela estremeceu, desejando ter trazido um xale ou um cobertor com ela. Ela se sentiu pequena, exposta em algodão e renda.

Ela parou para descansar e se orientar. Mais à frente, um tênue círculo amarelo manchava a parede.

Sibila, silva . O barulho estava próximo. Ela colocou um pé à frente – e sentiu algo roçar sua perna.

'Droga!' ela gritou. Ela cambaleou, quase perdendo o equilíbrio. 'Droga, droga.'

Pequenos cliques soaram nos ladrilhos. Ela não se atreveu a olhar para baixo e ver o que os fez.

O ruído áspero e serrado estava por toda parte ao redor dela, como a voz de Deus. E logo abaixo dele, uma batida constante. Passos.

Um orbe amarelo flutuou na escuridão, flutuando em direção a ela.

Elsie se preparou, mal sabendo o que esperava.

O orbe estava se aproximando. A figura de uma mulher surgiu atrás dele, sua sombra esticada ao longo dos azulejos em seus calcanhares. Ela viu Elsie, ofegante – e eles mergulharam na escuridão mais uma vez.

Sibila, silva . Mais uma vez, algo suave e quente varreu sua panturrilha.

Desta vez Elsie gritou.

- Sra. Bainbridge? Houve um som como tecido se rasgando, então o brilho de um fósforo. O rosto de uma mulher apareceu em uma auréola bruxuleante. Ela estava bem além da meia-idade com rugas enrugando sua pele. 'Me abençoe! É você, Sra. Bainbridge, acordada a esta hora? Você me deu um susto. Apaguei minha vela.

Os lábios de Elsie se agitaram, tentando encontrar apoio. 'Eu vim . . . O

som. . .' Enquanto ela falava, começou de novo, aquele silvo terrível , *silvo* .

A mulher assentiu. Seus olhos estavam líquidos e amarelados à luz das velas, como se suas íris estivessem nadando em mel. — Vou lhe mostrar o problema, madame. Por favor siga-me.'

Ela se virou, levando a vela com ela. A escuridão era ainda mais assustadora depois de um momento de iluminação. Em sua fantasia cansada, Elsie imaginou um segundo par de passos atrás dela.

— Sou a governanta aqui, Sra. Bainbridge. Meu nome é Edna Holt. Eu esperava encontrá-lo em circunstâncias mais tradicionais, mas não posso evitar. A voz dela era gentil e respeitoso, sem o terrível sotaque do discurso de Mabel. Elsie seguiu o som disso, uma corda amarrando-a a um mundo de realidade e servos, em vez da fantasmagoria que assolava sua imaginação.

'Eu acredito que você está um pouco melhor agora, madame? Ouvi dizer que você não estava bem.

'Sim. Sim, tudo que eu precisava era dormir. Mas então... O ruído áspero a interrompeu. Ele assobiou e arranhou quando a Sra. Holt parou no final do corredor ao lado de uma escada de madeira.

O que poderia ser? A serra circular da fábrica fazia um som vagamente parecido, mas era rápido, mais staccato. Isso foi puxado. Como um rasgo lento, lento.

Algo deslizou sobre seus pés, fazendo cócegas em suas pernas enquanto passava. Ela engasgou. Uma forma pequena e escura subiu os degraus à frente. — Sra. Holt! Você não vê?' Duas fendas verdes brilhantes se

materializaram ao lado da porta no topo da escada. A respiração de Elsie travou em sua garganta. 'Deus tenha piedade.'

— Eu sei — disse a sra. Holt gentilmente. Mas ela não estava olhando para Elsie – seus olhos estavam fixos na porta. - Eu sei, Jasper. Desça.'

As formas se encaixaram – Elsie viu um pequeno gato preto, descendo as escadas ao lado da Sra. Holt. Um *gato* . Ela nunca se sentiu tão tola.

— Acho que devem ser ratos, madame. Ou possivelmente esquilos. Algo com dentes roendo. Eles levam o pobre Jasper aqui distraído.

O gato andou um círculo protetor ao redor deles, murmurando nas profundezas de sua garganta. Seu casaco e cauda balançavam contra suas saias.

– Bem – disse Elsie, recuperando o uso da voz –, precisamos chamar um homem para dar uma olhada. Um ninho logo é esvaziado.

— Ah, senhora, mas esse é o problema. Com a mão livre, a Sra. Holt tirou um molho de chaves do cinto e as ergueu. — O sótão foi fechado anos atrás, antes da minha chegada aqui. Nenhum deles se encaixa na fechadura.

— Você quer me dizer que não há como ter acesso? A governanta balançou a cabeça. — Então alguém deve levar um machado até a porta. Não posso permitir que essas criaturas se aninham sem serem molestadas. Pense no que eles podem fazer com a estrutura do edifício! Ora, todo o lugar pode desabar em nossos ouvidos.

A vela dançou sob sua respiração. Ela não conseguia distinguir a expressão da Sra. Holt. — Não se aborreça, madame. Eles não podem ter causado muito estrago. Eu só os ouvi nas últimas semanas. Só, realmente, desde que o mestre desceu.

Ambos ficaram imóveis. Elsie de repente percebeu o corpo, três andares abaixo – talvez abaixo do ponto onde seus pés arqueavam para longe dos azulejos frios. Ela se abraçou. — E o que o sr. Bainbridge disse sobre o assunto?

— Muito parecido com você, madame. Ele ia escrever para Torbury St Jude para um homem. . . Não sei se ele já o fez.

Todas as cartas não enviadas, as palavras não ditas. Era como se Rupert tivesse saído da festa no meio de uma dança. Ela sofria com a necessidade

de que ele viesse e simplificasse tudo, para remover o fardo de seus ombros.

— Bem, Sra. Holt, vou checar a biblioteca dele pela manhã e ver o que encontro. Se não tiver sorte, escreverei eu mesmo.

A governanta fez uma pausa. Quando sua voz veio, era infinitamente mais suave; uma carícia verbal. — Muito bem, senhora. Agora é melhor eu levar

você de volta para a cama. Amanhã será um dia longo e cansativo, só Deus sabe.

Elsie se perguntou por um momento o que ela queria dizer. Então a compreensão explodiu sobre ela: eles estavam apenas esperando sua chegada. Amanhã, eles enterrariam Rupert.

Seus joelhos cederam. A mão sobressalente da Sra. Holt veio rapidamente sob seu cotovelo. — Calma, senhora.

De repente, ela percebeu sua camisola, molhada de sopa e molho contra suas pernas, e a pequena língua do gato lambendo-a até ficar limpa.

Revoltante.

Ela pensou na bagunça que fizera em seu quarto, depois na bagunça que fizera com Jolyon. Suas pálpebras ficaram insuportavelmente pesadas. —

Acho que você está certa, Sra. Holt. É melhor eu voltar para a cama.

O céu era de um azul frio e duro, sem nuvens. O vento forte mantinha as árvores em constante movimento. Um confete de folhas verdes, amarelas e marrons estava espalhado sobre os caminhos, triturando enquanto as rodas da carruagem passavam por eles. Elsie ficou surpresa com o quão longe ela podia ver, mesmo submersa sob seu véu choroso. Não havia manchas de fuligem no ar; nenhuma nuvem de fumaça de carvão ofuscava a luz. Isso a enervou.

- Sim, este é o dia certo para Rupert. – Sarah suspirou. 'Ocupado e brilhante, assim como ele.' Seu rosto comprido e de cavalo parecia pior do que ontem,

desbotado e com os olhos arregalados depois de passar a noite toda sentada com o corpo de Rupert.

Elsie lamentou não ter vigiado ela mesma. No Salão Principal, bem no fundo da casa, ela não teria se incomodado com o barulho dos arranhões; Sarah não fez menção de tê-lo ouvido. E Rupert merecia uma última vigília.

Ela não pretendia desprezá-lo, mas com o bebê em seu barriga, ela se tornou egoísta para seu próprio conforto. Sono, fogo e uma poltrona se tornaram as coisas vitais em sua vida.

Ela encostou a cabeça na janela. A terra parecia melhor ao sol. Ela divisou lariços e olmos crescendo entre as castanheiras, e um esquilo correndo em seu caminho. Ele parou sobre as patas traseiras, observando o cortejo fúnebre passar, então disparou para o baú mais próximo.

O homem das penas foi primeiro, uma bandeja de plumas negras equilibradas sobre a cabeça. Em seguida veio o mudo com seu cajado. Seu chapéu arrastava um chorão abaixo de sua cintura.

— Você deu um bom show para ele. Elsie estendeu a mão e apertou a mão de Jolyon, ansiosa para remover a tensão entre eles. 'Sou grato.'

— Não é mais do que ele merecia.

O caixão de Rupert brilhava no carro funerário. Pobre Rupert, preso para sempre neste lugar sombrio. Negligenciado por toda a eternidade por aquela igreja abismal com apenas meio campanário. Quando se casaram, Elsie nunca duvidou que passariam a eternidade enterrados lado a lado. Ela pode ter que rever esse plano.

Quando as carruagens pararam, ela ficou aliviada ao ver que nenhum dos aldeões havia se aventurado até suas janelas, embora isso a surpreendeu.

Em casa, um funeral era um espetáculo. Aqui não parecia uma ocorrência notável.

Jolyon pegou sua bengala. 'Está na hora.' Sua capa preta farfalhava enquanto ele descia os degraus e oferecia a mão, primeiro para Elsie e depois para Sarah.

Ela se sentiu frágil assim que tocou o chão; tão leve quanto um dos galhos que sopram no adro da igreja. Ela não sabia como se comportar.

A mãe ficou histérica quando o pai morreu. Lembrando-se de seus soluços trêmulos, Elsie sentiu um fracasso instantâneo como esposa. Ela não podia chorar. Ela passava seus dias mantendo o conhecimento da morte de Rupert à distância, como um punhal contra sua garganta, com medo de deixá-lo mergulhar e trazer compreensão. Suas únicas sensações eram dormência e náusea.

Maldita Sarah começou a chorar no momento em que foi instalada no outro braço de Jolyon. A visão de suas lágrimas encheu Elsie de uma raiva que ela não podia justificar.

— Sr. Livingstone. Sra. Bainbridge, Sra. Bainbridge. Minhas sinceras condolências.'

Elsie fez uma reverência diante do vigário. Através da rede de seu véu choroso, ela distinguiu um jovem de cabelos loiros sujos. Ele tinha um nariz comprido e um queixo grande que sugeria boa educação, mas sua estola era suja, esbranquiçada.

“Só tive o prazer de conhecer o Sr. Livingstone antes. Meu nome é Underwood. Richard Underwood. Uma voz gentil, cada letra enunciada. O

que esse homem estava fazendo com a vida terrível de Fayford? Certamente suas conexões poderiam fazer melhor para ele? Quando ele cruzou as mãos sobre um livro de orações e o segurou contra o estômago, Elsie notou buracos nas mangas de sua batina. — Agora devo perguntar às senhoras, antes de começarmos, se têm certeza de que se sentem à altura do serviço?

Não há vergonha em descansar em casa.

Sarah soltou uma nova explosão de lágrimas.

— Pronto, senhorita Bainbridge — disse Jolyon. — Você... você... é como o sr. Underwood diz. Você prefere ficar na carruagem? Ele olhou para Elsie pedindo ajuda. Ela quase sorriu. Ele queria uma irmã com sensibilidades mais aguçadas, não é?

O Sr. Underwood interveio. - Minha cara Srta. Bainbridge, console-se. Aqui está meu braço. Ele a separou de Jolyon com tanta delicadeza que Elsie se convenceu: ele deve seja um cavalheiro. Lentamente, ele guiou Sarah para longe. 'Você pode sentar no vicariato até que você seja restaurado. Minha empregada vai buscar um chá para você. Sais? Você tem sais?

Sarah deu uma resposta ofegante que Elsie não entendeu.

'Muito bom. Olhe, bem aqui. Sua casa era um dos casebres repugnantes que invadiam o cemitério – dificilmente uma casa digna de um vigário. Ela estava quase preocupada com Sarah sentada ali durante o culto; parecia que você poderia pegar febre tifóide do lugar. — Ethel, pegue o banquinho.

Você deve cuidar desta senhora para mim. Faça um chá doce para ela.

Uma bruxa ossuda com dentes faltando apareceu na porta. 'Mas é o último de —'

— Estou ciente disso, Ethel — disse ele bruscamente. — Agora faça o que eu peço.

Resmungando, a mulher conduziu Sarah para dentro e fechou a porta.

O Sr. Underwood voltou para eles, aparentemente imperturbável.

— Foi muito gentil da sua parte, senhor. Obrigado", disse Jolyon.

'Nenhum problema. Sra. Bainbridge, estamos seguros com você?

'Eu responderia por seus nervos com minha vida', respondeu Jolyon.

Underwood avaliou-a com interesse. Seus olhos estavam arregalados, mas estranhamente encobertos; eles espiaram, em vez de olhar. 'Muito bom.

Agora, Sra. Bainbridge, irei até a porta da igreja e encontrarei o caixão. Isso entrará primeiro, depois os enlutados seguirão.

Ela assentiu. Era tudo o que ela podia fazer.

Os carregadores do caixão colocaram o caixão nos ombros e avançaram. O

vento rastejou sob o veludo preto manto, batendo-o no ritmo de seus passos.

O brasão de Bainbridge acenou em flashes: azul, dourado, azul, dourado e depois um machado.

Ela puxou o braço de Jolyon. "Preciso me sentar."

Lápides desgastadas pelo tempo ladeavam o caminho até a porta da igreja: suas inscrições toscas. Três memoriais seguidos levavam o nome de *John*

Smith com apenas dois anos de diferença. Depois veio outro par, ao lado de uma roseira, ambos *Jane Price, 1859.*

Elsie manteve o olhar baixo. Ela não queria ver os enlutados saindo de suas carruagens ou encontrar seu olhar compassivo. Apenas alguns meses atrás ela havia caminhado na outra direção, enfeitada em seda e murta com o repicar dos sinos de casamento atrás dela. Ela olhou para seu vestido branco e soube que a solteirona Miss Livingstone se foi para sempre. Ali estava a Sra. Bainbridge, uma nova criação, recém-nascida.

Cinzas às cinzas, pó ao pó . Com que rapidez a fortuna mudou. A mulher que entrou na igreja atrás desse caixão – quem ela era agora? Livingstone, Bainbridge? Talvez nenhum dos dois. Talvez ela não fosse uma pessoa que Elsie quisesse conhecer.

'Foi um serviço adorável.' Um cavalheiro gordo pegou a mão dela e a pressionou contra o bigode. Ele cheirava a tabaco.

'Sim. Simplesmente... adorável', disse ela pela milésima vez. — Obrigado por ter vindo. Por favor, você não vai levar um cartão comemorativo? Ela tirou a luva de seu aperto suado e a substituiu por um pedaço de cartão de borda preta. Então ela passou para o próximo.

Pareciam ridículos: aqueles homens da Cidade com suas belas faixas de chapéu, vozes zurrando e charutos, amontoados em um cemitério em ruínas.

O que eles devem pensar da sede da família de Rupert e sua esposa de fábrica?

O sol se desvaneceu em um disco de prímula, mas ainda assim ela desfilou para cima e para baixo na fila de estranhos, agradecendo-lhes. Distribuindo a vida de Rupert, compactada em um conjunto simples de fatos em um cartão monocromático.

Em afetuosa lembrança de

Rupert Jonathan Bainbridge

Quem partiu desta vida 3 de outubro de 1865 no quadragésimo quinto ano de sua idade Enterrado no cofre da família, All Souls Church, Fayford

MEMENTO MORI

Jolyon fez sua parte, passando de grupo em grupo, aceitando suas condolências. Era *ele que* os convidados tinham vindo ver – poucos deles a conheciam. Será que eles realmente perceberiam se ela escapasse? Talvez ela devesse ir e encontrar sua velha companheira, a vaca faminta. Pelo menos aquela criatura miserável mostrou algum interesse por ela.

Ela ficou parada por um momento, olhando distraidamente através dos quadrados de rede de seu véu. Pássaros para os quais ela nem sequer tinha um nome cantavam nas árvores do outro lado. Gordos e curiosos que pareciam pombos de Londres, exceto que eram beges. Catadores ousados e negros. Torres? Gralhas? Corvos? Ela nunca tinha realmente conhecido a diferença. Um que ela reconheceu - uma pega - chacoalhou para ela do lychgate. A faixa de cobalto em sua cauda apontava para a mais pobre das lápides: torta, devorada por líquen e cardo.

— Você está se perguntando sobre as lápides. A voz a fez sobressaltar. Ela se virou para ver o Sr. Underwood, parado discretamente ao seu lado. Suas

mãos estavam dobradas sob sua sobrepeliz; ou ele estava com frio ou estava escondendo os buracos nas mangas.

'Sim, eu estava. Parece haver muitos com os mesmos nomes.

Ele suspirou. 'Há. E não importa o que eu diga aos meus paroquianos, continua havendo. As pessoas . . . Nós vamos. Não preciso enfeitar para você, Sra. Bainbridge. Você vê como a vila é. O povo não tem esperança.

Eles nem mesmo esperam que seus bebês vivam e, portanto, reutilizam nomes. Ali — ele puxou a mão e fez um gesto para Jane Price que ela tinha visto antes. 'Aquelas duas meninas estavam vivas ao mesmo tempo. O mais velho estava doente e o bebê nasceu doente. Eles morreram com um mês de diferença um do outro.

'Que coisa terrível. Essas pobres meninas! Mas pelo menos seu povo se lembra deles com uma pedra.

'Um conforto fino.'

'Você acha? Já esteve em Londres, Sr. Underwood?

Sua testa franziu. 'Em ocasião. Antes de receber meus pedidos.

— Então você deve ter visto o cemitério? Poços de seis metros, um caixão empilhado em cima do outro, até a superfície. Lugares horríveis. Já ouvi falar de corpos sendo perturbados, até mesmo desmembrados, para dar lugar a cadáveres frescos. Então eu digo que é uma misericórdia ser colocado em seu próprio terreno debaixo de uma pedra com um nome, mesmo que seja emprestada. Há coisas muito piores que um pai pode fazer.

Ele olhou para ela, reavaliando-a. 'Para ter certeza.'

Ela julgou prudente mudar de assunto. 'Minha empregada me disse que um esqueleto foi descoberto em minha propriedade, anos atrás. Por acaso sabe se isso também está enterrado aqui, Sr. Underwood?

'Que esqueleto seria esse?'

Ela piscou. 'Não entendo você.'

'Houve . . . alguns", admitiu. — Mas é uma casa muito antiga, Sra.

Bainbridge. Não há motivo para se alarmar.

As palavras de Mabel faziam mais sentido agora. Seria tolice as empregadas se afastarem da casa por causa de um único esqueleto, mas ela podia entender que elas poderiam ser adiadas por múltiplas descobertas.

Ninguém queria se deparar com uma pilha de ossos enquanto desempenhava suas funções.

— Não estou alarmado, apenas. . . surpreso. Meu falecido marido não sabia muito sobre a história da casa.

'É um estranho. A propriedade foi deixada vazia durante e após a Guerra Civil. Então, com a Restauração, a família começou a voltar. Nunca por muito tempo, no entanto. A família Bainbridge tinha o péssimo hábito de perder seus herdeiros, e a casa muitas vezes passava para segundos filhos que nunca mais voltavam para reivindicá-la.

'Que triste.'

— Os negócios os mantiveram afastados, imagino. Ele cruzou os braços.

'Há muitos registros em Torbury St Jude; Eu ficaria feliz em buscar alguns, se você tiver interesse?

Ao que parece, a história seria lida como um centavo ruim terrível. A última coisa que ela queria era uma história de morte e esqueletos. Mas o Sr.

Underwood parecia tão sério como ele ofereceu, ela não teve coragem de rejeitá-lo. — Você é muito gentil.

Eles ficaram em silêncio, observando os túmulos. Nenhuma flor de estufa adornava o chão. Em vez disso, os cardos formigavam. Seus flores roxas estavam desaparecendo, transformando-se em punhados de sementes finas.

— Talvez, Sra. Bainbridge, eu vá buscar seu primo para você — disse ele por fim. 'Eu confio que ela será recuperada.'

'Sim. Espero que ela o faça. Obrigada.' Ela inclinou a cabeça enquanto ele se afastava, sua franja loira saltando ao redor de suas têmporas.

A pega tinha voado. Ela olhou para o portão onde ele estava, pensando na pequena Jane Price. Seu véu esvoaçava na brisa e fazia parecer que seus túmulos eram ondulantes. Acenando para ela.

Elsie acordou de mau humor. Por uma segunda noite, ela não tinha dormido bem. O *silvo* irritante recomeçara, embora só durasse uma hora. Depois que parou, ela ficou inquieta, provocando sua mente por uma maneira de ajudar a aldeia e lembrando do pobre Rupert na cripta fria.

A cama era muito grande sem ele. Embora ela não fosse o tipo de esposa que dormia enrolada em torno de seu marido, havia algo reconfortante na presença de Rupert sob os lençóis e no ocasional rangido que ele fazia quando se virava. Era como se ele a estivesse protegendo. Sem ele, o outro lado do colchão estava frio e sinistro. Tanto espaço, tanta oportunidade para outra coisa entrar.

Sem qualquer ajuda das empregadas, ela se vestiu e conseguiu prender o boné de viúva antes de descer as escadas.

As palavras do Sr. Underwood continuavam a perturbá-la. Deve haver algo que ela possa fazer por Fayford. Ela não tinha visto qualquer uma das crianças, mas a julgar pelo estado da vaca eles seriam pele e ossos. Quem sabia que horror doméstico eles enfrentaram? No entanto, se seus pais tinham medo dos Bainbridges e da casa esquelética, ela dificilmente poderia entrar com sua cesta de boa vontade e um sorriso condescendente. Seria melhor—

Partículas dançaram no ar diante dela, fazendo-a tossir. Ela parou e olhou para os degraus. Suas saias pretas tinham escovado uma nuvem da coisa: um pó, diferente do pó comum. Mais denso. Ela se abaixou, beliscando um ponto entre o polegar e o dedo indicador. Os grãos eram bege e grosseiros.

Ela levou os dedos ao nariz. Suas narinas se dilataram com aromas que a levaram de volta à fábrica. Algo afiado e limpo: linhaça. E abaixo disso um aroma mais profundo e de nozes. Ela espirrou. Sim – era serragem.

Aqui?

Serragem, fósforo, o turbilhão da lâmina de corte. . .

Apressadamente, ela a limpou e tirou as saias, não querendo nem um rastro da coisa sobre ela.

Talvez fossem as vigas que sustentavam o teto; eles podem estar desmoronando, como tudo na Ponte. Ela teria que perguntar à Sra. Holt mais tarde.

Enquanto ela se levantava, a escada oscilou – ela ia desmaiar. Apoiando-se no corrimão, ela cambaleou pelos últimos degraus. *Respire, respire.*

Às vezes acontecia assim; a menor coisa a faria voltar no tempo, ressuscitar memórias e reduzi-la ao estado de uma criança assustada.

Com o sangue rugindo em seus ouvidos, ela chegou ao Salão Principal e respirou fundo. Ela estava aqui agora, segura.

O passado já havia tirado o suficiente dela – ela não deixaria que isso levasse seus anos de adulta também.

Ela pegou a porta à esquerda da lareira e entrou na sala de jantar. Jolyon e Sarah já estavam sentados em uma mesa de mogno, o brocado de dente-de-leão na parede lançando uma sombra doentia sobre sua pele. Eles tiraram os guardanapos do colo e se levantaram quando ela entrou.

'Aí está você.' Jolyon enxugou a boca. — Receio que começamos sem você.

Não tínhamos certeza se você estaria caído.

O relógio do avô soou.

— Devo continuar como de costume, suponho. Sua voz tremeu. Ela caiu na cadeira que Jolyon puxou para ela, bem na hora.

Servos espreitavam ao lado do aparador – a empregada maltrapilha Mabel e uma mulher mais velha que deve ser Helen. Ela era uma coisa robusta, de aparência alegre, seu rosto corado em um tom de morango permanente –

sem dúvida o efeito de ficar em pé sobre água quente por muitos anos.

Mechas de cabelo ruivo escapavam de sua touca nas têmporas. Elsie adivinhou sua idade por volta dos quarenta.

A supervisionar as duas empregadas estava um homem alto de cabelos grisalhos. Ele parecia como se nunca tivesse sorrido em sua vida.

Jolyon serviu café enquanto Helen serviu ovos com manteiga em torradas com arenque, mas o cheiro de serragem revirou o estômago de Elsie. Ela pegou o garfo e brincou com a pilha de ovos trêmula.

— A Srta. Bainbridge acabou de me contar sobre seu tempo na casa do vigário. Jolyon levantou as pontas de seu casaco e se sentou ao lado dela.

Sarah corou até a raiz de seu cabelo esguio. — Não foi gentil da parte dele, Sra. Bainbridge, me acolher assim? Quando ele estava tão ocupado?

'Sim.'

— Ele me parece um tipo de homem superior — observou Jolyon. — Não foi criado para a igreja, eu acho. De qualquer forma, não uma igreja em Fayford.

- Não, ele não estava. – Sarah balbuciou, aquecendo o assunto. “Ele deixou uma família rica e uma herança para tentar fazer o bem. Seu pai o cortou sem um centavo, mas ele tinha um pouco de seu próprio dinheiro. Ele a usou para ganhar a vida em Fayford. Você já ouviu falar de uma coisa tão nobre?

Elsie colocou um pedaço de comida na boca e mastigou devagar. Foi um erro – a textura do ovo a fez querer engasgar.

— Você está bem, Sra. Bainbridge?

'Sim Sim.' Ela levou um guardanapo à boca e discretamente cuspiu o ovo.

'Mas e voce? Você se recuperou de seu desmaio ontem?

— Sim, obrigado. Estou muito mais forte hoje.

'Estou contente de ouvir isso. Imagino que já esteja farto de funerais, depois da morte da Sra. Crabbly e de seus pais.

'Sim.' Sarah tomou um gole trêmulo de seu chá. — Embora eu não tenha comparecido ao enterro da Sra. Crabbly. Ela era terrivelmente antiquada assim. Ela teria se revirado no túmulo para saber que havia uma mulher presente em seu funeral. Mas meus pais. . .' Ela olhou para o chá.

— Rupert não me contou muito sobre seus pais — disse Elsie gentilmente.

— Bem, mal posso lhe dizer mais. Imagino que Rupert estivesse mais familiarizado com eles do que eu. Eles me colocaram para a Sra. Crabbly quando eu tinha oito anos, para treinar como acompanhante. Nós nunca fomos ricos, você vê, do nosso lado da família. Algo a ver com uma discussão entre meu avô e seu pai. Então todos nós trabalhamos. Meus pais não tinham muito tempo para mim. Sarah tomou outro gole de chá, como que para lhe dar forças. — E então eles se foram. Não havia dinheiro para um funeral. Eu não poderia tê-los enterrado se Rupert não tivesse. . . Ele sempre foi tão bom para mim. Sua voz engrossou. 'Eu desejo . . .'

Envergonhada, Elsie pegou o garfo e desfiou o arenque. Ela estava começando a se arrepender de tratar a garota tão levianamente. Sarah pode ser chata como água de vala, mas ela sofreu. 'Eu sinto muitíssimo.'

Jolyon limpou a garganta. — Nós entendemos, Srta. Bainbridge. Ele não olhou nos olhos de Elsie. 'Nós também perdemos nossos pais em uma idade jovem.'

Sarah balançou a cabeça, o cabelo escorregando do coque. — Não convém insistir nisso. Mas você pode ver por que eu estava tão grato ao Sr.

Underwood e seu criado por cuidar de mim. Você sabia que o Sr.

Underwood me deu o último de seu chá? Eu me senti horrível tomando.

Seus armários eram tão escassos. Apenas uma lasca de açúcar e absolutamente nada de leite!

'Leite!' Elsie espetou um pedaço de arenque triunfante. — Claro, essa é a resposta. É assim que posso ajudar a aldeia! Jolyon, você deve fazer perguntas. Vou adotar a vaca.'

Jolyon bufou em seu café. As empregadas se moveram ao lado do aparador.

"Que vaca?"

— A vaca que vi no meu caminho para cá. Pobre besta velha, parecia bem acabado. Quanto mais penso nisso, mais acredito que ela estava me pedindo ajuda. Se eu comprar a vaca, posso trazê-la aqui para ficar bonita e gorda, e

aí ela vai produzir leite. Nós pode fazer queijo. E posso dar o leite e o queijo aos aldeões, de graça.

— Você é um ganso, Elsie. Ele colocou sua xícara para baixo. 'Por que não simplesmente chamar os aldeões com uma cesta?'

— Vai parecer menos condescendente desta forma. Você não acha?

Jolyon ergueu as mãos. — Não importa o que eu diga. Você tem certeza de fazer exatamente o que quiser. Mas você terá que trazer o Sr. Stilford aqui, ou a Sra. Holt, para fazer suas perguntas. Estou voltando para Londres no trem desta tarde.

'Esta tarde!'

— Temo que sim. Falar com os cavalheiros no funeral me fez perceber como os negócios são urgentes.

'Mas . . .' Como ele poderia abandoná-la, deixá-la sozinha com Sarah?

'Quando você estará de volta?'

— Não por um bom tempo, acho. Seus lábios se comprimiram; ela sentiu que havia coisas que ele não podia dizer na frente de Sarah. — Desculpe, Elsie. Mas eu tenho que voltar. Para a fábrica.

E como ela poderia argumentar com isso? Ela, que tinha dado tanto por aquele lugar?

'Claro. É claro que eu entendo.'

Quando a carruagem de Jolyon partiu em uma chuva de cascalho, Elsie ficou desanimada. O lugar parecia ainda maior, mais vazio sem ele. Ela vagou pelo quarto e pelo salão de verão, mas não encontrou nada para fazer.

Nuvens cinzentas borbulhavam lá fora. O vento açoitava as árvores. Até a luz dentro da casa era fraca e granulada. Tudo ela podia ouvir era o tiquetaque do relógio, o gemido das paredes e uma empregada, roçando uma lareira em algum lugar no primeiro andar.

Ela não gostava de ficar sozinha nesta casa: sentia que ela a observava.

Sentindo seus movimentos dentro de suas paredes, enquanto ela sentia o bebê vibrar dentro de sua barriga.

Não era bom. Ela precisava de companhia, não importa o quão terrível.

Depois de duas horas de tédio, ela caminhou pelo corredor marrom, passando pelos medonhos bustos de mármore, em direção ao quarto de Sarah.

Batendo uma vez, ela entrou para encontrar Sarah enrolada em sua cama com um livro e o gato da Sra. Holt, Jasper. O quarto era notavelmente parecido com o dela – só que, como Jolyon havia dito, espelhado. As

árvores ondulando do lado de fora das janelas de Sarah eram um tesouro de ouro e bronze; O lado de Elsie tinha os cobres, os vermelhos queimados.

'Oh! Senhora Bainbridge. Eu não esperava você. Sarah colocou uma marca em seu livro e se levantou, envergonhada, de pé. Jasper apenas a observou –

ele não perdeu seu lugar na cama. 'Eu sinto Muito. Você precisou de mim?

'Sim. Aliás, vou explorar a casa. Quero que você se junte a mim.

'Explorar?' Os olhos castanhos de Sarah se arregalaram. — Ora, estamos...

quero dizer. . . Suponho que a Sra. Holt não se importará?

— Sra. Holt? O que ela tem a ver com isso? Esta é *a minha* casa. Posso fazer o que quiser.

'Sim. Suponho que você pode. Por um momento, a boca larga de Sarah caiu.

Talvez tenha ocorrido a ela, assim como a Elsie, que ela havia sido expulsa da herança. Mas então um pensamento mais feliz pareceu inspirar Sarah, pois ela sorriu e disse: 'Esta casa pertence à minha família há muito tempo.

É a única parte deles que ainda tenho. Uma conexão. Eu gostaria de explorar muito.

Elsie estendeu a mão enluvada. — Venha, então.

Sara hesitou. Elsie de repente se lembrou de ter exposto as mãos ásperas na noite em que chegaram: palmas da cor e textura de torresmo. Ela tentou não deixar a consciência aparecer em seu rosto.

'Do que você tem medo?'

Com uma rápida liberação de ar, Sarah deu um passo à frente.

Eles começaram no fundo da casa. A Ponte era, de fato, muito maior do que eles imaginavam. Parecia torcer em si mesmo. Saindo do Salão Principal, em frente à lareira que Elsie havia se aquecido naquela primeira noite, eles encontraram uma sala de estar com painéis de madeira escura até a altura dos ombros. Papel cinza-azulado cobria o resto das paredes; sua sombra

lembrava a Elsie de centáureas mortas. Era uma sala fria, cheia de urnas de mármore e tapeçarias.

— Por que você se retiraria aqui? ela perguntou. — Aposto que existem asilos decorados com mais calor.

A sala de estar ligava-se a um vasto espaço cor-de-rosa cheio de instrumentos. Uma harpa manchada estava encostada na janela, como se desejasse sair. Uma de suas cordas havia arrebentado. Elsie correu os olhos pelas cortinas cor de rosa que bloqueavam a luz do dia. O teto era recortado, como a cobertura branca no topo de um bolo.

Sarah voou em direção ao piano de cauda, abriu-o e apertou uma tecla. Uma nuvem de poeira subiu com a nota. "Eu sei tocar piano", disse ela. 'Apenas

pedacinhos. A Sra. Crabbly gostava deles. Vou tocar para você esta noite.

Era uma prova de como Elsie se sentia triste por ela realmente ansiar por isso.

Em seguida veio uma sala de jogos, decorada em verde. Uma cabeça de veado empalhada pairava sobre eles da parede, seus chifres lançando sombras como os galhos de uma árvore.

"Que macabro." Elsie torceu o nariz.

'Você acha mesmo?' Sarah olhou para a cabeça montada. A pele estava suja.

Cada cílio castanho claro foi cuidadosamente separado, revelando as bolinhas de ébano dentro das órbitas. 'Há beleza nisso. Normalmente esse sujeito estaria apodrecendo, mas em vez disso ele está aqui, ainda majestoso. Preservado para sempre.

— Preso na ponte pelo resto de seus dias? Não posso invejá-lo por isso.

O veado marcou o fim da asa; não havia escapatória a não ser voltar pela sala de música e pela sala de estar. Quando voltaram ao Salão Principal, a empregada ruiva emergiu da porta de baeta verde do lado dos criados.

'Helen!' A empregada parou bruscamente ao som da voz de Elsie. — É

Helen , não é? Ela assentiu silenciosamente e suas pernas dobraram em uma reverência muito superior à de Mabel. — Helen, agora que o funeral acabou, quero que você vire as fotos do segundo andar. E em qualquer outro lugar, aliás. Miss Bainbridge e eu queremos ver os retratos. Você pode fazer isso por mim?'

'Sim, senhora.'

'Excelente.'

Fazendo uma reverência novamente, Helen se virou e voltou pela porta de baeta. Eles ouviram seus pés através das paredes, subindo a escada em espiral. Elsie e Sarah subiram os degraus largos e acarpetados reservados para a família.

— Havia serragem aqui mais cedo — disse Elsie, observando atentamente.

— Parece que foi.

O primeiro andar começou bem, com uma sala cor de mel ao lado de uma sala de bilhar na ala oeste. Mas, enquanto se dirigiam para a ala leste, Elsie sentiu um arrepio nauseante. Algum sexto sentido lhe disse o que eles estavam prestes a ver.

— Oh, olhe, Sra. Bainbridge! Que querido! Sarah correu para frente, deixando-a encostada no batente da porta. 'Olhe para o pequeno berçário!'

Uma criança pode ter brincado lá ontem. Foi impecável. O papel com estampas de flores não mostrava sinais de envelhecimento e o tapete, um

chintz brilhante de vermelho e amarelo, havia sido batido e lavado. Um cavalo de balanço estava orgulhoso e reluzente no centro da sala, com pequenas manchas brancas em sua garupa. Sarah o empurrou e deu uma risadinha quando ele bateu em rodízios verdes.

Elsie olhou em volta. O cavalo não era o único brinquedo. As bonecas estavam dispostas em volta de uma mesa em miniatura preparada para o chá.

No chão ao lado deles havia uma arca de Noé de madeira, completa com animais. Uma tela alta estava na frente da lareira. Ao alcance do calor pendia uma cama enfeitada com faixas de tecido limão. A ela juntava-se um estrado de ferro coberto por uma colcha de retalhos para uma criança mais velha. Sua garganta fechou.

"Há uma sala de aula além", disse Sarah.

— Acho que já explorei o suficiente para o dia.

Ela voltou para a galeria e olhou para o Salão Principal. As bandeiras cinza e preta dançavam diante de seus olhos. Querido Deus, ela não poderia fazer isso. Eles poderiam muito bem pedir a ela para ir para Oxford e fazer um exame. Ela não poderia ser uma mãe comum para um bebê comum.

Todos aqueles brinquedos, as recordações da infância. Talvez fosse diferente se você crescesse feliz, com lembranças de sua pai balançando você no joelho e sua mãe beijando suas lágrimas. Mas para Elsie não havia nada além de medo. Medo pelo bebê. Medo *do* bebê.

Jolyon acabou bem, ela lembrou a si mesma. Mas era mais fácil com Jolyon sendo um menino. E se o bebê de Rupert tivesse nascido menina? Ela não poderia amar uma filha que se parecesse com ela. Ela não suportava olhar para um espelho de seu passado sem ficar doente.

- Sra. Bainbridge? Sarah rastejou para o lado dela. — Você está doente?

'Não. Somente . . . cansado.'

'Vamos explorar novamente amanhã?'

'Não há muito mais para ver. A biblioteca e o salão de verão ficam no mesmo andar dos nossos quartos, podemos ir lá a qualquer momento. E

então há apenas . . .' Sua testa ficou tensa com a lembrança do sótão.

Naquela noite e o som áspero logo além da porta, fora de alcance. O que *tinha* sido?

Ela não podia acreditar que eram ratos – não um barulho assim. Ela queria saber a verdade. Levantando uma mão, ela puxou um alfinete de debaixo de seu boné. Dois cachos loiros caíram.

- Sra. Bainbridge?

— Você gostaria de me ver arrombar uma fechadura?

A passagem no terceiro andar parecia menos assustadora à luz do dia. Era um corredor diferente daquele que ela se encolheu. Os azulejos holandeses revelavam sua cor acobreada e estalavam sob suas botas. Ela notou nuvens de umidade e pequenas rachaduras que não tinha visto nas paredes antes.

— Não acredito em você, Sra. Bainbridge. Você está zombando de mim.

Você não pode realmente arrombar uma fechadura.

Elsie sorriu. 'Você verá. Sou uma mulher muito engenhosa. Ela girou o grampo de cabelo entre os dedos enluvados. Fazia muito tempo desde que ela tinha feito isso. Não havia portas trancadas na fábrica hoje em dia.

Um tamborilar soou nos azulejos atrás. Ela olhou em volta e viu Jasper, correndo para se juntar a eles.

— Ah, abençoe-o. Sarah parou para esperar. Quando Jasper chegou ao nível dela, ele roçou sua perna, fazendo seu vestido suspirar.

— Que sorte você é, Sarah. Você tem um amigo firme lá. Era estranho, mas ela não parecia capaz de atravessar aquele corredor sem o gato. Ele estava guardando alguma coisa? Ou sua chegada significava que a Sra. Holt estava por perto? Uma coisa era deixar Sarah vê-la abrir uma fechadura; outra bem diferente é fazê-lo antes da governanta. — Venha então. Pressa. Devemos fazer isso enquanto a luz ainda está boa.

Ela viu a porta no final do corredor; três degraus rasos subindo até uma barreira de madeira lascada. Não parecia resistente. Ela não via como poderia conter um ninho de esquilos ou ratos. Certamente seus dentinhos vorazes já o teriam roído?

Ela estava prestes a subir os degraus quando Jasper passou por ela, miando.

'Cara tolo!' Ele parou diante da porta como tinha feito naquela noite, olhos verdes brilhando, e miou. Ela se virou para Sara. — Talvez seja bom tê-lo conosco. A Sra. Holt acha que pode haver algum tipo de roedor morando lá.

Sara estremeceu. 'Não tenha medo. Eles não podem te machucar. E o gato vai matá-los.

— Acho que não posso assistir a isso. Eu odeio ratos.

'Muito bem. Você fica aqui atrás, então, enquanto eu cuido da fechadura.

Jasper e eu passaremos. Ela fez uma pausa. Esperançosamente ela não estava prestes a fazer uma das descobertas esqueléticas que o Sr.

Underwood havia mencionado. 'Devo confessar, estou curioso para ver que tipo de animal está lá. Você não acreditaria no som estranho que eles fizeram.

'Oh! Mas eu ouvi, à noite. É *daqui* que vem? Sarah olhou para a porta com os olhos arregalados. Algo em sua expressão fez o estômago de Elsie apertar. 'Poderia - um animal poderia *produzir* esse som?'

Jasper miou e arranhou a porta. Era uma imitação monótona do *silvo* que ela ouvia à noite. Linhas brancas finas marcavam a madeira onde ele a preocupou ao longo do tempo. 'Jaspe. Venha embora.

Ele olhou para ela, seus olhos esmeralda inescrutáveis, sua pata suspensa.

Então ele bateu a porta novamente. Ela estalou entreaberta.

Sara deu um passo para trás. 'Veja! Está aberto.'

Elsie não podia acreditar em sua sorte. — A Sra. Holt deve ter escrito para Torbury St Jude pedindo um serralheiro. Não esperava que ela fosse tão rápida. Ela enfiou o grampo de volta sob o boné. — Vou explorar.

Nenhuma criatura saiu da abertura – isso era um bom sinal. Subindo os degraus, ela ficou ao lado de Jasper e espiou dentro. O ar estava parado e pesado. Não havia ratos, esquilos, esqueletos; apenas baús e móveis antigos. A poeira cobria todas as superfícies, grossas como veludo. "Sarah", ela chamou de volta. "É bastante seguro." Ela tossiu, depois espirrou.

"Bastante empoeirado, mas seguro."

Ela empurrou a porta e a viu balançar nas dobradiças com um gemido prolongado. Ela esperou que Jasper se lançasse na frente dela, mas em vez disso ele deu meia-volta e fugiu de volta. maneira que eles vieram. Ela riu; tossiu novamente. 'Gatos. São criaturas tão perversas, não são?

Ela deu quatro passos para dentro do quarto, sua bainha levantando uma nuvem de poeira. O sótão parecia como se o tempo tivesse parado por séculos. Teias de aranha enfeitavam os cantos, mas nenhum inseto se contorcia dentro delas; todos estavam mortos em casulos ou murchos e secos. Perto da parede mais distante havia um relógio que não tiquetaqueava mais. Seu rosto estava esmagado e as mãos penduradas em ângulos estranhos. Lençóis holandeses cobriam formas quadradas que poderiam ser retratos.

Ela caminhou até uma mesa ao lado da janela manchada. Estava cheio de livros de páginas amarelas. A poeira obscureceu os títulos. Com a ponta de um dedo, ela cutucou a pilha. Alguns volumes mais abaixo na pilha ainda tinham capas limpas. Tratados sobre jardinagem de dois séculos atrás.

Alguns blocos encadernados em couro que pareciam diários. *Herbal completo de Culpeper* e uma *história geral de Plantes* por Gerard. 'Sarah, entre!' Ela tentou não inalar muita poeira enquanto chamava. 'Não há ratos.

Mas há livros.

O rosto comprido de Sarah apareceu, pairando ao lado da porta. "Livros?"

— Sim, se você ainda consegue lê-los. Coisas velhas mofadas! Acho que alguns deles estão aqui desde a conquista normanda, pelo menos.

Sarah caminhou para o lado dela. 'Oh! Meu Deus.' Reverentemente, ela pegou os volumes com as pontas dos dedos. Marcas de maré embaçavam

algumas das páginas; outros eram amarelos e finos como casca de cebola.

'Recibos. Ingredientes. Uma lista de contas de ferrador. Ah, olha isso!

Dezesseis e trinta e cinco! Você acredita nisso?' Ela soprou para limpar a poeira da capa. “O Diário de Anne Bainbridge”. Dois volumes dele. Ora, ela deve ser uma de minhas ancestrais!

— Não muito interessante, se os diários dela estão apodrecendo aqui há duzentos anos — observou Elsie. Ela colocou um pé para fora e testou a tábua do assoalho. Ela rangeu, mas aguentou. 'Eu me pergunto o que poderia estar debaixo desses lençóis?' Ela jogou um de volta com um floreio. A poeira explodiu. Ambos engasgaram para respirar. Quando o ar clareou, revelou uma cadeira de balanço e uma pequena caixa que parecia uma loja de remédios de viagem de um médico. Elsie a abriu. Garrafas de vidro transparente com rolhas de cortiça chacoalhavam dentro. — Deve ter sido um boticário da família — disse ela. "O resíduo no fundo parece ervas."

Sarah se virou, segurando um livro contra o peito. 'Deixe-me ver.' Ela deu dois passos em direção a Elsie – então gritou.

Elsie deixou cair a garrafa que estava segurando. Ela se abriu e exalou um cheiro mofado e subterrâneo. 'O que? O que é isso?'

'Tem alguma coisa aí. . . Olhos.'

'Ah, não seja ridículo. . .' Sua voz diminuiu enquanto ela seguia o olhar de Sarah.

Sara estava certa. Olhos castanho-esverdeados espreitavam nas sombras no fundo da sala. Um lençol branco escondia a maior parte do rosto, mas ela podia ver as pupilas, voltadas para ela com um escrutínio antinatural.

'Uma pintura. É apenas uma pintura, Sarah. Olha, não pisca.

Elsie vasculhou a desordem, puxando e empurrando objetos para fora do caminho. A poeira cobriu seu vestido cinza, saindo da bainha em fitas. Os olhos pintados se acenderam quando ela se aproximou, como se cumprimentasse um velho amigo.

Elsie agarrou a ponta do lençol que cobria o retrato e o arrastou. O material se prendeu enquanto se movia, finalmente se soltando com um som de rasgo.

'Oh!' Sara chorou. 'Seu . . . Está . . .'

Sou eu , pensou Elsie com horror.

Era uma menina, uns nove ou dez. Um nariz de botão e lábios franzidos.

Olhos que simultaneamente acenavam e desafiavam você a se aproximar.

Ela estava olhando para o rosto da criança que tinha sido: a menina com sua juventude arrancada.

Como? Sua mente gaguejou e parou. O rosto diante de seus olhos era o dela, mas ela não sentia nenhuma afinidade com ele. *Vá embora* , ela queria gritar. *Vá embora, tenho medo de você.*

"Não é uma pintura", disse Sarah. — Isto é... é pintado, mas não é uma tela.

Parece ser independente. Ela largou o livro, empurrou para a frente e enfiou a cabeça nas costas da figura. 'Ah não. É plano. Mas tem um suporte de madeira, entende?

O campo de visão de Elsie se expandiu. O rosto encolheu em proporção e ela viu a garota pintada por completo. Na altura da cintura, como uma criança de verdade, a figura representada estava vestida de seda verde-oliva com guarnição de renda dourada. Um avental de tecido flutuava em torno de suas pernas. Ela não tinha cabelos loiros como Elsie; era marrom-avermelhado e empilhado em sua cabeça em uma espécie de pirâmide, enfiada com fita laranja e contas. Ela segurava uma cesta de rosas e ervas na cintura. A outra mão estava levantada, pressionando uma flor branca contra seu coração. Ela não era deste século; talvez nem do último.

'Notável.' Sarah descansou a mão no contorno de um ombro. As cores haviam desbotado com o tempo e havia pequenos arranhões na madeira. "É

como se alguém tivesse recortado a figura de uma pintura e a montado em uma tábua de madeira."

'Faz isso. . . Não te faz lembrar de ninguém?

Sarah mordiscou o lábio inferior. 'Um pouco. Ao redor dos olhos. Deve ser um dos ancestrais Bainbridge. Não podemos nos surpreender se ela se parecer um pouco com Rupert.

- Ruperto? ela repetiu incrédula. Mas então ela viu: apenas um sussurro, rastejando pela pintura lascada. *Ela se parece comigo e Rupert.* Seu coração parou. Seria assim que seu bebê se pareceria?

Sarah passou a mão pela borda de madeira do braço. 'Ela é linda. Devemos levá-la para baixo. Vamos colocá-la no Salão Principal. Podemos ser capazes de levantá-la entre nós. Se nós... oh! Ela saltou para trás. Um fragmento de madeira empalou sua palma. "Ai."

'Venha aqui.' Cuidadosamente, Elsie segurou os dedos de Sarah entre os dedos enluvados. – Cerre os dentes. Um dois três!'

A lasca deslizou para fora. Gotas de sangue brotaram da marca de punção; Sarah o levou à boca e chupou.

"Essas antiguidades desmoronam", disse Elsie. — Provavelmente é melhor deixar a coisa onde está.

— Ah, não, Sra. Bainbridge, por favor! Eu adoraria tê-la em casa.

Elsie estremeceu. "Bem, talvez você devesse pedir a um criado para movê-lo para você", disse ela com relutância. "Pele mais grossa."

Atrás deles, as tábuas do assoalho chiaram. 'Arrase!'

Elsie se virou. Mabel, a empregada, estava amassada ao lado da porta com as saias espalhadas sobre ela.

— Céus, o que você está fazendo, Mabel?

— Não há nada *que eu tenha* feito! A tábua do assoalho cedeu e me engoliu com o pé!

'Meu Deus!' Sarah correu para frente, seu próprio ferimento esquecido.

'Você está machucado? Você pode sentir o tornozelo?

'Sim, eu posso muito bem sentir isso! Dói como o inferno. Mabel mordeu com uma pontada de dor. 'Perder.'

Pegando um braço cada uma, Elsie e Sarah colocaram os ombros sob as axilas de Mabel e a libertaram. Um cheiro emergiu do buraco nas tábuas; algo cheirando a cinzas molhadas e decomposição.

Sentada no chão, Mabel estendeu a mão para cutucar o tornozelo. —

Rasgado até a minha meia. Sorte que a perna toda sangrando não saiu.

“É melhor irmos buscar a Sra. Holt”, disse Elsie. — Tenho certeza de que ela terá um cataplasma para colocar nele. O que você estava fazendo, Mabel, se esgueirando atrás de nós?

Mabel baixou o queixo sobre o peito. Ela parecia mais truculenta do que nunca. — Não quis fazer mal. Esta porta não está aberta desde que cheguei aqui. Perguntou-se o que havia dentro. Então eu ouvi a senhorita Sarah gritar, tipo. Achei que ela precisava de ajuda. Muito obrigado eu recebo por isso,' ela acrescentou amargamente.

— Estou muito grata — disse Sarah. — Venha aqui, vou enrolar sua saia no corte. Continue empurrando até que possamos prendê-lo com algumas bandagens. Ela se moveu com ternura, mas Mabel ainda gemia. — Que estranho você ter entrado naquele momento! A Sra. Bainbridge e eu estávamos prestes a buscá-la. Queríamos sua ajuda para levar nossa nova descoberta para o andar de baixo.

"Que descoberta?" Sarah apontou para a figura de madeira. Mabel olhou para cima e recuou. 'Sangrando' porra. O que é isso?'

'Mabel', Elsie disse, 'eu aprecio que você esteja ferido, mas isso não é desculpa para sua linguagem ruim. Por favor, lembre-se da empresa em que você está.

— Desculpe, senhora — ela murmurou, embora não parecesse arrependida.

— É que... nunca vi nada assim antes. O que é isso, uma foto?

'Não. Acreditamos que seja algum tipo de enfeite para o chão. Uma figura em pé. Não uma estátua ou uma pintura, mas algo intermediário.

'Eu não gosto disso.' A mandíbula de Mabel endureceu. 'Parece-me engraçado. Me daria arrepios, algo assim.

"Bobagem", disse Elsie. — Não é diferente dos retratos pendurados no corredor.

— É — insistiu Mabel. 'É desagradável. Não gosto.

A pele de Elsie se arrepiou. Ela mesma achou estranho, mas não estava disposta a admitir isso para um servo. — Não é necessário que você goste.

Você só precisa movê-lo para a Srta. Sarah e limpá-lo.

Mabel fez beicinho. Como se estivesse vindo em sua defesa, uma nova pulsação de sangue empurrou através do corte em seu tornozelo. 'Não posso fazer nenhuma limpeza agora, posso?'

Elsie suspirou. — Acho melhor eu ir buscar Helen.

Helen olhou para a figura de madeira, as mãos plantadas em seus quadris largos. Rugas apareceram ao lado de seus olhos enquanto ela apertava os olhos através da poeira. — Isso é novo, senhora?

'Novo?' Elsie ecoou. — Não, acho que é muito antigo.

'Não, senhora, eu quis dizer novo na casa. Tenho certeza de que o mestre tinha algo parecido.

Um espasmo nos músculos do ombro. Ouvir Rupert falar assim, como se ele ainda estivesse presente, ainda no comando aqui. — Ele nunca mencionou tal objeto para mim. Nós não tínhamos um em Londres, e se ele encontrasse um aqui. . . Bem, eu não vi outro pela casa, viu?

Helen deu de ombros e pegou a figura. — Não posso dizer que sim, senhora.

— Então, o que o faz supor que o Sr. Bainbridge possuía um?

— Ele era um bom homem, Sr. Bainbridge — disse Helen enquanto manobrava a figura de madeira passando pelo buraco no chão e saindo pela porta do sótão. — Nada de ares sobre ele. Ele costumava conversar comigo, quando eu estava tirando o pó na biblioteca. Um dia ele começa a me contar sobre figuras de Amsterdã, exatamente como esta. Disse que estava pesquisando em um livro.

Lá fora, no corredor, Elsie esmagou sua crinolina contra a parede para abrir espaço. 'De fato? Não consigo imaginar por que esse assunto o interessaria.

— Nem eu, senhora. Não perguntei, porque apenas presumi que ele possuía um.

Rupert sempre teve uma mente ativa e inquisitiva. Foi isso que o levou à fábrica de fósforos de Livingstone. Ele adorava a ideia de progresso e novas invenções. Ela não tinha percebido que ele estava interessado no passado também.

As palavras de Helen a fizeram se sentir melhor por levar a estranha garota de madeira para baixo. Podia ser inquietante, mas era outra ligação com Rupert. Ele mesmo poderia ter gostado da figura, se alguma vez tivesse aberto o sótão.

— O Sr. Bainbridge disse quais eram esses números, Helen?

'Chamou-os de companheiros. Companheiros silenciosos.

Os lábios de Elsie se curvaram. Ela olhou para o corredor onde Sarah apoiava uma Mabel mancando. — Você ouviu isso, Sara? Helen chama isso

de companheiro! A Sra. Crabbly poderia ter economizado seu dinheiro. Sua espécie foi substituída por estátuas de madeira.

'Oh, como você é mau!' Sara riu. “Eu adoraria ver um pedaço de almofadas roliças de madeira, ler poesia, tocar piano e fazer mingau. Se tivesse, eu mesma compraria um.

Helen puxou a manga para baixo sobre os dedos e enfiou o companheiro debaixo do braço. Estava deitado na horizontal, como se tivesse desmaiado.

"Por aqui", disse Elsie. — A Srta. Sarah quer no Salão Principal. Não muito perto do fogo, lembre-se. Ela pode cumprimentar nossos convidados quando eles chegarem.

— Convidados, senhora?

Ela fez uma careta. 'Você está certo. Acho que não teremos nenhum por um tempo.

'Oh!' Sarah parou no corredor à frente deles. — Sra. Bainbridge, você se importaria de voltar? Eu sinto muito. . . Deixei um dos diários para trás.

Com o acidente da pobre Mabel, esqueci de pegar o segundo volume. Eu adoraria ler a história do meu antepassado.

Elsie olhou por cima do ombro. Ela não queria ficar correndo para cima e para baixo; ela já estava cansada pelo esforço do dia. — Não pode esperar até mais tarde? Eu... Ela parou, confusa. A porta do sótão estava fechada.

Ela não tinha ouvido perto. “Helen”, ela repreendeu, “eu disse para você deixar a porta do sótão aberta. Deus sabe que precisa de um bom arejamento.

— Não fechei, senhora.

'Não fechou? O que você acha que é isso, então? Ela apontou para trás.

Helen estufou as bochechas vermelhas. — Desculpe, senhora. Não me lembro de ter feito isso.

Onde a Sra. Holt encontrou esses criados? ' *Vou* abri-lo', ela suspirou,

'enquanto vou buscar o livro da Srta. Sarah.'

'Muito obrigado, eu aprecio isso. Se você puder deixar no meu quarto, eu ficaria muito agradecida — chamou Sarah. — Pode ter um registro da visita de Carlos I! Vou colocar Mabel na cama. E talvez você possa ver se a Sra.

Holt...

— Sim, sim, vou buscá-la também. Ela voltou com passos agudos e irritáveis, sua crinolina saltando atrás dela. Qual era o sentido de ser dona da casa se você tivesse que fazer todo o trabalho sozinha?

Lembrando como Jasper tinha simplesmente aberto a porta, ela estendeu a mão enquanto se aproximava do sótão. Sua palma bateu com força na madeira; seu ombro sacudiu para trás. Ela grunhiu e tentou novamente, usando um pouco mais de força. A porta não se mexeu. 'O que?' Ela alcançou a maçaneta; sacudiu de um lado para o outro. Não iria virar.

'Condenação.'

Deve haver algo no trinco que prendeu - era por isso que ele havia travado antes. Eles precisariam de alguém para substituir o mecanismo, ou talvez encaixar uma porta totalmente nova. Mais um trabalho a ser feito.

Cansada, Elsie refez seus passos e começou a longa descida até o térreo.

Realmente, ela não estava se sentindo totalmente bem. Deve ser esta casa: o peso dela pressionando-a. Depois de falar com a Sra. Holt, ela se deitaria.

Ela passou por Helen no Salão Principal, ajustando o acompanhante ao lado da janela. "Pensei em colocá-la aqui", Helen sorriu, "para que ela possa ver." Ela inclinou a cabeça. — Parece um pouco com você, sim, senhora.

Na luz mais forte, a semelhança da garota de madeira com Elsie *era* mais pronunciada. Isso fez a pele de seu couro cabeludo formigar.

'Um pouco. Não é estranho? Dando uma última olhada, ela atravessou para a ala oeste e desapareceu pela porta de baeta verde dos aposentos dos empregados.

Deste lado da parede, o ar estava espesso com cheiros misturados de sabão, cinzas e gordura queimada. Um labirinto de paredes nuas e a pedra penetrava mais fundo na casa, o caminho apenas visível através da luz oleosa.

O quarto da Sra. Holt estava marcado *Governanta* com letras brancas. Elsie bateu na porta – a segunda vez hoje que ela bateu para entrar em um quarto em sua própria casa.

'Entre.'

Ela se espremeu em uma sala com uma atmosfera que a lembrou de sopa de ervilha. Uma única lâmpada ardia sobre a mesa, lançando um brilho anêmico sobre os papéis e gavetas da Sra. Holt. A governanta virou-se em sua cadeira de madeira simples e, ao ver sua patroa, pôs-se de pé. — Ora, Sra. Bainbridge! Isso é inesperado. Por favor entre.'

Uma mesinha estava posta para o chá com xícaras azuis e brancas. Elsie sentou-se aliviada. Ela estava muito envergonhada de seu cansaço para pedir uma bebida, mas desejou que a Sra. Holt oferecesse uma.

— Eu ia ver você — confessou a sra. Holt enquanto arrumava os papéis em sua mesa. — Acabamos de receber uma entrega de Torbury St Jude e gostaria de consultá-lo sobre os cardápios que elaborei.

'Tenho certeza de que eles se encaixarão perfeitamente bem. Vamos viver muito sossegados, Miss Sarah e eu, até que o Sr. Livingstone volte.

— Espero que sim, madame. Mas isso não é motivo para não saborear sua comida.

'Muito verdadeiro. Na verdade, Sra. Holt, enquanto estou aqui embaixo. . .

Há um assunto que preciso discutir com você.

'Sim Madame?'

Era apenas a Sra. Holt olhando para ela com aqueles olhos amarelos e turvos, então por que parecia uma luz furiosa em seu rosto? Ela engoliu em seco, sem saber como começar. Isso não era nada para se envergonhar, ela lembrou ela própria. Este bebê foi concebido honestamente, por mais ilegítimo que possa parecer. 'Em breve precisaremos de . . . pessoal extra.

No entanto, Mabel me fez acreditar que nenhuma pessoa de Fayford consentiria em trabalhar nesta casa?

"Ah." As rugas no rosto da Sra. Holt se aprofundaram. Elsie acenou para ela se sentar. — É uma situação muito estranha, madame. Houve uma longa disputa entre a aldeia e a família – que remonta, eu acho, até a Guerra Civil.

Eles acreditam que uma de nossas senhoras era uma bruxa, ou alguma outra coisa boba.

Elsie olhou para a toalha de mesa e suas pequenas coroas de flores bordadas. Quando Mabel disse que os aldeões tinham medo da casa, ela imaginou fantasmas e duendes, não uma bruxa. Mas todos sabiam que naquela época as mulheres podiam ser, e muitas vezes eram, acusadas de feitiçaria por todo tipo de coisa. — Você pelo menos tentou recrutar em Fayford, Sra. Holt?

'Ai sim. Mas você vê que meu caso não foi ajudado pela família Roberts.

Um deles era um lacaio aqui na virada do século e sofreu um acidente

infeliz.

— O que você quer dizer com *acidente* ?

A Sra. Holt pressionou a mão no peito e ajustou um broche de camafeu.

“Ninguém sabe ao certo como isso aconteceu. A pobre alma caiu da galeria para o Salão Principal. Quebrou o pescoço, é claro. Uma grande tragédia.

Mas alguns dos Roberts afirmam, mesmo agora, que ele foi pressionado.

'Por quem?'

— Bem, aquele mestre em particular perdeu a esposa logo depois. Há uma história sobre o homem Roberts ser o admirador da esposa. . . Você sabe como são essas coisas. A Sra. Holt acenou com a mão. A carne sobre ele era como pele de galinha. 'Um marido ciumento, se vingando.'

'Pela minha palavra, a aldeia parece cheia de histórias, e todas elas sobre nós.'

A Sra. Holt sorriu. — Gente do campo, madame. Eles devem ter algo para manter as noites de inverno ocupadas. Mas não tenha medo. Tenho certeza de que encontraremos excelentes trabalhadores em outros lugares, tanto para sua casa quanto para seu jardim.

— Esperemos que sim. Limpando a garganta, ela continuou: — Veja, tenho motivos para ser exigente com minha equipe. Em breve haverá – quero dizer, na primavera – tenho motivos para esperar que possa haver. . .' Calor correu para seu rosto. Não havia maneira delicada de dizer isso.

— Você não quer dizer. . . Abençoe-me, Sra. Bainbridge, está me dizendo que torceu o tornozelo?

Torceu o tornozelo . Ela não ouvia essa expressão há anos – uma frase comum, mas funcionou. 'Sim. O bebê deve chegar em maio. Foi inquietante ver as lágrimas brilhando nos olhos da velha senhora. Envergonhada, ela se apressou. — Vou precisar de babás e também de uma nova criada para mim.

Pretendo ir a Torbury St Jude e visitar o cartório. Foi lá que você encontrou Mabel e Helen?

A Sra. Holt abriu a boca. Fechou. 'Eu... eu não tinha um grande salário para oferecer, madame. E dada a natureza deserta do espólio, sem família residente nem oportunidade de progressão. . .' Ela se contorceu na cadeira.

— Achei melhor levar as meninas do asilo, madame.

"O asilo", ela disse sem rodeios. Claro, isso explicava muito. 'Suponho que eles não tiveram nenhum treinamento formal?'

A Sra. Holt corou. 'Helen fez.'

— E como exatamente Helen saiu do serviço?

Mais uma vez, a Sra. Holt brincou com seu broche. "Eu não perguntei sobre isso."

— Devo dizer que estou surpreso que você possa pensar que tais mulheres sejam adequadas para um emprego em minha casa! Você não sabia nada de seus personagens. Como você verificou se eles eram honestos? E como posso confiar neles perto do meu filho? Mabel é uma influência terrível. Ela deixou bandejas de comida sujando meu quarto. A linguagem que ela usa, sua incapacidade de fazer reverências – não posso arriscar que meu filho copie tal comportamento!'

'Só posso pedir desculpas. Vou falar com ela, senhora. Eles não estão acostumados a servir a uma amante e talvez eu tenha sido muito mole com eles no passado. Ela respirou fundo. — Mas achei a limpeza geral e a culinária bastante satisfatórias.

— Gostaria de poder dizer o mesmo. A quantidade de poeira no corredor marrom é fenomenal. Eu até encontrei *serragem* , de todas as coisas, nas escadas – de onde isso poderia ter vindo? Alguns dos tapetes parecem que nunca foram batidos, o que não consigo compreender quando o quarto do bebê está em tão perfeita ordem.

A cabeça da Sra. Holt se ergueu. 'A enfermaria?'

'Sim. Esse é um quarto que felizmente não precisarei preparar. Está praticamente pronto para meu filho.

A Sra. Holt olhou para ela estranhamente. — Talvez tenha havido alguma confusão. As meninas raramente vão ao berçário.

— Você está enganada, Sra. Holt. Eles até escovaram o cavalo de balanço e organizaram festas de chá de bonecas.

'Caro eu.' A Sra. Holt balançou a cabeça. 'Eu não fazia ideia. Helen me disse que tinha medo daquele quarto. Tudo estava coberto com folhas de poeira.

— Não esta manhã. Venha, vou lhe mostrar. Ela ficou.

A Sra. Holt também se levantou, segurando as chaves penduradas na cintura. "Eu quase nunca vou lá", ela confessou. As escadas dos empregados levam ao patamar do lado de fora. Se você não se importar?'

'De jeito nenhum. Sou perfeitamente capaz de subir as escadas dos criados.

Elsie falou corajosamente, mas tinha motivos para se arrepender. Não havia espaço para sua crinolina; emperrava e se projetava atrás dela em uma cauda pesada que ela arrastava de degrau em degrau.

Eles emergiram no patamar que ela cruzou com Sarah mais cedo naquele dia. Ela seguiu a Sra. Holt até a porta. Mais uma vez, aquela sensação tensa *É*

e inquieta a manteve cativa. *É apenas um berçário* , disse a si mesma. *Não há necessidade de chorar.*

A Sra. Holt sacudiu as chaves na cintura e enfiou uma na fechadura. Ele clicou quando os copos se moveram.

— Mas não estava trancada quando... Não podia estar. Simplesmente não era possível.

A sala arejada e perfeitamente cuidada havia perecido. Cortinas esfarrapadas cobriam as janelas, admitindo apenas fagulhas de luz. As bonecas sumiram. A arca se foi. Restavam alguns baús de brinquedos, mas estavam cobertos pela poeira de incontáveis anos. Grandes lençóis brancos, como os do sótão, formavam formas irregulares onde o cavalinho de balanço e o catre estavam. Rust avistou a cortina de fogo e a cama de ferro.

A Sra. Holt não falou.

— Eu... não é... As palavras fervilharam em sua boca, mas ela não conseguiu formar nenhuma delas. Como isso poderia ser? Caminhando até o berço, ela pegou o lençol. 'Aqui mesmo, havia o mais bonito. . .' Ela engasgou. Enquanto o lençol deslizava para longe, um cheiro de mofo de cânfora brotou. A forma do berço perdurou, mas as delicadas cortinas estavam carcomidas e manchadas.

— Achei que as meninas não se incomodariam muito — disse a sra. Holt com cuidado. 'É um lugar triste. Não é aberto, exceto por uma varredura a cada poucos meses, desde que os pequenos foram.

Elsie olhou para ela. O berçário tinha sido glorioso. Ela não poderia ter imaginado as coisas que tinha visto. Sarah também estava lá – ela havia empurrado o cavalo.

— O que... o que você disse? Os pequeninos?

Chaves de metal bateram juntas quando a Sra. Holt mudou de posição. —

Sim, Deus os abençoe.

"De quem são os pequeninos?"

— O... o mestre e a senhora. Isto é, os pais do Mestre Rupert. Ele era o terceiro filho... ou pelo menos foi o que me disseram.

Elsie se encostou no berço. Ele rangeu. — Você conhecia os pais de Rupert? Antes de morrerem?

— Sim, senhora. Eu fiz.' De repente, ela parecia mais velha e profundamente triste. — Trabalhei para eles em Londres. Apenas uma moça eu era, então. Viu Mestre Rupert ser entregue. Sua voz ficou rouca. — Ele...

ele foi o primeiro dos bebês a nascer longe da Ponte. Os outros morreram, disseram, antes da mudança. Essa foi a razão pela qual eles se mudaram

para Londres. Ela desviou o olhar. — Você pode imaginar como seria morar em uma casa onde você perdeu um filho.

'Os outros bebês *morreram* ?' Elsie olhou para o berço em decomposição e sentiu-se mal. Ela soltou a borda e ela balançou, vazia. Deus, que herança para seu bebê: uma mãe nervosa e um berçário da morte. — Sra. Holt, não quero incomodá-la. Mas... Ela deu um passo hesitante em sua direção. —

Você foi uma das últimas pessoas a ver meu marido vivo. Ninguém me disse exatamente como ele morreu. Ele não escreveu que estava doente. Ele foi levado, de repente?

A Sra. Holt tirou um lenço e enxugou os olhos. 'Ah, senhora. Foi um choque para todos nós. Ele parecia saudável e saudável – talvez um pouco preocupado. Fiquei com a impressão de que ele não estava dormindo. Mas ele não parecia morrer!'

'E então . . .?' Ela prendeu a respiração.

— Helen o encontrou. Deu um grito que nunca vou esquecer. Congelou-me até os ossos, deu.

'Mas *como* ? Como ele morreu?'

— Em paz, senhora, não se preocupe. Tranquilamente. Na cama dele, bem aconchegado.

"Não é *minha* cama?"

'Não não. O quarto ao lado. O legista pensou que era seu coração. Eles podem desistir de repente, disse ele. Às vezes, uma pessoa carrega um coração doente por toda a vida e ela nunca sabe até... bem, *ela* nunca sabe.'

Então o coração que era tão caloroso e gentil havia se queimado. Ela suspirou. “Espero que não tenha havido muita dor. Eu vi estilhaços, perto de seu pescoço. Você tem alguma ideia de como eles chegaram lá?

A Sra. Holt estreitou os olhos. 'Estilhaços? Não sei, senhora. Às vezes esses embalsamadores fazem coisas estranhas. Mas sobre como Helen o encontrou, não parecia que houve uma luta. Uma convulsão repentina, talvez. Seus olhos estavam abertos. Uma lágrima vazou de seu olho e fez afluente de

uma de suas rugas. — Eu vi os olhos dele abrirem, madame, e os fechei para ele. Deus nos perdoe, que mundo é este.'

"Um mundo cruel para os Bainbridges." Elsie pensou por um momento. —

Mas Sra. Holt, você disse que estava presente quando Rupert nasceu em Londres. Como você veio parar aqui?

Ela deu um tapinha nos olhos e dobrou o lenço, olhando para ele. — Isso foi obra do mestre.

— O pai de Rupert?

'Sim.' Ela hesitou – Elsie pensou que estava escolhendo suas palavras com cuidado. 'Ele gostava de mim. Eu o ajudei com a senhora. Ela estava mal, o pobre amor. Nunca realmente se recuperou do nascimento. Pouco antes de perdê-la, ela teve o noções mais estranhas sobre este lugar. Costumava tagarelar sobre isso com uma espécie de . . . tristeza selvagem.

— O que você quer dizer com noções estranhas?

A Sra. Holt balançou a cabeça. 'Eu não sei. Não poderia fazer muito sentido. Ela costumava falar muito sobre este berçário e o cavalo de balanço. Todos rabiscos. Mas depois que ela se foi, pensamentos sobre isso também perturbaram o mestre. É por isso que ele me pediu para vir. Disse que a mulher dele descansaria mais sabendo que alguém estava de olho na casa. O traço de um sorriso brincou nos cantos de sua boca entre colchetes.

'Eu não queria ir. Não queria deixar o pequeno Rupert quando estava aprendendo a andar. Mas o mestre me convenceu, no final.

'Quão?'

Ela riu. Bajulação. Bajulação e suborno, o que mais? Para uma garota tão jovem ser promovida a governanta – essa não é uma oportunidade que você rejeita. Não se você quiser manter sua mãe na velhice. Ele era um homem duro e estranho era o Sr. Bainbridge, mas ele disse a coisa mais curiosa.

Ficou comigo desde então. “Aquela casa precisa de alguém jovem e puro”, ele me disse. “Alguém bom. Sem amargura. Você deve ser seu anjo, Edna.

Bobo, não é? Mas isso me tocou. Eu sempre tentei, desde aquele dia.

Tentou ser o anjo que ele achava que eu era.

Elsie mordeu o lábio novamente. A pele estava quente e em carne viva.

'Não. Não é bobo. Mas por que Rupert não veio morar com você depois que seu pai morreu? Faria sentido ele vir aqui.

— Eu teria gostado disso. A Sra. Holt olhou com carinho para a forma do cavalo de balanço em sua mortalha. — Mas a família por parte de mãe o acolheu. Pessoas da cidade. Não tive tempo para passeios no campo.

— Mas todo esse tempo! Eles nunca ficaram curiosos para ver a casa?

— Bem, eles eram do povo de sua mãe. Eles sabiam sobre os outros pobres ácaros morrendo aqui, e como ela tagarelava sobre o lugar. Não achava que ela os perdoaria se trouxessem seu filho de volta.

Parecia absurdo que ninguém tivesse tentado reivindicar a casa por todo esse tempo. Nenhuma conexão à espreita, quatro vezes removida. “É

espantoso como uma família pode ser azarada. Três filhos e nada resta.

A Sra. Holt limpou a garganta. 'Exceto . . .'

Exceto seu próprio bebê. Ela colocou a mão na barriga. A náusea voltou.

— Fui muito negligente, Sra. Holt. Toda essa conversa sobre a família de Rupert me fez esquecer minha missão original. Vim lhe dizer que Mabel machucou a perna. Ela estava me seguindo no sótão.

— O *sótão* , madame?

'Sim. Há outra coisa que esqueci. Eu deveria te agradecer. Foi tão bom você escrever depois que conversamos. Mas quem quer que você tenha entrado

terá que voltar, temo. A porta está emperrada de novo.

A Sra. Holt a olhou como se tivesse brotado uma segunda cabeça. 'Não entendo . . .'

– A porta – repetiu Elsie. — A porta do sótão. Você tinha alguém vindo de Torbury para abri-lo e ele ficou preso novamente. Preciso que você escreva outra carta para eles.

— Mas... mas não posso. Acho que deve haver algum engano...

— Pelo amor de Deus, por quê? Por que você não pode trazer a pessoa de volta?

A Sra. Holt se encolheu. — Porque, madame, nunca escrevi para Torbury St Jude.

A PONTE, 1635

Um dia fortuito para começar meu novo diário! Josiah está em casa cedo e traz as melhores notícias.

Jane estava enrolando o cabelo curto em volta da minha testa em cachos quando ouvi uma batida na ponte.

"Pare", eu disse. 'Ouvir. É Josiah.

— Não, ainda não pode ser o mestre. Ele não estará de volta até a semana que vem.

— É — insisti. 'Eu estou certo disso.'

Ela me deu o olhar que eu me acostumei. Sua mão se contorceu ao lado do corpo, como se desejasse fazer o antigo sinal contra a feitiçaria. Mas ela não disse uma palavra enquanto eu me levantava e saía correndo do meu quarto para a sala de verão. Lá fora, a névoa estava alta. Forcei os olhos para a janela, certa de que ainda podia ouvir: o baque do coração do meu marido.

A cor vibrou na massa de nuvens. Eu pressionei minha testa no vidro, para ver melhor. sim. Um pequeno retângulo ondulando azul e amarelo, entrando e saindo da neblina. Nossa bandeira.

O som das batidas cresceu e se transformou na batida constante de cascos.

'Eu sabia!' Eu chorei, correndo de volta para o meu quarto. — O arauto está abaixo. Prepare-se.

Jane saltou como uma corça. — Bem, me abençoe. Ela colocou uma gola de renda em volta dos meus ombros e vestiu suas mangas de linho. — É

melhor eu ir avisá-los nas cozinhas. Quer que eu termine seu cabelo, senhora?

— Não, não há tempo. Josiah quer falar comigo imediatamente. Seu olhar se desviou. — Isto é, eu espero que ele vá. Ele costuma fazer isso.

Embora eu faça o meu melhor para esconder isso dela, Jane fica com medo toda vez que meu dom se manifesta. Não posso negar que é estranho –

sempre ouvi coisas, sempre senti coisas. Mas quando leio os pensamentos de Josiah não é feitiçaria – a menos que o amor seja um feitiço. Eu simplesmente o conheço por completo.

Não fiquei muito tempo depois que Jane saiu do quarto. Verificando o conjunto de minhas fitas uma última vez, corri pelo corredor e desci as escadas, levando-os aos pares. Ao passar pelo primeiro andar, chamei para

dizer a Hetta que o pai dela estava em casa. Eu deveria ter ido buscá-la pessoalmente, mas fui egoísta. Eu queria Josiah só para mim.

Mandei os criados acenderem o fogo na sala de jantar. A luz brincava nas tapeçarias e destacava os fios dourados. Achei que Josiah iria tomar um refresco depois de sua viagem, então me certifiquei de que havia vinho apimentado e uma coleção de pequenos pratos para agradar a sua fantasia: pão, queijo, carnes frias e uma bandeja de doces. Ficou mais atraente em nossa nova mesa de mogno. Mas quando meu marido entrou, gotas de chuva

caíram em seu gibão e sua capa de lã fumegante, ele não prestou atenção à comida. Marchando direto para mim, ele colocou as mãos em cada lado da minha cintura e me levantou do chão.

'Bem conhecido, meu amor!' Ele me colocou no chão e me deu um beijo estalado. — Você consegue adivinhar por que voltei?

— São boas notícias da corte, aposto. Eu nunca vi você sorrir tanto.

Seus olhos brilharam. — Com razão, Anne. Você realmente não consegue adivinhar? Eu balancei minha cabeça. 'Ele está vindo. O rei está chegando.

Devo ter ficado pálida, pois sua risada explodiu. — *Agora não* , querida.

Você terá bastante tempo para se preparar. O rei e a rainha vão parar aqui por uma noite em seu progresso de verão.

Por um momento só consegui segurar sua mão enluvada. 'Abençoado Deus.

Isto é . . . notável. Que honra. É tudo pelo que trabalhamos. Como, como você conseguiu isso?'

Seriam as pétalas de crisântemo que coloquei no vinho dele para dar sorte?

A baía deixa debaixo do travesseiro para a intuição? Pois enquanto Josiah tenta criar nossa família na corte, eu também estou trabalhando, ocupado em minha despensa. Eu, de todas as pessoas, nunca subestimarei a força das plantas.

Rindo mais uma vez, ele tirou as luvas e sentou-se à mesa. — Conseguimos juntos, Anne. Eu lhe disse que esta casa era apenas o começo.

Ele me disse . Desde que juntamos o dinheiro para construir uma grande propriedade rural, Josiah tem insistido que A Ponte será a nossa criação. Eu não tinha ideia de que isso aconteceria tão cedo.

Ele pegou um pedaço de pão e o mordeu. 'Já fizemos nosso nome. Este ano eles ficam uma noite, mas quem pode dizer do próximo ano? Se eu obtiver

um título. . . Talvez seremos convidados para o Natal na corte. Talvez a Rainha goste de você e lhe ofereça um lugar em sua casa.

Em todas as minhas visões mais loucas, nunca imaginei isso. — Enquanto o rei o estimar, não tenho mais nada a desejar.

'Não refreie seus sonhos, Anne!' Ele pegou uma jarra de vinho. 'Não há como dizer até onde podemos subir. Vamos derrubar os garotos – mostrar que garotos bons e robustos nós temos. Eles fariam do rei bons noivos do quarto de dormir ou cavalheiros arrumadores, um dia.

— É provável que ele os considere?

'Quem pode dizer? Não há limite para o sucesso que uma família titulada pode alcançar. Com as conexões de minha mãe e suas habilidades, faremos uma reputação para nós mesmos. Olhe para os Villiers!

— Não — eu disse bruscamente. 'Não, não seremos como os Villiers.' Ele fez uma pausa em sua refeição, olhando para mim. Tentei sorrir, mas era muito pequeno. — Lembre-se do que aconteceu com o duque.

Ele jogou o pedaço de pão de volta no prato. Migalhas grudaram em sua barba. — Não se preocupe, Anne, não pretendo me tornar o próximo duque de Buckingham. Duvido que tenha havido um tolo mais vaidoso e irresponsável na Inglaterra. Tudo o que quero dizer é que ele estabeleceu o padrão. Ele nasceu um ninguém e, quando encontrou seu fim, era mais rico que o próprio rei. Tudo é possível. E me parece que é nosso dever conseguir o que pudermos para nossos meninos.

— Vou escrever para contar a eles imediatamente. E eles vão exigir roupas novas! Só Deus sabe o quanto eles cresceram. Precisaremos medi-los novamente.

Josias riu.

'Eu poderia escrever uma máscara para eles se apresentarem diante da Rainha!' Sempre desejei experimentar o teatro e a pompa de uma máscara da

corte. Dizem que a própria Rainha dança neles, fiada nos trajes mais luxuosos.

— Sim, posso ver nosso James subindo no palco para recitar um poema.

'E Hetta – ela será a ninfa que—'

Josiah limpou a garganta. Ele tomou outro gole rápido de vinho antes de dizer: — Ainda não decidi que papel quero que Henrietta Maria desempenhe nesta visita.

Meu estômago se apertou, como sempre acontece quando as pessoas mencionam minha filha. Josiah nunca a chama por seu apelido, Hetta; é sempre formal, sempre Henrietta Maria com ele.

'O que você quer dizer? Certamente ela estará envolvida tanto quanto os meninos?

“Enquanto ainda estamos nos apalpando com o casal real, preparando tudo para impressionar. . . Seria melhor não chamar a atenção para sua pequena...

aberração.

A culpa nauseante tomou conta de mim. Eu disse a mim mesma para não estalar, para não responder rápido demais. Mas é claro que eu fiz. — Não há nada de errado com ela!

— Você sabe que isso não é verdade.

O pânico me pegou como urtigas; Eu tinha certeza de que de alguma forma ele veria através de mim. Veja através da verdade. — Não entendo por que isso deveria afetar o papel dela na visita. Ela é nossa filha. Ela merece todas as vantagens para seu futuro, assim como os meninos.

— Vou pensar nisso. Rápido como uma nuvem em um dia ventoso, seu humor mudou. A sombra do desejo escureceu seus olhos. 'Chega por agora.

Venha, sente-se ao meu lado. Senhor, Anne, senti sua falta.

Na primeira chance que se ofereceu, corri para ver Lizzy. Uma vez ela foi minha enfermeira, e ela cuidou de todos os meus filhos. Ela esteve presente em todos os momentos significativos da minha vida. Eu queria que ela compartilhasse minha alegria com isso, o auge de nossa conquista. Mas ela só me fez mais infeliz.

Encontrei Lizzy e Hetta lendo livros na sala de aula. Sala de *aula* , como eu chamo – na verdade, parecia mais um antro de fadas do que um lugar de aprendizado quando entrei. Vasos de plantas cobriam todas as superfícies.

Cestas transbordavam de hera e pervinca, arrastando sua folhagem sobre as estantes. O pardal de estimação de Hetta pulou em sua gaiola e cantou uma música. Não é um ambiente sóbrio ou reflexivo, mas Hetta se recusa a estudar se não houver vegetação ao seu redor.

Hoje ela estava lendo *Culpeper's Complete Herbal* , seu livro favorito. Não pode ser coincidência, o interesse dela pelo mundo natural? Não com esses olhos: marrom misturado, verde e amarelo como uma tisana; ou com aquele cabelo, ruborizando cada tom de outono.

Lizzy levantou-se imediatamente para me cumprimentar, mas Hetta apenas ofereceu aquele meio sorriso tímido que nunca alcança seus olhos. Isso não é culpa dela, é claro – é minha. Uma medição incorreta, uma palavra tropeçada. Ela não é responsável pelos meus erros.

"Hetta, querida", eu disse. 'Talvez você pudesse ir e fazer algum desenho?

Mamãe precisa falar com Lizzy.

Obedientemente, ela trotou para o assento da janela. Puxando seu papel e lápis, ela se sentou, olhando para uma página em branco.

'Ela vai desenhar flores,' Lizzy adivinhou com uma risada. "Sempre flores."

Ela se sentou mais uma vez em sua cadeira de balanço, ajustando a parte

preta em volta dos ombros. 'Olha para ela! Você não vê um pouco mais de Mary em seu rosto todos os dias?

Era isso que eu queria, com certeza. Mas é estranho ver as feições da minha irmã morta nessa garota tímida e silenciosa. Maria sempre foi cheia de vida.

— É uma semelhança notável, de fato.

— Mas você queria falar comigo em segredo? Que notícias?

Eu finalmente deixei o sorriso quebrar no meu rosto. 'Oh Lizzy, eu tenho uma notícia *maravilhosa* . Eu sou a mulher mais feliz viva.

Ela sorriu, como sempre faz quando estou feliz. 'O que é isso, criança? Não pode ser . . .' Seus olhos dispararam para o meu estômago. 'Não não Isso.

Um milagre é suficiente.

'Não!' Afastei os vincos do meu corpete. 'Muito melhor. Josias está em casa.

Ele me disse para me fazer pronto. O Rei e a Rainha estão chegando no verão! Vindo aqui!'

O sorriso murchou em seus lábios. 'Aqui? O rei e a rainha?

'Sim!' Perto da janela, Hetta começou a desenhar, a cabeça inclinada para o lado. Baixei a voz. - E agora, Lizzy? Por que você parece infeliz?

Ela apertou minha mão; seus dedos ossudos e velhos pressionaram os meus.

— Oh, estou feliz por *você* , querida. Pelo menos, eu acho. . .' Ela balançou a cabeça grisalha. — Posso lhe dizer a verdade?

'Sempre.'

'Eu não acho que eles serão bem recebidos na aldeia.'

A aldeia: não tinha pensado nisso. Os homens atarracados e precisos de Fayford com suas roupas de tabuleiro de xadrez. Eu não tenho aquecido em relação a eles. Quando compramos este terreno para construir a Ponte, chamei os trabalhadores com unguentos para as mãos rachadas. Eles se afastaram de mim com aversão. Eles desconfiam da minha habilidade com as

plantas, olham para mim de soslaio, e por isso me mantive afastado desde então. Com um talento como o meu, devo tomar cuidado. Acusações espúrias podem prejudicar muito mais do que meu orgulho.

'Os aldeões podem ser insolentes com a nobreza, Lizzy, mas certamente com o rei deles...?'

— Eles não. Eles não têm respeito pelo rei. Você não se perguntou por que eles não gostam da nossa família? O mestre serve a um rei que drenou os pântanos, e todos eles esperam que ele vá atrás de mais dinheiro do navio em breve.

'Fié! Esse imposto não se aplica a nós. Não somos um distrito costeiro.

' Dinheiro do navio *interior* .' Lizzy encolheu os ombros, infeliz. 'Foi proposto. Você pode imaginar? Tenho medo de pensar na cena na aldeia se isso acontecer. Eles vão jogar legumes em Sua Majestade quando ele passar.

'Eles não ousariam! Pare com isso, Lizzy, você está me assustando.

'Eu só falo a verdade.'

— Então terei que encontrar uma maneira de trazer a corte aqui sem que eles passem por Fayford. Mas realmente, não consigo ver por que deveria.

É a aldeia do Rei. *Seu* país. O lápis de Hetta parou. Respirei fundo e começou de novo. — Não prevejo que o rei Charles exija mais dinheiro do navio, Lizzy. Ele não pode ser muito pobre de bolso. Josiah estava me contando sobre o novo teto a ser pintado na Banqueting House e o projeto de construção da rainha em Greenwich.

— Ah, sim — ela disse sombriamente. — Ele vai gastar dinheiro com suas ninharias. É isso que deixa as pessoas tão zangadas.

Olhei para ela novamente. — Você parece concordar com os puritanos de Fayford, Lizzy.

— Não posso dizer que gosto da ideia da realeza invadindo aqui. Você sabe

— ela sussurrou — que ela é uma megera papista.

'Lizzy!' Heta olhou para cima. Inclinei a cabeça e baixei a voz novamente.

— A rainha pode ser católica, mas não é uma megera. Você não deve dizer essas coisas. Devo lembrá-lo de que minha filha tem o nome da rainha Henrietta Maria?

- Não gosto disso - repetiu Lizzy. — Ela em sua casa, cantando seus feitiços papistas e bobagens. Especialmente com a criança tão suscetível.

'O que você quer dizer? Hetta não é simples; apenas mudo. Ela não vai vender sua alma ao papa só porque vê uma bela rainha católica.

'Mesmo assim. Uma criança inocente, na mesma casa! E o Rei! Ora, você sabe o que as pessoas diziam sobre ele e o duque de Buckingham.

'Eu não vejo que fofoca...'

'Quem aguentaria? Um papista e um sodomita sob o mesmo teto que nossa preciosa menina.

'O suficiente!' Levantei-me tão de repente que minha cadeira guinchou.

Hetta congelou, a ponta do lápis tremendo no papel. – Segure a língua, Lizzy – sibilei. — Não vou tê-lo, não em minha casa. Ele é o seu Rei. Você vai falar dele com respeito.

O rosto de Lizzy se fechou: 'Sim, senhora.'

Eu tinha feito isso de novo. Eu a havia tratado como uma amiga e depois a empurrei de volta ao papel de serva. Eu sempre faço isso, e eu sei que ela se ressente. Mas o que mais eu poderia dizer?

Somos dependentes do Rei. Josiah tem sangue fino - sua mãe era uma condessa viúva antes de se casar com seu pai sem título - mas apenas a recompensa do rei pode estabelecer o nome Bainbridge. Só o rei pode dar ao meu marido o título de cavaleiro que ele tanto deseja. Não posso, não *posso* permitir que alguém da minha casa espalhe uma vil traição. Só no ano

passado ouvi falar de um homem que teve as orelhas cortadas por criticar a família real. Lizzy iria querer que eu sentasse e deixasse isso acontecer com ela?

A PONTE, 1865

Haviam dois.

Elsie olhou de um para o outro, procurando uma pista em seus inescrutáveis rostos de madeira. Uma sorrindo seu sorriso de garotinha; o segundo, o intruso, um rapaz vestido para trabalhar no campo. Ele olhou para a direita, encostado no cajado de um pastor. O cabelo preto se espalhava por baixo do boné, emoldurando um rosto sombrio e bronzeado.

'Quem é Você?' ela perguntou em voz alta, como se ele pudesse responder.

Havia algo de desagradável no menino. Ele parecia indigno de confiança, rebelde.

'De onde você veio?'

Talvez Helen o tivesse encontrado no sótão? Mas não – o sótão estava fechado. Não foi? Sua mente vacilou. Depois do estranho negócio com o berçário, ela não podia ter certeza de nada.

Ela piscou rapidamente, esperando que um movimento das pálpebras mostrasse que o cigano se foi e apenas a garotinha com as flores estava ao lado de sua janela. Mas não adiantou: ele ficou parado.

Inquieta, ela virou as costas e caminhou em direção às escadas. Ela não mencionaria este novo companheiro para ninguém ainda – não até que ela tivesse certeza. Ela já tinha feito papel de boba na frente da Sra. Holt.

Talvez fosse a dor que a fazia ver as coisas? O luto funcionava estranhamente na mente – as pessoas sempre diziam isso. Mas depois de tudo que ela tinha sofrido, não parecia provável que a morte de Rupert fosse o peso para desequilibrá-la.

Suas saias inflaram enquanto ela subia as escadas; ela os ignorou, ignorou a pátina de serragem que eles varreram. Ela não pensaria no passado, apenas na tarefa que tinha em mãos: iria à biblioteca e escreveria para um homem consertar o sótão.

A biblioteca ficava no segundo andar, a primeira sala do corredor ramificando-se de sua suíte para os fundos da casa. Elsie não se deu ao trabalho de entrar nela antes. Para ela, uma biblioteca era o domínio dos homens, saturada de tabaco e pensamentos profundos.

Não houve queixa com esta porta; ela se abriu suavemente, deslizando sobre o tapete gasto sem travar. Ela colocou um pé sobre a soleira e estremeceu. Era como entrar pela porta de uma tumba. E assim como uma

tumba, a biblioteca estava escura e velha, manchada com o cheiro de folhas mortas.

Atravessando o tapete até um trio de janelas, ela empurrou as cortinas até o chão, tossindo enquanto a poeira caía das sanefas. A luz perolada penetrou.

As árvores lá fora pareciam mais irregulares do que antes; trechos de sua folhagem flamejante haviam se extinguido e caído no cascalho. Os canteiros estavam cheios de cardos. O inverno estava chegando rápido.

Ela se virou para encarar a porta. Ainda entreaberta – isso era um bom sinal. Ela não estava ficando louca. Quanto aos arrepios, a causa deles era clara: uma lareira vazia abria-se para ela à direita, exalando rajadas de ar frio enquanto o vento descia pela chaminé.

Agora que as cortinas estavam abertas, ela viu que o quarto não era como ela esperava. *Biblioteca* era um nome pretensioso para o que era apenas uma câmara rasa, curvada em uma extremidade, com talvez cinco ou seis estantes ao longo da parede. Uma escrivaninha polida e pesada ficava em uma alcova, de frente para o fogo, com uma lâmpada de sombra verde pendurada sobre o espaço de escrita.

Ela se aproximou e se sentou. A cadeira parecia celestial, aliviando o incômodo em suas costas e membros.

Ela olhou para a mesa. O tinteiro estava aberto, as penas de uma pena saindo do topo. *Ruperto* . Ele teria sentado aqui, a caneta pronta para sua mão esquerda. Suas pernas haviam tocado esta cadeira de couro escorregadia e rangente, mas nada de seu calor permaneceu.

Ela sentia terrivelmente a falta dele. Sentia sua falta e o odiava. Como ele poderia abandoná-la? Ele deveria ser seu salvador, sua recompensa, o homem rico que entrou na fábrica e se apaixonou abaixo de sua posição.

Ela não poderia enfrentar os próximos dias sem ele. Ela não podia criar um filho e lidar com todas as lembranças que a agitavam. Ela *precisava* dele.

Lágrimas borraram seus olhos enquanto ela tateava em busca de uma gaveta após a outra, abrindo-as. Os corredores gemeram e as alças de metal chacoalharam. Ela tinha que se manter ocupada, tinha que escrever para alguém sobre o buraco no sótão. Havia um trabalho sério a fazer antes que um bebê pudesse viver na Ponte.

Folhas de papel esvoaçavam das gavetas. Ela teria que passar por todos e descobrir até onde os planos de Rupert haviam progredido. O horrível berçário seria completamente reformado – isso ela sabia. Ela pode até movê-lo; ela odiava pensar em seu próprio bebê no quarto onde os irmãos de Rupert morreram. Eles tinham espaço suficiente para um berçário diurno e um berçário noturno, para não mencionar...

Suas mãos ficaram imóveis.

Algo piscou para ela do fundo de uma gaveta. Ela se inclinou mais perto.

Lá, novamente – pequenos brilhos espalhados pelo forro verde. Ela estendeu a mão e fechou os dedos em torno de uma bolsa de veludo. Parecia pesado. Ela o tirou e o deixou cair com um baque na mesa.

A bolsa parecia velha, mas não surrada; adornado, em vez de comido pelo tempo. Ele foi projetado para amarrar com cordões, mas um rolo de papel enrolado mantinha a boca aberta. Elsie não hesitou: virou a bolsa e derramou seu conteúdo na mesa.

O deslumbramento a fez recuar na cadeira. Um riacho cor de arco-íris ondulou em uma bobina. Ela estendeu um dedo para tocá-lo; sentiu a solidez das joias através de suas luvas. — Não pode ser — ela engasgou, pegando-o. Mas era: um colar cheio de diamantes.

As gemas captaram a luz de uma centena de ângulos diferentes, ardendo como fogo branco. Brilhantes congelavam a corrente até o centro, onde pedras lapidadas em marquise formavam um arco cintilante. Dela pendiam três enormes gotas de pêra, cada uma parecendo mais cara do que a própria casa.

Hipnotizada, ela colocou o colar de volta na mesa e olhou para ele. A corrente parecia antiga, mas os diamantes eram perfeitos. Ela não conseguia ver uma única nuvem; apenas aquele clarão quente e branco que derretia para colorir nas bordas.

Mas o rolo. O que estava no pergaminho? Ela arrancou o papel e alisou-o.

Minha querida esposa,

Como um mágico, eu aceno minha varinha e – eis! Veja o que chegou do cofre do banco em Torbury St Jude!

Posso imaginar a sua cara ao abrir este pacote. Você não percebeu que estava se casando com uma família com herança, não é? Os diamantes Bainbridge foram transmitidos por gerações. Reza a lenda que foram retirados do rio na linha de pesca do escudeiro! Meu pai os trancou quando minha mãe morreu e não os vi desde então. Como eles ficarão bem em volta do seu lindo pescoço! Eu só gostaria de tê-los trazido a tempo para o casamento.

Acho que há mais trabalho a fazer na Ponte do que previámos. Além dos custos de redecoração e jardinagem – que são substanciais –, temo agora que precisaremos contratar um caçador de ratos.

Nas últimas noites, fiquei acordado por um som terrível vindo do sótão. A governanta não tem a chave e, embora eu tenha tentado forçar a fechadura, só consegui me machucar. Depois de escrever para você, devo

chamar um serralheiro e descobrir o que há lá dentro. Se o gato não matar o verme, devo contratar outro homem.

Tenha certeza de que não permitirei que você ponha um pé dentro da casa até que seja digno de você e de nosso querido pequeno estranho. Sinto falta de vocês dois e aguardo sua próxima carta com muita impaciência.

Seu para sempre ,

Rupert

Suas mãos não paravam de tremer. O papel sacudiu loucamente. De repente, rasgou, e ela começou a chorar.

A PONTE, 1635

Não quero nada mais do que a promessa da primavera. O tempo estava ruim durante toda a Quaresma e então a igreja inundou na Páscoa. Josiah escreve que o tribunal suspendeu suas festividades até o Pentecostes. Na verdade, não posso culpá-los. Estes têm sido mais como noites tristes de novembro do que dias de primavera. Deus sabe o que farei se as coisas não melhorarem até agosto. Se o rei não puder caçar na floresta e a rainha não puder desfrutar dos prazeres, será um desastre.

Esta tarde consegui sair para os jardins formais pela primeira vez em semanas. O sol brilhava, mas não havia cotovias cantando, nem brotos pegajosos nas árvores. Minha Hetta trabalhava em sua horta onde cultivava ervas. Ela parecia encantadora com seu chapéu de palha, concentrada em seu trabalho, sua tesourinha cortando as cabeças mortas – corta, corta – e liberando seus aromas terrosos. Eu a observei com prazer. Na sombra ela parecia um lírio; sua pele pálida e as veias finas ao lado de seus olhos. Uma menina tão frágil e delicada: minha irmã Mary forjada em porcelana.

Tentei não deixar que o cheiro das ervas agitasse minha memória, mas não consegui controlar. Fechei os olhos e viajei de volta para aquela noite, aquela tisana fabricada sob a lua cheia. De volta ao meu próprio rosto sombrio refletido no fundo de um copo. A culpa permanece, como o cheiro

de maçãs caídas apodrecendo em um pomar. Pode ter sido errado da minha parte interferir na ordem natural das coisas, mas não posso me arrepender –

não posso me arrepender *dela* .

Harris cuidava do jardim de nós de joelhos, aparando os arbustos com precisão e varrendo o cascalho colorido. Os ventos fortes o espalharam fora do padrão, então eu o fiz redesenhar as reviravoltas. Pedi novas formas nas sebes, ou pelo menos no parterre – anjos e flor-de-lis para uma filha da França – mas ele duvida que consiga treiná-los antes de agosto.

"Compre arbustos maduros então", eu disse. — E corte-os.

Ele parecia achar isso divertido. No entanto, ele prometeu fazer o seu melhor naquele trimestre. Quanto aos meus requisitos de plantio, ele está perfeitamente sem esperança.

"Rosas e lírios não crescem juntos", disse ele, tirando a sujeira debaixo das unhas tortas. — Eles não combinam.

'Eu sei que. Não precisamos deles crescendo *juntos* , mas ambos devem estar no jardim. Uma rosa para o rei da Inglaterra, um lírio para a princesa da França.

— Um lírio que eu possa conseguir. As lâmpadas gostam de ser profundas, frias e sombrias. Embora me dê muito mais desse tempo úmido e eles vão manchar.

— E nossas roseiras? eu exigi. 'Eles não prosperam este ano?'

Ele abriu os braços com um suspiro irritante, como se não fosse seu trabalho fazer essas coisas funcionarem. — Sol pleno, senhora. Eles precisam de pleno sol e solo drenado para florescer. Encontre-me um pouco disso e eu separarei suas rosas.

Eu estava com medo de perder a paciência, então fechei minhas mãos em punhos nos quadris e olhei para Hetta. Ela havia parado de trabalhar e estava parada no chão, olhando para as colinas verdes como se esperasse

por algo. Pequenas flores brancas serpenteavam sobre seus sapatos; galhos rebeldes pareciam estender a mão e abraçá-la.

"Hetta", chamei. — Afaste-se, querida, você vai rasgar seu vestido.

Ela obedeceu, mas não olhou para mim. Ao seu lado, ouvi a tesourinha fazendo *snip, snip* . Cortando nada. Corte de ar.

“Quanto aos cardos”, disse Harris, “não posso deixar você fazer isso. Eles são uma erva daninha, amante. Assuma o jardim inteiro, dê a eles meia chance.

“O cardo é o símbolo da Escócia. O símbolo dos reis Stuart.

"É uma erva daninha", ele repetiu. 'Invasivo. Devorando. Ele se arrasta.

Tomei um calafrio repentino. Afinal, o clima não estava tão clemente. 'Se você deve plantá-los em algum lugar, faça-o no canteiro da pequena senhorita. Acontece que causará menos danos lá.

Eu tive que confessar que ele estava certo – sobre o dano, quero dizer. Pode ser que *ele* não consiga controlar a propagação de uma erva daninha, mas eu sei que meu Hetta pode. Eu não vi uma única planta que ela não possa cultivar ou domar, da pedra mais sampier e groselhas prosperando na horta para o coltsfoot e matricária que ela cria para nossas dores e sofrimentos.

Eu a ensinei a plantar, mas ela me superou. Ela me superou em muito com apenas oito anos de idade.

Às vezes penso que é a tisana que corre em suas veias, que faz suas flores desabrocharem. Ela herdou mais do que apenas sua aparência de Mary, pois foi minha irmã mais velha que visitou as sábias em segredo e me instruiu em seus caminhos.

'Heta. Hetta, minha querida. Peguei minhas saias e passei pelos galhos não podados até o lado dela. Ela não virou os olhos para mim até que eu coloquei minha mão em seu ombro. — Tenho um favor a implorar.

Ignorando a sujeira, me agachei até o nível dela. 'Você cultivaria um pouco de cardo para mim em seu canteiro?'

Ela piscou. Sua cabeça inclinou para o lado como se ela não entendesse.

Eu hesitei. Josiah não me permitiu falar da visita real antes de Hetta, mas ele a subestima. Como costumo dizer, ela é apenas muda, não um pobre natural. Ela ouve os outros falarem. Ela deve ter uma pista do que está acontecendo.

— A razão pela qual pergunto é que o rei e a rainha estão vindo para ficar.

O cardo é um dos símbolos do rei, compreende?

Ela assentiu. O cotoco rosa e deformado de sua língua se moveu e um som saiu de sua garganta; não como a fala, mais um balido.

Eu me sentia oco por dentro. Contemplar essa língua é como olhar para um vestido que manchei ou uma carta tenho borrado. Mais uma vez ouvi as palavras de Josiah: *sua aberração* . Mary nunca teria cometido tal erro.

Incitado pela culpa, eu disse: 'De fato, querida, pode ser que você possa me ajudar a me preparar de mais de uma maneira. O jantar que sirvo ao rei deve ser muito bom. Vou precisar de alecrim, sálvia e tomilho para temperar. Manjericão, e talvez um pouco de salsa também. Cebolas, marmelos, pastinaga — contei-os nos dedos. — Você acha que conseguiria plantar tudo isso?

Um sorriso surgiu em seu rosto e meu coração se elevou. Com o sorriso de Hetta, você não precisa de palavras: ele te cativa com lábios arrebitados e covinhas suaves. Como as pessoas podem sussurrar que é um demônio que a mantém muda? Como eles podem sequer pensar isso?

'Boa.' Toquei sua bochecha. O cheiro dela, tão doce e floral, e a sensação de sua pele, sedosa como pétalas. 'Boa menina. Você escreve o que precisa e o Sr. Harris vai buscar.

Pelo menos agora ela estará envolvida na glória do dia, não importa o que Josias ordenar.

Suas palavras me assombram: *sua aberração*. Enquanto estou na minha despensa, tentando esmagar meu remorso com pilão e almofariz, vejo de novo: aquela língua. A expressão de Josias.

Eu acho que ele sabe.

Ele nunca temeu meu poder antes. Ele tomará ervas e cervejas para dar sorte sem questionar. Mas quando ele olha para Hetta, é como se ele não visse uma flor – apenas o solo lamacento abaixo. Como se ele visse minhas mãos, grossas e cheias de sujeira.

A PONTE, 1865

O dia estava claro e fresco como uma maçã quando a carruagem deles voltou da cidade, cheia de pacotes. Lascas de céu pervinca apareciam através dos galhos nus das árvores.

'Eles são tão lindos. Posso vê-los mais uma vez? Sarah estendeu a mão enfaixada. Uma sugestão de sangue floresceu na superfície. Embora ela tivesse se cortado no companheiro há uma semana e a ferida fosse apenas pequena, não mostrava sinais de cicatrização.

Elsie passou o pacote. — Tome cuidado, ou precisaremos voltar e limpá-los novamente.

'Eu não vou colocar meu curativo perto das gemas. Veja, só preciso dessa mão para desembrulhá-los. Sarah alisou o material e suspirou como uma garota apaixonada. 'Eu nunca soube que tínhamos diamantes na família.'

Depois de uma limpeza e polimento na joalheria em Torbury St Jude, o colar de diamantes brilhou mais do que nunca. As gotas de pêra brilharam canela, depois brancas, depois azuis, enquanto a luz entrava pela janela da carruagem.

Elsie virou o rosto. Sempre que olhava para o colar, pensava na carta de Rupert, sua querida voz vindo até ela do além-túmulo. *Tenha certeza que eu vou não permita que você ponha um pé dentro de casa até que seja digno de você.* Se ele soubesse.

— Rupert escreveu que eles ficaram trancados em um cofre de banco até chegar à Ponte.

— Não me admiro. Sarah molhou os lábios. 'Quando penso em meus ancestrais usando este colar. . . Talvez até Anne Bainbridge, cujo diário estou lendo! Esses diamantes podem ter tocado sua pele, movido com ela. É

quase maravilhoso demais para compreender.

Os ancestrais novamente. Toda vez que Sarah os mencionava, Elsie sentia outra pontada de culpa. A garota havia perdido sua família e agora ali estava a viúva de seu primo, arrebatando sua herança. Se Elsie tivesse encontrado os diamantes por acaso, *talvez* ela tivesse deixado Sarah levá-los. Mas a carta de Rupert deixou claro o que ele queria. Ela nunca poderia dar seu último presente para ela.

— Mas Sra. Bainbridge, você não poderá usar diamantes até que seu ano de luto termine! Que pena. Eu gostaria muito de vê-los todos os dias.

— Só estou grato por você *poder* vê-los. Depois daquele episódio com a Sra. Holt, comecei a temer ter enlouquecido.

— Você não está ficando louco. Sarah voltou a embrulhar o pacote. 'Algum dos lojistas te tratou como uma louca hoje?'

"Felizmente, não." Elsie teve que admitir que a viagem a iluminou. Em meio à agitação de Torbury St Jude, as bancas do mercado, amoladores de facas e táxis correndo de e para a estação, era difícil pensar em assuntos sombrios. Ela havia visitado um carpinteiro, um construtor e um vendedor de tecidos para discutir seus planos para a casa. Então, com o período de Sarah do meio-luto se aproximando, eles foram encomendar novos vestidos para ela em lavanda e cinza. Elsie permaneceria de preto – mas isso não a impediu de encomendar alguns vestidos novos para caber em sua barriga crescente.

"Passei minha vida com uma pessoa idosa", continuou Sarah. 'Acredite em mim, eu conheço os sinais de uma mente começando a divagar.'

"Eles incluem fazer pedidos imprudentes de melhorias na casa e gastar uma fortuna em vestidos novos?"

'Não, de fato! Se você está enlouquecendo', disse Sarah, verificando sua mão ferida, 'eu também estou'.

Incapaz de se conter, Elsie estendeu a mão e agarrou o pulso de Sarah. —

Você *os* viu? Você viu as bonecas e os animais no berçário?

'Sim. Eles eram lindos! Não há nenhuma maneira possível disso. . .'

Problema franziu a testa. 'Eu não entendo. Tudo parece uma piada monstruosa. Mas a Sra. Holt não é o tipo de mulher que se diverte dessa maneira. Talvez tenha havido um mal-entendido? Ela o levou para algum outro quarto?

— Isso é pouco provável. Por que haveria dois berçários, um um espelho horrível do outro?

– Temos suítes com espelhos – observou Sarah. Distraidamente, ela mastigou a mecha de cabelo pendurada ao lado de sua boca.

Fayford parecia melhor ao sol. A estrada de lama tinha secado a uma trilha esburacada. Alguns dos aldeões se aventuraram fora de suas casas. Elsie acenou para eles. Eles puxaram seus topetes em reconhecimento, mas ela notou que eles empurravam seus filhos esqueléticos de volta para dentro, como se fosse azar que ela olhasse para eles. Com todas as suas superstições, eles provavelmente pensavam que as viúvas espalhavam má sorte.

'Sarah, e o segundo companheiro? Você também o viu?

— O menino cigano. Sim eu te disse.'

'Você está certo?'

'Claro. Há dois.

Mas como?

Eles estavam na ponte agora, ladeados por leões de pedra. Elsie estremeceu involuntariamente enquanto cruzavam a água. — Vou ter que falar com Helen. Mas presumi que ela me diria se encontrasse outro. Nunca conheci donzelas tão descuidadas.

A guarita passou por eles e eles começaram a descer as colinas em direção à Ponte. Acima, as nuvens varriam em alta velocidade, lançando sombras sobre a relva. Os jardineiros que ela havia contratado estavam fora. Alguns podaram arbustos enquanto outros se ajoelharam nos canteiros, arrancando flores mortas.

Os cavalos pararam diante da casa. Pela janela, ela viu as silhuetas dos companheiros esperando no Salão Principal. Dois companheiros.

O mordomo que nunca sorria, Sr. Stilford, abriu a porta da carruagem e desceu os degraus com um clunk eficiente , *clunk* . Assim que tocaram o cascalho, ele se virou e falou com Peters. — Encontrará uma nova carga quando levar os cavalos, Sr. Peters. Parece que eles têm um companheiro.

Negociando cuidadosamente a passagem de sua crinolina, Elsie tropeçou ao lado dele no cascalho. 'Uma companhia?'

— Sua vaca chegou, madame.

Ela quase tinha esquecido. Dançando de volta para a carruagem, ela deu a mão a Sarah e a puxou para fora. — É a vaca, Sarah. Minha vaquinha adotada. Teremos um feliz tarde instalando-a. Ela estava feliz por não ser forçada a voltar para a casa. — Leve as caixas para dentro, sim? ela perguntou a Stilford. "Nós vamos vê-la."

Com uma mão segurando Sarah e a outra prendendo suas saias, ela passou pela sujeira espalhada e ferramentas deixadas pelos jardineiros até o estábulo atrás da casa. Era uma ferradura de prédios de tijolos decrépitos. A tinta descascava em cachos das portas verde-escuras. Um relógio estava montado no telhado, mas seus ponteiros ainda estavam pendurados em um

quarto para as dez. Até o cata-vento ao lado dele havia enferrujado e parado no leste.

A vaca não parecia deslocada ao lado desses objetos abandonados. Ela estava ao lado do homem que segurava sua corda, sua grande cabeça preta pendurada em desânimo.

'Oh!' A voz de Sarah disparou. — O Sr. Underwood a trouxe.

Era realmente o Sr. Underwood: Elsie não o reconheceu a princípio. Ele estava vestido de forma diferente: uma combinação de calça e jaqueta de tweed, claramente de segunda mão, pendurada em seu corpo alto. Um chapéu de copa baixa e abas largas espremia sua franja sobre a testa.

- Sra. Bainbridge. Senhorita Bainbridge. Ele apertou suas mãos. 'Um prazer.

Espero que a Srta. Bainbridge tenha se recuperado de sua fraqueza desde a última vez que nos encontramos?

As bochechas de Sarah brilharam. 'Ai sim. Muito, muito recuperado.

Quando ele sorriu, ela soltou uma risadinha absurda.

Então foi assim.

— Mas parece que você machucou a mão?

Sarah tocou o curativo. 'Sim. Apenas um arranhão. Que gentileza, que gentileza de sua parte notar!

— Devo agradecer-lhe por escoltar meu protegido até a Ponte —

interrompeu Elsie. — Querida. Ela nem levantou a cabeça para olhe para nós.' O pobre animal parecia não esperar nada além de miséria futura.

“Vamos alimentá-la e deixá-la saudável em pouco tempo. E ela vai precisar de um nome.

– Betsy – sugeriu Sarah. "Ou Margarida."

— Pelo amor de Deus, tenha um pouco de imaginação. Algo mais poético.

"Ela não parece muito poética no momento", observou Underwood.

'Pelo contrário! Ela é uma alma angustiada saindo do purgatório para um perfeito paraíso de vacas... se isso não for uma blasfêmia de se dizer, Sr.

Underwood.

Um sorriso fez cócegas em seus lábios. — Ela é a Beatrice de Dante, então?

Elsie não sabia quem era, mas gostou do som do nome. "Beatrice, a vaca."

'Bem, espero que as expectativas dela sejam tão grandes quanto o nome dela.'

Peters veio e pegou a corda da mão de Underwood. Estalando suavemente a língua, ele encorajou Beatrice a segui-lo até uma barraca. Ela saiu cambaleando, seus cascos crescidos escorregando nas pedras.

— Fiquei tão feliz — disse Underwood — quando a Sra. Holt me contou sobre seu plano de levar a vaca. Normalmente, os aldeões relutam em lidar com a casa grande. Mas com o inverno chegando, eles finalmente perceberam o sentido disso.

'Eu deveria pensar assim! Eu ofereci um bom preço por um saco de ossos.

Assim que ela disse as palavras, ela se arrependeu. Ela soava como seu pai.

q

p

— Eu sei, Sra. Bainbridge. Você foi muito bom em sugerir a troca, estou bem ciente disso. Você não deve levar a mal suas pequenas excentricidades.

As pessoas pobres podem ser muito orgulhosas.

Elsie pensou nas garotas dos fósforos, nos dedos ávidos de Pa. "Não em Londres", disse ela.

Elsie levou o Sr. Underwood para o primeiro andar. Ela achou que seria benéfico trazer um vigário para perto do berçário. Sua presença pode banir.

. . o que quer que fosse. O que quer que estivesse fazendo ela e Sarah verem coisas que não estavam lá.

Com Mabel deitada, a casa estava cada vez mais desgastada. Elsie encontrou um monte de lascas de madeira no patamar e arranhões longos e profundos no chão, como se objetos pesados tivessem sido arrastados por ele. Felizmente a sala permaneceu apresentável, agradavelmente aquecida pelo sol da tarde.

Elsie gesticulou para um sofá estofado em seda de narciso claro e pediu a Underwood que se sentasse. Ela tocou a campainha para o chá, sem muita esperança de seu sucesso.

— Um quarto encantador, Sra. Bainbridge. Gosto muito das borboletas emolduradas. Mas quem são nossos amigos?

Ela seguiu seu olhar. 'Oh!'

De pé de cada lado do fogo minguante estavam os companheiros.

Mas eles não eram apenas. . . Ela não os tinha visto no Salão Principal?

A garota parecia docemente se desculpando, pressionando a rosa branca contra o peito como se implorasse por indulgência. Mas não o menino; seus olhos malignos encontraram os dela com um desafio direto .

Sarah moveu-se para uma cadeira em frente ao Sr. Underwood. — Nós os encontramos no sótão há alguns dias. São itens curiosos, não são? Nossa empregada deve tê-los trazido para cima.

Mas por que Helen faria isso? Ela fez os arranhões no chão enquanto os puxava?

"É uma arte muito inteligente", respondeu Underwood. "Parecem quase como se fossem falar."

Sara riu. Elsie tentou rir, mas saiu em um chiado tenso. — Eu me *sinto* um pouco sozinha, dando uma volta por esse lugar antigo. Essas figuras são minhas convidadas até que eu tenha permissão para convidar figuras reais.

Mas se eu lhe disser que eles começaram a falar comigo, Sr. Underwood, dou-lhe permissão para me mandar para Bedlam.

Ele sorriu gentilmente. — Lamento saber que você está sozinho. Ficaremos sempre felizes em vê-lo na igreja. Venha no domingo.

Inesperadamente, sua garganta se fechou com lágrimas. Ela olhou para suas mãos. Pela primeira vez em sua viuvez, ela sentiu que poderia gritar e uivar como mamãe. 'Eu devo. Atrevo-me a dizer que parece estranho que eu não tenha vindo antes, mas não me senti. . . Eu não era igual a isso. Mas eu tive algum incentivo hoje. Os aldeões pareciam quase amigáveis quando passamos.

'Mas é claro. É tudo graças a – erm – Beatrice. Contei a todos sobre seu plano de alimentá-la e passar o leite. Ela não tem sido saudável o suficiente para produzir por muitos anos. Manteiga e leite farão uma enorme diferença na vida dos aldeões. Especialmente as crianças.

'Para ter certeza. Eu faria mais se pudesse. Eu empregaria as pessoas. Você sabe por que eles não vão trabalhar para a minha família? São apenas os esqueletos de que falamos? A Sra. Holt disse que também houve um acidente com um lacaio, anos atrás?

'Nós vamos . . .' Ele fez uma pausa, os dedos se contraindo em seu lábio. —

Parece uma mistura de contos populares e superstição. eu esqueci bastante para buscar os registros que mencionei, sra. Bainbridge, mas lembro que houve uma bobagem sobre uma suspeita de bruxa.

Sarah se inclinou para frente com interesse. — Pode ser o diário que estou lendo! Anne Bainbridge, minha ancestral. Ela tinha talento com ervas e fazia cervejas para dar sorte. Ela parecia pensar que tinha um poder. Os aldeões realmente acreditavam que ela era uma bruxa?

O Sr. Underwood suspirou. — É muito provável, Srta. Bainbridge. As pessoas não eram racionais naquela época. E sua família teve azar com seus servos. Vários morreram em acidentes e, claro, a aldeia quer alguém para culpar. . .' Ele ergueu as mãos. “É assim que nascem os rumores. Mas tenho esperanças de que, com educação, possamos erradicar a superstição na próxima geração. Devo admitir, Senhora Deputada Bainbridge, ser um pouco radical nas minhas noções. Acredito que toda criança deve ter uma educação, independentemente de suas circunstâncias. Eles devem receber as ferramentas de que precisam neste mundo.'

'Eu não poderia concordar mais.' Ela se lembrou do pequeno Jolyon com seu ábaco, a língua para fora em concentração. Isso criou um nó doloroso em seu peito. 'Talvez você devesse montar uma escola aqui?'

O sorriso que iluminava seu rosto era tão amplo e genuíno que por um momento ela viu por que Sarah o admirava. 'Você me ajudaria?'

'Quando eu puder. A senhorita Bainbridge seria mais adequada para a tarefa. Ela estará fora de luto em menos de um mês. Ela pode fazer muitas

coisas que não seriam apropriadas para uma viúva.

— Ah, sim, deixe-me ajudar, Sr. Underwood! Sarah bateu palmas. Seu curativo abafou o som. 'EU acho uma ideia maravilhosa. A Sra. Crabbly me deixou um pequeno legado, e farei uma doação. Devemos ajudar as crianças.

De repente, as lápides estavam diante de seus olhos novamente. Enterrado sob um nome emprestado. Essas pobres meninas. . . Ela não guardaria todo o

dinheiro de Rupert para seu próprio bebê. Havia outras crianças: desprotegidas, vulneráveis.

O pensamento a deixou enjoada. Um gosto amargo estava enchendo sua boca. Ela se levantou abruptamente. As coisas brilharam, tornaram-se incertas e inconstantes. 'Você poderia . . . Por favor, dê-me licença? Eu devo

. . . vá ver depois daquele chá.

Com o canto do olho, ela vislumbrou o primeiro companheiro. Nunca tinha parecido tanto com ela. Seu próprio rosto, observando-a.

Ela teve que se apressar para sair do quarto antes que ela ficasse doente.

Grades de madeira cercavam a galeria, isolando a queda para o Salão Principal. Elsie teve que dar a volta toda a beira da praça para chegar ao banheiro. Normalmente, isso não era uma dificuldade, mas a náusea fazia a distância parecer tremenda. Ela estendeu a mão e usou o corrimão para se apoiar. Ele rangeu. Ela pensou no lacaio que a Sra. Holt mencionou, caindo para a morte, e retirou a mão.

Uma tábua do assoalho gemeu pela galeria. Helen estava correndo em direção a ela da direção oposta, suas bochechas vermelhas como maçãs. As cordas de seu boné estavam desamarradas e balançavam em torno de seus ombros.

Elsie respirou fundo. 'Helen? Onde está a bandeja de chá?

— A Sra. Holt está vindo, senhora. Helen correu os últimos passos, o queixo balançando sobre a gola do vestido. 'Espero que você me perdoe, mas eu queria falar com você. . . sozinho.'

Nesse momento, Sarah riu de dentro da sala. O rosto do companheiro flutuou de volta em sua mente.

— Helen, traga-me um penico. Rapidamente.'

Assim que Elsie expeliu seu fardo e bebeu um copo d'água, tomou consciência do que a cercava. Helen a havia sentado no baeta gasto da mesa

de bilhar com os pés pendurados na beirada. Ao lado, na sala, ela podia ouvir colheres tilintando contra a porcelana. A Sra. Holt deve ter finalmente servido o chá.

— Eu disse à Sra. Holt que precisava ficar um pouco com você, para o caso. . . caso você vá de novo. Helen falou em um sussurro, seus olhos continuamente disparando para a parede. — Não tenho muito tempo, senhora. Posso falar com você agora?

Elsie não estava com vontade de lidar com funcionários, mas Helen a salvou de vomitar e desmaiar no corredor. Ela lhe devia um ouvido aberto, pelo menos.

— Sim, posso poupar um momento. Por favor continue.'

'EU . . .' Helen parou, perdida. Ela olhou para baixo e começou a brincar com o avental. — Não sei muito bem como começar, senhora. Somente . . .

A Sra. Holt me disse que você esteve no berçário.

Calor, rastejando em seu couro cabeludo. 'Sim.'

'Você fez . . .' Outra torção do avental. — Você viu alguma coisa, senhora?

Elsie agarrou a ponta da mesa de bilhar. Uma piada, certamente? A Sra.

Holt deixou escapar sua reação ao berçário e a empregada estava brincando com ela.

A governanta da casa de Rupert em Londres tentou enganar Elsie para servir o jantar às duas horas, para fazê-la parecer comum na frente dos convidados. Os criados perceberam que ela só tinha dinheiro de troca – ou *dinheiro de loja* , como eles chamavam. Sem procriar, eles achavam que ela era um jogo justo.

— O que exatamente você esperava que eu visse lá?

Ela esperou pela descrição que dera à Sra. Holt do berço e dos brinquedos.

Mas em vez disso, Helen disse: "Escrevendo".

' *Escrevendo?* '

Helen deixou cair o avental. — Eu não deveria ter dito nada. Por favor, senhora, esqueça que eu falei.

— Você *viu* algo escrito no berçário, Helen?

Ela fez um movimento frenético de silêncio. — Não deixe a Sra. Holt ouvir você. Ela odeia qualquer coisa assim. Até comprou um gato preto para provar que superstições são bobagens. Mas desde que o mestre desceu, algo aconteceu. . . estranho, aqui.

Se ela estava atuando, ela era boa. Ela tinha as mãos trêmulas de uma mulher enervada.

Elsie escolheu suas próximas palavras com cuidado. — Acho que você encontrou o Sr. Bainbridge, Helen? Depois que ele morreu? É natural que você se sinta no limite depois de uma morte na casa. Possivelmente . . .'

Helena balançou a cabeça. — Pensei nisso, senhora, quando Mabel nem percebeu. E pensei em como há cânfora suficiente para matar um gato naquele berçário, então a fumaça pode estar me deixando tonta. Mas o mestre. . . ele também viu.

Elsie cambaleou na beirada da mesa. 'Escrevendo?'

'Não . . . não exatamente. Sou só eu que vejo a escrita, na poeira. Como um dedo fez. Mas o do Mestre foi diferente. Ele viu os alfabetos de madeira, dispostos em uma palavra.

— Que palavra, Helen? Você poderia ler?

'Ai sim. A Sra. Holt me ensinou minhas letras. Mesmo agora, um toque de orgulho. 'Mabel ainda não conhece a dela.'

— Esqueça isso, qual era a palavra? O que ele disse?

Helena fez uma careta. ' *Mãe* . disse *mãe* .'

A PONTE, 1635

Não estou tão organizado para a visita real quanto gostaria, com a neve –

neve! – em Whitsun, o que impediu qualquer viagem. Aquela terrível geada destruiu a maioria das minhas plantas. Todos precisarão ser replantados ou substituídos por flores adultas. Graças aos céus as estufas de Londres conseguiram nos enviar rosas e lírios! Ore a Deus para que possamos mantê-los vivos nos próximos três meses. Outra pequena misericórdia foi a sobrevivência do canteiro de ervas de Hetta. Esses pequenos ramos verdes provaram ser mais resistentes do que a maioria e os caules azul-acinzentados do cardo prosperam.

Minha ansiedade aumenta com as crescentes esperanças de Josiah. Ele já está traçando planos para uma nova ala da casa. Esta manhã ele entrou em meus aposentos enquanto eu me vestia, carregando um embrulho embrulhado em seda.

'O que é aquilo?' Perguntei ao seu reflexo no espelho. Tive a sensação de algo frio atrás de mim, algo brilhante como gelo.

— É um presente, minha senhora. Ele colocou a mão no meu ombro. —

Você consegue adivinhar?

— É uma joia para usar quando o Rei e a Rainha nos visitam. UMA . . .

colar?'

Ele riu. — Minha pequena profetisa.

Ele começou a desembrulhar o pacote. Apertei os olhos, não vendo, mas sentindo suas mãos na minha garganta. O colar tiniu e tocou minha clavícula. Afiado, frio. Era como uma faixa de neve.

— Abra os olhos — riu Josiah. 'Lizzy, puxe a cortina, sua senhora está meio cega.'

Ouvi a cortina balançar atrás de mim e lentamente abri minhas pálpebras.

Eu havia previsto o objeto, mas não a qualidade. Diamantes cercaram meu pescoço e caíram em meu peito. A forma era um arco com três gotas de pêra. Cada pedra clara, pura como a água. O colar pode ter pertencido à própria rainha.

'Josias. . .'

Eu peguei um vislumbre de seu rosto no espelho. Ele brilhava de orgulho.

— Isso vai para nossos ancestrais, Annie. Para a esposa de James e a esposa

de seu filho depois disso. Toda grande família precisa de uma herança.

Estes serão os diamantes Bainbridge.

Meus lábios se separaram. Estava na ponta da minha língua dizer que eu já tinha joias da mãe dele, mas havia um peso, uma pontada na atmosfera que me alertou contra isso. 'Eles são muito bonitos. Nós podemos . . .' Lancei um olhar para Lizzy e abaixei minha voz. — Podemos pagar, querida?

Ele franziu a testa. — Por que você se preocuparia com uma coisa dessas?

Os aluguéis do solstício de verão serão pagos em breve.

Aluguéis que tínhamos pago desde o último trimestre, lembrei-me.

'Claro.' Os diamantes pesavam no meu peito. Quando eu os movi contra a minha pele, eles estavam dolorosamente resfriado. — Perdoe-me, é apenas.

. . Nunca tive algo tão bom! Na verdade, tenho um pouco de medo disso.

Não pude deixar de lembrar como Mary falou de diamantes, muitos anos atrás.

"Eles afastam o mau-olhado", ela me disse. 'Protege você da magia mais sombria.'

Foi por isso que Josiah os colocou no meu pescoço? Ele suspeitava que minha despensa abrigava mais do que simples ervas?

Sentindo-me enjoada, toquei minha garganta e olhei para seu reflexo no espelho.

Suas bochechas levantaram quando ele sorriu. — Você deve se acostumar com as melhores joias, minha senhora, como convém à sua posição como minha esposa. Desejo ver esses diamantes em sua pessoa todos os dias.

Uma sugestão do gelo dos diamantes em sua voz. Não apenas um desejo: um comando.

Atrás dele, Lizzy estava na janela. Uma mão enrugada estava em sua clavícula, como se ela também sentisse o frio rastejando por sua pele.

Engoli. Os diamantes se moveram.

— Como desejar, meu senhor.

Hoje eu fiz uma viagem em Torbury St Jude. O clima não está quente, mas pelo menos está mais seco. As águas da enchente baixaram e as estradas estão transitáveis. Nós viajamos entre as lojas na carruagem, pois restos de poças uniam as ruas e o vento soprava para cima e para baixo nas vielas com mais violência.

– Estou com a fralda nova – disse a Jane, verificando a lista com os dedos.

'A prata está sendo polida. Os vestidos devem chegar de Londres no mês

que vem.

— A Sra. Dawson ficou escandalizada por você não ter encomendado na loja dela, senhora — disse Jane.

Ela fez, pobre querida. Mas o que ela esperava? Esta não é uma bola do país. O *Rei* e a *Rainha* , sobre minha alma! Eles esperarão veludo cortado na moda, a renda mais requintada.

"Não posso me preocupar com a Sra. Dawson no momento", eu disse. —

Haverá tempo suficiente para ela mais tarde. No momento, estou apenas preocupado em agradar a rainha Henrietta Maria.

— Senhora, a rainha não pode deixar de ficar satisfeita com toda aquela decoração chique em seu quarto e as melhorias que você fez. É o suficiente para dar uma volta na cabeça dela.

Eu sorri, orgulhoso. — Parece bom para *nós* , Jane. Mas ela é a Rainha. Ela cresceu no Château de Saint-Germain-en-Laye. Será necessário um grande esforço para impressioná-la. Ela gosta de curiosidades, coisas estranhas que ninguém mais viu. Olhei pela janela. O opressivo céu leitoso fez nossa pequena cidade parecer realmente sombria. Nosso cavalo ergueu o rabo e despejou uma carga nas pedras. Suspirei. — Onde posso encontrar coisas exóticas assim *em* Torbury St Jude?

“Talvez aqui em cima, senhora. Há um estabelecimento de que ouvi falar no mercado.

Virei-me para ver a loja que Jane indicou à esquerda. Era um lugar pequeno, afastado do desgarrado, fileira desigual de prédios que ladeavam a rua. O andar inferior era feito de tijolos; a parte superior consistia em vigas velhas e gesso.

'Segure!' Liguei. Os cavalos pararam. Quando o estalo de seus cascos cessou, ouvi a placa da loja gemendo ao vento. Não consegui distinguir a imagem, mas pensei ter visto as palavras *Fancy Goods* pintadas acima da janela gradeada. 'Jane, eu não conheço este lugar. Há quanto tempo está lá?

Ela sorriu. — Achei que você soubesse de tudo, senhora.

Eu deixei sua atrevimento passar. Na verdade, senti uma estranheza na loja que não consegui expressar em palavras. Eu sabia que não deveria ser capaz de dirigir sem entrar. Havia algo importante, algo ali. . .

Só me senti assim uma vez antes: foi naquele dia gelado de janeiro, há uns nove anos, quando abri o velho livro de couro de Mary e recitei suas

palavras sobre as ervas amassadas em minha despensa. Era a sensação exata: a apreensão, a certeza.

"Vamos entrar." Bati no telhado. O lacaio saltou e tentou abrir a porta. Não queria ceder. Coloquei meus dedos na maçaneta e tentei ajudá-lo, mas era

como se o vento fosse uma mão de ferro, empurrando contra mim.

Impedindo minha passagem.

Esforçando-me com todas as minhas forças, eu empurrei para trás. A porta cedeu, abrindo-se com tanta força que bateu de volta no corpo da carruagem. Caí nos braços do lacaio.

— Você está bem, senhora?

Fiquei envergonhado, mas ileso. Minhas saias estavam em desordem; o vento os arrebatou e arrancou uma fita do meu cabelo. Eu a observei navegar para o esquecimento cinza do céu. — Estou perfeitamente bem.

Jane, você precisará levar meu braço até a porta.

Eu estava grata pela robustez de Jane e sua cintura grossa e campestre.

Devemos ter olhado um par estranho, de cabeça baixa, lutando contra o vento; Jane em sua saia verde suja e eu ondulando em cetim e renda.

O vento fez instrumentos de tudo o que tocou. De trás veio o tilintar dos arreios dos cavalos, chamando-nos de volta; à frente, a placa rangeu ao balançar. Seu gemido ficou mais alto a cada passo, até que finalmente não pude mais ouvir os cavalos.

Jane abriu a porta da loja com um de seus ombros largos, fazendo uma campainha soar. — Você primeiro, senhora. Ela quase me empurrou para dentro – eu não prestei atenção, pois estava feliz com o abrigo.

Um homem baixo e calvo pulou quando entramos. Um gibão marrom muito gasto esticado sobre seu estômago. Ele tinha olhos pequenos e quentes –

olhos de porco, pensei – que vibraram ao nos ver. — Bom dia, senhoras.

Você me deu um bom começo.

'Eu peço desculpas. Nós estávamos um pouco confusos.'

"Está ventando?"

Jane fechou a porta atrás de nós. A campainha tocou novamente. 'Brilhante?

É adequado para soprar um vendaval!

'De fato?' Ele sorriu, pareceu recuperar a compostura. — Nesse caso, suponho que esteja precisando de um refresco. Deixe-me buscar o vinho e as ameixas açucaradas. Cada cliente é tratada como uma duquesa nesta loja.

Acima de seu ombro esquerdo pendia um espelho de ouro ornamentado, esculpido com querubins e flores. Meu reflexo olhou de volta, completamente desgrenhado. Eu não me sentia muito como uma duquesa.

Enquanto ele ia buscar o nosso vinho, tivemos tempo de olhar à nossa volta.

A loja era muito maior do que parecia do lado de fora, mas curiosidades ocupavam cada centímetro dela. Estojos empoeirados pendiam das paredes com vitrines de cristal e pedra espreitando sob o vidro fosco. Pássaros

estranhos e empalhados de climas estrangeiros olhavam para nós, suas penas brilhantemente tingidas. Suspenso do teto estava um esqueleto que eu nunca tinha visto antes – alguma criatura monstruosa com um chifre grande, como um unicórnio, só que se projetava do nariz. Até o ar tinha um gosto incomum, quente com especiarias.

"Obrigado", eu disse, pegando minha taça de vinho do lojista. Percebi que tremia em sua mão. — Estou surpreso que não tenhamos encontrado sua loja antes. Você é novo em Torbury St Jude?

'Acabei de chegar.' Ele ofereceu a bandeja de ameixas açucaradas. Jane foi rápida em pegar um e enfiá-lo inteiro na boca. — Meu nome é Samuels.

Passei meus dias viajando pelo mundo, madame, e agora aqui estou, com todas as suas raridades expostas diante de você.

Era um bom vinho. Outra importação, eu suspeitava.

Corri meus dedos por um armário e puxei uma aba de veludo presa à gaveta. Ela deslizou aberta. Filas e fileiras de ovos de pássaros estavam diante dos meus olhos: azuis, salpicados, alguns minúsculos, um do tamanho de uma maçã. Jóias da natureza. Nem mesmo os diamantes da corte poderiam rivalizar com tesouros raros e delicados como esses. 'Na fé, é deve ser difícil separar da sua coleção. Cada item não é uma lembrança de sua viagem?

'Há algumas memórias que não se deseja guardar.' Seu rosto endureceu por um momento. — Além disso, gosto de compartilhar o que encontrei. As pessoas sempre querem uma curiosidade para mostrar aos amigos.'

Com cuidado, peguei uma ameixa açucarada. Seus grânulos grudaram em meus dedos. 'Confesso, estou aqui em tal missão. Em agosto, receberemos alguns convidados ilustres.

'Ah! Por aqui então, senhora. Vou lhe mostrar o marfim. Peças requintadas além de todas as comparações. Qualquer convidado vai desmaiar.

Coloquei a ameixa na boca e o segui.

Foi uma meia hora vertiginosa, escolhendo e escolhendo no baú do tesouro do mundo. Encontrei tulipas secas montadas em molduras e um canhão mecânico que disparava tiros. Eu me empolguei, confesso. Fiquei bastante envergonhado quando me virei e, à luz baixa das velas, vi outro cliente esperando.

'Oh!' Chorei. 'Ore, me perdoe.' Virei-me para o Sr. Samuels. 'Isso deve servir por enquanto, estou impedindo você de fazer negócios.'

Seus pequenos olhos seguiram os meus. Por um momento, pensei que ele estava com medo. Então ele riu.

Percebi meu erro: não era um cliente parado no canto, mas uma placa, pintada para se parecer com uma pessoa. Foi tão esplendidamente trabalhado que você não notaria que era uma obra de arte, à primeira vista.

O assunto era uma mulher descansando com a mão no quadril. Sombras foram pintados em seu rosto nos ângulos exatos que a luz atingiria da vitrine da loja.

— Você correu na minha frente — disse o sr. Samuels. — Eu estava vindo para estes. Ele caminhou até o objeto. Pude ver, à luz da janela, gotas de suor em sua testa. 'Essas falsificações podem enganar o melhor de nós.

Você sabe o significado de *trompe l'oeil* ?

— Um truque de olho?

'Precisamente. Um engano brincalhão. Venha aqui. Ele apontou para o ombro do recorte. Seu dedo pairou a uma polegada de distância da madeira.

'Vê as bordas chanfradas? Eles impedem que pareça plana. Olhei para trás, ainda surpreso ao descobrir que não era sólido. Ela não era real e ainda assim eu sentia que não podia tocá-la, não podia olhar em seus olhos. —

Tenho mais desses que posso lhe mostrar. Crianças carregando frutas.

Empregadas e varredoras. Uma senhora com seu alaúde.

"De onde eles são?"

- Estes foram-me dados em Amesterdão. Eles os chamam de “companheiros silenciosos”.' Ele limpou a garganta. — Esses holandeses, madame, adoram suas pequenas falsidades. Não são apenas as tulipas pelas quais eles são loucos. Eles têm caixas de perspectiva e comida de mentira – até casas de bonecas são mais bem equipadas do que o palácio de um duque.

Eu me virei para Jane. — Eles são um bom esporte, não são? Posso imaginar os convidados se deparando com essas placas com um pequeno choro. Um momento de choque, depois risos e conversas.

“Não sei se Sua Majestade gostaria de ficar chocada”, disse Jane.

O Sr. Samuels olhou para mim com um novo respeito. — Sua Majestade, você diz? A rainha?'

Eu colori novamente, desta vez com prazer. 'Sim. Estamos muito honrados.

Então você vê por que é importante que eu escolha...

Ele estendeu a mão. Os dedos eram gordos, como salsichas, e marcados pelo clima. 'Sim, sim', ele interrompeu, 'você deve ter o melhor de tudo.

Posso recomendar humildemente esses itens?' Mais uma vez ele gesticulou para a figura, mas não deixou que sua mão tocasse nela. Deduzi que o item era caro, precioso demais para ser tocado.

“Eles são diferentes de tudo que eu já vi antes. Certamente os considerarei.

— O que há a considerar, querida madame? Eles são perfeitos para agradar a Sua Majestade. Havia um apelo em sua voz, em seus olhos. Talvez os negócios não estivessem indo tão bem quanto ele esperava.

"Já peguei uma quantidade de mercadorias", eu disse, tentando calcular meus gastos. Algo tão raro certamente se estenderia além da minha bolsa?

— Seria apropriado consultar meu marido antes...

— Mas seu senhor só irá aconselhá-lo como eu. Duvido que algum homem na Inglaterra tenha visto algo assim.

Pensei em Josiah, na forma como ele ansiava pelo reconhecimento do rei.

'Podemos desejar um ou dois. . .'

— Mas o efeito será diminuído. Venha, vou deixar você levar toda a coleção.

Normalmente, eu desconfiaria de uma pessoa desesperada para vender seus bens, mas eu queria os brinquedos estranhos do Sr. Samuels. Eles estavam

me chamando, me observando, me provocando para pegá-los com seus olhos pintados.

'Não tenho certeza se . . .'

"Por um preço especial." Ele sorriu. — Eu prometo a você, não há método melhor para surpreender a rainha. Ela nunca esquecerá os companheiros.

Eu comprei todos eles.

A PONTE, 1865

"Seus olhos se moveram."

'O que?' A caneta de Elsie sacudiu e cuspiu sobre a página. Arruinada: sua carta ao construtor foi arruinada. — O que você quer, Mabel?

Depois de duas semanas descansando na cama, Mabel retomou a limpeza do pó e outras tarefas leves. Elsie estava inclinada a pensar que conseguiria muito mais. Ela jogou com seu infortúnio, arrastando-se como uma criança com um pé torto.

Hoje ela estava na porta aberta da biblioteca, sua postura torta, favorecendo a perna ilesa. Sua mão direita segurava um pano sujo e havia uma mancha de fuligem em seu nariz.

'A coisa. Seus olhos se moveram e olharam diretamente para mim.

Elsie largou a caneta. 'Que coisa?' ela perguntou. Mas ela já sabia. Era como se ela tivesse passado a última quinzena apenas esperando que isso acontecesse.

"A coisa de madeira."

"O companheiro?"

'É isso.' O suor salpicava a fina linha de cabelo que aparecia sob a touca de Mabel. Sua garganta funcionou. — Não vou mais limpá-lo. Seus olhos se moveram.

Palavras se formaram em sua mente; mil comentários cortantes. Ela não conseguia pronunciar uma única delas. — O menino cigano?

Mabel balançou a cabeça. "O outro."

'Mostre-me.'

Eles desceram as escadas em silêncio, rígidos, como marionetes. O vento soprava através das rachaduras nas tábuas do assoalho e as folhas deslizavam contra as janelas. Atrás da casa, Beatrice soltou um lamento triste.

Helen estava esperando no Salão Principal, os nós dos dedos apertados em torno de um espanador.

"Você os moveu de novo", disse Elsie, olhando para os arranhões no chão.

— Por que você continua movendo-os?

" *Nós* não os movemos", gritou Mabel.

Ambos os companheiros estavam ao lado da lareira. Havia algo diferente sobre o menino, mas ela não conseguia colocar o dedo sobre isso . Ele a olhou com altivez, olhando para a esquerda. Ele a estava provocando, desafiando-a a notar uma mudança.

Algo . . . O ângulo de seu rosto. . . Ela afastou o pensamento. Não houve mudança. As pinturas *não* mudavam, era uma fantasia ridícula.

A garotinha parecia exatamente como Elsie se lembrava dela: a rosa branca pressionada contra o peito; seu sorriso travesso e a seda verde-oliva. Seus olhos castanho-esverdeados ainda carregavam o mesmo calor de expressão

– eles não haviam se movido.

Ela soltou a respiração. — Você não aprecia a boa arte, Mabel. A habilidade de um pintor é fazer com que os olhos pareçam estar sobre você, não importa onde você esteja. Passe pelos retratos lá em cima. A mesma coisa vai acontecer.

'Eu não estava andando. Não moveu um músculo. Fiquei parado, bem ali, e eles *escorregaram* .

Era horrível demais para imaginar. Ela *não iria* imaginar isso, ou acreditar em mais nenhuma das histórias ridículas desses criados. — Helen viu?

— Não, senhora — resmungou Helen. Ela torceu o espanador. 'Mas . . .'

"Deixe-me adivinhar: você encontrou a escrita?"

'Não. Eu senti . . . estranho. Como se alguém estivesse me observando.

— Todos nós já nos sentimos assim, Helen. Provavelmente era Jasper. Ela se afastou dos companheiros. — Acho melhor Mabel ir para a cama. Ela claramente ainda não está bem. E já que estamos aqui, Helen, eu preferiria que você colocasse o menino de volta onde você o encontrou. A Srta. Sarah só pediu que a garota fosse exposta.

— Vou colocá-lo no porão, se desejar, senhora. Ainda não consigo entrar no sótão.

— Sim, eu estava escrevendo para Torbury St. Jude pedindo que alguém abrisse o sótão quando Mabel começou essa loucura. Você põe o cigano no porão e eu volto à minha carta. Ela estava indo para as escadas quando a voz de Mabel a parou.

— E o outro?

'Srta. Sarah quer a companheira, Mabel. Mande Helen limpar se isso te assusta tanto.

'Não.' Mabel apontou um dedo coberto de fuligem. 'Aquele.'

No tapete oriental, onde estava o caixão de Rupert, havia um terceiro companheiro.

Uma velha sentada em uma cadeira. Foi pior do que o menino cigano; não apenas zombeteiro, mas decididamente malévolo. Ela usava uma touca

branca e um partlet preto. Em seus braços estava uma criança parecida com uma boneca, anormalmente rígida e sem expressão.

'De onde veio isso? Por que . . . por que alguém pintaria uma coisa dessas?

Essa cara!' Suas palavras ecoaram pelo corredor e voltaram para ela.

Helena estremeceu.

— Guarde isso , Helen. Onde diabos você o encontrou?

Os lábios de Helen tremeram. — Aqui, senhora. Bem aqui, esta manhã.

A PONTE, 1635

Desde o momento em que acordei, soube que aquele dia seria de conflito: estava escrito no ar abafado. Ameias de nuvens ocultaram a luz e uma tensão silenciosa pairava sobre os jardins. Estava opressivamente quente.

Eu desejei o dia todo que as nuvens se quebrassem e aliviassem minha dor de cabeça, mas ainda assim elas me encaram com raiva, preparadas. Nada de fora se agita; não há brisa.

Se for assim quando o Rei e a Rainha chegarem, estaremos todos sufocados e zangados. Como podemos parecer bem em nossas roupas bonitas, com o suor escorrendo de nossos rostos? Ninguém terá fome de um cisne assado.

Ah, se ao menos esse tempo cedesse!

Josiah me deixou melancólico com a visita. Ele veio até mim logo após o jantar e mandou as empregadas embora.

— Preciso falar com você — disse ele. O conjunto de sua mandíbula, as linhas em sua testa, falavam por ele.

"Você decidiu sobre Hetta", eu disse.

'Sim.' Ele passou a mão pelo comprimento de sua barba. — Annie, você não vai gostar do que tenho a dizer.

— Então não diga. Mude sua mente.'

Ele suspirou. 'Não posso. É para o melhor. Henrietta Maria pode participar da festa. Ela trabalhou duro o suficiente para isso. Mas quanto ao resto dos entretenimentos. . . A resposta é não.'

Minhas mãos se fecharam em punhos. Eu sabia que deveria selecionar minhas próximas palavras com cuidado, mas eu não era dona de minhas emoções. Aquela sensação quente e formigante brotou dentro de mim e empurrou lágrimas em meus olhos.

— Ela é jovem — continuou ele. — Não tenho certeza se seria adequado, mesmo que...

— Você tem vergonha dela — eu disse.

Ele hesitou por um instante. Foi o suficiente. 'Tenho pena dela. . .'

'Ela é um milagre! As parteiras disseram que eu nunca teria outro filho, não depois de Charles. E, no entanto, aqui está ela. Sua única filha, Josiah. Um milagre.'

'Estou atento a isso. Ninguém pensou que você fosse capaz de carregar outro. Talvez seja por isso que ela a tem. . . suas dificuldades.'

Por trás de suas palavras, ouvi a acusação que está sempre fervendo sob a superfície: é minha culpa que a língua de Hetta não tenha crescido. Meu útero falhou em nutrir uma criança completa. Faltava algo; ou em mim, ou na mistura.

'Ela é tocada por Deus!' Chorei. Ele olhou para mim. Apenas um olhar, e isso incendiou minha raiva. — Você acha que não? Você pensa de outra forma?

Ele ergueu as mãos em rendição. Ele estava cansado de mim. 'Acalme-se.

Claro que não acho que Henrietta Maria tenha um demônio. Você está falando histericamente.

'Eu não sou. Você está escondendo minha filha!

— Todos a verão no banquete, Anne. Não vou *escondê* -la, mas devo protegê-la. Ele começou a andar pela sala, o couro de suas botas rangendo enquanto caminhava. 'Vamos apresentá-la à sociedade lentamente. Ela ainda não está pronta. Ela é muito selvagem, muito feminina. Nós a agradamos e a deixamos correr pela casa à sua maneira. Mas isso deve parar agora. Ela será instruída.

'Instruído?'

— Nos modos da corte. Não há tempo para treiná-la antes da visita. Não podemos permitir um erro. Nenhum! Não ouso imaginar as consequências.

Você me veria banido da corte, pelos erros de Henrietta Maria? Tudo deve correr perfeitamente.

Meu temperamento se desgastou sob o ranger, ranger de suas botas. Pois não ouvi o rangido do couro: ouvi as árvores na noite, agitando os braços sobre uma figura encapuzada colhendo ervas; um pilão e um almofariz triturando juntos; mistério e tentação nas palavras de um antigo feitiço. —

Você parece insinuar que nossa filha não é perfeita.

— Você sabe que ela não é.

Isso me deixou sem fôlego. Como Josias pôde dizer uma coisa dessas, de seu próprio filho? Acho que nunca o odiei como naquele momento. "Esta notícia vai partir o coração dela", eu disse a ele.

— Então vou contar a ela, se você não quiser. Onde ela está agora?'

'No Jardim.'

Fui até a janela, querendo vê-la em paz antes que ele destruísse suas esperanças. Tudo lá fora parecia estranho. As plantas brilharam artificialmente brilhante sob céus tempestuosos. Minhas novas sebes de

flor-de-lis foram transformadas em vívidas lanças verdes; as rosas, coágulos de sangue. Atrás deles, minha Hetta estava ajoelhada no chão, cuidando de suas ervas. Seus tornozelos apareciam, manchados de verde. Eu não me importei com isso. Seu rosto estava cheio de luz, apesar das nuvens. Ela parecia feliz; ela sorriu enquanto assentiu e inclinou a cabeça para cima. . .

'Que é aquele?' A voz de Josiah soou por cima do meu ombro.

Eu xinguei baixinho. — É aquele cigano de novo. É hora de ele ter um bom esconderijo. Eu o avisei para ficar longe.

'Ver? Você vê, agora? Ele gesticulou para fora da janela. 'Brincando com ciganos! É exatamente disso que estou falando.

Eu me virei, zangada demais para contradizê-lo. "Eu vou lidar com isso", eu disse, e saí da sala.

Meus pés batiam nas escadas. Maldito seja aquele cigano e sua insolência, maldito seja ele por fazer o pobre pai da Hetta pensar mal dela!

Eu irrompi nos jardins. O ar era como hálito rançoso. Eu não poderia admirar que as plantas não prosperassem; até o solo estava pálido, seco e rachado.

Lizzy não estava à vista. O que ela estava fazendo, deixando Hetta desacompanhada dessa maneira?

'Heta! Aquele garoto está incomodando você?

Ela se levantou e veio pegar minha mão. Sua palma estava suja, mas sem suor. A umidade que me exauriu e os jardins não a tocou.

'O que está acontecendo?'

Ela sorriu, lentamente. Suas pálpebras tremeram e percebi que ela estava olhando para meus diamantes. Uma pequena mão estendida, alcançando meu pescoço.

— Agora não, Hetta. Suas mãos estão sujas. Você pode olhar meu colar mais tarde. Eu a afastei e olhei para o garoto. Ele se manteve firme, moleque doentio que era. 'Como por você . . . Você não deveria estar aqui.

Você sabe bem. Este é seu último aviso.

Tardiamente, ele arrancou o boné da cabeça. — Por favor, senhora. Só vim à procura de trabalho.

— Ciganos não trabalham... — comecei, mas Hetta puxou meu braço. Ela me deu um dos sinais que fizemos entre nós. *Cavalo* . — Ele roubou meu cavalo?

Ela balançou a cabeça com veemência. Seus lábios se contraíram de frustração, como sempre fazem quando ela não consegue se fazer entender.

Cavalo. Garoto. Cavalo.

O menino se contorceu. Ele falou com ela em sua língua cigana cantante.

Parecia infernal; todas as línguas, como algo demoníaco. Mas ela parecia entendê-lo, pois assentiu e grunhiu.

'Senhorita Henrietta Maria. . .' Ele olhou para mim, os olhos negros como breu. — A senhorita acha que você me deixaria trabalhar aqui. Com os cavalos.

Eu me perguntei como ele sabia disso; como ele se atreveu a presumir que entendia Hetta quando eu não. — Eu não deixaria você a cem metros dos meus cavalos — zombei. — Você os roubaria.

Hetta soltou minha mão.

— Por favor, senhora. Por favor. Meu povo é bom com cavalos. Agora que seu mordomo nos liberou do comum, o que faremos? Como vou comer?

Eu fiz uma pausa. Ele realmente parecia lamentável, encolhendo-se ali todo esfarrapado. Hetta sinalizou para mim novamente. *Nada* .

'Eu sei que eles não têm nada, Hetta. Não é minha culpa.'

Não, não era isso. *Rapaz* . *Nada* .

— Não roubamos nada — disse ele suavemente. Seus olhos se iluminaram e por um instante eu invejei isso. Que comunhão ele compartilhava com minha filha – *minha* criação? Eu não o queria perto dela. — Em todos os anos em que vivemos neste terreno durante o verão, não roubamos nada de você.

— Pode ser. Mas terei os cavalos do rei no meu estábulo. Voce entende?

Como posso arriscar isso? O que ele diria, se um cigano pegasse seu cavalo? Ele iria responsabilizar meu marido. Isso nos arruinaria.

Hetta estendeu as mãos.

"Você vai precisar de mãos extras", disse ele. — Para a visita do rei. Muitas mãos estáveis. Você será apressado.

— Então empregaremos homens. Não é um menino cigano.

Hetta bateu o pé. Para minha surpresa, ela colocou as mãos na minha perna e me empurrou.

Meu temperamento explodiu. Eu não estava mais nos jardins da Ponte, mas em casa, anos atrás. Mary estava correndo para a bandeja de doces, me empurrando para o lado. Rindo enquanto eu caía. Fúria queimou em minha mão.

O barulho da nossa pele se conectando era mais alto do que qualquer choro.

Eu suspirei. Minha marca de mão estava vermelha na bochecha de Hetta.

p

Eu nunca bati nela antes.

Jamais esquecerei a dor – a paixão quase semelhante ao ódio – queimando em seus olhos. 'Ah Heta! Rezar me perdoe. Eu não queria – você não deveria

me bater! Você está sendo tão voluntarioso hoje.

Furtivamente, meus olhos procuraram a janela. Graças aos céus, Josiah não estava lá. Ele não viu minha filha agir como o hoyden que ele a acusou de ser.

— Não queria causar problemas, senhora. O menino colocou o boné de volta. “Tudo o que eu queria era trabalhar. Eu vou agora. Adeus, senhorita Henrietta Maria.

Um som saiu dos lábios de Hetta: um barulho horrível, como um animal sofrendo. Ela correu atrás dele e pegou seu casaco. Não posso dizer o que se passou entre eles. Ele falou com resignação naquela língua pagã e ela respondeu com sinais de mão que eu nunca tinha visto antes. Por fim, ela o soltou.

Hetta virou-se para seu canteiro de ervas e começou a cortar os cardos. Ela não olhou para mim, mas eu vi seu perfil. O ressentimento havia sumido de seu rosto. Tudo vital se foi, deixando nada além de tristeza.

Meu coração apertou no meu peito. Ela nem sabia que tinha sido banida do baile de máscaras. Eu a observei curvar-se sobre o chão e regar o alecrim com suas lágrimas. Manchas escuras apareceram no solo ressecado, infiltrando-se lentamente nas raízes.

Nenhum coração de mãe poderia resistir a essa visão. Já seria ruim o suficiente com uma criança comum, chorando e soluçando. Mas ver minha pobre garota muda, tão quieta em sua miséria, quebrou minha determinação como um galho tenro sob o peso de um pombo.

'Espere,' eu gritei. O cigano parou. Arrisquei outro olhar para a janela –

claro. 'Esperar.'

A PONTE, 1865

'Mabel? Mabel, posso entrar? Elsie abriu a porta.

Com o sótão fechado e a casa vazia, as empregadas passaram a dormir nos quartos de hóspedes da ala oeste, no terceiro andar. Eram aposentos modestos, mas agradáveis. Tapete azul cobria o chão. Pequenas gravuras penduradas nas paredes, dando-lhe uma sensação caseira. Um lavatório e uma banheira de quadril amontoados ao lado do fogo. Era um lugar bom e confortável para uma garota acostumada à austeridade de um asilo, melhor do que qualquer quarto de empregada, mas Mabel estava sentada rígida na cama com as cobertas puxadas até o queixo. Seu rosto estava desenhado, assombrado.

'Mabel?'

'Ah, é você, senhora!' ela exclamou. Suas pupilas voltaram ao tamanho normal. 'Desculpe. Eu fiquei confuso e pensei que você estava. . . Eu tinha cochilado.

'Perdoe-me. Não queria assustá-lo. Elsie se empoleirou em um canto da cama. 'Como você está se sentindo?'

Mabel fez uma careta. Ela passou a mão pelo cabelo escuro e despenteado.

'Acordei, senhora. Não me importo de dizer a você, isso me deu os collywobbles.

— Devo admitir que também me senti um pouco estranho. Ela olhou para baixo. *Estranho* era um eufemismo. Desvendado, aberto, expostas: eram palavras mais precisas. O medo empurrou tanto uma pessoa - ela tinha esquecido isso. — Acho que vou chamar o médico. Seu tornozelo cortado pode ter infeccionado.

— Não é uma infecção que me deixa esquisita. Eu *vi* .

— Não duvido que você tenha feito isso. Ela fez uma pausa. Uma memória fluiu de volta em fogo líquido. Ela viu de novo: os olhos vermelhos e os lábios ressecados e abertos. — Minha mãe, Mabel, teve tifo. Você ouviu falar?'

Mabel inclinou a cabeça.

'Pobre mulher. Como ela assava. Uma vez, senti a cabeça dela e pensei... —

A voz dela falhou. — Achei que ela estava queimando viva. De dentro.' As pernas de Mabel se contorceram sob a roupa de cama. “Já era ruim o suficiente estar tão doente no corpo. Mas ela estava mais atormentada na mente, pelas coisas que via. Não vou entrar em detalhes. A doença pintou

p

q

ç p

demônios ao redor da sala. Ela os viu claro como o dia, mas eles não estavam lá. Eu sentei ao lado dela o tempo todo. Nada disso estava lá. No entanto, para ela era muito, muito real.

— Não estou ficando louco, senhora. Não estou com febre.

'Não.' Ela cruzou as mãos e tentou se recompor. A imagem de sua mãe permaneceu queimada atrás de seus olhos. — Mas gostaria de ter certeza, só para garantir. Até termos certeza, Helen fará suas tarefas e Sarah poderá ajudar onde for necessário.

— Não posso ficar aqui sentado sem fazer nada, senhora. Sozinho, pensando nessas *coisas* .

Elsie pensou por um momento. A generosidade da Sra. Holt deve ser contagiante, pois a primeira ideia que ela teve foi tão descontroladamente gentil que a surpreendeu.

Ela deveria dar a Mabel uma chance de se tornar algo melhor do que uma garota de asilo?

Ela ainda tinha medo de colocar Mabel perto de uma criança. Mas talvez, se Elsie investisse tempo agora, ela pudesse melhorar a empregada antes que o bebê chegasse. Educação – foi isso que o Sr. Underwood disse, não foi?

Ela respirou fundo e mergulhou. 'Bem, enquanto você se recupera, você gostaria de treinar em algum trabalho mais suave? Algo menos extenuante?

— Como o quê, senhora?

Era como mexer limalha enferrujada na boca, mas ela conseguiu: conseguiu colocar seu sorriso mais doce e dizer: 'Preciso de uma dama de companhia'.

— O quê, senhora?

'A criada de uma senhora. Alguém para fazer meu cabelo. Traga meu café da manhã, prepare meu banho. Lavar e remendar também será necessário.

Diga-me, *você* tirou essa lama do meu vestido de bombazina no dia em que cheguei?

'Sim, senhora. Mucky como um chiqueiro, era.

Ela deixou isso passar. 'Boa. Mostra que você tem aptidão. Você gostaria de treinar, Mabel? Isso o colocará em um bom lugar para o futuro. Uma garota com habilidades nem sempre precisará ficar na Ponte.

Os cílios de Mabel balançaram para cima e para baixo. — Cuidar de todas as suas roupas e coisas extravagantes? Seu colar de diamantes?

'Sim.'

— Uma dama de companhia — repetiu Mabel, maravilhada. — Esse é um *deles* , não é? O tipo chique de que Helen fala?

p

q

q

— O papel é o de um servo superior, sim. Muito superior à sua posição atual.

Mabel sorriu, todos os traços de medo evaporaram. 'Tudo bem, então, senhora. Eu vou fazer isso.'

HOSPITAL DE SÃO JOSÉ

Essas drogas eram mais fortes que as anteriores. Ela os sentiu sugar sua corrente sanguínea enquanto ela se arrastava pelo corredor ao lado do Dr.

Shepherd.

Formas e rostos derreteram sob seus olhos. Para onde quer que ela se virasse, havia mandíbulas frouxas e bocas molhadas de idiotas. Eles gritaram como bruxas, aparecendo em sua visão e depois se afastando novamente. Fantasmas hediondos assombrando o lugar com tanta certeza quanto o fedor de mijo.

— É muito benéfico, você não acha? ele perguntou. 'Andar faz o sangue fluir. Não vejo razão para que você não desfrute dos mesmos benefícios que os outros pacientes, sob minha supervisão. Afinal, nada foi provado contra você.

Outra de suas prescrições 'úteis'. Foi mais uma penitência do que um deleite. A prisão nunca foi o verdadeiro castigo: eram as pessoas com quem você estava preso. Lunáticos eram os piores; balbuciando, gaguejando, gemendo. Alguns nem conseguiam controlar suas bexigas. É por isso que ela jogou o jantar na velha e deu um olho roxo na enfermeira junto com o prato. Não foi nada pessoal. A única maneira de obter privacidade e um sono tranquilo era ser marcado 'perigoso'. Significava a cela escura e acolchoada por alguns dias, mas também medicação mais forte. Um comércio justo, ela pensou.

— Mas devo tomar cuidado para não cansá-lo demais. Eu esperava que pudéssemos ter uma pequena conversa quando voltarmos ao seu quarto com a lousa, Sra. Bainbridge? Se for agradável?

Agradável? Ela tinha a noção de que essas maneiras eram um artifício dele, construído para despertar o lado social e gentil de seu caráter. Se ainda houvesse um.

Os aromas serviram como marcos. O mingau queimado lhe disse que estavam perto do refeitório; sabão, água fria e medo sinalizavam os banheiros. Quando sentiu cheiro de roupa de cama mofada e sentiu seus pés rangerem contra as tábuas do piso, ela sabia que estava de volta em sua própria cela. Era quase como voltar para casa.

O mundo estava nebuloso quando ela caiu em sua cama. Paredes brancas ondularam. O Dr. Shepherd ofereceu-lhe a lousa e o giz. Quando ela tentou pegá-los, suas mãos pareciam vacilar diante de seus olhos, retardadas pelas drogas.

— Fique deitada se precisar, Sra. Bainbridge. Contanto que você saiba escrever, pode escolher qualquer posição que desejar.

Não havia escolha – ela não tinha energia para se levantar.

'Vários desenvolvimentos interessantes ocorreram em sua história. Eu gostaria de me concentrar em um para o presente. Você escreveu que sua mãe morreu de tifo. Seu pai, eu acho, faleceu antes dela? Ela assentiu. — E

como ele morreu?

O rosto de Pa tentou se manifestar diante dela, mas ela não permitiu. Ela fechou os olhos.

- Sra. Bainbridge? Você se lembra de como ele morreu?

O giz ralou enquanto ela escrevia: *Não* .

Ele limpou a garganta. — Eu esperava que pudesse ser o caso. Veja bem, Senhora Deputada Bainbridge, sou de opinião que o seu silêncio actual não foi simplesmente desencadeado pelo incêndio na Ponte. Acredito que isso vem se construindo há um bom tempo. Na verdade, acho que a doença pode ter começado com seu pai.

Seus olhos se abriram. Ela virou a cabeça no travesseiro, olhou para sua forma oscilante.

'Sim. Lamento dizer-lhe que a maneira como seu pai morreu foi muito angustiante. Ocorreu menos de dois meses após o nascimento de seu irmão.

Ela o ouviu farfalhar papel, embora não conseguisse focar claramente. — A polícia estava envolvida. Você mesmo fez uma declaração. Uma pausa. —

Devo... devo ler para você?

Era como se ele tivesse congelado cada gota de sangue em suas veias. Ela não podia se mover, ela apenas piscou, mas ele pareceu tomar isso como consentimento.

“Elisabeth Livingstone da Fábrica de Fósforos de Livingstone, Bow, Londres. Doze anos de idade. Eu sou a filha do falecido. Ajudo os operários da fábrica desde menina. Na tarde de 2 de agosto, por volta das três horas, eu estava amarrando feixes de talas quando percebi um incêndio no chão da fábrica. Era uma pequena fogueira, localizada ao lado da serra circular. Não vi como o fogo começou. Sabendo do perigo de incêndio em uma fábrica, corri para apagá-la, mas não tinha cobertor ou areia para me ajudar. Tentei combater as chamas com as mãos e me machuquei. Não acredito que gritei

'Fogo'. Outro trabalhador pode ter feito isso. Pouco depois, vi o falecido correndo em minha direção com um balde de água. A água espirrou do balde e ele deve ter escorregado. Eu estava cuidando da minha lesão. Ouvi um som como um sapato rangendo, depois um tinido. eu olhou para cima e percebeu que o falecido havia caído na serra circular.”'

Ele deixou passar um momento respeitoso. Como ela desejava que ele não o fizesse - no silêncio, ela ouviu novamente, aquele som terrível.

— É um horror para qualquer pessoa testemunhar, eu acho — disse ele por fim. — Muito menos uma menina de doze anos.

Ele não tinha ideia.

O Dr. Shepherd começou a andar de um lado para o outro. Ela ficou aliviada: o som de seus passos substituiu o rugido dentro de seus ouvidos.

— Pela sua história, deduzo que esse evento desequilibrou um pouco a sua mãe. Você se lembra?'

Ela assentiu.

'Ela estava talvez - quase - louca, com dor?'

Ah, mãe, leal até o fim. Como ela o amava. Ela o via no seu pior, mas ainda assim o amava – o amava muito mais do que amava Elsie.

Outro aceno.

— E não acha, Sra. Bainbridge, que a mesma circunstância infeliz pode tê-la afetado de maneira semelhante? Que pode ter havido uma tendência, dentro de sua família? Não se esqueça, você também sofreu uma perda terrível. E mais se seguiram.

A ironia era que ela *não havia* enlouquecido completamente. Cada sentimento, tudo o que era bom e puro em seu mundo havia sido mutilado, e ela ainda era mais forte do que aqueles desgraçados se mijando no corredor. Ela sabia disso.

“A loucura, como a chamamos, se manifesta de muitas maneiras. As pessoas nem sempre choram e gritam como você diz que sua mãe fez. Mas parece ocorrer em famílias, observei, particularmente através da linha feminina. Histeria – do útero ao útero. O sangue doente sairá. Não há como esconder isso, receio.

Lentamente, ela deixou a lousa e o giz caírem de suas mãos.

Ela podia sentir o passado se aproximando dela, da mesma forma que um rio avança lentamente em suas margens na chuva; gradualmente lambendo seu queixo, enchendo sua boca.

Não há como esconder isso, eu temo.

Ele estava certo sobre isso. Agora que ela havia começado a contar sua história, não havia como esconder nada.

A PONTE, 1865

O advento trouxe consigo um declínio decidido no clima. A névoa rondava as colinas e embaciava as janelas. Toda vez que a porta da frente se abria, o vento soprava com o cheiro cinza-prateado da chuva. Mas Elsie havia prometido ao Sr. Underwood que começaria a frequentar os cultos novamente, e você não poderia quebrar uma promessa a um vigário, especialmente perto do Natal.

Em outubro, no funeral de Rupert, ela mal havia notado o estado da Igreja de Finados. Concentrando-se na terrível presença do caixão e do corpo preso lá dentro, Elsie deixou seus arredores se confundirem com nada. Mas agora ela viu a estrutura tomar uma forma sólida ao seu redor. Foi miserável. Frio, úmido e precisando urgentemente de reparos.

O banco da família ficava na frente. Elsie e Sarah estavam um pouco atrasadas e tiveram que passar por fileiras de aldeões esfarrapados para tomar seu lugar. Todos os desgraçados olharam, mas nenhum encontrou os olhos de Elsie; lançavam olhares furtivos e de esguelha por baixo das pestanas. Talvez ainda considerassem uma viúva azar.

Felizmente, o banco de Bainbridge foi construído e protegido na parte de trás com madeira. Buracos esburacavam a estrutura – ela teve que tirar o pó do assento antes de se atrever a sentar nele.

– Verme – sussurrou Sarah, franzindo o nariz.

A porta do banco se fechou ao lado deles. Elsie estremeceu. Trancado em um recinto de madeira com os vermes – não era muito diferente de ser enterrado vivo.

Os vermes não eram o único desconforto. Teias de aranha enlaçavam os arcos e havia um gotejamento implacável do telhado vazando. Embora o azevinho dos jardins da Ponte decorasse os peitoris das janelas, o lugar parecia lúgubre, longe de ser festivo. Carregava um cheiro mineral, escorregadio e úmido.

Sarah parecia enjoada enquanto examinava seus arredores. Ela ainda usava um curativo na mão. O boticário de Torbury St Jude disse que o corte não estava infectado, mas Elsie tinha suas dúvidas. Já eram quase dois meses.

Certamente a ferida deve cicatrizar, no mínimo?

— Você está meio sem cor, Sarah?

'Sim . . . É esta igreja. Quando penso no meu pobre primo Rupert, descansando para sempre em tal lugar!

Elsie não podia responder pelas lágrimas.

Quando ela era jovem, ela gostava de ir à igreja. Era um lugar onde ela podia andar em uma atmosfera mais alta e respirar um ar mais alto. Mas em algum momento – deve ter sido na época em que papai morreu – seus sentimentos mudaram. Church se tornou uma lupa gigante focada em seu rosto com uma multidão de pessoas espiando. Hoje não foi muito diferente.

Os pobres de Fayford podiam não olhar nos olhos dela, mas estavam atentos à sua presença, como cães farejando sangue.

Eles seguiram a rotina habitual: hinos; uma leitura do evangelho; os pensamentos do Sr. Underwood; o acendimento da vela do Advento. No final, Sarah estava tremendo de frio. Elsie ouviu sua voz estremecer com as palavras de 'Rock of Ages'. Ela esticou o braço, querendo colocá-lo ao redor Os ombros de Sarah, quando uma pontada na boca do estômago a puxou para cima.

Sarah olhou para ela com os olhos arregalados. - Sra. Bainbridge?

Ela colocou a mão em seu corpete e sentiu novamente sob os botões: algo dentro, retrocedendo.

— É o bebê?

'Sim. Ele acelera.

Sara sorriu. Sem pedir permissão, ela colocou a palma da mão na barriga de Elsie.

Uma sensação curiosa: o calor de Sarah na superfície de sua pele; a criança empurrando para trás no lado molhado e escorregadio dentro. Horrível, na verdade. Um Bainbridge do lado de fora, um trancado atrás da carne, e ela não era mais do que uma barreira fina, uma parede através da qual eles podiam se comunicar.

Ela olhou para o crepe preto de seu vestido e para a mão enluvada de Sarah, cinza contra ela. Ela teve a estranha sensação de que não era seu estômago

– não mais. Era apenas uma concha. *Ela* era uma concha, e outro corpo, um corpo estranho, crescia por dentro.

Elsie decidiu voltar para The Bridge. O movimento, ela pensou, faria seu sangue fluir e dissiparia a sensação peculiar de invasão. Helen concordou em acompanhá-la. Sarah estava meio morta de frio e a perna de Mabel não podia carregá-la tão longe, então eles pegaram a carruagem com a sra. Holt.

A chuva havia caído durante o serviço, deixando as trilhas escorregadias, de estanho rebocado com folhas mortas. Caracóis saíram da vegetação rasteira para esticar seus pescoços. Uma vez ou duas vezes Elsie teve que dar um passo abrupto para o lado na grama molhada para evitar esmagá-los.

"Meu Deus, senhora, Mabel vai ter que trocar de roupa assim que você voltar", disse Helen. 'Não vai fazer para você pegar um resfriado, não em sua condição.'

"Obrigado, Helen, vou me certificar de que ela saiba." Seus tornozelos estavam frios e dormentes. Outro par de meias arruinado. Ela só rezou para que seu crepe não murchasse no ar úmido.

Suas botas batiam em um ritmo discordante enquanto cruzavam a ponte com os leões de pedra. Um vapor fino e branco subiu do rio. Isso a fez lembrar-se da fábrica de fósforos. Se ela fechasse os olhos, poderia imaginar o cheiro de fósforo a assombrando. Ela detestava aquele odor, mas de alguma forma ela precisava dele; estava encadernado em casa, em Jolyon.

O que Jolyon estaria fazendo agora? Fazendo os arranjos para novas garotas nas salas de imersão, talvez, e se preparando para deixar o local para o Natal. Uma vez que ele voltasse para A Ponte, ela estava fadada a se sentir ela mesma novamente. Este interlúdio sem ele a tinha perturbado. Não era natural estar separada dele.

Helen limpou a garganta. 'Senhora?'

— Sim, Helen?

— Posso perguntar uma coisa?

Elsie abaixou a cabeça para evitar os dedos pingando de um galho. 'Muito bem.'

— O que aconteceu com suas mãos, senhora?

— O que você quer dizer?

'Suas mãos. Nunca te vi tirar as luvas. pensei talvez. . . talvez você os machucou?

Elas formigavam e latejavam sob suas luvas pretas de renda: ecos das próprias mãos de Helen; calejado, com inchaço nas articulações e manchas na pele. — Você está certa, Helen. Houve um acidente. Eles foram queimados.

Helen assobiou entre os dentes. 'Isso é má sorte. Você não pode ter muito cuidado com o fogo, senhora. Conheci uma mulher em Torbury St Jude, uma vez. O vestido de sua filhinha se acendeu em uma vela e ela subiu em chamas.

Elsie sentiu o frio rastejando em seus ossos. — Está muito mais longe agora?

— Não muito. Mais duas curvas e você verá os jardins. Helen enxugou a umidade do rosto com as costas da mão. O ar frio e úmido só fazia sua pele

vermelha parecer mais rosada. 'Mas enquanto estamos aqui, senhora, eu me perguntei. . . você voltou para o berçário?'

'Certamente não. Não tive ocasião de ir lá.

'Oh.' Uma pequena pausa. 'Senhora, posso perguntar outra coisa?'

— Meu Deus, pensei que fosse uma caminhada, não uma inquisição.

— Desculpe, senhora. Só eu me perguntei se teríamos mais ajuda quando o bebê chegar. Com Mabel sendo promovida e todas as influências extras e tal, não terei tempo para recuperar o fôlego.

Ou fazer tantas perguntas.

“Naturalmente, contratarei enfermeiras para o bebê no Lady Day. Tenho outras despesas no momento.

Eles devem estar se aproximando agora; ela podia ouvir o som das tesouras cortando nos jardins.

Esperançosamente eles conseguiriam entrar antes de outro ataque de chuva.

As nuvens estavam se formando em formação, prontas para atacar. Com o sol brilhando atrás deles, eles brilhavam, cinza metálico.

"É melhor mandarmos os jardineiros para casa por um dia", disse ela. 'Eles vão ficar muito molhados trabalhando com este tempo.'

Helena ergueu as sobrancelhas. — Achei que os jardineiros não tivessem vindo hoje.

'Claro que eles vieram, você não pode ouvi-los? Ouvir.'

Helena balançou a cabeça.

“Eles estão cortando flores ou aparando as sebes. Você realmente não consegue ouvir? O som estava ficando mais alto, como uma lâmina contra uma pedra de amolar. *Corte, corte* . Elsie parou de andar e colocou a mão no braço de Helen, forçando-a a parar. 'Lá.'

Helena piscou. Ela parecia completamente tola. Elsie nunca tinha visto um olhar mais estúpido – ela se perguntou se Helen o praticava.

'Deixa pra lá.'

Assim como Helen prometeu, mais duas voltas trouxeram os jardins à vista.

A folhagem perene mostrava-se vívida contra o pano de fundo do céu. Elsie viu um corvo saltitando entre as sebes moribundas, mas nenhum jardineiro.

Eles devem estar trabalhando do outro lado.

— Espero que não fique muito abatida neste Natal, senhora — disse Helen.

'Com o pobre mestre e tudo. . . O primeiro Natal é sempre difícil.

'Sim.'

'O Mestre era apenas alguns anos mais velho que eu. Parece tão cruel. . .'

De todos os criados, foi Helen quem mais mencionou Rupert. Talvez fosse, como ela disse, a semelhança de suas idades, ou o fato de ela ter encontrado o corpo dele.

— Você fala como se gostasse de seu mestre, Helen. Estou contente de ouvir isso.'

Ela deu um meio sorriso. “Ele sempre falou gentilmente comigo. Achei legal da parte dele notar seu cajado.

Deus sabia que os de Londres não mereciam sua atenção. Ingratos rancorosos, eles eram, apesar de toda a sua eficiência.

“E então”, continuou Helen, “ele me contava pequenas coisas sobre seu dia.

Como ler aquele livro e encontrar as cartas no berçário.

O berçário novamente. Elsie estremeceu quando uma gota de chuva caiu de um galho e escorreu por suas costas. — Você deve desistir dessa fantasia,

Helen. Você já me disse que o Sr. Bainbridge presumiu que as cartas foram deixadas assim pelo ocupante anterior. *Ele* não achou que fosse um fantasma.

— Não — ela admitiu. — Mas ele não sabia que eu as tinha arrumado na semana anterior e colocado todas em uma caixa. E ele nunca viu a escrita na poeira. *Mãe* , dizia, naquele dia. Geralmente é uma frase inteira. Elsie não queria ouvir essa frase, mas Helen claramente ia dizer a ela. ' *Mamãe me machucou* , diz ele.'

Ela não podia responder.

Eles estavam se aproximando da casa. Elsie deu um passo em volta das sebes salpicadas de orvalho. Eles exalavam um cheiro verde e musgoso. Ela ainda podia ouvir aquelas tesouras implacáveis, e o som começou a irritar seus nervos.

Quando chegaram ao nível da fonte de pedra, Helen gorjeou novamente. —

O que você acha que é então, senhora? Escrevendo para mim?

"É Mabel", ela retrucou, irritada. — Fazendo uma brincadeira com você.

Ela escreve e depois finge que não pode ver. Nada poderia ser mais simples.

'Mabel? Mas ela não consegue nem ler o próprio nome, senhora, muito menos... O final da frase de Helen desapareceu em um suspiro.

Elsie se virou para encará-la. 'O que? O que é isso?' As rosas tinham fugido das bochechas de Helen. Até seus lábios estavam pálidos. — Você está doente?

Helen estendeu um dedo, apontando.

Elsie não queria ver. Ela não queria que seus olhos seguissem a direção daquele dedo, mas eles *vagariam* , lentamente, sem sua vontade, treinados por algum instinto fatal.

A garota de madeira ficou olhando pela janela da sala de jogos. Sombras como galhos obscureciam seu rosto. Chifres – eram chifres. Ela foi colocada

diretamente sob a cabeça do veado. Mas não foi isso que chamou a atenção de Elsie: foi a janela à esquerda.

O retângulo com uma mão enlameada impressa no vidro.

'Talvez os jardineiros. . .'

'Não.' Helena engoliu. "Olha, a marca está do lado de dentro."

Era difícil respirar. O bebê estava se movendo, dando cambalhotas em seu estômago. Ainda o ar ressoou com o som daquelas malditas tesouras: *snip, snip.*

Elsie se sacudiu. *Uma montanha saindo de um montículo* – é o que Ma diria. Mabel, ou mesmo a própria Helen, poderia ter deixado a marca por acidente.

'Absurdo. Você não pode ver se a impressão está dentro ou fora daqui.

Elsie avançou com mais determinação do que sentia. A voz de Helen implorou para que ela parasse, mas ela não podia mudar de rumo agora.

Seus pés se moveram sem ela – ela foi deixada para trás.

Outro passo e a impressão lamacenta se aproximou, entrando em foco.

Muito pequeno. Não podia ser um jardineiro. Esta era a mão de uma criança.

Ela parou diante da janela, tão perto que sua respiração embaçou o vidro.

Quando clareou, ela viu seu próprio rosto refletido de volta, sobrepondo as características de madeira do companheiro. Só que não era o rosto dela –

não realmente. Estava pálido e deformado, feio de medo.

Tremendo, Elsie estendeu a luva e colocou a palma da mão contra a mão de lama. Helena estava certa. A impressão veio do outro lado.

'Senhora? Você pode vê-lo? Há escrita?

Ela abriu a boca para responder quando um lampejo, um pequeno movimento atrás do vidro, chamou sua atenção. Ela recuou.

'Senhora? Você está bem?'

Ela conseguiu assentir; ela não conseguia falar.

O companheiro já não olhava para os jardins. Ela olhou, morta e sem piscar, direto para a alma de Elsie.

Mabel não estava mentindo. Seus olhos *se moveram* .

As correntes de ar fluíam pelo corredor marrom. Sombras balançavam no papel de parede enquanto as lâmpadas a gás se acenderam com um rugido.

Elsie se encolheu em seu xale, encolhendo-se contra o ombro de Sarah. Ela nunca se sentiu tão dominada, tão *engolida* como se sentia nesta casa.

– Este – disse Sarah. Ela estendeu um dedo e deixou a ponta pairar a uma polegada de distância da pintura. 'Você vê? Atrás das saias da mulher?

Era uma peça barroca, próxima ao estilo de Vermeer. Uma loira gorda com olhos cansados estava sentada diante de uma gaiola. Ela estendeu a mão para um pardal empoleirado lá dentro. A luz os atingiu da esquerda, caindo em cheio em seu rosto. Ela era bonita, embora um pouco queixosa. Fitas de coral se enroscavam em seu cabelo, ecoando a sombra do manto enfeitado de pele sobre seus ombros. Saias creme de manteiga caíam de sua cintura, e agarrando-se a eles estava uma menina. Uma garota feérica com aquela aparência estranha de marionete predominante entre as crianças nos primeiros retratos. Ela não olhou para o pardal, mas olhou atentamente para o rosto da senhora.

A tontura a invadiu. 'É *ela* . Sara, é ela. É a mesma garota que a acompanhante.

Sibilo .

Os dedos de Elsie agarraram a manga de Sarah, enrugando o tecido lavanda. 'Você escuta . . .?'

— Os construtores — disse Sarah suavemente.

Elsie respirou fundo. O ar invadiu seus pulmões, azedado pelo gosto de tinta. Claro, não era o som que vinha à noite, tão lembrando uma serra – era uma serra *real* . Decoradores de verdade, prontos para deixar sua casa apresentável. 'Claro. Eu esqueci.'

Sarah voltou para a foto. — Achei que ela também se parecia com a companheira. Talvez um pouco mais jovem. Mas aqui está a coisa realmente interessante. Olhe para a escrita na moldura.

— Dezesseis e trinta — leu Elsie.

'Sim. E o nome. *Anne Bainbridge com sua filha Henrietta Maria* .

— Henrietta Maria.

— Mas eles a chamavam de Hetta.

'Como você sabe?'

— Ela é uma das minhas ancestrais! Hetta, o menino cigano, os companheiros – estão todos no diário que encontramos no sótão. O pobre Hetta estava mudo. Sua mãe não deveria ter mais filhos, mas ela tomou algumas ervas e Hetta nasceu sem uma língua adequada. Pobre menina!

Você sabe como era naqueles dias, eles pensavam que crianças aflitas eram amaldiçoadas. Ela foi deixada de fora de tudo. Apenas um doce, garota solitária. . . Eu *não posso* acreditar – quero dizer, mesmo supondo que seus olhos se moveram. . .'

'Eles se moveram.'

'Nós vamos.' As sobrancelhas de Sarah se juntaram. Ela nunca tinha rido –

Elsie era eternamente grata por isso. Sarah abordou o problema como se fosse uma soma complicada que precisava ser resolvida. “E se a figura de madeira estiver canalizando o espírito desta Henrietta Maria Bainbridge?

Segue-se que ela quer nos prejudicar? Eu não posso acreditar nisso.' Ela balançou a cabeça. 'Hetta só quer alguém para cuidar dela. Um amigo. Ela estava tão sozinha. Eu sei como é isso.

Elsie estremeceu. 'É a isso que chegamos agora? Falar de fantasmas e possessão de espíritos?

— Você não acredita nos espíritos? Sarah pareceu surpresa. Elsie poderia muito bem ter dito que não acreditava em cores. — Posso garantir que são reais, Sra. Bainbridge. Eu os vi. Uma mesmerista visitou a Sra. Crabbly, e uma médium, para entrar em contato com seu falecido marido. Todas as velhinhas ricas fazem isso em Londres. É bastante seguro. É uma ciência.

Não há nada a temer.

Então por que seu pulso batia tão forte? ' *Estou* com medo. Tenho medo do companheiro cigano e da mulher com a criança no colo. Há algo de errado com eles. Eles sentem . . . errado.'

'Talvez o que você viu no vidro foi a mão de Hetta, estendendo a mão para nós? Devemos tentar entrar em contato com ela. Li um livro sobre sessões espíritas. Tentei convocar meus pais uma vez...

Elsie gemeu. — Em nome de Deus, não! Você deve parar de falar como se fosse uma criança de verdade. Mandei a Sra. Holt trancá-la no porão com todos os outros, pelo amor de Deus!

— Não é tão tolo quanto parece. Havia *uma* criança de verdade. Esta foto e o diário provam isso. Estou tentando me lembrar do que aconteceu na última anotação do diário que li. . . O marido da Anne deu-lhe o seu colar de diamantes, lembro-me disso. Você sabia que foi encomendado especialmente para a visita de Carlos I?

— Isso não é relevante agora.

— Não, suponho que não. . . Ah, sim, a pobre Hetta foi proibida de comparecer ao baile de máscaras! O pai dela temia que ela o envergonhasse.

Elsie respirou fundo e tentou esconder sua irritação. — Duvido que um espírito se daria ao trabalho de nos assombrar por causa de um baile de máscaras da corte que ela perdeu duzentos anos atrás.

— Não — disse Sarah pensativa. 'Deve haver algo mais. Vou ter que terminar de ler o diário. Se ao menos eu tivesse pegado o segundo volume antes que a porta do sótão emperrasse!

— O homem está trabalhando na porta agora. Quando ele terminar, vamos buscar o livro e ver se encontramos uma pista.

Havia um caminho a seguir, ela só tinha que manter seu terror sob controle por mais algum tempo. Em duas semanas seria Natal. Seus vestidos novos chegariam e Jolyon desceria. Trazia pudim de ameixas, laranjas cravejadas de cravos, embrulhos embrulhados em fitas coloridas; todo o calor e vibração que lhe faltava. Tudo ficaria bem quando Jolyon chegasse, disse a si mesma.

Então ela ouviu o grito.

'Mabel! Parece Mabel.

Eles caíram pelo corredor até a Galeria das Lanternas. Mrs Holt e Helen galoparam escada acima de baixo para encontrá-los. Helen ainda tinha um avental molhado e um batedor de roupas de madeira na mão. Ela o empunhava como uma arma.

- Sra. Bainbridge! Senhorita Bainbridge. Qual é o problema?' A Sra. Holt parecia aflita.

— Não sabemos — disse Sarah. — Achamos que é Mabel, lá em cima.

Seus pés bateram nos tirantes. Elsie estava sem fôlego e seu corpete cortado sob os braços, mas ela conseguiu chegar ao patamar primeiro. Ela deu três passos antes de colidir com uma forma arremessada na direção oposta.

'Mabel! Mabel! A garota parecia quase selvagem. Lágrimas escorriam por seu rosto. Elsie agarrou seus ombros e a segurou firme. 'O que aconteceu?'

'Como você pode? Como você pode?' Seus punhos bateram contra o peito de Elsie. 'Como você pode ser tão mau? Ah, ah!

'O que? Do que você está falando?'

'Você sabe! Você sabe!' Os joelhos de Mabel cederam; ela caiu no chão.

'Não foi engraçado. Eu estava com tanto medo. . .' Ela começou a soluçar.

Elsie a soltou e olhou impotente de Sarah para a Sra. Holt e depois para Helen. 'Helen, você pode tentar obter algum sentido dela?'

Helen colocou seu batedor no chão. Timidamente, ela colocou a mão no ombro de Mabel. — Silêncio, agora. O que aconteceu? Não foi. . .' Ela baixou a voz para um sussurro. — Você viu outro?

– Ela... ela... Mabel mal conseguia falar. ' *Ela* deve ter colocado no meu quarto. Sabe que eu os odeio! Tudo parte de alguma... alguma piada!'

Espinhos subiam e desciam pela pele de Elsie. — O que há no seu quarto, Mabel?

— Como se você não soubesse! Uma dessas *coisas* !'

Ela olhou para Sara. 'Não. Aquilo não pode ser. A Sra. Holt trancou todos os companheiros no porão. Eu a vi fazer isso.

'Esse não. Eu nunca vi isso antes.

O sangue latejava em seus ouvidos. 'Não. Não, não vou acreditar nisso.

Rígida com determinação, Elsie caminhou pelo corredor. Ela veria com seus próprios olhos. Ela iria provar que eles estavam errados.

A porta se abriu com facilidade, revelando a cama estreita de Mabel, o lavatório e as gravuras na parede.

Estava de pé na banheira de quadril.

Uma mulher robusta, escovando o cabelo. Sua túnica era da cor de pepinos em conserva. Ela usava mangas de linho sujas e um avental que ia até os tornozelos. Sua expressão provocava enquanto ela passava a escova pelas pontas de seu cabelo castanho ondulado, a outra mão alisando atrás. Era um olhar de paquera, mas de alguma forma hostil.

— Continue então — resmungou Elsie. Ela estava tonta com um senso de sua própria bravura. 'Mova-se se você vai fazer isso. Mova-se, maldito seja, mexa-se!

Os olhos permaneceram imóveis. Mas ela ouviu, bem no limite de sua consciência, o som de cerdas rasgando o cabelo seco. O cheiro de rosas se inflamou, espesso e sufocante. De repente, estava muito quente.

Sua mente não suportaria. Girando, ela bateu a porta e correu de volta pelo corredor. Suas pernas se recusavam a se mover com a velocidade habitual.

Ela estava lenta agora, pesada pelo bebê. Vulnerável.

Os outros estavam esperando no patamar. Eles tinham puxado Mabel para uma cadeira e ela estava com o rosto seco, muito pálida.

— Estava trancado — disse a sra. Holt. — Juro que estava trancado. A Sra.

Bainbridge não tem a chave, Mabel. Só não entendo como isso aconteceu.

g

'Mabel.' Elsie tentou manter a voz firme, mas era uma coisa estranha e arrebatadora, além de seu controle. 'Todos vocês. Eu quero que você pense, com muito cuidado. Quem esteve na casa? Tivemos comerciantes e operários. Jardineiros. Eu quero que você faça uma lista. Alguém, em algum lugar, por qualquer motivo, está nos pregando uma peça. Colocando marcas de mãos nas janelas e . . .' Ela franziu a testa, distraída por um brilho de luz. — Mabel, você está usando meus diamantes?

A cor brilhou nas bochechas da empregada. — Eu os estava aquecendo, senhora. Isso é o que Helen diz que eles fazem, nas casas de luxo. Não é,

Helena? Aqueça as pérolas da senhora.

— Aquecê-los? Sara chorou. — Uma história provável! A Sra. Bainbridge não pode nem usá-los durante o luto.

Elsie cavalgou uma crista de ansiedade o dia todo. Tinha que quebrar. A raiva cintilou através de seu medo e ela o agarrou com ambas as mãos.

'Tire-os!' ela gritou. 'Tire-os de uma vez!' Novas lágrimas jorrando, Mabel agarrou a base do pescoço, mas seu cabelo estava emaranhado na corrente.

'Se você não tirá-los neste minuto, eu vou mandá-lo para fora desta casa!'

Helen entrou com as mãos firmes e irritadas. Ela abriu o fecho e puxou o colar. Fios do cabelo escuro de Mabel ainda estavam presos à corrente.

— Não quis fazer mal — murmurou Mabel, balançando-se. — Não quis fazer mal, não merecia nenhuma maldita coisa no meu quarto.

Houve um estrondo, então um grito soou na ala leste.

Os olhos de Elsie encontraram os de Sarah. "Parece que eles abriram a porta do sótão", ela sussurrou. "Vá e pegue a segunda parte desse diário."

Sarah foi imediatamente.

A Sra. Holt andava de um lado para o outro, apertando as mãos. 'Meu querido, meu querido. O que fazer! E a roupa nem acabou. . .'

Elsie olhou para Mabel, tremendo nos braços de Helen. Ela se sentia mais calma agora; ligeiramente envergonhado de suas palavras duras. “Olha, Mabel, seja lá o que você pensa, eu não coloquei esse acompanhante no seu quarto. Estou começando a odiá-los tanto quanto você.

Mabel olhou para ela, mas não conseguiu ler a expressão.

Sarah voltou correndo, sem fôlego e de mãos vazias. Ela parecia estranha.

Pálido, tremendo como um whippet.

'Sara, o que é? O livro sumiu?

— Não, está lá, mas ela não. . .' Ela engoliu em seco. — Ela não queria que eu pegasse. Eu podia sentir que a pobre alma não queria que eu lesse.

'Do que você está falando?'

— Ela estava lá. O queixo de Sarah tremeu. 'Hetta estava no sótão.'

Estava frio o suficiente para nevar, mas Peters e Stilford suavam enquanto estavam no pátio, balançando as cabeças dos machados de novo e de novo, *tum , tum.* Pedaço por pedaço, pedaço por pedaço, a madeira se estilhaçou, primeiro marrom, depois branca, fibrosa e mais difícil de cortar. Peters descansou por um momento, uma mão no quadril. Uma miscelânea de partes do corpo estava empilhada diante dele: cabeças de madeira, mãos de madeira decepadas.

Elsie se aconchegou na porta da cozinha com Sarah e as servas, vestindo sua capa mais pesada. Ela desejou ser um homem. Se ela tivesse forças para pegar um machado, ela o faria; cortar o rosto daquele menino cigano em pedaços. Ela pensou na serra circular na fábrica de fósforos, talas recém-cortadas chacoalhando de seus dentes no cocho. Um arrepio a percorreu.

– Parece uma pena – lamentou Sarah. 'São antiguidades! Minha ancestral Anne Bainbridge os comprou em dezesseis e trinta e cinco. Não poderíamos pelo menos ter tentado vendê-los?

'Quem pagaria um bom dinheiro para que um monte de bonecas lhes desse arrepios?' Mabel chorou. — Eles teriam que ser tocados na cabeça, senhora.

Sara mordeu os lábios. Ela estava infeliz e isso fez Elsie se sentir desconfortável. Por direito, os companheiros pertenciam a um descendente de sangue Bainbridge – não um intruso, um mero Bainbridge por casamento. Ela estava destruindo a herança de Sarah. Mas o que mais ela deveria fazer? Eles estão surgindo por toda a casa como caixas de surpresas, assustando a vida de todos eles?

— A lenha extra será útil para o inverno — acrescentou a sra. Holt.

A pele de Elsie coçava. 'Não. Não quero queimá-los dentro de casa. Eu não acho que seria. . . sábio.'

— Posso dar aos aldeões então, madame? Em Fayford?

O machado assobiou no ar novamente, seguido pelo estalo de madeira caindo.

— Talvez seja melhor queimá-los aqui, no pátio.

A Sra. Holt não respondeu, mas Elsie ouviu seu pequeno cacarejo de desaprovação.

Ela estava sendo tola? Parecia bobo, agora os companheiros jaziam desmembrados nas pedras – uma reação nervosa de uma mulher extenuada.

E, no entanto, os cavalos estavam inquietos, as orelhas chatas, o branco dos

olhos rolando. Beatrice, a vaca, estava bem atrás de seu estábulo, lambendo outra moita de feno de sua rede. Os animais sabiam. Os animais sempre sentiram essas coisas.

- Certo então. – Peters ofegou. A transpiração correu em seus olhos.

'Último.'

Todos se viraram para olhar para aquela que Sarah chamava de Hetta.

Equilibrada, silenciosa e sozinha, ela olhou para os restos massacrados de seus companheiros; seu sorriso sereno, a rosa branca contra seu peito.

Elsie não achava que poderia assistir Peters cortar este último. Como seria ver os contornos daquele rosto, tão parecido com o dela na infância, fraturado? O passado foi amputado e depois pegou fogo.

Peters deu um passo à frente.

'Não!' Era Sara. 'Não por favor. Nós não podemos! Não Heta. Ela já sofreu o suficiente.

Elsie desviou a cabeça de modo que a lateral de sua touca escondeu Sarah e o companheiro de vista. — Precisamos, Sarah. Há algo sobre essas coisas, algo. . . errado.'

'Como você sabe que está errado? Você só sabe que isso te assusta.

A mão de uma criança na janela, o deslizar daqueles olhos. . .

— Sim, isso me assusta. Isso é motivo suficiente. O que você acha que está fazendo com meu bebê, ter todos esses saltos e sustos?

'Mas Hetta é meu ancestral. Li sobre ela, sinto que a conheço. A voz de Sarah passou da súplica ao desespero. — E se ela estiver tentando entrar em contato conosco? Se ela está me pedindo para corrigir uma injustiça? Eu não posso falhar com ela!' Eles disseram isso, não disseram? Que os assassinados não podiam descansar, mas vagavam, buscando justiça. Elsie sabia que era um absurdo. Deve ser aquela velha senhora Crabbly, colocando ideias na cabeça de Sarah. Mesmerismo, de fato!

“Senhorita Sarah”, disse a Sra. Holt, “se posso ter a coragem de dizer isso. .

. Vivo nesta casa desde jovem. Nunca tivemos fantasmas!

Helena fungou.

'Mas você não é parente de Hetta!' Havia uma energia fanática em Sarah.

'Ela não tentaria chegar até *você* . Somos iguais, ela e eu. Por favor, deixe-me ficar com ela. Pelo menos até eu terminar o diário.

Um som veio da pilha de companheiros – um rangido seco, como vigas se acomodando. Ela tinha que decidir. Logo escureceria.

— Faça isso — sussurrou Mabel. — Hackeie-a e queime os vagabundos até o inferno.

A Sra. Holt se virou. 'Mabel!'

Elsie suspirou. O mundo estava cheio deles, do passado e do presente: garotinhas tristes e solitárias. *Ela já sofreu o suficiente* . Sarah estava falando sobre Hetta, ou ela mesma?

Elsie já havia levado a casa de Sarah e seu colar de diamantes. Não havia dúvida do que Rupert gostaria que ela fizesse agora.

'Sarah pode ficar com Hetta, se é tão importante para ela. Mas veja bem, quero mantê-lo trancado no sótão, não na minha casa, nem perto do meu bebê.

— Ah, obrigado, obrigado, sra. Bainbridge! Sarah gritou. — Eu sei que você está fazendo a coisa certa. Um círculo vermelho brilhava em cada bochecha. Seus olhos estavam brilhando, como gelo.

— No sótão, você entende?

'Sim Sim. Vou mantê-la no sótão, isso não é problema nenhum.

Sarah agarrou Hetta como se a estivesse arrancando das garras da morte.

Ela segurou o lado pintado contra o corpo, mas não conseguiu manobrá-lo com a mão ruim.

— Quem vai me ajudar a levá-la para cima?

Tanto Mabel quanto Helen recuaram.

'Pelo amor de Deus!' gritou a Sra. Holt. Ela sacudiu as chaves e destrancou a porta da cozinha. — Venha então, Srta. Sarah. Minhas meninas ficaram com medo de suas próprias sombras.

Assim que entraram, Elsie tirou uma caixa de fósforos do bolso. Peters estendeu a mão, mas ela balançou a cabeça. Ela mesma queria atear o fogo.

"Já estava na hora também", sussurrou Mabel.

Elsie se aproximou da pilha de lenha. O vento aumentou e seu véu ondulou atrás dela como fumaça escura. Ela teve uma visão de si mesma, parada ali,

negra e solene.

Os companheiros eram um quebra-cabeça de peças: o cabelo da cigana, escalpelado; aquele horrendo bebê rígido, partido ao meio. Eles não podiam assustá-la agora. Retirando um palito de fósforo, ela o arranhou ao longo da lixa.

Uma faísca, um clarão azul, depois a chama laranja. O calor pinicava através de suas luvas. Ela observou a luz balançar na brisa, sentindo o poder

em seus dedos, pronto para liberar com um único movimento. Ela já podia sentir o cheiro da fumaça.

— Faça isso, senhora — insistiu Helen.

Ela deixou o fósforo cair.

A madeira rachou e a pilha explodiu em chamas. Um olho a observou por baixo de um lampejo de chamas. Ele derreteu, sangrando pela bochecha, as cores correndo.

A PONTE, 1635

Achei que tinha feito a coisa certa. Achei que estava tudo bem.

O menino cigano, que se chama Merripen, está estabelecido nos estábulos.

Ele fez um voto solene de não deixar as portas destrancadas ou encorajar seus parentes ladrões. Eu sei como essas pessoas são.

Desde que cedi a sua amiga, Hetta tem sido toda doçura e luz, subindo e descendo as escadas com seus spaniels batendo atrás dela, cortando molhos de ervas para a cozinha e maravilhando-se com meus diamantes. Fiquei surpreso com a alegria dela, mas também fiquei orgulhoso dela. Achei que ela havia vencido sua decepção como uma dama. Presumi que era suficiente para ela ter sua amiga empregada. *Como Josiah a administrou bem* , disse a mim mesmo. Como eu iria saber? Como eu poderia sonhar que ele nem tinha contado a ela?

Tudo começou quando os meninos chegaram. O tempo estava abafado, desconfortavelmente próximo. Durante toda a manhã as pegas chilrearam, cacarejando seus segredos. Mas meus filhos estavam de bom humor, caindo de sua carruagem com suas pernas desengonçadas, batendo uns nos outros nos ombros.

James liderou o caminho para o Salão Principal. Henry elevou-se sobre ele.

Ele cresceu este ano, alto e magro como um junco, como uma das mudas de Hetta. E Carlos...! Eu nunca posso acreditar que Charles veio do meu corpo.

Ele é largo, robusto e construído com a força de um mastim. Não é à toa que ele causou tanto dano; não admira que a parteira disse. . . Mas isso não importa agora.

Estávamos cheios de abraços, cheios de novidades. O jantar passou em um borrão feliz e estridente e Hetta estava sorrindo, sorrindo o tempo todo.

Depois de comermos, ela mostrou aos irmãos os preparativos para a máscara: alçapões e alavancas; plataformas feitas para parecer nuvens. Ela tentou uma pirueta e James a pegou nos braços, fazendo-a voar ao redor do cenário pintado de um céu azul.

Foi então que outro homem chegou da loja do Sr. Samuels com caixas.

'Mais!' Josiah fingiu estar escandalizado, mas eu vi que ele estava satisfeito com cada escolha que eu tinha feito.

"Vamos surpreender a rainha com nossas curiosidades", eu disse. 'A Ponte será a maior peça que ela já viu.'

Desta vez foram as pessoas falsificadas – as figuras de madeira que o Sr.

Samuels chamava de seus companheiros. Que maravilhas são! A senhora da loja estava lá, e muitas outras: uma criança adormecida; uma senhora com seu alaúde; um cavalheiro com um doxy no colo.

'Sangue de Deus! Você já viu algo assim? Charles se aproximou e tocou um com sua mão gorda. 'Uma pessoa saiu de um retrato!'

Hetta deu um guincho alto e alto de prazer, como um cachorro quando vê seu dono. Ela saltou para o lado de Charles e olhou para as figuras, maravilha escrita por todo o rosto. Enquanto os meninos tagarelavam, ela teceu dentro e ao redor das tábuas, tocando suas bordas.

"Olá", disse Henry. — Henrietta Maria está brincando de esconde-esconde.

Então foi isso que fizemos o dia todo enquanto os criados trabalhavam para deixar a casa perfeita: corriam como crianças, colocando os companheiros nos lugares mais estranhos, tentando fazer o outro pular.

"Eles precisam parecer reais", eu disse. 'Eu quero que as pessoas venham até eles e comecem. Eu quero que o rei esbarre em um companheiro e implore seu perdão!'

Encontramos mil cantos e recantos na casa, mil cantos para posicioná-los da maneira certa. Quando a luz caiu, as figuras de madeira me observaram de seus esconderijos e pareciam sorrir, cúmplices. Eles prometeram dar à rainha a surpresa de sua vida.

— Será um triunfo — riu Josiah. "A coisa toda um triunfo."

Já era tarde, mas nenhum de nós podia se contentar com uma hora tranquila de leitura antes do jantar; estávamos febris, muito tensos. Em menos de quarenta e oito horas, a realeza estaria em nossa casa. O lugar já estava ganhando vida como nunca antes. Nós nos preparamos o máximo que pudemos. Agora não havia nada a fazer senão esperar.

— Quando ensaiamos a máscara? James disse, pálido e ansioso à luz das velas. — Pratiquei os passos que você me mandou, mas prefiro fazer aqui.

"Amanhã", eu disse a ele. 'Os jogadores estão vindo amanhã.'

' *O triunfo do amor platônico*. Parece muito bem, não é? Henry acariciou a renda em seus punhos. — Não que possamos rivalizar com as peças do sr.

Jones, mas tenho certeza de que a rainha ficará satisfeita. Você dança, Charles?

Os três meninos caíram na gargalhada. Vi Charles dançar apenas duas vezes desde que era um garotinho: não é uma performance destinada a inspirar orgulho materno. Ele não tem senso de tempo ou graça, e sua figura robusta o torna mais cômico.

Charles levou a zombaria no nariz, embora fingisse franzir o cenho e sacudiu o punho para o irmão. — Ah, você não gostaria de ver? Mas não desejo assustar a rainha. Eu me gabo e faço meu discurso, isso é tudo. E que discurso!

Eu estava tão ocupada rindo com os meninos que não notei Hetta se aproximando furtivamente de onde Josiah estava sentado na cadeira diante do fogo. Foi só quando o ouvi falar que me virei para vê-la ao lado do braço, puxando sua manga.

- Sim, Henrietta Maria? O que é isso?' Ela piscou os olhos grandes, verdes estilhaçados com ouro e marrom à luz do fogo. 'Nós vamos? O que é que você quer?'

Eu deveria saber então. Eu deveria ter prestado atenção às sombras correndo sobre seu rosto e ao silêncio estranho e assustador. Mas eu apenas sentei lá, mudo, e os observei; observou Hetta apontar para o peito, os olhos cheios de expectativa.

'Como agora?' Carlos ligou. 'Fale, pequena Hetta!'

Os meninos assobiaram novamente.

— Deixe-a em paz, Charles! Eu bati, mas isso só os fez rir ainda mais. Eles estavam tão empolgados que acredito que teriam rido da própria morte.

— É só brincadeira, mãe.

"Realmente não consigo entender o que Henrietta Maria está tentando comunicar", disse Josiah. — Anne, você tem alguma ideia?

Lenta e cuidadosamente, Hetta ficou na ponta dos pés e fez uma pirueta perfeita, os braços arqueados acima da cabeça de tartaruga. Ela parecia um

sonho, como um cortesão francês dançando balé. Eu não sabia que ela podia dançar assim. Mas a visão não me encheu de prazer ou orgulho de mãe. Eu vi a luz no rosto dela, e a carranca culpada no rosto de Josias, e todas as peças encaixadas no lugar.

'Ela quer saber sua parte!' Henry baliu. — Que papel Henrietta Maria terá na máscara, padre?

Não , pensei. *Não assim* . *Não na frente de seus irmãos* . Mas Josiah fez isso de qualquer maneira. Ele girou a bebida em seu copo e disse, muito baixinho: "Henrietta Maria não estará no baile de máscaras".

Ela caiu de volta para a planta de seus pés. Eu não conseguia olhar para o rosto dela. Olhei para os abismos entre os troncos no fogo, desejando que eles me engolissem.

'Nem mesmo uma pequena parte?' A voz de Charles – muito alta, muito jovial. — Tenho certeza de que podemos encaixá-la em algum lugar. Não é

uma parte de fala, veja!

James e Henry gargalharam.

– Ela é muito jovem – disse Josiah. — Ela ainda é muito jovem para essas coisas. Ela vai festejar conosco e depois vai para a cama.

Os meninos estavam fora há muito tempo: não reconheceram o aviso na voz do pai. Bêbados de seu próprio humor, eles gritaram ideias.

— Faça dela um cupido.

'O amor é cego, então por que não calar?'

— Faça com que ela aja no antimasque.

'O que, como um demônio? Eles têm diabinhos?

— Ah, sim, eles são os mais ferozes. O Sr. Jones sempre os faz explodir de uma nuvem de fumaça.

— Ele não faz isso com os anões da rainha?

— Sim, mas sempre faltam bons anões. Vista uma garota e pinte uma barba, é o que eu digo.

'Alto-ho! Vamos colocá-la no zoológico! Sua Majestade gosta de colecionar pessoas estranhas e curiosas.

— Garanto, não há ninguém mais curioso do que minha irmã.

'O suficiente!' A bebida derramou do copo de Josiah quando ele se sentou na cadeira. 'Chega, todos vocês.' Seu rosnado cortou a conversa, através da minha pele. 'O que é essa conversa de patife? Achei que você tinha se tornado um homem.

Os meninos abaixaram a cabeça, castigados.

'Nós estávamos apenas—'

— Não importa, Henry. O Rei e a Rainha estarão aqui em breve, você entende? Não quero que meus filhos se comportem como tolos.

— Não, padre.

— Já disse que Henrietta Maria não ficará para o entretenimento, e ponto final.

Eu poderia ter suportado se ela tivesse batido o pé, se ela tivesse chorado, ou me empurrado como ela tentou fazer daquela vez no Jardim. Mas ela não fez nada. Ela caiu de joelhos ao lado do fogo e cruzou as mãos no colo. Ela não soluçou. Ela não se moveu. Ela olhou para o fogo, como eu tinha feito, fixada em algo dentro de suas profundezas.

Todos foram para a cama, mas nem Lizzy nem eu conseguimos mover Hetta. Não conseguimos fazê-la olhar para nós. Ela poderia ter se transformado em uma das tábuas de madeira, por toda a expressão em seu rosto vazio.

"Seus diamantes?" sugeriu Lizzy.

Coloquei-os sobre a garganta delgada de Hetta, sem sucesso. Eles simplesmente piscaram contra sua pele, vermelho e laranja por sua vez.

Tivemos que deixá-la lá, vendo as toras se transformarem em pilhas de cinzas. Minha filha, sozinha no escuro com as chamas morrendo.

Eu não consigo dormir. Meus ouvidos estão vivos com melodias que não vão desaparecer, tocando sem parar, sem parar. Quando fecho os olhos, vejo cetim champanhe, tafetá escarlate e rendas com ponta de ouro. Meu corpo parece que ainda está dançando. Eu sei que meu coração é. Josiah estava certo: foi um triunfo.

Eles chegaram um pouco depois do meio-dia, com seus arautos e cavalheiros de armas abrindo caminho. Uma visão magnífica: uma faixa cintilante de cavalos, armaduras e riquezas, serpenteando ao lado do rio e sobre as colinas. Nenhum puritano de Fayford interferiu na cavalgada, mas também não saiu para aplaudir. eu tinha planejado para naquela. Contratei gente comum de Torbury St. Jude para agitar bandeiras e dar o endereço leal. Eles fizeram isso com credibilidade.

Barcaças no rio fizeram uma fanfarra enquanto o casal real atravessava a ponte. Gralhas se espalharam diante do quilo de cascos. Da fonte jorrava vinho, vermelho-rubi, derramando-se da boca do cão de pedra para tamborilar na bacia.

Achei o Rei mais baixo do que esperava e esbelto também; quase delicado.

Vestido todo de preto, ele tinha uma barba afiada e olhos sonolentos. Ele parecia mais velho do que seus anos. Em volta do pescoço brilhava o único relevo de cor em seu traje sóbrio: uma gola de renda prateada, delicada e fina como uma teia de aranha.

E ela! Achei que ia desmaiar ao ver a figura élfica da Rainha pular de seu cavalo. Ela era deslumbrante e brilhante e totalmente contagiante; rindo, cantando, conversando o dia todo. Seu cabelo brilhava como azeviche, seus olhos escuros dançavam. Lizzy a chama de conjuradora papista e talvez ela seja, por um momento em sua companhia enfeitiça os sentidos.

Nós nos banqueteamos em mesas de cavalete no Salão Principal. Ovos de codorna, salmão, crista de galo, batata-doce, tâmaras, alcachofras dispostas em pratos de ouro; tudo perfeitamente temperado com as ervas da Hetta. Eu não percebi até então o quanto ela trabalhou duro.

Ela tem sido muito solene, muito correta em seu comportamento desde a noite em que Josiah a proibiu de fazer a máscara. Durante todo o banquete, ela ficou olhando com uma expressão curiosa enquanto os cortesãos comiam e fofocavam. Eu esperava que ela risse, tentasse tocar as damas cachos saltitantes, mas ela não o fez. Ela simplesmente inclinou a cabeça como seu pardal de estimação e observou. Eu gostaria de poder decifrar o emaranhado de seus pensamentos. Eu gostaria que eu, como nosso Criador, pudesse ler a mente da garota que fiz. Como posso ouvir Josiah, mas não ela?

Ela não parecia gostar do banquete – com sua língua pequena e deformada, a comida raramente é uma grande fonte de prazer para ela. No entanto, quando Lizzy veio para levá-la para a cama, uma expressão muito rara tomou conta de suas feições. Ela saiu com um sorriso no rosto – mas que sorriso! Foi uma rajada de ar frio, não seu raio de sol habitual.

Não me incomodou muito pensar nela no andar de cima. Como uma mulher sem coração, eu estava me divertindo demais para notar. Mas agora a imagem me faz chorar: a garota silenciosa sentada com seu pardal de estimação enquanto gritos de riso e notas de música chegam até ela de baixo. Pobre criança. Não deveria ter sido ela, abandonada como um leproso: deveria ter sido eu.

Tudo o que eu queria era uma filha para manter, uma companheira para preencher o vazio deixado por minha irmã Mary. Eu a queria com tanta fome que não me importava como eu a gerava. Fui *eu* que queimei meus dedos com feitiçaria; Eu que misturei o rascunho e tomei o poder de Deus em minhas próprias mãos. Por que Hetta deveria ser punido por minha ganância?

Ela sentia falta dos acrobatas na Galeria das Lanternas, dos acrobatas dançando nos fios acima do Salão Principal em seus trajes cintilantes. Ela não viu os fogos de artifício saltarem para o céu e explodirem sobre os

jardins. Ela não pôde se juntar aos gritos e surpresas enquanto nosso companheiros silenciosos fizeram os convidados pularem, uma e outra vez.

Mas talvez seja bom que ela tenha perdido a máscara.

Eu não percebi até o início da performance como a casa havia se transformado em um vale pagão cheio de ninfas e sátiros. Minha carruagem de conchas deslizou para o palco no Salão Principal e eu fiz minha dança com os diamantes brilhando no meu pescoço. As sereias empinavam-se em vestidos diáfanos, cantando seu canto de sereia. Pétalas caíram da galeria. O

ar estava espesso com a água laranja ardente. O que Lizzy teria pensado, se ela tivesse visto, não importa os puritanos de Fayford!

Talvez *seja* perverso, talvez seja errado, esta corte de luxo sem fim. Mas oh, é inebriante! E agora que testemunhei, não sei como passarei sem isso.

Meus olhos estão pesados depois de toda essa escrita. Cada vez que começo a vagar, vejo a antimasca: os magos malignos e seus lacaios saltitando de uma caverna em chamas. Criaturas horríveis: homens estranhos e atrofiados com cabeças enormes. Cacarejos flutuando pela fumaça alaranjada. Se eu adormecer com essas imagens, terei sonhos horríveis.

Fiquei chocado com as aberrações da rainha; Eu possuo-o. Eu não tinha visto coisas assim antes, coisas não naturais e de alguma forma obscenas.

Eu diria que eles não deveriam existir, não deveriam *existir* , mas então me lembro de Hetta e fico envergonhado. Pois as pessoas dizem que o mesmo diabo que as desfigura atrofiou a língua da minha filha.

Quem pode comparar Hetta com uma dessas criaturas amaldiçoadas? Eles não são bonitos; são estranhos e desequilibrado. Especialmente aquele que nunca desmascarou, mas assombrou os bailes com seu rosto vermelho malicioso, saltitando, como um inseto de muitas pernas, e assustando meus convidados. Eu o vejo quando fecho meus olhos; movendo-se rapidamente, girando em torno de dançarinos, seu corpo curto engolido por lufadas de fumaça.

Bancos de nuvens do lado de fora estão se acumulando, espectros cinza contra o preto. Acho que finalmente teremos chuva. O trovão ronda as árvores e ao longe, na direção de Fayford, vejo uma forquilha de relâmpago chiar no céu. Se chover muito, talvez o tribunal não consiga sair. Talvez nos seja permitido mantê-los.

O trovão estala lá fora. Minha imaginação febril ouve um grito, erguendo-se da noite. No entanto, não há nada, nem mesmo uma raposa do lado de fora da minha janela.

Relâmpagos inundam a sala com luz branca. Vejo meu rosto no vidro, fugaz, com medo. — Hetta não é nada parecida com as aberrações —

sussurro para ela, antes de apagar minha vela. — Ela não é *nada* parecida com eles.

A PONTE, 1865

Sarah sentou-se ao piano, tocando melodias festivas desajeitadamente com uma mão. A janela atrás dela estava aberta, deixando entrar o ar gelado.

Seus dedos tremiam nas teclas.

— Feche a janela, Sarah. Você parece frio.

Seu olhar subiu acima do topo do piano. 'Eu gosto do ar. Eu gosto de me sentir como se eu fosse. . . lado de fora.' Algumas notas discordantes soaram. Ela olhou de volta para as chaves.

Então Sarah também sentiu: essa estranha pressão; o calor abafado e enjoativo que infundia a casa. O cheiro também. Desde a fogueira, Elsie não conseguia tirar o cheiro de queimado de suas narinas. Isso a lembrou do bebê de madeira, cortado em dois, sem raiva ou mágoa em seus olhos –

apenas aquele vazio terrível e arrepiante.

Ela suspirou e voltou a embrulhar o presente de Jolyon. Pelo menos seu querido filho chegaria em breve com notícias de Londres, o mundo racional. O que ele faria de suas melhorias para The Bridge? Novo papel estava no

berçário: um fundo cor de milho com pássaros e galhos à moda oriental. A sala de estar tinha novos lambris, cravejados de rodelas douradas. O melhor de tudo é que ela providenciou para que os jardineiros montassem grandes pinheiros em vasos ao redor do terreno e amarrá-los com lanternas. Quando menino, Jolyon olhava com olhos arregalados para as vitrines das lojas no Natal, hipnotizado por velas e brinquedos mecânicos. Agora ela finalmente tinha dinheiro de sobra para frivolidades.

Ela ia dar-lhe o Natal que ele merecia.

Ela estava ajustando uma fita quando uma nota alta soou do piano, ecoando até o teto moldado. Ele permaneceu por conta própria, patético e frágil, antes de morrer.

– Sra. Bainbridge – sussurrou Sarah. - Sra. Bainbridge, olhe.

Ela congelou. Suas mãos suadas deixavam suas luvas úmidas no papel de embrulho. Centímetro por centímetro, ela ergueu os olhos, preparando-se para algo terrível.

Era um pardal. Apenas um pequeno pardal, empoleirado na tampa do piano.

Ele inclinou a cabeça de um lado para o outro, olhando para eles.

Minúsculos olhos negros dispararam acima de seu bico.

'Ele é lindo.' Ela manteve a voz baixa, tentando não assustar o pássaro.

'Melhor não deixar Jasper vê-lo.'

Sara sorriu. — Você tem migalhas sobrando? Poderíamos colocá-los ao longo do piano para ele recolher.

Elsie olhou para a mesa lateral. O prato estava salpicado de grãos de bolo, talvez uma dúzia ou mais. 'Eu faço. Mas não quero me levantar e assustá-lo.

O pardal saltou para a frente. Afastando as asas, ele estufou o peito e abriu o bico delicado, pronto para cantar.

Nesse instante, três golpes caíram na porta da frente. Rápido como um dardo, o pardal voou pela janela aberta. Uma única pena marrom caiu no piano.

— Quem poderia ser? Elsie foi até a janela e tentou espiar ao redor da massa de tijolos da ala leste. Ela só podia vislumbrar o caminho – sem carruagens.

'Eu acho que . . .' Sarah começou hesitantemente: — Acho que pode ser o Sr. Underwood.

— Sr. Underwood? Não me lembro de convidá-lo.

'Não.' Sarah fechou a tampa do piano sobre as teclas. — Não, você não fez.

Sinto muito, Sra. Bainbridge. Fui eu. Eu o convidei.

'Oh. Eu vejo.'

'É só isso . . .'

— Você pode ter mencionado isso. Ela se sentiu mal. De alguma forma –

ela não sabia como – ela havia sido insultada. — Não estou preparado para receber convidados.

— Mas eu não o convidei como convidado. Sarah se levantou e começou a alisar o cabelo nervosamente. 'Mais como um . . . orientador.'

Outro trio de batidas, mais rápido desta vez.

— O que você quer dizer?

'Eu quero perguntar a ele sobre Hetta.'

Medo balançou em seu estômago. 'Sara—'

— Achei que talvez ele soubesse o que fazer. A Igreja realizou exorcismos, no passado.

Exorcismo . A palavra era gutural, muito para trás na garganta. Dizê-lo em voz alta era como engasgar, como começar a falar em línguas demoníacas.

O que Sara estava *pensando* ?

'Você não vai seriamente pedir a ele para realizar algum tipo de ritual?'

'Não! Oh não, eu não acho que Hetta precise ser *banido* ou algo assim. Eu simplesmente quero o conselho dele.

A campainha da casa tocou.

"Claramente, ninguém vai atender a porta", disse Elsie. — É melhor eu fazer isso sozinho.

Ela estava aliviada por ter uma desculpa para sair da sala e escapar da expressão intensa de Sarah. Pelo menos Sr Underwood iria colocá-la em linha reta. Ele era um homem de fé, mas não, ela pensou, de superstição.

O Salão Principal estava sombrio e frio. O fogo, embora aceso, não puxava bem. Nenhuma luz brilhou nas espadas cerimoniais ou na armadura; eram opacos, cinza-estanho. O ar entrou pela porta da frente aberta. Underwood estava na soleira, segurando uma longa caixa.

— Bom dia, Sra. Bainbridge. Perdoe a intrusão. Toquei a campainha, mas a porta estava entreaberta e encontrei isso caído no degrau.

'Será meu novo vestido! Eu o esperei de Torbury St Jude a semana toda.

— Bem a tempo do Natal. Que sorte. Ele entrou e colocou a caixa sobre o tapete oriental para ela. Ela se ajoelhou – tarefa nada fácil nos dias de hoje, com seu estômago brotando – e passou a mão pelo pacote. Não havia etiqueta, nenhuma etiqueta, apenas uma fita verde-oliva e dourada.

O Sr. Underwood tirou o chapéu. Ele havia esmagado seu cabelo loiro contra o couro cabeludo. — Será que a senhorita Bainbridge está em casa?

Recebi um bilhete dela, pedindo para falar comigo. Devo dizer que fiquei alarmado. Sua mensagem soou. . . confuso.'

— Ela está na sala de música. Elsie olhou para o pacote. Ela teve vontade de confessar tudo: contar a ele sobre as farpas no pescoço de Rupert; a enfermaria; o sótão; a impressão da mão; os olhos. Mas falar dessas coisas as tornava uma farsa. Você não poderia explicar o medo; você só podia senti-lo, rugindo através do silêncio e ainda golpeando seu coração. —

Acho que devo avisá-lo, Sr. Underwood, que a Srta. Bainbridge deseja discutir suas crenças. Eles são . . . não convencional. Ela costumava trabalhar para uma senhora muito velha, muito fantasiosa. Suponho que ela fazia parte de algum círculo espiritualista.

"Ah."

"Espero que você me apoie quando eu disser que sou – cauteloso – sobre essas coisas."

'Absolutamente. Embora a Igreja não negue a existência de espíritos, é fortemente contra a intromissão nesse campo. Considere a bruxa de Endor e a maldição do rei Saul por consultar um médium.

Chegou a ela em fragmentos da memória da escola dominical: o rei Saul, desesperado pelo conselho de seu profeta Samuel, implorando à mulher que o ressuscitasse. *Por que me inquietaste, para me fazer subir?*

A lembrança perturbadora era que ela tinha feito isso. A coisa tinha sido possível.

Elsie limpou a garganta. — Você deve entender que Sarah é particularmente suscetível a esses falsos mesmeristas e médiuns. Seus pais morreram quando ela era jovem. Sem família, ela é vulnerável. . . Posso confiar em você para tentar dissuadi-la desses métodos precipitados? Com gentileza?

— Você tem minha palavra sobre isso. Ela olhou para cima de onde estava ajoelhada no chão. Ele a olhou suavemente – quase, ela temia, com ternura.

— É como eu lhe disse uma vez: quero ensinar Fayford e erradicar superstições como esta.

- Estive pensando, Sr. Underwood, em Fayford. Meu irmão virá de Londres para o feriado. Se você pudesse recomendar algumas garotas prováveis da aldeia, eu poderia convencê-lo a levá-las de volta como aprendizes. O

salário não é alto, mas todas as nossas crianças estudam – pelo menos duas horas por dia. Eles terão emprego, comida e um teto sobre suas cabeças.

Um seco, sem vazamentos. Roupa adequada. E no final de seu mandato, eles terão aprendido um ofício. O que você diz?'

'Eu digo que é o melhor presente que eu poderia receber.' Um sorriso beatífico iluminou seu rosto. — Na verdade, já consigo pensar em algumas crianças adequadas. Os pais deles não podem se opor à sua fábrica. É esta casa que eles temem. Oque me lembra.' Ele tirou um pacote de papel pardo, amarrado com barbante, do bolso interno. 'Registros da cidade. Uma leitura bastante seca, temo, mas parte dela pode interessá-lo.

Ela olhou para o barbante, torcido apertado. Seu peito parecia o mesmo. *É*

esta casa que eles temem. Ela estava começando a pensar que eles tinham razão. O maço de papel poderia fornecer respostas, mas, por outro lado, poderia lhe dizer coisas que ela não desejava saber.

— Que gentileza sua lembrar. Talvez você possa deixá-lo na sala de música quando falar com Sarah? Vou sentar lá mais tarde e examiná-lo.

Ele estendeu a mão. 'Venha comigo. Vamos persuadir a Srta. Bainbridge a sair dessas fantasias juntos. Cá entre nós, tenho certeza de que podemos fazê-la entender.

Ela hesitou. 'Obrigada. Mas . . . Já tentei com Sarah. Acho que seria melhor se ela falasse com você sozinha, sem minha interferência. Esses assuntos espirituais exigem um grau de confidencialidade, afinal.

Ele deixou a mão cair e a colocou atrás das costas. 'Sim. Claro. Muito sábio de sua parte observar, Sra. Bainbridge. Ele olhou por cima do ombro. 'Esta

é a sala de música?'

— Essa é a sala de estar. Atravesse e vire à direita. Não tem como não encontrar. Duvido que você já tenha visto uma câmara tão rosada.

Ele desenhou um arco. 'Obrigada. Vou deixar você abrir seu pacote.

Ela o observou se afastar, as pontas de seu casaco puído balançando no ritmo de seus passos.

Movendo as pernas, ela ficou em uma posição mais confortável e se preparou para abrir a caixa. Um vestido novo poderia ser a distração que ela precisava. Este seria seu melhor vestido – sua roupa de Natal.

Foi difícil desamarrar o laço com as mãos enluvadas, mas ela conseguiu.

Seus dedos encontraram as bordas da tampa, suados com antecipação.

Crepe e bombazina, trançados com seda. Três peças, com borlas e franjas.

Ela mal podia esperar para ver. Ela puxou a tampa da caixa.

Gritou.

Fitas de material preto estavam empilhadas junto com folhas mortas. Os cardos formigavam, pegajosos e coagulados com sangue. No meio de tudo isso havia algo preto, branco e peludo, pontilhado de moscas. Ela distinguiu pedaços de carne mutilada, osso. Veias como meadas de seda vermelha.

Depois as orelhas caídas, os olhos fechados. Sangue escorria pelo pelo da testa. A cabeça de uma vaca.

cabeça de Beatriz.

O fedor ficou preso em sua garganta e a fez engasgar. Ela caiu de costas e se arrastou para longe, as mãos rangendo contra o chão. Ela ia ficar doente.

Ela ia vomitar e ainda assim não conseguia tirar os olhos da caixa. *Beatriz.*

Pobre Beatriz.

Sua cabeça colidiu com um objeto duro. Em pânico absoluto, ela se virou.

Hetta estava atrás dela, ainda sorrindo, a rosa pressionada contra o peito.

'Não não.'

Arremessando-se para a frente, ela jogou Hetta no chão. Ela encontrou seus pés – suas pernas estavam gelatinosas, mas de alguma forma ela as forçou, subindo as escadas, duas de cada vez. Suas saias prenderam em torno de seus tornozelos. Ela tropeçou, tropeçou e escolheu-se para cima novamente.

Ela não tinha ideia para onde estava indo, apenas que ela deveria subir, subir – até o telhado se fosse preciso. Ponha a maior distância possível entre ela e aquela visão horrível. . .

Vagamente, ela ouviu o Sr. Underwood entrar no Salão Principal e chamar seu nome. Então o som estrangulado do choque de Sarah. Mas ela não

conseguia parar. Aquele cheiro de rosas: a seguia, ficando cada vez mais espesso a cada passo –

Ela parou bruscamente a um degrau do patamar. Barrando o caminho havia outro rosto plano de madeira. Um novo companheiro, mas que ela reconhecia.

Um bigode como uma escova de arame pendia acima de seu lábio. O óleo de macassar alisou o cabelo, um único cacho caindo sobre o olho esquerdo.

Veias quebradas ondulavam na bochecha. E os olhos. . . A expressão de tormento nos olhos gelou seu sangue.

— Ruperto.

Não poderia ser. Ela fechou os olhos – se olhasse mais, ficaria louca. Mas ainda assim ela viu; sentiu, perto de seu rosto. Chegando perto.

'Não não.'

Ela deu dois passos para trás. A cauda de seu vestido enrolada em torno de seus tornozelos como uma corda. Em pânico, ela bateu os pés e pisou no ar.

Três batidas bruscas. Então só havia preto.

A PONTE, 1635

Esta manhã ouvi um homem gritar pela primeira vez na minha vida. Não é um som que eu queira ouvir de novo: gutural, vergonhoso, viajando pelo pátio do estábulo e subindo pela torre da lanterna.

Acordei suando de gelo. Josiah estava deitada na cama ao meu lado, olhando para o teto com o mesmo horror que eu sentia por toda a minha pele. A memória caiu com um golpe doentio: o Rei e a Rainha. Não poderia ser – por favor, Deus Todo-Poderoso – não poderia ser que algum mal lhes tivesse acontecido?

O barulho terrível veio de fora. Isso fez os cachorros latir. Atirei-me para fora da cama e corri para a janela. Pingos de chuva manchavam o vidro, eu não conseguia ver claramente. Uma névoa transparente pairava no ar depois da tempestade da noite anterior. Poças fumegavam no calor da manhã.

'O que é isso?' Josias exigiu.

A resposta não veio de mim – surgiu daquele lugar onde os sonhos ninham, onde o conhecimento chega plenamente formado. 'Alguém está morto. A vida deixou esta casa.

Ele se levantou em um instante, a colcha jogada para trás e seus pés descalços batendo nas tábuas. Eu o vi pegar sua espada antes de correr para o corredor.

Não éramos os únicos acordados. Os convidados andavam em suas roupas de dormir, com os olhos turvos, os cabelos emaranhados da noite anterior.

Assim que Josiah os viu, assumiu um ar de calma.

'Não se assuste. Rezem, voltem para suas camas. Eu irei e encontrarei a causa desta perturbação.'

Eles murmuraram, esfregando os olhos. Cansados como pareciam, não pareciam inclinados a obedecê-lo.

Segui Josiah por um lance de escada, desesperado para ver as crianças em segurança. Eu os encontrei reunidos do lado de fora do berçário com Lizzy, todos mortalmente pálidos. O pardal de Hetta guinchou de dentro. Cabelos arrepiados na parte de trás do meu pescoço. Mary me disse uma vez que os pardais carregam as almas dos mortos.

"Não sabemos qual é a comoção", eu disse a eles. — Seu pai foi cuidar disso.

'Amante?' Lizzy tentou chamar minha atenção, mas eu não olhei para ela.

Um olhar, e eu sabia que deveria perder a compostura.

– Agora não, Lizzy.

Devo parecer a cada centímetro a amante, no comando. Virei as costas para ela para encarar as crianças. Apesar da madrugada, Hetta parecia mais exausta do que os meninos. Eu senti sua testa. Ela estava queimando.

— Volte para a cama — ordenei. "Todos vocês, de volta para a cama."

Os meninos gemeram. Eu não lhes dei atenção; não conseguia parar de discutir com eles. Uma estranha energia me agitou, uma espécie de excitação nauseante, e voltei por onde vim, com a intenção de tranquilizar os convidados.

Crepitando sob todos os medos em minha mente estava o que eu poderia nomear: a praga. Houve temperaturas sufocantes e relatos de doenças em Londres. Agora meu filho estava em chamas com febre. Orei a Deus que não fosse a praga.

Perdemos Mary para uma doença do suor. As pessoas me diziam que era uma morte gentil e rápida, mas não a viam. Se minha irmã morreu por bondade, não ouso imaginar crueldade.

Ela estava bem de manhã. No entanto, enquanto nos vestíamos, senti pela primeira vez: a sensação de mau presságio em que passei a confiar acima de meus outros sentidos. Nossos olhos se encontraram e eu sabia que Mary sentiu isso também. Ao meio-dia ela estava deitada.

Começou com arrepios. Então veio o calor, escaldante através de sua pele, escorrendo dela em riachos de suor. Antes que a noite passasse, sua mandíbula estava amarrada. Foi. Morto com apenas vinte anos.

Meus pés descalços esmagaram contra os juncos no chão. Atormentado pelas lembranças de Mary, não percebi Jane subindo as escadas. Eu colidi com ela e nós dois caímos para trás, piscando, perplexos.

— Ah, senhora, me perdoe. Ela não se parecia com ela mesma. Ela tinha acordado mais cedo do que nós, percebi. Ela estava acordada e com seus deveres antes do grito soar.

'Jane! Jane, conte-me o que aconteceu.

Ela desfez-se em lágrimas.

Eu torci de seu pedaço por pedaço. Não precisei descer aos estábulos, cheirar o sangue e ver o voa para mim; estava tudo lá brilhando nas pupilas de seus olhos.

Havia um cavalo morto nas baias. Não apenas morto – mutilado. Sua cauda estava cortada e pregada do lado de fora da porta, sua crina atacada com um

frenesi de tesouras. O cavalariço encontrou uma série de lacerações arranhadas na pele, como um registro que você faria em uma árvore.

— Qual cavalo, Jane?

'Oh . . . m-senhora!' ela soluçou.

— Não é minha égua cinzenta?

Jane balançou a cabeça. Eu vi um vislumbre da verdade brilhando em suas bochechas molhadas. 'P-pior.'

'Não. Você não está dizendo. . .'

"O cavalo da rainha!" ela chorou.

Minhas pernas cederam; Eu caí contra a parede e, em seguida, deslizei para baixo, direto para o chão. — Mas quem iria. . . Puritanos?

— Não sei, senhora, não sei. Mark diz que está faltando alguém nos estábulos.

'Who?'

'Um menino. Um menino cigano. Abençoe-me se eu soubesse que tínhamos um! O que ele estava pensando, enfrentando uma fera nojenta e suja como aquela?

Meu sangue congelou. Merripen. Merripen tinha feito isso.

Eu não sei como. Não sei onde um menino de nove ou dez anos encontraria forças para esse ato infernal. De onde, em sua mente jovem, viria um desejo tão hediondo?

O cavalo da rainha! A *da Rainha* !

Minha cabeça se divide em agonia. A culpa é minha, minha. Estamos arruinados. A corte nunca mais voltará aqui. Josias. . .

Querido Deus. Josias vai descobrir. Ele saberá o que fiz, que destruí a ambição de sua vida com meu capricho tolo. Um casamento pode suportar isso? Meu coração pode?

Deus me perdoe em minha maldade. Eu gostaria que *tivesse* sido a praga.

A PONTE, 1866

Elsie acordou com três explosões de dor. A primeira na parte baixa de suas costas, descendo em suas coxas. O outro bateu em seu crânio, no topo em direção à coroa, onde então irradiou em seu rosto. Ela sentiu seu lábio inchado onde seu dente havia perfurado a pele.

Mas esses ferimentos não eram nada comparados ao terceiro: as garras rasgando em sua barriga.

Eles começaram suavemente, arrancando seus acordes internos, construindo o ritmo com firmeza até que ela gritou. Quem a amamentou pressionou um líquido amargo e de cheiro azedo em seus lábios. Ela sentiu uma torrente escaldante de sangue entre suas pernas, então caiu para trás, exausta.

Ela dormia sem sonhos. Algo pairou no limite de sua consciência – como um necrófago paira sobre um animal moribundo, esperando para mergulhar

– mas não atingiu.

Ela foi pega em um caleidoscópio em constante mudança: ela sentiu o cheiro rançoso de pele suja e sangue xaroposo; provei aloés e óleo de rícino; ouviu a voz de Jolyon e outra que ela não reconheceu. Ela só recolheu algumas frases, mas foram suficientes.

'Madeira? *Dentro* dela?

— Lá com o bebê. A coitada estava estilhaçada. Eu nunca vi nada parecido.'

O bebê .

Estava faltando. Amputado. Ela não podia sentir seus movimentos ou as bolhas dentro.

Eu não sou mais dois. Estou sozinho.

A época de Natal deve ter chegado e passado, pois quando ela se arrastou para fora do nevoeiro em uma manhã sombria, Sarah estava sentada no quarto, sobriamente vestida, comendo uma coleção de carnes frias que pareciam sobras. Mabel se preocupava com o guarda-roupa, vestindo o novo uniforme que Elsie se lembrava de comprar para sua caixa de Natal.

Sua boca tinha um gosto horrível. Ela gemeu. 'Meu tônico. Me dê . . .'

Drogas . Ela não se importava com o quê; ópio, morfina, cloral.

Sarah se assustou com o som de sua voz. Enxugando a boca com um guardanapo, ela correu para a cama e pegou a mão de Elsie. Ela havia perdido peso, fazendo seu rosto parecer mais comprido e mais parecido

com um cavalo do que nunca. Havia sombras ao redor de suas órbitas oculares, as íris brilhando com lágrimas não derramadas.

— Tônico — disse Elsie novamente. Sua respiração rangia em seu peito.

Em outro momento a dor iria ao encontro dela; ela o sentiu construindo, reunindo sua força.

Sara balançou a cabeça. — O médico disse para não lhe dar muito.

'O médico! Ele não sentiu nada assim.

— Ele diz que você deve comer. Posso lhe dar pão e água, ou chá de carne.

. .'

'Eu não estou com fome.' Sua língua ansiava pelo sabor adstringente do ópio; sua cabeça implorou para dormir. Estava doendo agora, virando objetos irregulares e tentando bater neles em memórias. Ela queria chorar –

mas não, isso doeria mais. — Pelo amor de Deus, me dê o tônico.

'O médico-'

— O médico é um homem. Ele não pode compreender essa dor.

Lágrimas caíram nas bochechas pálidas de Sarah. Ela apertou a mão de Elsie com tanta força que doeu. — Ah, Sra. Bainbridge. Eu sinto muito.

Teria sido um pouco de Rupert, não teria?

A dor inundou de volta, mas não em seu estômago. 'Cadê? Onde está meu bebê?'

— Com o pai. O Sr. Underwood foi muito gentil. Ele batizou o pequeno estranho e o sepultou no jazigo da família. Ele não deveria. Será nosso segredo.

Um pouco estranho. Crescido em segredo, enterrado em segredo, sempre no escuro. Elsie sentiu a boca aberta como uma ferida – molhada, em carne viva. 'Mas então – eu nunca vou vê-lo!'

'Queríamos esperar por você, mas você estava tão doente. Não podíamos demorar mais. Sara se mexeu. Seu espartilho estalou. — Posso lhe dizer como ele era. Ele era muito pequeno. Guloseima. Só podíamos dizer que ele era um menino.

'E . . . lascado?

— Quem lhe disse isso?

'Então *é* verdade! Eu pensei, eu esperava, que eu tinha sonhado com Jolyon dizendo isso. Sarah, como ele poderia. . .'

Sara balançou a cabeça. — Não posso lhe dizer como. Nem o médico pode dizer. Só sei o que vi.

'O que . . . você viu?'

Ela desviou o olhar. — Por favor, Sra. Bainbridge, não quero falar sobre isso. Não me faça.'

'É meu *filho* .'

– A pele dele tinha lascas – sussurrou Sarah, fechando os olhos. 'Por toda parte.'

As imagens tentavam se formar, mas Elsie não as deixava, não conseguia suportá-las. 'O nome dele. Como eles o batizaram?

"Edgar Rupert."

' *Edgar!* '

Sarah piscou para ela. 'Foi... isso foi errado? O Sr. Livingstone disse que era o nome de seu pai.

'Sim.' Ela afundou contra o travesseiro, enjoada. 'Era.'

Mabel fechou o guarda-roupa. Pressionando-se contra as paredes, ela deslizou ao redor da sala e pela porta.

'Jolyon estava muito zangado?'

'Nervoso? Deus a abençoe, Sra. Bainbridge, por que ele estaria zangado?

Ele não mostrou nada além de preocupação.

Sem dúvida isso era verdade, mas ele lamentaria essa oportunidade perdida tão amargamente quanto Elsie. Ela havia perdido o herdeiro, o futuro de seus negócios, o perdeu em um momento de – o quê? *Não, mãe, não descuido* . Algo pior, algo à espreita no fundo de sua mente. . .

– Beatrice – ela engasgou. "Beatriz." A mão de Sarah ficou rígida sob a dela. — Ah, Sarah, me diga que imaginei.

'Não posso. A pobre criatura. O vestido . . . Sra. Bainbridge, o que aconteceu? Você não saiu da minha vista por dez minutos.

'Foi entregue. Senhor Underwood. . . Ele disse que o encontrou no degrau da frente.

— Sim, ele me disse. Mas como então você estava no topo da escada?

Um dedo frio estava em seu coração. 'Oh Deus. Você viu isso? Ainda está lá? O que você fez com isso?'

'Sussurro.' Sarah tentou manter as mãos firmes, mas também estava tremendo. — Você quer dizer Hetta?

'Não. Rupert.

Sarah deixou cair as mãos com um grito. ' *Ruperto?* '

— Havia um dele. Ela fechou os olhos, tentando afastar a memória, mas não adiantou. 'Um companheiro de Rupert, Sarah. Ele olhou . . . Oh Deus, ele parecia miserável.

'Não! Não, você deve estar enganada, Sra. Bainbridge. Isso não está na casa. Ninguém viu.

— Foi bem no degrau mais alto.

'Bom Deus.' Os lábios de Sarah tremeram, murchando pétalas de rosa prontas para cair. — Nunca quis dizer... sinto muito, Sra. Bainbridge. Você sabe, não sabe, que eu nunca colocaria Hetta no Salão Principal? Ela estava no sótão, eu prometo. Ela foi trancada no sótão, não entendo como. . .' Ela ficou em silêncio. Músculos se contraíram em seu rosto, como se ela estivesse lutando com uma emoção. — A verdade é que aconteceu no diário. Diário de Ana. Um cavalo foi mutilado, logo depois que ela comprou os companheiros. E estou começando a pensar que talvez. . .

talvez Anne fosse uma bruxa, afinal. Ela escreve sobre essas poções que usou para conceber Hetta. . . Talvez seja isso que Hetta esteja tentando fazer: nos avisar sobre o poder de sua mãe.

Elsie fechou os olhos. Cada centímetro dela pulsava. Ela estava começando a desejar nunca ter acordado. O sono era simples, seguro. — Sarah, você mencionou isso para Jolyon? Ou para o Sr. Underwood?

'Sim.' De repente, seu tom endureceu. — Contei ao seu irmão e implorei ao Sr. Underwood que fizesse um exorcismo. Eles não iriam acreditar em mim.

Eles conversaram e depois me fizeram ver o médico.

'O que ele disse?'

— Ah, ele me deu um remédio bestial. Ele estava mais preocupado com isso. Sarah levantou a mão, ainda enfaixada. “A pele ficou branca e macia ao redor do corte. Ele acha que está infectado.

Uma infecção fazendo Sarah ver coisas. Os médicos sempre tinham alguma explicação, mas esta era insuficiente. Elsie não teve infecção – nem as empregadas. Como ele poderia racionalizar o que *eles* viram?

— O pior é que — gritou Sarah — eles querem nos separar! O Sr.

Livingstone o levará de volta a Londres no final do mês.

'Londres?' Os olhos de Elsie se abriram. Agora, Londres parecia tão distante quanto o céu.

'Para convalescer. Ele diz que uma mudança de cenário será benéfica.

'Mas e voce?'

Sarah estava lutando para conter as lágrimas. — Os cavalheiros dizem que estou nervoso. Eles acham que a viagem seria muito estimulante para mim e é melhor eu descansar aqui. Sem você.'

Elsie zombou. 'Descanso? Nesta casa?'

'Eu adorava esta casa, pensei que era onde eu pertencia. Até . . .' Sarah encontrou seus olhos, suplicando. — Não sei o que fazer, Sra. Bainbridge.

Você estará em Londres enquanto eu estiver aqui, sozinho, com . . . O que quer que seja. O que quer *que* sejam. Me diga o que fazer.'

'Queime isto. Queime Hetta.'

Sara hesitou. — Como você queimou os outros?

'Sim.'

'Você *os* queimou, depois que eu levei Hetta para dentro?'

'Claro.'

As mãos de Sarah estavam em seu cabelo, distraidamente puxando-o para fora de seus grampos. — Tem *certeza* de que os queimou?

'Claro que tenho certeza! Peters e as empregadas me vigiavam.

'Bom Deus.'

'O que? Sara? O que é isso?'

— Eles estão de volta, Sra. Bainbridge. Sua voz quebrou. — Os companheiros estão todos de volta à casa.

A PONTE, 1635

Acho que nunca houve uma vergonha como a nossa. Mal posso respirar pelo desânimo que se abate sobre meu espírito, a culpa que não posso eliminar.

De novo e de novo, aquela manhã circula em minha mente. Lembro-me do silêncio chocado ao redor; como os cortesãos não eram mais alegres, mas sérios, severos como juízes. Eu ouço a humilhação soando estridente dentro da minha cabeça enquanto a Rainha soluçava. Ela adorava aquele cavalo.

Claro que demos a ela minha égua, mas como ela era insuficiente em comparação com a criatura de sangue fino que ela havia perdido. Parecia o cavalo de uma pobre mulher. Eles foram embora com uma guarda dupla, deixando-nos sozinhos na Ponte. Sozinho, com a provocação ecoante de nosso fracasso.

Minha desgraça é dupla. Eu falhei não apenas com meu rei, mas com meu senhor e marido, a esperança mais querida do meu coração. Ele não estava ciente da minha traição – pelo menos, não da natureza dela. Ele veio até mim logo depois que eles saíram e agarrou minhas mãos. Quando ele olhou para o meu rosto, vi que o seu estava tenso e trêmulo, como se os próprios músculos tremessem de medo.

'Anne, você deve me dizer a verdade.' Eu não podia falar. — Sei que nunca mencionamos isso, mas precisamos agora. A hora chegou.'

Minha mente culpada voou direto para Merripen. 'Josias. . .'

— Eu sei que você sempre viu coisas. Sentiu as coisas, antes que elas estejam lá. Aquelas tisanas que você me deu. . . Achei um presente de Deus.

Mas . . . Diga-me com sinceridade.

'É o seguinte?'

Ele teve dificuldade em empurrar as palavras pela garganta. — Você teve uma filha. Disseram que era impossível dar à luz outro filho, mas você teve uma filha. Levantei-me mais rápido no tribunal do que qualquer outro homem da minha posição. Seria ervas? Ou . . .?'

Eu sei que enlouqueci, consciente de minha transgressão, de puxar minhas saias um pouco perto demais da chama do pecado. — Como você pode me perguntar uma coisa dessas?

— Eu sei que você não faria esse ato horrível e perverso nos estábulos —

continuou ele apressadamente. — Mas você acha que pode ter acidentalmente. . .' Ele olhou para os meus diamantes. Eles brilharam É

quando eu engoli. 'Eu não sei. É possível que alguma força das trevas esteja de olho em você?

'Josias!' Chorei.

— Responda-me, Anne. Pois olhei para aquele animal e não posso acreditar que isso seja obra de mãos humanas.'

Então eu disse a ele. Eu disse a ele a verdade dolorosa e miserável: que foi a estupidez de sua esposa, não sua astúcia, que trouxe um demônio sobre ele.

Ele não falou comigo desde então.

Não consigo reunir forças para chorar. Eu não me ressinto de seu ódio.

Nada pode queimar mais quente do que o desprezo Eu sinto por mim.

Arranquei meus brilhantes diamantes, envergonhada de pensar quanto meu pobre Josiah gastou, quanto investiu em mim.

Ele está confinado ao país agora; ele não pode mostrar seu rosto na corte.

Seus conhecidos não respondem mais às suas cartas. Ele não tem nada a fazer além de pisar como um urso enjaulado, atirar em nosso galo silvestre e brigar com os aldeões enquanto nos preparamos para a colheita. Eles não querem trabalhar nossa terra depois do que aconteceu. Eles têm medo de que os ciganos tenham nos amaldiçoado.

Queira Deus que os servos não sigam o exemplo. Por enquanto, eles parecem dispostos a ficar e se divertir com as fofocas, mas quando tudo estiver dito e feito, apenas Lizzy pode ser confiável para permanecer conosco. Não que Lizzy esteja *muito* contente – cada olhar dela me censura por manter Merripen em segredo dela. Querida Lizzy, ela nunca pode aceitar que eu sou uma dama crescida. Ela não percebe quantos segredos meu coração traidor pode guardar.

A casa fica silenciosa como um túmulo. Sem convidados, sem decoradores, nem mesmo meus filhos para animar a escuridão. Anos atrás, colocamos os meninos em casas nobres para que aprendessem a administrar vastas propriedades. Eles estão de volta com eles agora, mas não acho que os parentes de Josiah estarão preparados para mantê-los por muito mais tempo.

É um risco estar aliado a nós.

Mesmo Hetta não é o conforto que ela já foi. Enquanto eu estava sentado no Salão Principal hoje, foi de partir o coração vê-la pulando em volta daqueles recortes de madeira, como se as perspectivas de nossa casa e nossa família não tivessem se tornado fumaça ao seu redor.

Passei quase nove anos da minha vida ansiando apenas por seu sorriso, mas hoje não aguentei.

Eu a observei, brincando como ela faz por horas com as tábuas pintadas, e liberei a torrente perversa de meus pensamentos. Achei que deveria estar

feliz hoje, não fosse por ela e sua amiga cigana. Eu deveria estar a serviço da própria Rainha, mas Hetta era a razão – a única razão – que ninguém mais na Ponte sorriu hoje.

'Como você pode?' Eu explodi. — Como você ousa sorrir e se empinar assim? Você sabe o que aconteceu.

Ela inclinou a cabeça para um dos companheiros, como se tivesse falado.

Então ela continuou jogando.

Minha raiva aumentou. Deus me perdoe, eu sei que foi errado, eu sei que ela é apenas uma criança. Mas eu não pude evitar. 'Escute-me! Você não entende o que isso significa para nós?'

Ela deveria fazer. Mas parece que ela não compreende totalmente. Talvez ela *não possa* .

- Merripen! Eu chorei, empurrado até o fim da minha resistência. — Seu amigo Merripen fez isso conosco!

O sorriso caiu de seu rosto, rápido como uma cortina caindo.

'Ele matou o cavalo da rainha', eu disse, 'porque nós tiramos seu povo do terreno comum. Ele deixou seu pai muito infeliz.

Ela olhou para o companheiro mais próximo e depois para mim.

— Você me fez empregar aquele pagão e agora ele nos arruinou, nos arruinou para sempre!

Eu não conseguia ler sua expressão. Ela abriu a boca e, por um momento selvagem, eu pensei que ela realmente fosse falar. Então ela fugiu de mim.

Ouvi seus pés batendo nas escadas tão rápido quanto a chuva, tão rápido quanto minhas lágrimas. Deslizei na minha cadeira, sentindo-me como um patife.

Hetta era a única que restava que não me odiava. E agora eu a afastei.

Em algum lugar distante, trovões ribombam. Não sei por quanto tempo fiquei sentado aqui lamentando meu destino, implorando por forças para continuar. Mas a tempestade deve ter se aproximado, pois a luz escureceu e o salão

caiu em uma escuridão cinza-amarelada machucada. Gotas de chuva atingiram a janela. Um companheiro, o varredor, me observa.

Seu olhar tornou-se vergonhoso, degradante; como se conhecesse todos os segredos da minha alma.

Ordenei que fossem devolvidos ao Sr. Samuels na primeira hora da manhã.

Todos os objetos finos, devolvidos. Não aguento mais ter o tesouro dele em minha casa. Eu odeio cada pedaço disso.

Hoje aconteceu uma coisa muito curiosa. Minha carroça voltou de Torbury St Jude com meus servos, mas as mercadorias ainda estavam amarradas.

'O que é isso?' eu lati. — Eu lhe disse para deixar isso com o sr. Samuels.

'Eu sei', disse nosso homem Mark, 'e sinto muito, senhora, mas não estava lá.'

Olhei para Jane. 'O que ele quer dizer? O Sr. Samuels se recusou a receber?

– Não – disse ela, trêmula. 'Não não Isso.' Linhas de confusão franziram sua testa. 'A loja – não estava lá.'

Como poderia ser? Uma loja tão cheia e bem abastecida só em junho passado!

'O que? A loja está vazia?

— Não, senhora. Sua voz estava alta agora, perto das lágrimas. ' *Não estava lá* . A loja. Devemos ter dirigido para cima e para baixo uma dúzia de vezes, mas eu juro. . . É como se nunca tivesse existido.

Eu só podia ficar boquiaberto com ela. A menina rabugenta! Eu nunca ouvi nada parecido. Ela mesma entrou na loja comigo. As lojas não desaparecem simplesmente!

Talvez ela esteja doente; certamente há algo de errado com ela, pois ela está toda trêmula desde que eles voltaram.

Devo ir à cidade para resolver o negócio eu mesmo, e logo. Até lá, estou preso aos nossos companheiros malcriados. Eu cubro seus rostos com lençóis, mas sei que eles estão lá, observando. Como se soubessem o que aconteceu. Como se isso os divertisse.

A PONTE, 1866

'Meus diamantes. Onde estão meus diamantes? Elsie vasculhou sua caixa de joias, espalhando correntes e pérolas pela penteadeira.

"Elsie." Jolyon parecia cansado. Ele se encostou na cabeceira da cama.

'Deixe isso. Você precisa descansar.'

— Mas não consigo encontrar meus diamantes.

"Eles vão aparecer."

— Rupert queria que eu ficasse com eles. Ela cavou mais rápido. Ela havia perdido Rupert. Ela havia perdido o bebê. Ela não perderia os diamantes também.

"Elsie."

— Não estou histérica, Jo. Rupert também ouviu. Ele me escreveu uma carta, mas eu não posso... Ela remexeu nos pertences espalhados sobre a penteadeira. Ninguém o havia limpado durante sua doença. A superfície estava coberta por aquela poeira grossa e bege. — Não consigo encontrá-lo agora.

'Você precisa se acalmar. Isso não é você falando. Você esteve muito doente.

doente . Uma palavra ridiculamente inadequada. 'Isto não é um distúrbio nervoso. A madeira dentro de mim! E Sarah viu os companheiros — ela sussurrou. — Ela também os viu.

— Isso não é como você, Elsie. Você não é uma garota neurótica.

— Então por que você não me faz a cortesia de acreditar em mim? Sem aviso, ela explodiu em lágrimas.

Jolyon veio para o lado dela na penteadeira e colocou a mão em seu ombro, trazendo com ele seu cheiro familiar de folhas de louro e limão. Seus dedos tremeram em sua clavícula. Claro, ele não estava acostumado a vê-la chorar. Todos esses anos ela escondeu sua tristeza dele, manteve-se firme, forte. Mas agora uma câmara dentro dela havia se destrancado e ela não podia lacrá-la novamente.

— O que você está me pedindo para aceitar, querida. . . É impossível. Você vê isso, não vê?

Estava tudo muito bem para ele. Seu terno passado, sua gravata e seus sapatos brilhantes proclamavam seu lugar em um mundo de ordem e sentido, figuras e negócios. Ele não sabia o que era fermentar ali com um medo malicioso e inominável.

— Não estou culpando você — continuou Jolyon. — Não acho que você tenha inventado. Pobre coração, você foi cruelmente enganado.

Ela o encarou. — Como você quer dizer, enganado?

'Considere isso. Uma pessoa poderia abater uma vaca e entregá-la à sua porta sem testemunhas? *Alguém* deve ter visto alguma coisa. Peters não percebeu que Beatrice estava desaparecida? E os jardineiros? E onde estavam as empregadas, todo esse tempo? Por que não atenderam a porta?

'Você não pensa . . .'

Um pensamento estava se formando, juntando memórias como um cataplasma atrai sujeira. *As empregadas* .

Ele tirou a mão do ombro dela e passou pelo cabelo. 'Para ser honesto com você, eu acho que as empregadas estavam brincando. Talvez eles não

tivessem a intenção de ir tão longe.

'Não . . . eles não.'

— Você se livrou de todos os empregados da fábrica depois que mamãe morreu — disse ele gentilmente. — Você não está acostumado a gerenciar essas pessoas. Seria muito simples para as empregadas moverem as coisas, manterem as tábuas sobressalentes escondidas. Escreva na poeira.

Considerar. Eles poderiam ter orquestrado cada movimento.

Era horrível demais para acreditar. 'Mas . . . Por quê?'

Ele encolheu os ombros. — Eles se ressentem de você. Sua própria presença na casa. Uma vez que seu trabalho era fácil e descuidado. Agora, com uma amante e a perspectiva de um bebê. . . Sem dúvida, eles acharam divertido no início, mas eles ultrapassaram a marca.

poderiam decretar tal despeito? Matar uma vaca e rasgar um vestido só para se vingar dela? Elsie lutou para imaginar. E ainda . . .

Mabel pegou a carruagem da igreja naquele domingo antes do Natal, não foi? Ela teve tempo de sobra para preparar Hetta e colocar a marca da mão no vidro. Foi Mabel quem veio correndo dizer que os olhos de Hetta se mexeram, Mabel quem gritou por causa da companheira na banheira. Ela mesma poderia tê-lo colocado no banho.

— Não, isso não explica. Eu vi coisas, Jolyon. Vi um par de olhos se mexer e ouvi aquele no banho, escovando o cabelo!'

'Você fez?' ele perguntou suavemente. — Ou alguém plantou essa ideia em sua mente? Você esteve doente e de luto, muito aberto a sugestões. Talvez as empregadas apenas o tenham solicitado. Eles sabiam que sua imaginação assustada daria o resto.

Ela experimentou uma sensação de encolhimento no peito ao se lembrar de Mabel, de pé ao lado do guarda-roupa, parecendo culpada enquanto Elsie e Sarah choravam pelo bebê.

Ela olhou para Jolyon, seu rosto querido, nebuloso através de seus olhos nadadores. 'Mas . . . Eu criei Mabel.

— E ela o traiu, meu pobre amor. Aposto que ela pegou seus diamantes também. Ela tem a chave da caixa, não tem?

Seu menino inteligente. Nada passou por ele. Ele tinha ficado mais forte do que ela, mais afiado do que ela. E aqui estava ela, uma completa cabeça-dura, pensando que tinha ajudado os necessitados. Ela só os ajudou a roubá-la.

Ela cobriu os olhos com as mãos. 'Oh, Jo, eu tenho sido tão tolo. Você vai me perdoar?

Ele colocou os braços ao redor dela e a puxou para ele. A cabeça dela descansou em seu peito. Como ele era alto agora. 'Perdoar você? Ganso!

Por que devo perdoá— *lo* ?

Ela enterrou o rosto no colete dele e não respondeu.

Suas caixas estavam todas embaladas e amarradas, prontas para serem carregadas na carruagem. Os servos de cara fechada estavam agrupados ao redor deles no Salão Principal. Elsie passou e agradeceu a Deus que ela estava partindo: deixando este lugar horrível e todas as coisas medonhas que aconteceram aqui. Deixando os companheiros.

Ficaram de frente para a parede, como crianças encurraladas por não aprenderem as lições. Mabel os posicionou assim? Elsie não conseguia olhar para Mabel, pensar em Mabel. Ela se sentiu mal apenas compartilhando o mesmo espaço que ela.

Trêmula, ela foi até o espelho e arrumou o gorro e o véu sobre o gorro de viúva. O rosto refletido abaixo da aba estava deformado, tenso de pavor. Ela se sentiu horrível. Seu corpo estava em estado de fluxo. Seios macios empurrados com força contra seu espartilho, confusos quanto a amadurecer ou esvaziar. E o tempo todo seu bebê estava encasulado em uma igreja abandonada, com um nome que não era o seu.

Foi culpa de Mabel. Culpa de Helena. A Sra. Holt deve compartilhar a culpa por não supervisioná-los. Ou talvez ela estivesse rindo na manga de Elsie

também.

As lascas . Aquele pensamento infernal deu voltas e voltas em sua cabeça como um pião de criança. Não combinava com o resto. Assustá-la e fazê-la pular – isso era uma coisa. Mas intrometer-se com um feto. . . Ela sabia que as empregadas não fariam isso.

O que, em nome de Deus, havia acontecido com ela?

Os passos de Jolyon soaram nas lajes. Ela não se virou, mas o ouviu calçar as luvas. — Encontrou os diamantes da minha irmã, Sra. Holt?

— Não, senhor, temo que não. Tenho certeza de que eles aparecerão.

'Eles não vão.' Ele respirou fundo. — Mabel os levou.

Mabel ofegou. 'Eu nunca fiz!'

Elsie se virou, sua fúria saltando como uma chama. — Ah, você fez. Eu vi você com eles uma vez antes, lembra?

— Eu os estava aquecendo.

'Sem permissão.'

“Diga-me, Mabel”, disse Jolyon. Ele estava calmo, no controle. — Quem mais tem acesso à caixa de joias da minha irmã? Além de você?

Os olhos de Mabel deslizaram para a porta. 'Srta. Sarah?'

A boca de Sarah se abriu, mas Elsie não a deixou falar. — Confio na srta.

Sarah.

— Tenho certeza de que é tudo um engano — a sra. Holt acalmou. 'Tenho certeza-'

Jolyon levantou a mão, parando-a. ' *Tenho* certeza de que suas criadas estão pregando peças na patroa. Toda essa bobagem sobre *companheiros* ! Mabel

tem acesso à cozinha, não tem? Acesso às maiores facas?

A Sra. Holt piscou. 'Senhor, você não está sugerindo a vaca-'

— Você ficou barulhento. Mabel ergueu o queixo, mas estava toda inchada.

Elsie podia ver seus lábios trêmulos e o alarme esticando seus olhos. — Se você acha que eu roubei diamantes para eles e matei a vaca, então você enlouqueceu. Senhor.'

Jolyon deu a ela um longo e duro olhar. 'Eu tenho? Veremos.' Ele colocou o chapéu na cabeça. Isso o fez parecer mais alto, mais imponente. - Mrs.

Bainbridge e eu voltaremos na Páscoa. Se os diamantes não forem localizados até lá, relatarei minhas suspeitas à polícia.

'Mas eu não sei onde eles estão!'

'Por favor senhor.' A Sra. Holt torceu as mãos. 'Mabel trabalha aqui há mais de dois anos. Não posso acreditar que ela seja uma ladra.

Jolyon suavizou seu tom. — Cara Sra. Holt, você é muito confiante. Você não viu o que estava acontecendo debaixo do seu nariz. Acho que você e eu precisamos sentar e discutir a contratação de mais alguns. . . servos adequados.'

'Mas-'

'Não se assuste. Seu emprego está seguro.

'Caro eu. Querido, querido, eu. A garganta da Sra. Holt trabalhava convulsivamente.

Uma velha tola e desajeitada, pensou Elsie. Se ela tivesse supervisionado suas empregadas adequadamente, se ela tivesse *considerado* o que tipo de garota que ela estava assumindo em primeiro lugar, todo esse aborrecimento poderia ter sido evitado. O bebê de Elsie ainda pode estar vivo.

Jolyon pegou uma mala, sua expressão nivelada, imperturbável. —

Console-se, Sra. Holt. Voltaremos a conversar quando eu voltar de Londres.

Enquanto isso, a Srta. Bainbridge ficará encarregada de você. Ele passou

sua mala para Peters e saiu com o homem para supervisionar o carregamento da carruagem.

Sara se adiantou. Ela mal conseguia olhar para Elsie. 'Sra. Bainbridge. . .

Isso tudo é uma bagunça. EU-'

'Silêncio. Você não deveria saber. Nós dois nos deixamos levar pelo medo e pela nossa dor. Nenhum de nós suspeitou das empregadas.

Ela mordeu o lábio. 'Você . . . Você realmente acredita que eles fizeram tudo isso? Até o último pedaço?

Elsie engoliu em seco. — Jolyon acredita nisso, e eu confio nele.

'Mas no diário...'

'O suficiente. Não suporto mais falar sobre isso. Volte para seus diários e seu estudo da casa da família. Você mal notará que eu fui embora.

Sarah tremeu por um momento. Então ela se inclinou para frente e a beijou na bochecha. — Deus acelere sua jornada. Sinto muito, Sra. Bainbridge.

'Nós vamos. Suponho que agora você pode me chamar de Elsie.

Foi só quando Elsie se acomodou em seu assento, acenando para Sarah, que ela viu: outro rosto, atento à partida. No segundo andar, olhando pela janela que pertencia ao seu próprio quarto, estava uma companheira.

Este ela conhecia. Anne Bainbridge. Inconfundível: as mesmas fitas de coral do retrato no cabelo; as mesmas bochechas carnudas. Seu vestido amarelo fluía e ondulava onde seus braços estavam cruzados sobre o peito.

E lá, pintado em sua garganta, estava um colar. Um arco brilhante suportando três diamantes em forma de gota de pêra.

Os diamantes de Elsie.

A PONTE, 1635

Aniversário de Heta. De acordo com meu costume, fui à Igreja de Todas as Almas para agradecer pela filha que me disseram que nunca viria.

Eu digo que estou agradecendo. Mas no fundo, eu me pergunto. Estou louvando a Deus ou cumprindo uma penitência? Para cada vez que entro na igreja, há uma culpa incômoda no centro de mim. Quando eu oro, há duas vozes dentro da minha cabeça, tagarelando uma sobre a outra. Um chora *obrigado* ; o outro *me perdoe* .

Hoje eu senti, mais poderoso do que nunca, o peso da desaprovação de Deus me pressionando quando entrei na igreja deserta e sentei no banco.

Uma força amorosa, mas triste, intoleravelmente pesada.

Os santos me olhavam dos velhos vitrais deixados pelo reinado da rainha Maria. Eles pareciam balançar a cabeça. Apertei minhas mãos com mais força. E quando fechei os olhos, as palavras me vieram em uma torrente: *Como você se atreve?*

Minhas pálpebras se abriram. De repente me senti muito pequeno. Mas mesmo quando eu caí de joelhos, a voz veio novamente. *Como você ousa?*

Meu olhar voou para a frente da igreja, até a cruz, elevando-se diante do altar. *Quem é você para criar uma vida onde eu a recusei?*

Soube então que era uma resposta às minhas orações, às noites que passei de joelhos perguntando por que nossa família sofreu tamanha humilhação: foi minha culpa.

E eu vejo isso agora. Deus tem um plano para cada um de nós que Ele cria.

Seu plano para Josiah era brilhante, colocado no centro da quadra. Mas esse plano não contava com um fator: Hetta.

Hetta fez amizade com a cigana e eu, fraco de novo, cedi às suas exigências. Meu pecado é tão grande que mudou o caminho da minha vida.

Essa ideia me assombrou durante todo o caminho para casa. Enquanto caminhava entre as folhas rodopiantes, enquanto sentia o sabor almíscar do final de outubro no ar, ficava me perguntando por que tinha feito aquilo. Eu tive três meninos. Três! Minha mãe teria dado seu braço direito por apenas um. Mas eu queria uma menina. Outra Mary para se sentar comigo e caminhar comigo, um espelho da minha própria infância brotando aos meus pés. E por mais errado que seja, eu ainda a quero.

Quando voltei para The Bridge, fui direto para o berçário. Lizzy estava sentada em sua cadeira de balanço sob as trepadeiras, cerzindo uma das

meias rasgadas de Hetta.

Meu filho usava o vestido de seda verde-oliva que encomendei para a visita real. Torna-se bem, realçando o tom acobreado de seu cabelo. Ela me deixou beijá-la, mas não consegui mantê-la por mais de um momento.

Assim que meus lábios encontraram sua bochecha, ela saiu novamente, correndo entre seus companheiros.

Isso me machucou. Coloco minha alma em perigo, paguei o preço do meu futuro – e recebo um beijo escasso.

Sentei-me pesadamente ao lado de Lizzy. “Espero que não seja estranho para Hetta passar tanto tempo com essas pranchas. Ela nunca foi uma criatura comum e agora. . .'

'Não não.' Lizzy cortou um fio. — Não se preocupe com isso. É natural que ela se apegue às coisas, não tendo amigos de sua idade. Ela não precisa falar com os conselhos.

Hetta não é como eu. Isso não é culpa dela, claro, mas cada diferença que encontro é uma pequena lasca no sonho que tive com minha filha. A confidente íntima, que seria o repositório de todos os meus segredos, não

pode confiar em nenhum dos seus. Ela não está à vontade comigo. Não sou para ela o que sou para os meninos.

Talvez seja parte do meu castigo. Um cheque para minha arrogância. Com ervas e palavras antigas posso criar uma filha, mas não posso fazê-la me amar.

“Lembre-se,” Lizzy continuou, virando a meia, “quando você tinha a idade de Hetta, você podia correr com a pobre Mary. Deus dê descanso à sua alma.

'E depois disso, eu sempre tive você para conversar, querida Lizzy.'

Ela sorriu para mim, suas velhas gengivas pontilhadas de preto. 'Embora houvesse alguns que acharam isso impróprio, não estavam lá, por causa da minha posição? Então veja, não há nada de estranho em Hetta brincar de esconde-esconde com gente de madeira. Ela começou um novo ponto. — O

que eu *acho* estranho é o Sr. Samuels, desaparecendo tão de repente assim.

Você não encontrou nenhum vestígio dele na cidade?

Eu balancei minha cabeça. Mark e Jane estavam certos: a loja simplesmente não existe. não consigo ver como tem aconteceu, mas aconteceu. Até aquele homem e suas instalações fugiram de nós. Estou preso com meu tesouro amaldiçoado.

Lizzy suspirou. 'Um mistério. Achei que talvez houvesse notícias de Samuels, quando o mestre partiu tão rápido.

Eu me virei para encará-la. 'Josiah se foi?'

'Sim. Você não sabia?

— Eu estava na igreja.

'Oh.' Sem olhar para mim, ela enfiou a linha na agulha. — Saiu cerca de uma hora atrás, foi ele.

O pressentimento me atingiu, tão afiado e cortante quanto o vento soprando sobre as colinas. 'Rápido?'

'Sim.' Ela apertou os lábios. 'Tão rápido como se os cães do inferno estivessem atrás dele.'

Esperei no Salão Principal. O dia passou rápido. Nuvens índigo ficaram rosadas por baixo enquanto o sol se afastava. Os melros cantaram até que a luz se extinguiu, então as corujas começaram a chorar.

Finalmente o cascalho estalou. Ouvi vozes no pátio do estábulo e o barulho de pés. Momentos depois, Josiah atravessou a porta, salpicada de lama.

Eu voei para ele. 'Josias, o que é isso? O que aconteceu?'

Seu olhar era cauteloso. Ele tirou minhas mãos de sua capa e as segurou à distância. — O menino foi encontrado.

- Merripen?

'Sim. Foi nosso próprio homem, nosso próprio Mark, que o encontrou.

'Graças a Deus.'

'Finalmente, tenho algumas notícias para enviar ao rei.'

Que alívio abençoado imaginar aquele espírito maligno capturado e acorrentado! Eu nunca imaginei que o diabo cearia com uma criança tão jovem. Lembrei-me dos olhos de Merripen, escuros e ardentes como um braseiro de piche em chamas, e isso me deu frio.

Tolamente, pensei que isso seria o fim; que Josiah e eu poderíamos continuar como antes. Mas ele soltou minhas mãos e tirou o manto, virando-se para mim ao dizer: — O menino ficará confinado em Torbury St Jude esta noite e será julgado amanhã. Eu comparecerei.

'Amanhã é o Dia de Todos os Santos'.

— Depois disso — disse ele, irritado.

Eu sabia que deveria deixá-lo lá; felicitá-lo e fugir de sua vista. Mas uma inquietação crua em minha alma me obrigou a deixar escapar: 'O que vai acontecer com ele?'

Ele olhou para mim. Sua barba pontiaguda fazia sua boca parecer zombeteira, um tanto cruel. — Isso vai depender do veredicto.

Culpado . Deve ser culpado. Josias não os deixará encontrar mais nada. Sua reputação está em jogo. Se ele não puder pegar e punir o canalha que ofendeu a Rainha em sua própria casa, sua vergonha não terá fim.

Minha garganta ficou apertada, apertada o suficiente para me sufocar.

Lembrei-me do homem que teve as orelhas cortadas. — A morte de um traidor, então? Eles realmente concederão isso a um menino?'

Sua risada me fez pular. Não havia alegria nisso. 'Um menino! Pode um menino humano fazer *isso* para um animal? Ah não, minha senhora. Guarde minhas palavras, ele está possuído por um demônio.

- Deve ser mesmo. Com essa idade! Ele é apenas um pouco mais velho que o meu Hetta. Eu o imaginei, tão baixo sob o cadafalso. Com que espessura a corda se empilharia ao redor de seu pequeno pescoço, como sua pequena barriga ficaria lisa e plana sob a lâmina. Uma criança pendurada, desenhada e esquartejada. — Você espera que o rei mostre misericórdia?

'Misericórdia?' Ele cuspiu a palavra como uma coisa vomitada. 'Você *estenderia* misericórdia ao demônio?'

Eu gaguejei. 'Não . . . Eu não sei. Ações tão perversas não podem passar despercebidas, e ainda assim. . . Alguma coisa dentro de você não hesita nisso? Você não acha que a execução de uma criança pesa sobre sua alma?'

"De jeito nenhum." Seus olhos brilharam. Não gostei do fio de aço em sua voz. ' *Eu* não sou responsável por isso. A única pessoa responsável é *você* .

Isso me atingiu como um soco no rosto.

' *Você* o deixa entrar nos estábulos, *você* coloca o cavalo em seu caminho.

Isso não teria acontecido se não fosse por você. Seu olhar me prendeu ao local. — Se alguém tem o sangue daquele menino nas mãos, é você, Anne, e só você.

LONDRES, 1866

A mudança na textura do ar foi notável. Enquanto a carruagem percorria ruas familiares, a fumaça descia em uma névoa cor de tabaco. Sujeiras negras salpicavam as janelas. Elsie sentiu o cheiro cortante de enxofre em sua língua muito antes de invadir suas narinas.

Logo a fábrica se materializou: uma chaminé alta fluindo com fumaça e atrás dela fileiras de empenas inclinadas, como as barbatanas dorsais dos tubarões. Grades de ferro cercavam o pátio. Através dos trilhos, Elsie vislumbrou uma carroça entregando madeira para as talas. Um menino, um de seus vendedores, saiu do prédio e passou pelos cavalos com uma bandeja balançando na cintura. A mercadoria parecia muito maior do que o próprio menino.

Um homem abriu os portões e eles entraram no complexo fabril. Elsie ouviu o metal retinir atrás dela, prendendo-a. Depois da Ponte, parecia outro mundo. Estrangeiro. Ela olhou com os olhos de um estranho para o lugar que uma vez foi sua casa. Através das janelas embaçadas da fábrica, ela podia ver a máquina de corte brilhando como uma faca de feno enquanto se movia para frente e para trás; faíscas dos fósforos petulantes que não cooperavam. Os estilhaços de luz feriam seus olhos. Ela teve que desviar o olhar.

— Certo — disse Jolyon quando pararam no pátio. — Vamos levá-lo até os aposentos e descansar. Você deve estar exausto depois dessa viagem.

— Mas e as garotas de Fayford? Quando a carroça chegar, eles precisarão se instalar e mostrar o que fazer.

— A senhorita Baxter cuidará de tudo isso. Quem você acha que anda atrás dos aprendizes desde que você se casou?

Isso a irritou, ser suplantado. Isso era dela. Ela poderia se casar e se mudar, mas ela nunca deixaria a fábrica – ela sempre seria a dona aqui. Deus sabia

que ela tinha merecido esse título. — Bem, a senhorita Baxter pode cuidar deles hoje, pois estou realmente cansado. Mas uma vez que eu tenha descansado, começarei a ajudar novamente.'

Jolyon mordeu o lábio.

— Vai me beneficiar — explicou ela. “Preciso estar onde há barulho, agitação e vida. Na Ponte, sinto-me como um pedaço de taxidermia debaixo de uma redoma de vidro.

'Veremos. Mas primeiro uma xícara de chá e uma deitada.

Ela não podia discutir com isso.

Firmemente segura no braço de Jolyon, ela desceu da carruagem e virou à esquerda, passando pelas salas de imersão e galpões de secagem, em direção a uma pequena casa de tijolos cinza que dominava o lado oeste do pátio. Mulheres empoeiradas e desalinhadas com franjas faltando nas franjas de seus xales acenaram com a cabeça em reconhecimento quando ela passou. Um fino vapor branco, com cheiro de alho e pestilento, emergiu de seus ombros.

— As janelas precisam de um esfoliante — disse ela a Jolyon, enquanto olhava para a casa. 'Olha o que acontece quando eu saio você sozinho.

Tenho medo de pensar em que tipo de antro de solteiro estou entrando.

Ele sorriu. — Você vai encontrá-lo do mesmo jeito. A mesma de sempre.

A porta da frente rangeu quando a governanta de Jolyon a abriu para eles. A Sra. Figgis tinha uma figura roliça e um rosto pudim – nenhum traço de maçãs do rosto sob os poros grandes em sua pele. Seu seio pesado foi antes dela. Elsie se perguntou como seu avental se estendia sobre ele. Ela tentou não olhar enquanto entrava em sua antiga casa.

A Sra. Figgis era uma nova figura, contratada após o casamento de Elsie para fazer aquelas tarefas femininas que ela sempre cuidou. Elsie ficou satisfeita ao ver o quão gentil e maternal a mulher agiu, conduzindo-os para a

sala, onde o fogo já estava fervendo, sob as brasas antes de sair correndo para buscar a bandeja de chá.

Foi uma estranha inversão da chegada de Elsie à Ponte. Ela encontrou a lareira limpa. As janelas também. Isso não era pouca coisa para um empregado que trabalhava na nuvem amarela de uma fábrica. Pó fino – não exatamente poeira nem areia – entrou em tudo, mesmo sob as unhas e dentro do nariz.

— Estou corrigida — disse ela enquanto tirava o chapéu e se sentava diante do fogo. — Você está sendo muito bem tratado.

'De fato, eu sou. A Sra. Figgis é um tesouro. Não, é claro — ele acrescentou rapidamente, colocando o chapéu em um cabide e pegando o de Elsie dela

— que ela compense por ter você por perto.

'Adulador. Não acredito em uma palavra.

Inclinando-se para trás, ela olhou ao redor na sala. Jolyon estava certo – era tudo a mesma coisa. Papel de parede desbotado com padrão repetitivo de buquês de rosas, alguns enfeites bem escolhidos nas prateleiras e antimacassars de crochê pendurados no encosto das cadeiras. O cheiro químico habitual da fábrica, intensificado pela ausência dela. O quarto era o mesmo. Apenas Elsie havia mudado.

Ela não pôde deixar de notar como tudo era pequeno, depois da Ponte: as cadeiras muito próximas umas das outras, o fogo fraco e insuficiente. Como se ela tivesse crescido demais para ser contida em tal lugar.

A Sra. Figgis trouxe o chá com um pouco de pão e manteiga, antes de deixá-los a sós com muito tato. Elsie levou a xícara aos lábios. Faltou um chip no aro.

— Quero que você tome uma gota de láudano e durma pelo resto do dia —

disse Jolyon. Ele pegou uma fatia de pão. — Amanhã farei perguntas sobre seu tratamento.

Ela quase deixou cair a xícara. — Consultei um médico no The Bridge. Ele disse que eu estava bem o suficiente para viajar.

— Mas isso não é uma recuperação completa, é?

— Admito que ainda estou fraco, Jo, mas não preciso mais do que descanso e uma taça de vinho por dia.

— Você teve um choque nervoso. Não convém deixar tais episódios passarem despercebidos. Os médicos têm todos os tipos de terapias hoje em dia que podem acalmá-lo – inalações de vapor, banhos de assento frios.

Ela tomou um gole do chá, mas estava azedo em sua boca e doeu quando o engoliu. — Achei que tínhamos concordado. Eu não estava . . . Foi tudo uma piada medonha.

'Sim.' Jolyon mastigou o pão com manteiga, evitando propositadamente os olhos dela. — Não estou insinuando o contrário. Mas ainda é um golpe desagradável para os nervos. E junto com todo o resto... Rupert passando, tão de repente, assim.

'Jolyon—'

— E agora veja o que aconteceu! A perda do seu filho. Não seria natural se isso *não o* sacudisse. Não há vergonha, você sabe, em receber ajuda. Só uma coisinha para acalmar seus nervos, reanimar seu espírito.

'Eu sei que.' Ela colocou a xícara no pires. — Mas é bastante desnecessário.

Por favor, não desperdice seu dinheiro. Eu lidei com coisas assim toda a minha vida. Ele abriu a boca para falar, mas ela chegou primeiro. — Isso é o que acontece comigo, Jo. Eu confio nas pessoas e elas abusam dessa confiança. É hora de me recompor e aprender com isso. Ela percebeu que estava tremendo. Apressadamente, ela cruzou as mãos no colo.

'Pelo menos', ele disse gentilmente, sentando-se para frente em sua cadeira,

'aceite alguma ajuda para 'se recompor'. É meu dever, Elsie, como seu irmão, cuidar de você. Você é tão corajoso que muitas vezes eu esqueço que você é

um membro do sexo frágil. Você não foi feito para resistir a essas coisas.

Ela se sentou em sua réplica, porque ela sabia que iria machucá-lo. Aos vinte e três ele queria se sentir crescido, o homem no comando.

— Você já cumpriu esse dever.

'Não, eu não tenho.' Sua sobrancelha se contraiu – ele estava falando sério agora. — Estou preocupado com você, Elsie. Precisamos ter cuidado.

Depois de . . .' Ele lutou por um momento, sua garganta trabalhando. —

Depois do que aconteceu com mamãe.

Seus olhos se prenderam aos dele: suas íris cor de avelã, movendo-se minuciosamente de um lado para o outro, e as pupilas encolhendo. Mas ela não conseguia perfurar fundo o suficiente. Ele não deu nada.

Ela percebeu que tinha esquecido de respirar. 'Mãe?' ela sussurrou.

— Por causa de como ela foi no final.

— Você era muito jovem para se lembrar disso.

— Garanto-lhe que me lembro nitidamente.

Como ela poderia esconder isso – esse tremor inexplicável em seus dedos, a contração profunda em seus ossos? 'Eu não sabia. Sinto muito por isso, Jo.

Foi uma época terrível. Eu teria poupado você da memória.

Houve uma longa pausa.

“Eu me lembro,” Jolyon disse, cuidadosamente, “como ela ficou ruim.

Vendo goblins e demônios. E então, no final, coisas tão terríveis. Ela costumava me sussurrar em sua cama e acusar você de todos os tipos.

'Eu?'

— Ah, ela estava muito louca. Eu entendi *isso* , jovem como eu era. Mas ela era nossa mãe, Elsie, e essas coisas podem ser hereditárias.

Seu rosto estremeceu de volta à vida. — Ela teve tifo! Uma febre como essa mandaria qualquer um para a Queer Street.

— A confusão dela piorou com o tifo, mas não começou com ele. Você mesmo me disse. Você disse que ela era assim desde que o pai morreu.

'Sim. Eu disse isso. Claro, a dor a mudou. Mas ela não estava louca, exatamente. Pelo menos, acho que não.

As pessoas sabiam quando estavam ficando loucas? ela imaginou. Eles sentiram a trama de suas mentes se desfazendo? Ou foi como passar para um mundo de sonhos suave? Ela nunca saberia, pois ela e mamãe nunca discutiram o assunto. E se ela fosse honesta, naquela época, ela não se importava se Ma sofria – na verdade, ela desejava isso.

'Vale a pena arriscar? Não é melhor consultar um médico?

Uma estranha letargia a invadiu. O que Jolyon sabia sobre riscos?

'Você não pode fazer a comparação, minha querida Jo, mas se você conhecesse melhor nossos pais, você perceberia que eu não compartilho nenhuma característica com eles.' A velha dor se alojou em sua garganta.

'Nada, você entende?'

— Você sabe, Elsie. Você não pode evitar. Eles estão sempre conosco, em nosso sangue, em nosso próprio ser. Gostemos ou não.

Ela estremeceu. 'Sim. Sim, suponho que sejam.

Seu coração batia rápido demais. Isso fez seus olhos nublados, seus lábios secos. Um canto fraco começou. Ela não sabia dizer se eram seus ouvidos ou as mulheres que trabalhavam lá fora.

A luz do dia penetrou através da fumaça, espiando as cortinas e manchando a bandeja de chá de amarelo. No momento em que tocou seu joelho, ela se

levantou abruptamente. Sua xícara e pires chacoalharam.

Jolyon olhou para ela.

"Sinto muito", disse ela. Ela pressionou a mão na testa. Estava escorregadio de suor. — Perdoe-me, Jo. Passei terrivelmente mal. Acho melhor eu ir me deitar.

Janeiro passou para um fevereiro áspero e úmido com o vento uivando sobre os prédios da fábrica, soprando a fumaça da chaminé em uma corrente diagonal. Elsie mal notou o passar dos dias. Quer fossem as poções para dormir prescritas pelo médico de Jolyon ou a tintura de lavanda vermelha que tomava no vinho todas as noites, ela sentia uma sensação de bem-estar acolchoado, desvinculada das preocupações do dia-a-dia.

Ela fez rondas pela fábrica, mas não tinha responsabilidades reais. Ela poderia passar pela sala de imersão e observar os meninos remando uma mistura fosforescente no fogão. Frígidas rajadas de vento levaram a fumaça para cima dos portões e para a névoa mais espessa de Londres.

Ocasionalmente, suas narinas encontravam fragmentos do odor sulfuroso, mas isso não a incomodava como costumava fazer. O cheiro era uma alfinetada, um pequeno solavanco, em vez de uma lâmina de faca.

Quando ficava frio demais para espiar pelas janelas embaçadas, ela entrava na fábrica propriamente dita, onde as talas eram feitas. Aqui ela se movia e respirava livremente, um peixe colocado de volta na água. O vapor, o zumbido das máquinas, as lascas de madeira e a conversa da fábrica eram tão familiares para ela quanto a voz de Jolyon. Ela olhou para seus funcionários, correndo de um lado para o outro, e o brilho fervente da serra, e sentiu que havia sido ressuscitada. Trazido de volta à vida.

Em março, ela foi restaurada e começou a orientar as três meninas que resgatou de Fayford.

"Aqui", Elsie disse para a menor, uma menininha sardenta que lutava para amarrar sua trouxa. 'Tome esta medida e coloque-a debaixo do bico. Cada

um é projetado para conter mil e oitocentas talas. Essa será a quantia certa para o seu pacote.

A amiga da garota parecia alarmada com a perspectiva de ter que contar até um número tão grande, mas Elsie a ajudou enquanto a garota sardenta se afastava, ensinando-lhe o melhor nó para prender o embrulho.

"Eu mesma fazia isso", ela sorriu, "quando tinha a sua idade." Claro que ela não era tão habilidosa, ultimamente, com suas mãos cheias de cicatrizes.

A garota não respondeu, embora fosse evidente em seu rosto que ela não acreditava em uma palavra. Talvez *fosse* estranho, a filha do dono trabalhar entre os empregados, mas o pai disse que você não conhecia uma fábrica até ter trabalhado nela. Até onde Elsie conseguia se lembrar, essa foi a única coisa realmente útil que o pai já disse.

Quando Elsie se afastou das meninas, notou que seus sapatos deixavam marcas no chão, como uma pessoa andando na areia. Máquinas zumbiam e talas se espalhavam na calha, lançando uma nuvem de poeira. A garota sardenta de Fayford tossiu. Aos poucos, a poeira clareou. E assim, os passos de Elsie se foram.

Curioso para pensar em todos os passos escondidos, todos os momentos que o chão de fábrica conheceu, enterrados e depois varridos com uma vassoura.

Ela subiu as escadas que levavam ao escritório e parou no meio do caminho, encostada no corrimão de ferro, de onde podia ver toda a fábrica.

Mulheres enchendo quadros e supervisionando as máquinas, toda a sua vitalidade se esvaindo com o vapor. Faíscas de partidas desonestas que estalaram e se apagaram. A rapidez com que aconteceu, a efervescência e a transformação de um estado para o outro. Num momento o fósforo era uma vara com uma orgulhosa cabeça branca; no próximo, uma coisa carbonizada e desperdiçada com uma aparência desamparada. Enrugado.

Carrinhos de mão transportavam os embrulhos de e para a sala de imersão.

Além disso, estavam os galpões de secagem, não muito visíveis através das janelas.

Lá. Aquele remendo ali, perto da serra circular, apenas escondido da vista.

Se você esfregasse até a superfície, a acharia preta e queimada. Foi aí que o fogo começou. Onde o pai correu para apagá-lo, frenético. E então . . . onde o sangue fluiu. Quantidades copiosas de sangue. Vermelho florescendo na

serragem. Vermelho escorrendo entre as pernas da mesa. Um vermelho escuro estranho, como clarete. Espesso.

Vinagre e esfregões haviam absorvido o pior, mas Elsie imaginou um remanescente ali sob a serragem. Marrom, não vermelho agora. Marrom como melaço.

Jolyon tinha apenas seis semanas quando isso aconteceu. O pai ainda não havia mudado seu testamento para incluir um filho. Se Elsie estivesse determinada, ela poderia ter encontrado uma maneira de manter toda a propriedade desta fábrica até que seu casamento acontecesse. Mas não era natural esconder nada de Jolyon. Ela precisava dele para ajudá-la a arcar com o fardo de tal herança: um legado nascido do sangue.

Lentamente, ela esvaziou e se sentou nos degraus, sua bochecha pressionada contra o corrimão frio. Sim, houve momentos terríveis na história deste lugar, mas de alguma forma o movimento da fábrica os erodiu, desgastando-os como o mar alisando uma pedra. Em seu lugar veio outra lembrança, muito mais doce.

Ela estava descendo esses mesmos degraus – não vestida de preto, então, mas vívida em magenta da moda – quando Jolyon conduziu três cavalheiros pelas portas principais. Um usava um chapéu-coco, os outros dois chapéus-de-coco. Eles tinham aproximadamente a mesma idade – na meia-idade, ou um pouco mais velhos – mas foi Rupert quem chamou a atenção com seu rosto brilhante e ativo. Ele parecia mais um jovem, danificado por uma década difícil. Seus companheiros eram o que Ma chamava de *mal preservados* , a pele enrugada, em conserva.

“Ah”, Jolyon disse quando a viu. Ele estava nervoso, mas tentando não demonstrar. Uma mancha escura apareceu sob sua axila enquanto ele gesticulava. 'Aqui está minha irmã vindo nos ajudar com o passeio. Sr.

Bainbridge, Sr. Davies, Sr. Greenleaf, posso apresentar a Srta. Livingstone?

Eles se curvaram. Apenas o Sr. Bainbridge sorriu. Bem, ela assumiu que era o caso – o Sr. Davies e o Sr. Greenleaf ostentavam tantos pelos faciais que ela não podia ter certeza de que eles possuíam bocas.

O Sr. Bainbridge era seu favorito instantâneo. Ele tinha um bigode grisalho e arrumado, e era mais elegante do que os outros – até suas calças eram xadrez, azul e verde. Ele tinha o hábito de brincar com a corrente do relógio enquanto caminhava.

Ela pegou o braço de Jolyon e mostrou ao trio a fábrica, dando dicas quando necessário e explicando o trabalho das mulheres. Jolyon falou sobre máquinas e taxas de produção. Entre eles, eles tinham ensaiado tão minuciosamente quanto qualquer peça. Os atos correram de acordo com o roteiro; seus potenciais investidores acenavam com a cabeça nos momentos certos, faziam as perguntas que deveriam. Foi só quando eles foram para o

escritório, e Elsie se sentou em frente a Jolyon na cabeceira da longa mesa de mogno, que surgiu o primeiro problema.

'Perdoe-me, senhores, pensei que nos propusemos a falar de negócios?' O

Sr. Greenleaf tinha colocado seu chapéu-coco na mesa, olhando de Elsie para uma garrafa cheia de conhaque e vice-versa.

— E assim o fazemos — disse Jolyon. 'Por favor, prossiga.'

"Dificilmente galante, com senhoras presentes."

Elsie esboçou um sorriso. - Garanto-lhe, Sr. Greenleaf, que a fábrica é um assunto do qual nunca me canso. Você não precisa ter medo de me aborrecer.

Ele inclinou a cabeça. Claro, a chata Elsie não era o que ele temia – ela sabia disso, ele sabia disso.

'Querida madame, deixe-me ser claro. A linguagem nessas reuniões pode ficar um pouco grosseira. Seria muito melhor se seu irmão simplesmente recontou as partes adequadas para seus ouvidos mais tarde.'

A risada de Rupert foi um único suspiro. — Pela minha palavra, Greenleaf, não sei que tipo de reunião você pretende ter. Aqui estava eu, preparado para ser educado e civilizado.

Jolyon colorido. Suas mãos começaram a pairar sobre os bolsos. — Você deve entender que esta fábrica é herança da senhorita Livingstone, assim como minha. Ela tem o direito, eu sinto, de estar presente em qualquer...

— Pshaw, ninguém está contestando o direito dela, cara. Mas há *necessidade* ? Poupe a pobre senhora dos horrores formais.

Ela podia sentir o coração batendo no pescoço, furioso com aquele velho gordo, cheio de preconceito e dinheiro. *Terror* . O que ele sabia de horror?

Apenas o pensamento de Jolyon segurou sua língua.

"Linguagem ruim e horror formal", comentou Rupert, balançando o relógio.

— Começo a duvidar se desejo ficar aqui também.

— Bainbridge, você sabe muito bem o que quero dizer. Figuras de linguagem e formalidades comerciais que tomamos como certas podem ser chocantes, para não dizer cansativas, para uma dama.

O pior era que Greenleaf nunca admitiria a verdade. Ele não insultaria seu intelecto. Ele não discutiria seu lugar. Em vez disso, ele assumiu essa charada degradante, imitando o cavalheirismo, fingindo objetar pelo bem dela .

Greenleaf continuou. — Realmente não vejo razão, Livingstone, para que sua pobre irmã seja forçada a sofrer isso. Nenhuma razão.

— A não ser — interveio Davies com astúcia — que seja para você. Jovem que você é, você pode precisar da presença de um irmão mais velho?'

Jolyon ficou escarlate. Esse foi o gatilho. Ela se levantou e pegou a garrafa de conhaque.

— Bem, cavalheiros, vocês deram sua opinião e tenho certeza de que gostaram. Quanto ao Sr. Livingstone e a mim, temos negócios a tratar.

Qualquer um que invista nesta fábrica terá um mestre *e* uma amante para lidar, e isso não está em discussão. Ela serviu-se de um dedo de conhaque e jogou de volta. — Se você é muito melindroso para falar de negócios com uma dama, é melhor ir embora agora.

O discurso parecia ter dito a si mesmo. Elsie sentiu uma chama no fundo da garganta e baixou os olhos para o copo de conhaque, incapaz de entender como foi parar em sua mão.

O Sr. Greenleaf e o Sr. Davies saíram. Rupert ficou.

E depois de toda essa comoção foi Jolyon quem falou durante a maior parte da reunião, detalhando seus planos para mudar de lutas com Lúcifer para partidas com cabeças de segurança, e suas propostas de melhorias para o bem-estar da equipe. Foi Jolyon quem explicou os ventiladores, Jolyon quem defendeu uma casa de secagem separada. Mas era de Elsie que Rupert se lembrava.

"Uma mulher notável", disse ele a Jolyon, quando achou que ela estava fora do alcance da voz. — Sua irmã tem perspicácia para esse negócio, Livingstone, ouço isso em cada palavra que ela diz. Você tem toda razão em envolvê-la.

"Elsie."

Mas não foi isso que Jolyon disse em resposta. Não era uma voz do passado, mas do aqui e agora.

"Elsie."

Ela piscou, fazendo um esforço para voltar ao presente. A imagem de Rupert e Jolyon apertando as mãos derreteu. Em seu vazio surgiu outro Jolyon. Ele

não suportou semelhança com o jovem que acabara de ver; seu rosto estava distorcido, chocado; sua voz oca e irreal.

— Elsie, o que você está fazendo aqui? Estive procurando por toda parte.

Ela se levantou, descendo os últimos degraus para pegar as mãos dele. Eles eram lisos e quentes. 'Qual é o problema? Você está horrível, Jo.

— Um negócio terrível. Arrume suas coisas. Você precisa voltar para a ponte. Hoje.'

O conteúdo de seu estômago mudou. 'Por que? O que diabos aconteceu?

É

"É Mabel." Ele agarrou suas luvas, apertado. "Mabel está morta."

A PONTE, 1635

Ele vai morrer amanhã.

É minha culpa. Tudo isso. Todas as manhãs eu acordo doente até a última gota do meu estômago com culpa. Mas não sofri o suficiente, nunca sofrerei o suficiente para agradar Josias. Ele deve empurrar minha cara para ele, como um cachorro que mexeu na casa de seu dono. Por isso, estamos organizando uma celebração.

Desde que Mark alcançou o fugitivo, meu marido decretou que os servos fossem recompensados com um banquete. Durante todo o dia os espetos giraram, inundando o andar térreo de fumaça. Meus olhos ardem com isso.

Josiah concedeu-lhes o uso do Grande Salão. Eles estão sentados lá agora, tilintando copos, arrancando carne dos ossos com os dentes como se estivessem rasgando o próprio Merripen.

Resignei-me à cozinha com Lizzy. É minha penitência me sentar aqui na fumaça sufocante, suor escorrendo da minha testa, observando as peles de animais empolarem e borbulharem enquanto giram acima do fogo.

Tentamos conversar, mas parece uma coisa muito superficial, uma ocupação muito comum. Essas ninharias podem continuar depois de tudo o que passou?

- Não parece certo. – Lizzy suspirou. Ela enxugou o rosto. 'Continuar assim porque um rapaz vai ser esticado pela manhã. Até mesmo um rapaz malvado.

Ouvi a gordura pingando e chiando. Merripen torraria assim no fogo do inferno?

— Fui tão tolo em confiar nele. No entanto, ele não parecia um menino mau.

'Sim. Mas o diabo assume muitas formas. A maneira como ele atacou aquele pobre cavalo. . .' Ela veio e acariciou minha mão com sua própria palma calejada e suada. — Talvez seja melhor assim. Acabe com ele antes que ele possa voltar seu rancor contra uma alma humana.

Mas que fim.

Vimos o fogo juntos. Aos meus olhos, as toras pareciam galhos carbonizados; uma pobre alma queimada na fogueira. Deus permita que eles nunca descubram como eu gerei Hetta. Se enforcarem, sacarem e esquartejarem Merripen, o que fariam comigo?

'Como está Hetta?' Eu perguntei finalmente. — Ela sabe o que vai acontecer com a amiga?

Lizzy se jogou em um banco. — Não contei a ela, mas ela é afiada. Sabia que haveria uma grande festa. Ela ia e voltava do jardim toda a manhã, colhendo ervas para a cozinheira. Acho que isso a ajuda a se manter ocupada.

'E agora?'

Ela olhou para o relogio. 'Agora é melhor eu ir buscá-la. Não tinha coração antes, então eu deixei ela se senta onde ela estava em paz. Mas há um beliscão vicioso nesse ar. Não posso deixá-la pegar um resfriado.

Eu levantei minha mão enquanto ela se levantava. 'Deixe-me ir, Lizzy.'

Ela assentiu com a cabeça.

O ar gelado era impiedoso quando saí do calor da cozinha. Eu não percebi o quão frio havia esfriado. Estava frio o suficiente para nevar. A geada brilhava nos galhos que se quebravam sob meus chinelos enquanto eu caminhava para o canteiro de ervas.

Meu outrora belo jardim se transformou em uma coleção de galhos ósseos varridos pelo vento. O céu se estendia acima, incolor como sal. Nenhum lírios cresceu, nenhuma rosa sobreviveu. Apenas a topiaria permaneceu, um fantasma verde das minhas esperanças de verão. E as ervas de Hetta.

Eu pensei que estava com frio antes de vê-la. Mas no momento em que meus olhos caíram sobre meu filho, meu coração congelou dentro de mim.

Ela se sentou na terra fosca com suas saias agrupadas ao redor dela.

Perfeitamente imóvel. Embora suas mãos enluvadas estivessem vazias, ela as segurava no colo com as palmas voltadas para o céu.

Sua cesta permaneceu no caminho. Ela não olhou para cima quando meus pés esmagaram ao lado dele. Seus olhos olhavam fixamente para a frente.

'Heta? Heta, o que você está fazendo? Você vai pegar sua morte.

Eu puxei seu ombro. Ela era como uma boneca na minha mão, mole e sem sentido. Cristais de umidade brilhavam em seu cabelo. Por quanto tempo Lizzy a deixou sentar aqui na umidade?

'Heta. Dê-me sua mão e levante-se.

O último lampejo do crepúsculo dançou sobre as ervas geladas e deslumbrou meus olhos. Abaixei-me e senti que as luvas de Hetta estavam pegajosas, manchadas com o suco das plantas. Eles liberaram a fragrância de tomilho e algo mais profundo, algo amargo, enquanto eu os agarrei e a puxei para seus pés.

'Você anda colhendo ervas com as mãos?' Olhei para a cesta. Estava cheio de trepadeiras e cardos. — Onde estão suas tesourinhas?

Ela enfiou a mão no avental. A luz fria brilhou nas lâminas enquanto ela as movia, *snip, snip.* Eles pareciam enferrujados, uma substância marrom grudando nas alças.

— Você terá que pedir ao ajudante de facas para limpá-los.

Eu a empurrei em direção à casa. Ela parecia mais morta do que viva; sua pele estava encerada e seus olhos de um verde opaco e chamuscado. Minha respiração saiu e estremeceu no ar antes de se desintegrar, mas sua respiração era superficial, quase lá. Apenas uma vez uma mecha saiu de seu nariz, fina como a fumaça de uma vela apagada.

Troquei suas roupas e carreguei sua cama com peles. Eu abaixei o fogo dela com minhas próprias mãos. Então cobri a gaiola de seu pardal e posicionei um dos companheiros de madeira ao seu lado, como ela gosta.

Enquanto o vento gemia pela chaminé, ficamos nos olhando, nós dois, cúmplices de nossa culpa. Juntos, tínhamos arruinado a família. E ainda o vento uivava, avisando de mais tormentos por vir.

Hetta levantou a mão. Ela estava me alcançando, me alcançando, querendo meu conforto. . .

Não. Ela nem me viu. Tudo o que ela queria era o meu colar de diamantes.

Eu me afastei dela.

Quando finalmente Hetta dormiu, voltei para a cozinha. Lizzy estava dormindo na mesa, com a cabeça nos braços estendidos. Sento-me agora ao lado de seu corpo querido e quente e escuto a respiração assobiando de seu nariz. Parece-me que essa velha com as rugas no rosto é a única conexão verdadeira entre Hetta e eu. Depois de todos os meus esforços para fazer uma filha e amiga preciosa, isso é tudo o que compartilhamos: o amor de um servo e a morte de Merripen.

Eu tinha quase cochilado quando gritos vieram do corredor. Passos se seguiram, pesados e irregulares. Toquei o ombro de Lizzy. — Lizzy, acorde.

Eles estão voltando para a cozinha.

O fogo tinha queimado baixo. Um frio penetrou pelas paredes de pedra. O

vento estava selvagem agora, sacudindo a porta, batendo na janela. Olhei para cima e tentei ver o lado de fora, mas o gelo marmorizou o vidro.

"Lizzy."

Ela grunhiu e se mexeu. — Que horas são, senhora?

'Eu não sei. Hora de sermos uma cama. Venha, eu não posso ficar esperando aqui. Eles podem explodir cantando.

Estávamos quase na escada dos criados quando um golpe caiu sobre a porta do pátio do estábulo. Eu congelo. Quem poderia estar fora naquela tempestade?

O vidro chacoalhou nas molduras das janelas. A chaminé explodiu.

A batida veio novamente.

Lizzy caminhou em direção à porta, os hábitos de sua criada arraigados. Eu agarrei sua manga.

'Lizzy. . .' Eu não podia dizer o que eu temia. O pânico subiu do meu peito para a minha garganta.

O barulho dos criados ficou mais alto.

— Devo responder, senhora. Um corpo poderia congelar até a morte naquela nevasca! Sua manga de lã esfregou em meus dedos e desapareceu.

Ela alcançou a porta do pátio no momento em que os criados irromperam da outra direção. Mark cambaleou para dentro da torradeira, o rosto manchado de vermelho. Em seguida veio Jane, rindo, depois Cook e uma série de lacaios que me pareciam bastante estranhos, sem suas librés. Em seus calcanhares, assombrando cada passo, flutuava uma nuvem amarga de álcool.

'Falta! O que é isso? Senhora na cozinha?

Lizzy lançou um olhar para eles antes de se virar e abrir a porta. Ele soprou para dentro, batendo contra a parede. A neve caiu sobre os ladrilhos, derretendo em um instante enquanto o fogo balbuciava, lançando sombras no teto.

Rugidos de desaprovação vieram dos servos bêbados.

— Por que você abriu aquela porta, droga? gritou Mark. — Está frio como a teta de uma bruxa lá fora.

Não consegui ver quem havia batido para entrar; a neve era muito densa.

Apertei os olhos, tremendo. Algo se moveu no turbilhão. Algo da altura da cintura de Lizzy.

'Oh! Deus nos salve, o que é? Lizzy recuou, tropeçando em Jane. Agora eu vi: a criatura mais estranha; preto como o diabo, mas todo pontilhado de branco. Ele cambaleou para frente, murmurando em línguas. Jane gritou.

'Misericórdia.' Uma palavra simples e compreensível. Tudo ficou imóvel. A criatura estendeu suas mãos escuras; a atmosfera formigava em torno dele.

'Mm-misericórdia.'

E eu vi que não era demônio, mas uma criança magra, seu cabelo solto e rasgado pelo vento, pingando das pontas.

'Nenhum mendigo aqui!' latiu Lizzy. Eu nunca a tinha visto com tanto medo. — Não queremos o seu tipo.

Abri a boca para dizer que ela podia dormir nos estábulos. Então me lembrei do que tinha acontecido na última vez que deixei um estranho entrar naquelas cabines.

A menina balançou a cabeça. Algo em seus olhos negros era familiar.

"Josiah Bainbridge", ela tropeçou no nome – ficou claro que ela não usava sua língua nativa. — Estou vendo Josiah Bainbridge. Misericórdia.'

Mark cambaleou para frente, empurrando Lizzy atrás dele. — Você não chegará nem perto do meu mestre. Agora pule.

Eu não conseguia parar. A pergunta voou de mim. 'Misericórdia . . .

Misericórdia para quem?

Aqueles olhos escuros se voltaram em minha direção. Diamantes de neve grudados nos longos cílios. 'Irmão.'

O chão girou para longe de mim. Arrepios percorreram minha pele e eu soube naquele momento o que realmente era ter a segunda visão. Não meus estranhos pressentimentos e sonhos, mas o poder nos olhos negros de tinta dessa garota. Eu não precisava ouvir o nome, mas ela deu.

'Irmão. Merripen.

Jane gritou novamente.

'Sangue de Deus! É aquele cigano — rugiu Mark. 'É o parente daquele menino imundo!'

— Leve-a até o mestre — gritou Cook. Ela se apoiou na parede e arrotou.

— Amarre-a ao lado dele, ele vai.

Como um, os servos surgiram. Havia menos de uma dúzia deles, mas eles se tornaram uma legião: uma massa de dedos agarrando e rostos vermelhos furiosos.

Lizzy foi empurrada para o lado. Sua parte preta rasgou. Ela se agarrou à chaminé de tijolos, uma súplica passando de seus olhos para os meus. *Pare-os.* Comecei a avançar, mas eles agarraram a criança, desajeitada e áspera em sua bebida.

'Pare!' Lizzy se lançou da chaminé e tentou arrancar suas mãos. 'Corra, criança!' ela chorou. 'Corre!'

Eu adicionei minha voz. Eles não prestaram atenção. Quem era eu para detê-los agora? A amante desgraçada, a esposa Josiah tratada como lixo em

um canil de rua.

Lizzy conseguiu libertar um dos pulsos da criança. Coçando e assobiando, a garota puxou a outra para a liberdade. Nesse momento, um punho perdido atingiu o lado da cabeça de Lizzy. Ela caiu – não havia nada entre a garota e a máfia.

Eu nunca me movi tão rápido em toda a minha vida. Sem me importar com os bancos, com minhas saias, corri para o espaço que Lizzy havia deixado e tomei minha decisão. Eles não se atreveriam a me atacar, mas eu não poderia mantê-los afastados por muito tempo. Eu tinha que levar a garota embora.

Colocando as duas mãos em seus ombros ossudos, eu a empurrei de volta pela porta, nas garras da tempestade. Suas mãos se agitaram e prenderam na minha garganta – senti meu colar de diamantes se erguer da minha pele.

Nossos olhos se encontraram novamente por um instante de choque. Então ela se foi, obscurecida por um monte de neve.

Eu me virei e bati a porta atrás de mim. Minha coluna estava firme contra a madeira, meus braços abertos para barrar o caminho.

'Costas!' Eu gritei. 'Voltam!'

Mark encontrou meu olhar. Seu rosto se contorceu. 'Vou contar isso ao Mestre.'

Um por um eles caíram; para seus quartos ou para o chão. Jane jaz agora, roncando esticada diante do fogo apagado. Está mortalmente frio. No entanto, Lizzy e eu estamos sentados aqui juntos perto de uma única vela, incapazes de nos mexermos.

Tudo o que podemos fazer é ouvir o vento chiar e bater na floresta. Nada aparece pela janela: está coberta de neve e estamos enterrados.

"Está muito frio", diz Lizzy, de vez em quando. — Está muito, muito frio.

Fim do primeiro volume

A PONTE, 1866

Elsie sentou-se sólida como uma rocha nos assentos, olhando para frente enquanto a carruagem roncava em direção a Fayford. Lá fora, o clima estava ameno. A luz pálida e suave mostrava botões nas sebes e flores em cada árvore. Mas este ano a primavera foi uma zombaria maldosa.

Suas bochechas estavam duras, como cera endurecida. Um tordo trinou na floresta e parecia o barulho mais doloroso e chocante que ela já tinha ouvido.

Como isso pode ter acontecido?

Um acidente, disse a Sra. Holt. Mabel estava lavando as verduras para o jantar dos criados e não se deu ao trabalho de secar as mãos antes de preparar a carne. O cutelo deve ter escorregado.

Escorregou . Uma palavra conveniente: fora de controle; difícil de segurar, mesmo na boca. Muito rápido. Você não poderia provar um deslize. Elsie sabia muito bem disso.

Mas se a mão de Mabel escorregou, por que ela não correu para pedir ajuda? Por que ninguém a ouviu gritar? Como é possível que ninguém soubesse do acidente até que Helen a encontrou em uma poça de sangue no chão da cozinha, um corte vertical que ia do pulso ao cotovelo?

Apenas uma resposta oferecida: ela não queria ajuda. Ela pretendia isso.

'Isto é minha culpa.' Jolyon tinha chupado um charuto e exalado com força pelo nariz enquanto andava de um lado para o outro no escritório. 'Eu estava com raiva. Eu a acusei dessas coisas terríveis. A Páscoa está se aproximando, ela deve ter tido tanto medo de voltar para o asilo que ela . . .'

'Eu não sei se você estava errado, ao acusá-la como você fez.'

— Como você pode falar assim?

— Pense, Jolyon. Este suicídio – se foi suicídio – confirma, em vez de refutar, suas suspeitas. Muitas vezes, esse tipo de coisa é um ato de remorso. Se ela pregasse uma peça em mim e isso matasse meu bebê. . .

Bem, quem *poderia* viver com isso?

Ele deu outra tragada forte. — De qualquer forma — disse ele em meio à fumaça —, minhas palavras levaram uma garota ao suicídio. Há sangue em minhas mãos. E ele olhou para seus dedos, tremendo no cabo de seu charuto. — Você precisa descer imediatamente, Elsie. Tenho negócios a terminar aqui, mas vou segui-lo assim que puder.

Fosse qual fosse a verdade, eles manteriam a conclusão da Sra. Holt: um acidente. O mínimo que podiam fazer era garantir que Mabel fosse enterrada em solo sagrado.

Pensar em toda aquela vida e rosto atrevido, se foi. A morte deu à garota uma dignidade que ela nunca teve em vida. Eles ficavam ao redor do caixão em silêncio, respeitosos, esperando que ela acordasse a qualquer momento e lhes perguntasse sobre o que eles estavam deprimidos.

Uma mão fria torceu seu estômago quando eles se aproximaram da aldeia.

A luz do sol da primavera não fez nada para melhorar os chalés. Ervas daninhas brotaram da palha em decomposição os telhados. Ela se mexeu no assento, sentindo algo se desenrolar dentro dela. Ela estava se recuperando de todos os seus velhos medos, vestindo as superstições como uma capa velha.

Ela levantou o véu e olhou para os castanheiros que pairavam sobre a igreja. A flor branca murchou entre as folhas novas dos galhos. Aquela era Sarah, na entrada sul? Ela espiou pela janela, mas as figuras atrás da parede de pedra eram tão pequenas e indistintas que ela não conseguia distingui-las. Claro que era possível que Sarah estivesse na igreja, fazendo arranjos.

O que ela diria sobre a morte? O que diria o Sr. Underwood? Foi uma confusão tão terrível.

Sua carruagem rodou sobre a ponte. A água gorgolejava por baixo, parecendo rir de seu infortúnio. Havia algo de errado com a Ponte. Em Londres, ela aprendera a zombar de seu medo como um absurdo, mas agora que estava de volta podia senti-lo, rastejando, deslizando. Algo escuro e insidioso, até as raízes das plantas que cresciam no jardim. Não era apenas o passado, aqueles eventos estranhos que Sarah falou no diário de Anne Bainbridge. O próprio tecido do edifício era ruim. Elsie poderia enfrentar a fábrica de fósforos onde sofreu quando criança, mas isso. . . este lugar a deixava nervosa.

Quando Mabel fosse enterrada, ela levaria Sarah de volta a Londres com ela e fecharia a casa de vez.

Quando a carruagem virou e desceu o caminho, o sol brilhou sobre as colinas, polindo a grama. A esta distância tudo era feito de sombra e luz; os arbustos brilhavam, os tijolos escureceram, as janelas ardiam.

Foi só quando Peters parou a carruagem diante da fonte que as chamas morreram nas janelas e Elsie viu a visão que gelou seu coração.

Não poderia ser.

Ela abriu a porta da carruagem e tropeçou, piscando, no cascalho.

'Senhora?' Peters parecia ansioso. 'Espere aí, eu vou te ajudar.'

– Não – gemeu Elsie. — Não, você está morto.

Observando, como sempre fazia, apenas observando.

'Senhora?' Um barulho quando Peters pulou da caixa.

Ma não podia, ela não *gostava de* assistir?

— Você está doente?

Elsie não lhe deu atenção. Ela nunca tinha notado antes, mas ela viu agora –

aquele lampejo de excitação mórbida nas pupilas. Era o olhar de alguém diante do cadafalso, vindo assistir a um enforcamento. Sanguinário.

— Ah, não, mãe. O pensamento era pior do que qualquer outra coisa, pior do que o ato em si.

Peters estava sacudindo o braço dela agora, sua voz tensa. - Sra.

Bainbridge? Sra. Bainbridge? O que há de errado, o que você está olhando?

'O companheiro. Veja!'

'Companheiro? Não Senhora. Eu os cortei, lembra?

'Não aquele.' Ela estendeu a mão. Havia uma espécie de satisfação em apontá-la, como uma vítima acusando seu agressor no tribunal. — É minha mãe.

'O que?'

'Na janela! Olha, cara!

Mas Peters recuou, balançando a cabeça. 'Há . . . não há nada na janela, senhora.

Não podia ser verdade. Ela apertou a testa com as duas mãos. 'Olhe novamente.'

'Estou olhando. A janela está vazia. Peters estava se movendo lentamente, estendendo as mãos, do jeito que ele tentaria aplacar um cachorro perigoso.

— Deixe-me chamar a Sra. Holt, senhora. Sente-se, pegue uma boa xícara de chá.

'Não. Não! Ela está lá, eu vou te mostrar.

'Por favor, senhora!'

Ela estava além da razão, além até mesmo do medo. Ela subiu os degraus até a porta da frente e entrou no Salão Principal vazio. A serragem perfumava o ar. Um fogo estalou e crepitou na lareira.

'Mãe! Mãe!' Ela marchou pela sala de estar, chamando por sua mãe. Mil ecos ressoaram nesse grito: súplicas de infância de anos atrás. Agora, como então, apenas o silêncio respondeu.

A sala de música. 'Mãe!' Sua voz ricocheteou no teto alto e moldado. Ela não deveria estar surpresa. Ma nunca veio ajudar, nem mesmo quando Elsie estava sangrando e desesperada e gritando seu nome. 'Por favor, mãe, só desta vez!'

Lágrimas queimaram em seus olhos quando ela tropeçou na sala de jogos.

Ela nunca deveria ter feito isso. Ela nunca teria que *fazer* isso, se a mãe tivesse apenas...

Uma voz irrompeu de dentro dela, retumbando, saindo de sua boca em um grito cru. Ela caiu de joelhos.

- Sra. Bainbridge! As botas de Peters no tapete ao lado dela. — Sra.

Bainbridge, o que... oh, meu Deus!

Ele cambaleou contra a parede, segurando-a como apoio, enquanto via o que ela via.

A cabeça do cervo não estava mais pendurada na parede. Tinha caído, primeiro os chifres. Mas não caiu desimpedido.

Helen estava lá embaixo. Empalado, espetado, penetrado.

O sangue brotou de um buraco onde seu olho estivera. Os músculos ao redor ainda se contraíam, como se pudessem piscar a lança de chifre que atravessava o globo ocular, prendendo Helen no tapete.

Fluido correu de seus lábios. Eles estavam se movendo – tentando se mover

– mas ela estava se afogando. Um gorgolejo horrível a deixou ao mesmo tempo em que Peters vomitou.

Elsie balançou. As imagens estavam borradas, desaparecendo. Ou melhor, *ela* estava desaparecendo – retirando-se da carnificina diante dela para se esconder em algum lugar, bem no fundo.

HOSPITAL DE SÃO JOSÉ

O lápis estava afiado. O Dr. Shepherd o havia aparado com seu canivete.

Ela não gostava do jeito que escrevia agora: riscando ao longo da página; agarrar; ameaçando quebrar quando ela pressionou muito forte. Ela teve que segurá-lo delicadamente, como se fosse feito de vidro.

Mas não era de vidro, era de madeira. Cheirava a madeira, após o corte –

ela reconheceu o cheiro inquietante de árvores rachadas.

De novo e de novo, as mesmas palavras. Talvez eles embotassem a liderança. Torná-lo macio e brilhante para que ela pudesse retomar sua história. Ela se recusou a continuar enquanto as letras pareciam assim: nítidas e surpreendentes em sua clareza.

Ela poderia embotar seus sentidos também? Era uma vez, as drogas tinham feito isso. Ela se lembrava de andar cambaleando pelos corredores com o Dr. Shepherd, mal conseguindo ficar acordada. Mas agora seu corpo traidor estava se acostumando, como se acostumara a tantas provações.

Ela começou a sentir a tristeza arraigada nas paredes brancas e frias do hospital. Toda a sua existência se reduz a uma cela solitária e barrada. Por que os químicos fabricavam remédios que despertavam as pessoas, quando a realidade era sombria e sem esperança? Melhor os sonhos de láudano, os tranquilizantes. Por enquanto ela se sentia como uma mulher na cama em uma noite escaldante de verão – desesperada para dormir, mas dando voltas e mais voltas, incapaz de descansar. Escrevendo as mesmas duas palavras, repetidamente.

Jolyon. Proteja Jolion.

Seu encantamento desde o dia em que ele nasceu, seu décimo segundo aniversário. *Proteja Jolyon* . No entanto, ele não estava aqui e não tinha vindo visitá-lo. Isso só podia significar uma coisa: ela havia falhado.

A escotilha de observação se abriu. - Sra. Bainbridge? Eu te perturbo?

Posso entrar?'

Ela viu os óculos do Dr. Shepherd, brilhando atrás da abertura na porta. O

lápis caiu de seus dedos.

Ele disparou o ferrolho de seu suporte e entrou na cela, fechando a porta atrás dele. A pilha de papéis que ele carregava estava mais grossa do que nunca.

— Por que não se senta na cama, Sra. Bainbridge? Estou bastante disposto a ficar de pé.

p

Ela fez o que ele pediu. As cobertas ainda estavam quentes de seu corpo, misturadas com seu próprio cheiro. Estranho, como uma cama passou a significar segurança e fuga para ela. Nem sempre foi assim.

— Achei melhor você se sentar, sra. Bainbridge, porque temo que nossa conversa de hoje possa ser perturbadora. Sua história progrediu a ponto de eu começar a entender o padrão de sua mente. Chegamos ao ponto crucial agora.

Suas palavras afundaram no fundo de seu estômago. Ela teve vontade de se jogar para fora da cama e correr. Seus olhos percorreram o quarto, da janela gradeada à pesada fechadura da porta. Nenhuma escapatória.

'Você escreveu sobre esses 'companheiros', como você os chama. Você diz que tinha medo deles. Mas você sabe o que realmente nos assusta? Não são as coisas que batem – ou mesmo assobiam – à noite. Nossos medos estão muito mais próximos do que isso. Temos medo das coisas dentro de nós –

sejam memórias, doenças ou desejos pecaminosos.' Ele inclinou a cabeça.

Seus óculos deslizaram para a esquerda. — Você, deduzo, tem medo de se tornar como um de seus pais.

Eles estavam prestes a vir, é claro: os pontos de luz em sua visão e a corrente como água em seus ouvidos. Memórias infantis, pensamentos infantis, que se ela fechasse os olhos com força, de alguma forma o Dr.

Shepherd não seria capaz de vê-la.

— Eu entendo o que você está sentindo. Não posso fingir que ignoro as insinuações que você dá, por mais delicadeza natural que prefira colocar um véu sobre o assunto. E acho que foi isso que você fez, Sra. Bainbridge: desenrolou um véu. Primeiro por coação e depois por uma espécie de necessidade mental, você escondeu o fato de que seus pais o maltrataram.'

Se ela ainda tivesse voz, gritaria: *Não, não, fale de qualquer coisa menos disso* . Ou ela iria? Uma parte dela, uma pequena parte traiçoeira, deve querer que isso seja conhecido ou ela não teria escrito, ela não teria contado a ele.

Ele limpou a garganta. — Acredite em mim, Sra. Bainbridge, sinto muito por você. Uma traição de confiança em uma idade tão jovem, a partir desses instintos nos leva a estimar mais. . . E uma mãe, que deveria nutrir e proteger, mas em vez disso. . .'

Ela esperava sobreviver às lágrimas, ir além delas para uma paisagem árida onde elas nunca fluíam. No entanto, aqui eles vieram; quente, deslizando até o queixo, restringindo sua respiração. Eles estavam à espreita lá o tempo todo, apenas esperando para descongelar?

'Eu queria, mais do que tudo, dizer a vocês que este é um desenvolvimento *positivo* . Naturalmente, não parece – está forçando você a enfrentar um

mundo de angústia. No entanto, você *está* enfrentando isso, Sra.

Bainbridge. Você teve força suficiente para se lembrar desses abusos não naturais de sua confiança. Eu sei que você também encontrará forças para lembrar o que aconteceu na Ponte na noite do incêndio. Então podemos fazer o nosso relatório. Podemos limpar seu nome.

Surpresa, ela encontrou seu olhar: olhos o verde suave dos botões na primavera; flexível, perdoador. E ela percebeu, com um alívio tão agudo que era quase dor, que ele estava do lado dela.

A PONTE, 1866

O quarto era carinhoso com Elsie no início. Objetos recuaram a uma distância considerável, nebulosos nas bordas, retendo todo o seu peso. O

pânico pairava em um lugar que ela podia sentir, mas não exatamente sentir.

A luz brincava no teto em ondulações. Ela agitou seus cílios.

"Elsie." Pressão sobre sua mão. — Sra. Holt, faça um posset quente!

Rapidamente! Ela está acordada!

Clamando lá embaixo. Era tudo muito afiado, penetrando a penugem macia.

— Elsie, querida Elsie. Obrigado Senhor.' Gradualmente, os traços fortes de Sarah foram se tornando definidos.

'Eu não sou . . .' Sua boca tinha gosto metálico. Ela tentou novamente.

'Porque sou eu . . .' Nenhuma memória ficaria parada o tempo suficiente para ela segurá-la. Ela viu um cervo, depois um fósforo. . . Eles se afastaram novamente.

— Não tente falar. O médico diz que devemos mantê-lo quieto. Mandei um telegrama para o Sr. Livingstone, ele virá imediatamente.

Ela olhou ao redor. Estava tudo lá: as pesadas colunas da cama esculpidas com uvas e flores; o lavatório; o triplo espelho na penteadeira.

Características da Ponte retornando como um sonho há muito esquecido.

Ela não podia processá-los.

Jolyon estava chegando. Jolyon, sua constante, seu lastro. Ela deve se agarrar a isso. Mas por que ele não estava aqui com ela agora? Ele estava chateado, não estava? Lamentando por algo. Mãe Não, Mabel. Mabel.

Helena . Ela se ergueu, encharcada de suor frio. 'Helen! Ela era... ela...

A mão de Sarah pressionou seu ombro, deitando-a de costas contra os travesseiros. 'Sussurro. Eu sei.' Ela engoliu. — Estávamos na igreja, a Sra.

Holt e eu, conversando com o Sr. Underwood sobre o funeral de Mabel.

Mas agora parece. . . Agora teremos que segurar dois.

Elsie fechou os olhos. Ainda estava com ela: o rosto avermelhado de Helen olhando para cima do tapete em todo o seu horror mutilado. 'Quão? Como isso pôde acontecer?'

Sarah respirou trêmula. — Pedimos ao policial que descesse de Torbury St Jude. Em seguida, alguns inspetores. Pedro deu uma declaração. De tudo que eles podem conjecturar, foi algum tipo de acidente terrível. Helen devia estar limpando o veado, eles disseram, quando. . .'

Luzes brilharam atrás de suas pálpebras. — Mas você não acredita nisso, Sarah. Eu posso ouvir isso em sua voz. Você não acredita em uma palavra disso.

Ela sentiu Sarah se aproximar. — Não, não.

'Conte-me.'

Sara desatou a chorar.

Os olhos de Elsie se abriram. O rosto de Sarah estava amassado em uma bagunça molhada e vermelha. Ela lutou para respirar através de seus soluços ofegantes. 'Sara? O que é isso?'

'Isto é minha culpa. É tudo culpa minha.

— Como você pode pensar isso?

A mandíbula de Sarah estremeceu. 'Eu... Ah, como posso te contar? Fui eu, Sra. Bainbridge. Eu t-peguei seus d-diamantes!'

O vômito subiu para o fundo de sua garganta. Mabel não roubou os diamantes: ela era inocente. Inocente e empurrado para um ato desesperado pelo erro de Elsie.

'Eu só queria algo f-da minha f-família. Então Mabel teve problemas e eu –

eu não sabia o que fazer. Eu nunca pensei . . .'

Sangue, correndo quente sobre suas mãos.

— Eu ia te contar na Páscoa — Sarah continuou tagarelando. — Eu ia contar a verdade para todo mundo, juro. Mas então Helen decidiu que os companheiros deviam ter roubado o colar! Ela . . .' Sarah torceu a boca, dolorida. — Ela queria queimá-los novamente. Ela tirou Hetta de mim e a jogou no fogo da cozinha!

Fraca e doente, Elsie pressionou as mãos nas têmporas. 'Não entendo. Por que ela suspeitou dos companheiros?

— Foi isso que a Sra. Holt não lhe contou. Havia uma companheira, Elsie, na cozinha com Mabel. Um que eu nunca vi antes, algum tipo de cozinheiro.

Alfinetadas correram pelos braços de Elsie. “Vi uma companheira de minha própria mãe, Sarah, parada na janela. Bem onde estava a marca da mão.

'Você vê? Eles estão se multiplicando. Acho que o fogo só os torna mais poderosos. E nunca teria *havido* um incêndio, não fosse pela minha estúpida, estúpida...

— Você poderia ter me pedido os diamantes — interrompeu Elsie. — Eu não teria recusado.

É

Sara abaixou a cabeça. 'Estou tão envergonhada. É quase como se. . . Eu não pude evitar. Mas não sou só eu. Hetta era obcecada por eles também,

obcecada pelos companheiros e o colar de diamantes. Estive olhando os registros que o Sr. Underwood trouxe, descobrindo tudo que posso sobre Anne. Normalmente, há pouco material para uma mulher no século dezesseis, mas encontrei registros sobre Anne porque. . . por causa da maneira como ela morreu.

Elsie não teve coragem de perguntar.

– Ela foi queimada – sussurrou Sarah. — Queimado na fogueira por uma bruxa.

'Uma bruxa? *Ela* é a bruxa que os aldeões ainda temem?

'Sim. E com razão. Os registros dizem que ela matou pessoas, Elsie. Mas no diário, ela não é má. Ela pensou que estava usando magia branca, os antigos remédios de ervas das mulheres sábias. Mas ela deve ter cometido um erro.

Sua pobre filha nasceu sem uma língua própria e outra coisa, algo *mal* . . .'

Elsie não queria acreditar. Na fábrica, ela se convencera a não acreditar.

Mas aqui, naquela casa onde Rupert morreu, onde seus irmãos morreram, ela podia *sentir* . O velho, velho medo. Nenhuma quantidade de razão ou lógica poderia apagar esse sentimento. Ela conhecia o mal desde criança –

reconheceu sua voz de veludo.

Uma batida caiu na porta. Ambos pularam.

'Quente posse.' Senhora Holt.

– Entre – resmungou Elsie.

O vapor entrou primeiro, misturado com noz-moscada quente e melado. A Sra. Holt apareceu carregando uma bandeja e uma xícara transbordando com nuvens de calor. Novas linhas se arrastavam ao redor de sua boca e a faziam parecer articulada. O branco de seus olhos, sempre ictéricos, agora estava salpicado de fitas vermelhas.

Elsie pegou a xícara. Aromas leitosos e doces brincavam em suas narinas.

Seu estômago implorou por sustento, mas ela não conseguia beber. Ela não queria engolir nada desta casa. Ela não queria isso dentro dela.

— Srta. Sarah, acho melhor deixar a patroa em paz por enquanto. Lembre-se, ela precisa descansar. O médico disse isso.

– Mas... – começou Sarah.

— Eu realmente devo insistir. Perdoe-me, senhorita, mas o Sr. Livingstone nunca me perdoará se chegar e descobrir que não segui as ordens do médico.

Sarah acariciou o cabelo de Elsie. Inclinando-se perto de seu ouvido, ela sussurrou: 'Eu estarei de volta mais tarde. Devemos dormir no mesmo quarto de agora em diante. Não me sinto seguro sozinho.

Elsie assentiu. Ela não perguntou o que Sarah queria dizer com *sozinha* .

Ninguém estava realmente sozinho. Nunca, não nesta casa.

Sarah levantou as saias e saiu do quarto. Elsie ouviu seus passos, pisando nas tábuas familiares da biblioteca. A Sra. Holt permaneceu.

O olhar da governanta possuía uma dureza que Elsie não havia detectado antes. — Haverá mais alguma coisa, madame? A *madame* era um som forçado e horrível.

— Ah, Sra. Holt. Eu sinto muitíssimo. Não consigo imaginar o que você está sentindo. Primeiro Mabel e depois Helen.

“Eu amava aquelas garotas como minhas próprias filhas. Não havia mal neles. E agora estão rígidos e esticados na despensa fria, e terei de enterrá-los. Ambos!' A Sra. Holt desmoronou. Elsie desviou os olhos e a deixou chorar. O barulho por si só era terrível.

"Eu estava errado em culpá-los", Elsie arriscou por fim. “Eles não me enganaram ou mataram minha vaca. Eu sei disso agora. Há algo mais em ação, algo nesta casa.

Um espasmo atravessou o rosto da Sra. Holt. — Mantive esta casa por quase quarenta anos. Nunca tivemos assombrações ou mortes antes de você aparecer.

— Antes de Rupert aparecer — Elsie a corrigiu suavemente.

— Eles ainda estariam vivos se não fosse por você. Se você não tivesse entrado intempestivamente, andando de um lado para o outro, abrindo portas que deveriam ficar fechadas.

'O que você quer dizer?'

'Não importa.' A Sra. Holt desviou os olhos.

“Portas que deveriam ficar fechadas?” Eu não entendo você. Você está falando do sótão?

A caixa torácica da mulher mais velha subia e descia, balançando seu broche de camafeu. — Eu deveria manter isso em segredo. O velho Sr.

Bainbridge me ordenou, desde o dia em que cheguei aqui, que mantivesse o sótão trancado e nunca discutisse isso.

'Mas por que?'

'Eu não sei. Ele disse que havia coisas ali, coisas que incomodavam sua esposa. Livros.

'Um diário?'

Ao dizer isso, lembrou-se de que havia dois diários. Dois volumes. Sarah não mencionou se já havia recuperado o segundo. Talvez ainda estivesse lá.

'Pode ser. Não me lembro de que livros eram. Nunca tive motivos para me lembrar até você aparecer.

O aperto de Elsie apertou a xícara. – O que... o que aconteceu com a mãe de Rupert? Como ela morreu?'

"Abençoado se eu souber."

— Você deve ter uma ideia. Quais eram os sintomas dela?

— Eu lhe digo, eu não sei! Por tudo que me disseram, ela ainda pode estar respirando.

Elsie ficou atordoada. — Você estava lá — disse ela, incrédula. 'Você disse.

Você falou de *quando perdeu a amante* .

A Sra. Holt fechou os olhos, parecia lutar com suas memórias. 'Não. Não, ela não morreu. Ela era . . .'

'O que?'

— Perdemos a Sra. Bainbridge, mas não foi até a morte. Era sua mente. Sua própria mente a pegou no final.

As mãos de Elsie começaram a tremer. A xícara bateu no pires. — Você está dizendo que o marido dela a colocou em um asilo?

A Sra. Holt deu-lhe um longo olhar. — Nunca contamos a Mestre Rupert.

Apenas disse que ela havia morrido, e era verdade, em certo sentido.

Aquele lunático não era a Sra. Bainbridge, não mais. Eu vi histeria, madame. Já vi uma mulher enlouquecer com sua leitura de romances e suas febres cerebrais. Já vi esse olhar em seu olho antes.

'Mas *eu* não estou louco!' A senhora Holt não respondeu. — Você sabe que não sou. Você estava lá, Sra. Holt. Você viu os companheiros. Você os viu reduzidos a cinzas e reaparecer do nada.

A Sra. Holt balançou a cabeça. 'Talvez seja perder um filho que faz isso com sua pobre mente. . . Deus me ajude. Eu não escutei os delírios da última Sra. Bainbridge e não vou ouvir o seu.

Girando nos calcanhares, ela saiu do quarto e fechou a porta. Elsie ouviu seus passos agudos ecoando pelo corredor e descendo, descendo, descendo a escada em espiral atrás da parede.

A noite pendia pesada e interminável. Sarah estava deitada ao lado dela na cama, seu cabelo castanho espalhado sobre o travesseiro. Seu peito subia e

descia sob sua camisola de babados. Como ela poderia dormir?

Uma janela estava entreaberta, deixando uma lufada de ar entrar no quarto abafado, mas não era refrescante; cheirava quente e herbal. Do lado de fora, uma coruja de celeiro guinchou para seu companheiro.

A mãe de Rupert dançava em círculos ao redor da cabeça de Elsie. Ela dormiu nesta casa, andou nos jardins. Um lunático? Ou uma vítima companheira? Ela se lembrou daquele berço esfarrapado e saqueado no berçário e estremeceu.

Sarah se mexeu na cama. Seu corpo deixou os lençóis muito quentes, mas Elsie não se mexeu. Ela manteve os olhos abertos, esperando. Sabendo que viria.

sim.

Ssss . Era tão suave que poderia ser uma brisa passando pela sala. Mas não havia brisa esta noite.

Sibilo . Ela não aguentava mais. Ela tinha que descobrir. Ela tinha que pegar o segundo volume daquele diário esquecido por Deus e descobrir o que a mãe de Rupert sabia.

Cuidadosamente, ela deslizou os pés para fora das cobertas e os colocou no tapete. A cama farfalhava, mas Sarah não se mexeu. Elsie procurou debaixo do travesseiro os fósforos que guardava lá todas as noites, como um talismã.

Havia uma vela apagada no castiçal da penteadeira. Ela o pegou ao passar.

Fazia mais sentido acender o pavio quando ela estava do lado de fora no corredor – assim ela poderia deixar Sarah dormindo, a salvo do perigo que

estava correndo.

Sibila, sibila.

Ela moveu uma perna após a outra, forçando-se, a mão estendida à sua frente, sentindo o caminho. Esperando, a qualquer segundo, o toque nauseante da madeira.

Sua palma colidiu com alguma coisa. Ela se encolheu – era a maçaneta da porta do quarto, apenas a maçaneta da porta. Ela se inclinou contra ele e escutou, esticando seus sentidos para localizar o próximo silvo, mas nada veio.

Ela lutou para abrir a porta, suas unhas estalando contra a maçaneta enquanto ela a segurava. Ela empurrou para baixo e abriu a porta um pouco.

Uma parede de calor a encontrou. Era como abrir a porta de um fogão de cozinha. Os aromas de rosa e tomilho se entrelaçaram nela, insinuando-se

no tecido de sua camisola. *Acenda a vela, acenda a vela.* Nem a luz nem o fogo a protegeriam, mas ela precisava deles, precisava deles como o ar.

O fósforo brilhou em sua mão trêmula, enviando sombras serpenteando pelo corredor. Ela não iria olhar para cima, não até que a vela fosse acesa.

Levou cada grama de concentração para conectar a chama com o pavio.

Finalmente pegou; ela apagou o fósforo e o deixou cair fumegante no chão.

Rapidamente, rapidamente . Ela teve que se mover, mas sua mão se recusou a levantar a vela, recusou-se a fazer qualquer coisa além de segurar o suporte de metal até que seus dedos ficassem brancos. À beira das lágrimas, ela finalmente conseguiu empurrar a vela à sua frente. A respiração selou em seu peito.

O corredor marrom se estendia diante dela, riscado de sombras. Poças prateadas de luar pontilhavam o caminho para as escadas. Três companheiros esperavam, seus olhos brilhando com uma fome revoltante.

Ela não iria gritar, ela não iria gritar. Eram apenas pedaços de madeira.

Pedaços de madeira que podem se mover.

Ela teria que se mover mais rápido – isso era tudo. Ela poderia fazê-lo, ela poderia fazê-lo. Era como pular, como acender um fósforo. *Um. Dois. Três.*

Seus passos eram firmes, muito mais firmes do que seus batimentos cardíacos acelerados. Cada vez que seu pé batia no chão, a vela batia e batia no suporte. A luz surgiu e se retraiu, mas a chama não se apagou.

A serragem brotou do tapete quando ela se aproximou do primeiro companheiro. Através da neblina à luz das velas, ela distinguiu a figura de uma mulher. Uma mulher sem braços.

Sua garganta se apertou enquanto ela nivelava. A mulher tinha cabelos compridos e emaranhados e olhos brilhantes com uma vivacidade medonha.

Familiar, de alguma forma. Ela tinha visto aqueles olhos antes, os conhecia bem. . .

Ruperto .

A mãe de Rupert, a outra Sra. Bainbridge. Um colete justo escondia seus braços. Ela estava indefesa, implorando a Elsie com uma expressão tão realista que a cortou no coração. Sob o ritmo desajeitado do pulso de Elsie veio um gemido, fino e patético. Ela podia ouvi-la. Elsie podia ouvir a mãe de Rupert chorando.

Sua pele se arrepiou, tensa pelo choque do contato – não veio. De alguma forma, seus pés continuaram andando; ela passou, ilesa, e foi em direção ao próximo companheiro.

Esta deve ser a cozinheira de quem Sarah falou: ela segurou um cutelo de carne em suas mãos pastosas. Sangue manchava seu avental e a touca que cobria seu cabelo. *Tinta vermelha, apenas pintar* . No entanto, carregava o cheiro rançoso da coisa real. Combinado com o cheiro de rosas e tomilho era uma mistura nauseante, insuportável.

Mais uma vez Elsie ultrapassou o companheiro, essa pontada de medo mais profunda que a anterior. O terror derrubou sua visão. Ela mal viu a última companheira, a velha com a criança no colo. Guiada pela memória, ela passou pela Lantern Gallery e foi até as escadas que levavam ao sótão.

A escada estava vazia. Aliviada, bêbada com a sensação de sua própria bravura, ela começou a correr e subiu os degraus de dois em dois. Sombras giraram ao redor dela, correndo de volta para os cantos. Ela os havia derrotado. Ela pegaria aquele diário.

Quando ela contornou o poste de newel e alcançou o patamar, um som a parou em seu caminho. Seus olhos dispararam de volta para a escada.

Estavam todos ali – todos os companheiros por quem ela passara –

cambaleando como crianças num jogo de passos de avó; um nos degraus, os outros dois a intervalos no corredor.

Eles a seguiram.

Sibilo .

Seu olhar voou para cima: mais companheiros apareceram, atraídos por ela como moscas para um cadáver. Eles estavam guardando a passagem caiada que levava ao sótão. *Silvo.* De volta – o companheiro na escada havia se movido, muito ligeiramente.

Centímetro por centímetro, passo a passo, eles estavam vindo para ela.

'Deus me ajude, por favor me ajude.'

Ela não podia vê-los todos de uma vez.

Com um grito de agonia, ela se desvencilhou do corrimão e correu pelo corredor. A vela se apagou, mas ela não parou, não conseguiu parar; ela continuou, empurrando seu caminho. Eles não a queriam perto do diário, e era exatamente por isso que ela deveria lê-lo. Ela o leria nem que fosse a última coisa que fizesse.

Ela empurrou os companheiros, batendo neles com os ombros, fazendo-os chocalhar contra os azulejos holandeses. *Quase lá, quase lá* . Ela bateu o dedo do pé e quase gritou de alegria. Foi um passo – o primeiro dos degraus até o sótão.

Ela lutou por outro jogo. A mochila caiu no chão, mas ela conseguiu agarrar um pedaço de pau, apertado em seu punho. Ela bateu na parede e reacendeu a vela.

A porta do sótão estava aberta.

Sibilo . O som a deixou enjoada. Ela não conseguia parar – eles estavam chegando perto dela. Ela subiu os degraus, virou-se e fechou a porta do sótão. Na hora certa. Através da abertura que se fechava, ela avistou um sinistro sorriso pintado e olhos grandes e vulpinos.

Seus pulmões queimaram em seu peito. Era difícil respirar com a poeira e aquele cheiro úmido e subterrâneo que contaminava a atmosfera. Ela se sentiu perto de desmaiar, e ainda havia a longa corrida de volta ao quarto.

Se ela pudesse chegar lá. E se eles barrassem sua saída? E se eles entrassem pela porta?

Ela girou freneticamente, procurando o diário. A poeira voou como penas em um galinheiro. Quando clareou, ela viu dois olhos esmeralda brilhantes.

'Jaspe!'

Ela nunca tinha ficado tão feliz em ver uma criatura em toda sua vida. Ela correu para a mesa onde ele estava e pousou a vela. Avidamente, seus dedos se enterraram em sua pele. O calor de sua pele, a batida do sangue atrás de sua orelha, era reconfortante além da medida. Algo mais vivo –

naturalmente vivo. Ele não podia ajudá-la, mas ela preferia enfrentar os companheiros com ele do que enfrentá-los sozinha.

Miando, Jasper se levantou e fez uma reverência longa e luxuosa. Suas garras se estenderam e se retraíram novamente. Ao entrarem, fizeram um

corte na superfície abaixo dele. Couro. Desgastado e desbotado, mas o cheiro era inconfundível. Jasper saltou elegantemente para o chão e revelou onde estava dormindo: 'O Diário de Anne Bainbridge'. Elsie agarrou-o e apertou-o contra o peito. Ainda estava quente.

Ela deveria lê-lo aqui – aqui, agora, enquanto ela teve a chance. Seus dedos percorreram as páginas, mas não adiantou. Ela não conseguia se concentrar, não conseguia ler. Era tudo uma confusão para ela.

Só então, ela sentiu em seu ombro: afiada como a lambida de uma faca.

Gritando, ela se virou. No instante antes de a vela se apagar, ela viu uma boca de madeira sorrindo para ela.

'Não! Jaspe!'

Seu miado soou do outro lado da sala; suas garras bateram quando ele abriu a porta e escapuliu. Ele podia ver no escuro. Ela só tinha que segui-lo.

Cambaleando para frente, ela agarrou o diário em sua mão e se atrapalhou de volta pelo caminho que tinha vindo, em direção à porta e à escada além.

Ou pelo menos, ela pensou que era o jeito que ela tinha vindo. Ela não podia ver uma polegada antes de seu nariz. Companheiros devem estar se

aglomerando em volta da porta – ela os sentiu no ar: a força pressionando; malévolo, cheio de ódio.

Sua mão bateu contra uma mesa – papéis deslizaram para o chão. Ela não podia ver, ela não podia respirar. . .

De repente, o chão se inclinou abaixo dela. Ela agarrou o ar e sentiu um grito saindo de seus lábios. Então ela caiu.

Um canto do diário sacudiu em sua caixa torácica quando ela parou abruptamente. Suas pernas queimavam, seu peito apertado. O que aconteceu? Gemendo, ela chutou seus pés para fora. Ela poderia movê-los.

Eles estavam livres, mas ela estava presa rapidamente.

A compreensão a atingiu: as tábuas do assoalho se abriram novamente. Ela foi pega no buraco que Mabel caiu.

Sibila, sibila.

Preso, encurralado. E o tempo todo, os companheiros foram se aproximando.

Ela chutou loucamente. Ela teve que se levantar, mas uma mão estava apertada contra o peito, segurando o diário, enquanto a outra acenava inutilmente no escuro, incapaz de pegar qualquer coisa sólida.

Sibila, sibila. Ela ouviu mais do que viu eles se moverem: o lento e doloroso raspar da base de madeira contra o chão. Alfinetadas desciam por seu pescoço. Algo duro pressionado contra a parte de trás de sua cabeça.

'Não não não!'

Com uma convulsão desesperada final, ela agitou as pernas.

Houve um rangido longo e baixo. Então, de repente, ela estava caindo, caindo, até que sua coluna bateu no chão.

Ela ficou paralisada pelo choque e pela dor.

Por fim, com grande dificuldade, ela virou a cabeça e viu o cavalo de balanço balançar ao seu lado. O chão cedeu. Ela estava no berçário.

HOSPITAL DE SÃO JOSÉ

Começou com o estrondo de um apito: estridente, nasal, arrancando-a do sono. O mundo estava nebuloso enquanto ela lutava para ficar de pé.

Sons ecoaram: botas batendo no chão, gritos. Apenas o guincho daquele apito foi distinto até que a porta se abriu com um estrondo. Atendentes empilhados na sala; ela não sabia quais. Eles eram difíceis de distinguir, todos de rosto duro e alinhados com resistência. Seus braços musculosos agarraram os dela e os puxaram para trás.

- Sra. Bainbridge. A voz do Dr. Shepherd. O alívio caiu sobre ela por um instante, mas ele balançou a cabeça arenosa. - Sra. Bainbridge, eu não esperava isso. O que aconteceu?'

O *que* aconteceu?

Ele gesticulou para a esquerda. — O que aconteceu com a mesa?

Ela se contorceu no aperto dos atendentes, torcendo-se para ver. Sua mesa implodiu. Gavetas espalhadas pelo chão; alguns de cabeça para baixo, alguns com os fundos perfurados. Havia pontuações na madeira. Marcas de dentes? Sim, marcas de dentes. Mas de quem?

O Dr. Shepherd aproximou-se e agachou-se, como se estivesse inspecionando um espécime científico. 'Notável. Bastante notável. Como ficou assim?

Essa era a pergunta. Será que outro paciente entrou em seu quarto enquanto ela dormia? Certamente ela os teria ouvido? Teria que ser alguém com uma chave, a capacidade de trancar e destrancar portas, de se mover silenciosamente quando...

Querido Deus, não.

Madeira; sempre vinham de madeira.

Uma enfermeira esquelética com maçãs do rosto como lâminas deu um passo à frente. — É o que ela faz, doutor. Ela despedaça tudo.

— Não tenho certeza de que ela tenha feito isso — murmurou o Dr.

Shepherd.

'O que?'

A confusão cintilou em suas feições. Ela se lembrava bem: o momento exato em que começou a duvidar de seus próprios sentidos. — Para começar, não acredito que a Sra. Bainbridge seja forte o bastante para

causar tanto dano. E então, olhe para os braços dela. Não há lágrimas em seu vestido, nenhum sinal de sangue ou farpas em suas mãos. Ele pegou um lápis e cutucou uma gaveta. 'Eu não entendo como uma pessoa pode fazer isso sem se machucar.'

— Então você está me dizendo que a mesa foi e fez tudo sozinha?

'Não.' Ele abriu as pernas e mordeu a ponta do lápis. — Não, isso é, claro, impossível. Mas você ouviu o estrondo? O que levou o apito a nos chamar aqui?

— Eu apito — disse a enfermeira, erguendo o queixo. — Ouvi um barulho estranho aqui, e ela costuma ficar quieta como a morte.

'Um barulho de pancada? Ela deve estar fazendo isso há um bom tempo para deixar a mesa nesse estado.

— Não, não uma pancada. Eu só ouvi por alguns minutos. Parecia – eu não sei. Um arranhão, como se ela tivesse algum tipo de serra.

Ele olhou diretamente para Elsie. "Você diria", ele perguntou, ainda se dirigindo à enfermeira, "talvez, que soou como um assobio?"

Seus joelhos se dobraram.

— Sim, é isso, doutor. Uma espécie de assobio áspero.

Deus, o que ela tinha feito? Ela nunca deveria ter escrito sua história, nunca ter tentado se lembrar.

O Dr. Shepherd franziu os lábios. 'Deixa pra lá. Basta alguém vir e limpar essa bagunça. Até que o quarto volte a ser adequado, teremos que encontrar uma acomodação alternativa para a Sra. Bainbridge.

O hálito de uma atendente queimava em seu ouvido, aceso com o cheiro de cerveja. — Quer que a expulsemos, doutor?

"Não, não", disse ele. — Deixe a Sra. Bainbridge em paz. Vou levá-la ao meu escritório.

"Para o seu escritório", repetiu o atendente, incrédulo.

'Sim. Solte-a, por favor. Ela vai pegar meu braço.

Ele ofereceu seu cotovelo, imaculado e branco. Ela o agarrou como uma mulher se afogando.

A enfermeira e os atendentes murmuraram enquanto ele a tirava do quarto.

Fazia muito tempo desde que ela andava como uma dama, escoltada por um cavalheiro. Ela não podia apreciá-lo agora. O terror desgastou seus sentidos.

Foi uma sorte que o Dr. Shepherd fosse forte e jovem, pois ele praticamente

teve que carregá-la pelos intermináveis corredores até uma passagem onde os ecos eram baços e a pintura das paredes descascava.

"Só aqui", disse ele.

Em sua história ela havia sido desafiadora, lutando contra os companheiros.

Agora o Dr. Shepherd teve que empurrá-la pela porta e empurrá-la para uma cadeira como se ela estivesse paralisado. Ela não conseguia falar e agora mal conseguia se mexer. Havia algo dentro dela além de medo?

O consultório do Dr. Shepherd era menor do que ela imaginara. As paredes eram do mesmo verde e branco que impregnavam o resto do hospital.

Abrigava uma escrivaninha boa e robusta e um abajur de latão, mas pouco mais. Ela notou um sino embaixo da enseada, do tipo usado para chamar os servos. Deve haver um relógio em algum lugar também, pois ela podia ouvi-lo tiquetaqueando, medido, muito mais lento do que seu pulso martelando.

— Lamento que isso tenha acontecido, Sra. Bainbridge. Por favor, não se preocupe com isso. Em retrospectiva, eu deveria ter percebido que algo dessa natureza poderia ocorrer. Ele se sentou do outro lado de sua mesa e exalou. Ele estava um pouco mais pálido, esses dias. Seus olhos afundaram ainda mais em sua cabeça. O hospital estava cobrando seu preço. — As dicas estão no seu arquivo. Quando você não pode mais fugir de lembranças desagradáveis, seu instinto natural é combatê-las. Bastante compreensível.

Uma liberação de raiva, se dirigida adequadamente, pode ser purificadora.'

Ele tamborilou os dedos na superfície de sua mesa. — Mas é preferível que você e eu trabalhemos juntos com seus sentimentos, em vez de liberá-los.

Devo incluir todas as minhas observações no meu relatório e . . . bem, atos violentos não se apresentam sob uma luz favorável.'

Ela balançou a cabeça, incrédula. O assobio! Como ele explicou o chiado?

E ele mesmo dissera que ela deveria ter arranhões ou cortes se tivesse destruído a mesa. Ela estendeu as mãos para dizer a ele, mas elas estavam vazias – o giz e a lousa permaneceram em seu quarto.

— Sim — disse ele, notando a ação dela. — Achei que poderíamos deixá-los para trás. Pelo que a enfermeira Douglas diz, você começou a articular.

Mesmo que sejam apenas ruídos do seu própria história. . . Estou começando a acreditar que esse “assobio” tem mais significado do que eu imaginava. Você consegue repetir?

Ele realmente acreditava que ela tentaria? Ela faria qualquer coisa para nunca mais ouvi-lo, mas mesmo que ela ficasse surda, ainda estaria lá, esperando em seus sonhos.

- Sra. Bainbridge?

Para apaziguá-lo, ela abriu a boca, exalou e fechou.

Dr. Shepherd suspirou. — Bem, talvez ainda não. Ele abriu uma gaveta. Fez um barulho horrível de madeira *que* fez seus dentes ficarem no limite. — Já que estamos aqui, tenho algo que quero lhe mostrar, Sra. Bainbridge. É um arquivo antigo nosso que encontrei ao localizar o seu. Na época, não considerei importante que tratássemos outro Bainbridge aqui. Mas quando seu relato tocou na mãe de Rupert, dei outra olhada. Ele puxou um arquivo e colocou-o sobre a mesa. A capa estava manchada e parcialmente rasgada.

— Esta, de fato, era ela. Julia Bainbridge.

Uma pequena explosão em seu peito. A mulher chorando com os olhos de Rupert.

Ela estendeu a mão trêmula, mas o Dr. Shepherd colocou a palma firmemente em cima do arquivo.

— Não há fotografias, receio. Não era comum naqueles dias. Mas eu li tudo e estou preparado para lhe dar um resumo.

Ele não queria que ela visse dentro. Por quê?

Distraído, o Dr. Shepherd começou a alisar as bordas do arquivo. — Em sua história, você parece preocupado que a outra Sra. Bainbridge sofra de uma doença semelhante. Que as mesmas circunstâncias a perturbaram e, finalmente, confirmaram seus medos fantasmagóricos. Mas achei que ajudaria você saber que Julia era, de fato, um caso muito diferente. Ela foi atormentada pela melancolia toda a sua vida. Ficava particularmente ruim sempre que ela era confinada no parto.

O teor daqueles soluços, tão diferentes dos de Sarah ou mesmo da Sra. Holt.

Ela fechou os olhos, tentando esquecê-los.

— A ruptura fatal ocorreu em um verão em The Bridge. Seu filho, um menino de cinco anos, tentou pular uma cerca em seu pônei. Era muito alto.

O animal foi ferido após a ajuda e teve que ser destruído. O menino demorou mais um pouco, mas havia muito inchaço no cérebro. . .

Eventualmente, ele faleceu.

A colcha de retalhos. Ele deve ter ficado embaixo dela enquanto Julia pairava, torturada, ao seu lado.

'Foi um momento infeliz. Julia dera à luz uma filha apenas três meses antes.

Seu estado permaneceu. . . instável. Ela desenvolveu uma mania peculiar em relação ao cavalo de balanço. Ela o encontrou arranhado, disse ela, dias antes do acidente, nos mesmos lugares em que o pônei sofreu os ferimentos.

Isso já era ruim o suficiente, mas havia algo pior. Ela podia senti-lo pendurado entre os lábios do Dr. Shepherd. Lentamente, ela abriu os olhos.

Ele estava olhando para o arquivo. Ele parecia estar olhando através dele, olhando para o passado conturbado de Julia Bainbridge.

'Depois disso, os detalhes são conflitantes. Tenho o relatório oficial, a correspondência um tanto empolada do marido da senhora. . . e o registro de uma conversa entre uma de nossas médicas e Edna Holt.

Ela prendeu a respiração.

— Fiquei encorajado ao descobrir que a Sra. Holt confirmou muitos detalhes de sua história. Por exemplo, ela não estava presente com a morte de qualquer um dos filhos, mas ela cuidou de Julia durante sua doença. Esse é, talvez, o único consolo encontrado na triste história. Dr. Shepherd encontrou seu olhar. Seus lábios se comprimiram, inseguros. Por fim, ele disse: 'Oficialmente foi asfixia. Os bebês sufocam durante o sono, de vez em quando. Mas pelas dicas da sra. Holt e do sr. Bainbridge, deduzo que Julia afogou a filhinha na fonte.

Pulmões vazios, pressão no peito: ela também sentia. *Mãe me machucou.*

"Trágico", disse ele. — Deduzo que o assunto foi silenciado com sucesso até que, é claro, seu próprio marido nasceu. Tanto o pai quanto o servo ficaram preocupados com o bem-estar da criança. Julia falou em “protegê-lo”. Essas eram as mesmas palavras que ela havia usado sobre a pequena Alice. Você não pode culpá-los por tomarem medidas drásticas.

Ela pensou em seu bebê, e no chifre que atravessava o olho de Helen.

Talvez o afogamento fosse mais gentil.

O Dr. Shepherd puxou a pasta em sua direção e cruzou os braços sobre ela.

Não havia necessidade real de trazê-lo para fora, ele parecia saber o conteúdo de cor. “Apesar dos melhores esforços do hospital, não houve recuperação. Ela permaneceu aqui por uma vintena de anos. Julia morreu, ao que parece, como seu marido, por volta dos quarenta anos, de um problema cardíaco.

Pobre mulher. Era uma maravilha que ela ainda tivesse algum coração para quebrar.

O Dr. Shepherd endireitou-se na cadeira. Seu comportamento sombrio desapareceu. — Por mais estranho que pareça, Sra. Bainbridge, na verdade eu lhe contei essa pequena história para animar seu ânimo. Eu sinto que é a prova de que estamos tirando algumas memórias autênticas de você, seja qual for. . .' ele acenou com a mão, 'enfeites vêm com eles. O progresso está sendo feito.

Ela pensou na mesa, no chiado. Bem dentro do quarto dela.

Alguma coisa estava progredindo, certamente.

Ela só esperava que fosse ela.

A PONTE, 1866

Doeu respirar. Por mais que tentasse, Elsie não conseguia mudar para uma posição confortável. Toda vez que ela se movia, uma adaga deslizava entre suas costelas.

Seu nariz parecia torto. Um de seus olhos estava inchado até que ela pudesse ver apenas uma fina faixa de luz através dele. Não havia dúvida em sua mente agora: ela não estava louca. Algo estava vindo para ela, tão certo quanto a maré avançando pela costa. Mas não viria rapidamente. Não. Eles gostavam de fazê-la correr.

Ela virou a cabeça. Um travesseiro soprou embaixo dele; ela não estava no berçário. Alguém deve ter ouvido o estrondo e a encontrado nos escombros.

Ela não conseguia se lembrar. Tudo se turvou sob fragmentos de dor.

Passos soaram no corredor, acompanhados por uma voz. Uma voz masculina – uma que ela reconheceu.

'Jolyon!' Seu nome um coaxar, quase inaudível. Ela fez uma tentativa agonizante de se mover. Travesseiros a apoiavam em ambos os lados, ela estava apoiada sentada em um ângulo.

Os pés pararam do lado de fora de sua porta. Elsie esperou. Nada aconteceu. Ninguém entrou.

Esforçando os ouvidos, ela ouviu Jolyon e Sarah conversando.

- Ela ainda está dormindo?

'Eu penso que sim.' Sarah parecia esgotada. — Deus sabe que ela foi drogada o suficiente, sr. Livingstone.

'Isto é minha culpa. Eu nunca deveria tê-la deixado voltar aqui, sozinha.

— Você não deve se culpar.

Jolyon disse algo que ela não conseguiu entender. Então Sarah falou novamente. “O médico disse que ela quebrou duas costelas e torceu

gravemente o joelho esquerdo. É um milagre nada ter quebrado. Há alguns danos no rosto, mas apenas cosméticos. Muitos arranhões e contusões...

“Não”, disse Jolyon – ou talvez fosse outra pessoa, pois certamente o tom era muito duro? — Não é isso que quero dizer. Você não pode fingir que este é um comportamento aceitável, mesmo depois de tudo que ela passou.

O que ela estava pensando, saltitando pelos sótãos à meia-noite?

Sarah murmurou incoerentemente. Deve ter sido algo em defesa de Elsie, pois Jolyon retrucou: — Você não deve encorajá-la, Srta. Bainbridge.

A porta rangeu nas dobradiças. Elsie fechou os olhos, sabendo que não seria capaz de esconder a dor que queimava dentro deles.

Passos acolchoados através do tapete.

'Elsie? Você está acordado?'

Ela murmurou e moveu a cabeça na direção da porta, mas não abriu os olhos.

— É o sr. Livingstone, a sra. Bainbridge, veio vê-la.

Cegamente, ela estendeu a mão. Não foi até que Jolyon o pegou que ela percebeu que suas luvas haviam sido substituídas por bandagens.

'Elsie. Como você está se sentindo?'

Ela molhou os lábios. Eles estavam inchados e ressecados. — Como se eu estivesse no ringue com Tom Sayers. Eu saí melhor, no entanto. Você deveria ver o estado do berçário. Ela tentou um tom jovial, mas caiu no chão como um pássaro morto.

"Eu *já* vi", disse ele. 'Dano terrível.'

Com cuidado, ela abriu o olho bom. Jolyon flutuou em sua visão. Ele parecia medonho. O cabelo despenteado se espalhava atrás das orelhas e a barba por fazer cobria seu queixo. Marcas roxas estavam sob cada olho opaco.

— Ah, Jo. Uma lágrima desceu por seu rosto. Ela queria estender a mão e acariciar sua bochecha, mas havia algo mais sob sua expressão preocupada, algo quente demais para tocar. — Lamento que você tenha que vir aqui e lidar com isso. Só tivemos azar desde o dia em que Rupert morreu.

— Assim parece. Seus lábios pressionados juntos. — O que você estava fazendo no sótão, Elsie?

'Procurando por algo. Havia um . . .' Ela parou quando viu Sarah atrás dele, balançando a cabeça e sinalizando loucamente com a mão enfaixada.

"Um o quê?"

Sarah estava certa – ela não podia contar a ele sobre o diário. Ele a tirava, dizia que a excitava demais, e ela voltava para a lavanda vermelha, de volta aos banhos de assento frios.

"Um enfeite", ela improvisou. — Helen viu lá em cima e gostou. Achei que seria um gesto simpático se . . . se a enterrássemos com ela, no caixão.

'Oh.' Um som frio, impessoal. 'Eu vejo. E isso não podia esperar até de manhã?

Ela mentiu para ele toda a sua vida. Por que era tão difícil agora? Talvez as drogas que Sarah havia mencionado a estivessem retardando, entorpecendo suas faculdades. 'EU . . . não conseguia dormir.

'Não?'

— Nenhum de nós consegue dormir — interrompeu Sarah, estridente. —

Não com o que está acontecendo nesta casa.

'Não. Espero que não. Ele soltou a mão de Elsie e enfiou dois dedos no bolso do colete. Ele olhou, mas não a viu. Seu olhar era frouxo, insensato.

O que estava acontecendo naquela mente dele?

Uma vez que ela o tinha conhecido, por completo. Seu menino querido. Só que ele não era mais um menino, era? Ele era um jovem, seis anos mais velho do que ela quando Ma morreu. Capaz de todas as coisas que ela tinha sido capaz, naquela época.

Guardar segredos de Jolyon era uma segunda natureza. Mas e se *ele* escondesse coisas *dela* ?

"Olhe para o relógio - em breve será hora do jantar", disse Sarah. — Devo pedir à Sra. Holt que traga uma bandeja para você, Sr. Livingstone?

— Não, vou descer e jantar com você. Só mais um momento. Seus olhos se ergueram, de repente, prendendo Elsie na cama. Por um momento macabro, ele se parecia com o pai. 'Elsie, preciso que você me diga o que aconteceu com Helen.'

'Ela . . . Eu não sei o que aconteceu. Entrei na sala de jogos e ela estava lá. .

. Curtiu isso.'

— Peters disse que você estava agindo de forma estranha. Agitado.'

'Eu estava? Não me lembro.

"Deve ter sido memorável", disse ele, ainda com aquela voz fria e morta. —

Isso causou uma boa impressão em Peters. Ele me deu seu aviso prévio.

Bem, Peters nunca foi estúpido. Com a forma como as coisas estavam caindo para os servos ao redor da Ponte, ele seria um tolo se não abandonasse o navio.

'É assim mesmo? Vou sentir muito perdê-lo. Ele tem sido um excelente motorista.

Jolyon assentiu. 'Sim. O Sr. Stilford e os jardineiros também foram embora.

Com todas essas mortes, dá para entender. Nossa casa está tristemente reduzida desde o inverno.

"Sr. Livingstone." Sarah foi até a porta, enrolando uma mecha de cabelo ansiosamente no dedo. — Acabei de ouvir a Sra. Holt tocar o gongo.

— Mais uma palavra e pronto. Enterramos Mabel e Helen na sexta-feira, Elsie. Não podemos, em consciência, deixá-lo por mais tempo. Desejo que você permaneça aqui, descansando.

'Mas-'

'Não há *mas* . Não vou deixar você passar por uma tensão desnecessária.

Ele moveu a boca, experimentando uma frase, saboreando-a antes de falar.

'Você é minha irmã. Eu vou ser . . . obedeceu.

Obedecido . A palavra amarrou em torno de sua garganta.

"Durma um pouco, agora." Ele se inclinou para beijar sua bochecha. Seus lábios estavam frios, secos. — A Sra. Holt vai trazer alguma coisa para você comer mais tarde. Ele caminhou até a porta e ofereceu seu braço a Sarah. — Vamos, Srta. Bainbridge?

'Sim certamente. Deixe-me dizer boa noite à Sra. Bainbridge primeiro.

Sarah avançou e repetiu o beijo. Sua respiração estava quente contra a orelha de Elsie. “O diário está debaixo do colchão. Não tive oportunidade de ler, apenas escondi da Sra. Holt quando te encontrei. Por favor, olhe enquanto jantamos. Descubra como podemos parar isso antes que seja tarde demais.

A PONTE, 1635

Subi as escadas em direção à cama por volta das cinco horas. Mesmo assim, a neve caiu implacavelmente. Não pararia até que tivesse obliterado todos os objetos em uma mortalha branca.

Eu havia esfriado tanto que não sentia mais. Entorpecido, por dentro e por fora, subi como se estivesse em um sonho. Achei que era parte daquele sonho quando Josiah se materializou no patamar de camisola e pés

descalços, olhando pela janela para a neve que caía. Mas ele era real; o sopro da vida saiu de suas narinas e embaçou o vidro congelado. Ele se virou ao som dos meus passos.

'Sangue de Deus! Anne, o que você está fazendo acordado a esta hora?

"Eu não conseguia dormir", eu disse. Sua cabeça balançou para frente e para trás, de mim para a janela e de volta. Com uma pontada, eu conhecia sua mente: ele estava olhando para a tempestade e se perguntando se eu a havia assobiado. — O vento despertou você?

Ele não encontrou meus olhos. 'Não. Estou acordado por design. Vou sair dentro de uma hora. Pretendia partir um pouco mais tarde, mas este tempo vai nos atrasar.

'Sair?' Eu não tinha dormido – não estava pensando com clareza. Minhas têmporas latejavam de exaustão. — Aonde você vai?

'Você sabe onde.'

Ele voltou para mim: Merripen. Josiah ia assistir enquanto o menino dançava na ponta de uma corda, enquanto eles cortavam sua barriga para fazer vapor no ar do inverno. Tive uma visão de suas entranhas, apodrecidas até ficarem pretas como carvão.

— Josiah, você não pode ir! Você não pode viajar com este tempo! É uma loucura.

'Eu devo tentar. Já enviei homens para cavar uma vala até a ponte. Estes são os homens que cavalgam com ele – não os empregados domésticos convidados para o banquete da noite passada. Uma circunstância feliz, pois tenho certeza de que se ele mandasse Mark sair com uma pá esta manhã, o homem cairia de lado em um monte de neve. — Desejo ser o primeiro a dizer ao rei que a justiça foi feita.

Minha mão descansou em seu ombro por um instante antes que ele se afastasse. 'Na verdade, marido, não vale a pena o risco para a sua saúde.

Duvido que prossigam com a execução em um dia como hoje.

q

g

ç

j

— Você gostaria disso, não gostaria? O gelo estalando em sua voz parecia infinitamente mais frio do que o clima. — Já fiz, Anne. Eu vou e me certificarei de que isso seja realizado.'

O medo envolveu seus dedos ao redor do meu coração. Algo terrível aconteceria. Eu o senti, tão certo quanto o senti ao meu lado. 'Josias!' Eu implorei. 'Não aja tão precipitadamente! Você poderia morrer!'

Foi então que o vi: o velho gesto que vi mil vezes. Mas nunca dele. eu nunca sonhei ver meu próprio marido cruzar os dedos contra mim, como se eu fosse uma bruxa. — Não me deseje mal. Você já fez o suficiente, minha senhora.

Ele se virou e caminhou de volta para seu quarto.

Meu próprio quarto estava notavelmente frio. Nenhum fogo havia tocado a lareira, com os servos se divertindo no andar de baixo. Até a tinta que eu uso para escrever meu diário congelou em seu frasco, então eu a embalei entre as palmas das mãos enquanto subia, totalmente vestida, para a cama.

Os lençóis estavam tão frios que pareciam úmidos.

Devo ter dormido, pois acordei com uma sensação de queda que sacudiu meu corpo. A luz branca e fria brilhou através das janelas – eu tinha esquecido de fechar as persianas. O sol estava nascendo, mas nenhum servo foi buscar minha bebida matinal.

Cansado, saí da cama, sabendo que não voltaria a dormir. Algo estava errado. Eu senti isso, preocupado comigo, como uma tira de pele rasgada.

Talvez eu fosse para a cozinha. Se houvesse um incêndio em qualquer lugar da casa, seria lá.

Eu tropecei com os olhos turvos escada abaixo. Eu estava com sorte.

Chamas alaranjadas dançavam na lareira da cozinha e uma panela pendia sobre elas. Jane não estava mais estendida no chão, mas sentada à mesa com um dos homens de Josiah. Ambos pareciam pálidos como soro de leite.

'Qual é o problema?' eu exigi. Eles pularam de pé ao som da minha voz.

'Você', eu disse ao homem, 'por que você não está cavalgando com seu mestre?'

Ele inalou. "Eu estava", disse ele. 'O mestre me mandou de volta aqui com uma mensagem. Há algo que deve ser. . . atendido.'

Jane olhou para a mesa marcada pela faca.

'O que?'

— Uma circunstância desagradável. Não se incomode, senhora, nós providenciaremos. . .'

Meu estômago chafurdou. 'O que?'

Um olhar passou entre ele e Jane. Estava gravado em suas sobrancelhas: sua suspeita de mim. Eles não sabiam o quanto podiam esconder.

'Há algo por . . . alguma coisa *no* rio — disse ele.

A compreensão caiu em mim, pesada como chumbo.

"Não", eu gritei. 'Não não!'

Eu cambaleei até a porta. Era inútil, eu sabia, mas tinha que ver por mim mesmo.

Abri a porta contra a neve e entrei no quintal. Nada se moveu. Não havia som. Um feitiço branco caiu sobre todos.

Apoiando-me contra o ar amargo, segui o caminho aberto pelos homens de Josiah e seus cavalos, uma pátina de neve fresca já cobrindo-o, passo após passo laborioso. Em poucos minutos meus sapatos estavam completamente

molhados. Embora eu segurasse minhas saias amontoadas na minha mão, bem acima dos meus tornozelos, elas encharcavam a neve e me pesavam.

Meus dentes batiam. Flocos de neve tão frios que ardiam como cinzas batendo no meu rosto. Um vento rancoroso arrancou meu cabelo. Eu sabia que, se ficasse do lado de fora por muito mais tempo, pegaria minha morte.

Por fim, os leões de pedra da ponte se ergueram. Pingentes de gelo pendiam de suas bocas rugindo. Eu cambaleei ao lado de um, meus nervos tensos e me preparando para o horror.

Não havia nada. Apenas uma ponte vazia brilhando com a geada, e o rio, sólido congelado.

Exausto, me apoiei no leão de pedra. Estava tão frio que minha luva grudou nele.

Fiz uma pausa, ofegante, reunindo forças para me arrastar de volta para casa. Meus pulmões estavam crus. Eu estava muito cansada para sentir qualquer coisa como alívio.

Foi então que chamou minha atenção. Pisquei e olhei novamente para o rio.

Espiou de perto através do gelo escuro e cinza-prateado.

Um rosto olhou para trás debaixo da água sólida.

Dois olhos escuros se voltaram para o céu. Cabelo preto espalhado como gavinhas ao redor de seus ombros. Ela deve ter tropeçado nos arbustos que se espalhavam ao lado do rio e caído, pois eles estavam ao redor dela, segurando-a. Seus lábios e mãos pressionados contra o gelo em uma horrível imitação de uma criança espiando por uma janela. A boca aberta ofegava por ar que nunca viria. Eu o ouvi falar, enquanto caía de joelhos em um banco de neve.

'Misericórdia.'

Eu era um covarde. Incapaz de suportar a visão da pobre cigana, rastejei de volta ao calor, à vida e ao conforto. Eu não dei nenhuma das minhas próprias

instruções para recuperar o corpo. Com um silêncio covarde, deixo os eventos tomarem conta de mim. Os homens de Josias fizeram o que precisava ser feito.

— Voltarei para a cama — disse a Jane. Não dormir - se eu fechasse meus olhos, aquele rosto perdido viria à tona antes Eu. Mas pelo menos na cama eu poderia me esconder, me submergir sob o calor dos cobertores e trancar a porta.

Jane levantou-se desajeitadamente. Percebi que ela segurava a mesa para se apoiar. — Precisará de mim para desamarrá-la, senhora?

— Não, eu vou lidar. Na verdade, não acho que você seria capaz de usar um corpete. Toquei suas mãos, que tremeram com pequenos tremores. Ela não parecia capaz de controlá-los. — Você está com tanto frio, Jane?

- Acho que sim, senhora. Minhas pernas estão dormentes.

Eu fiz uma careta. O fogo estava bem alto. O calor voltou à minha própria pele congelada com golpes dolorosos. — Sente-se perto do fogo e aqueça um pouco de vinho aromático. Não posso deixar você pegar um resfriado.

Ela me agradeceu, me chamou de amante gentil. Eu gostaria de poder dizer que minha bondade veio de algum estoque interno de boa vontade, mas foi o medo rancoroso que me tornou generoso. Medo de já ter deixado uma garota congelar até a morte e não suportar outra na minha consciência.

Minhas saias deixaram um rastro escorregadio sobre as lajes enquanto eu as arrastava pelo Salão Principal e subia as escadas. A exaustão começou a me dominar. Febril e tremendo, escalei a casa vazia. Nenhum servo se mexeu.

Tudo o que restava das festividades da noite anterior eram as tosses cortantes que soavam do sótão e o som ocasional de vômito. Jane me informou que um ou dois dos homens vomitaram durante a noite. Eu detectei o cheiro – forte, azedo e nocivamente cremoso. Uma vassoura e um balde estavam abandonados no patamar do primeiro andar, mas não consegui ver seu dono.

Talvez, em outra ocasião, eu tivesse ficado aborrecido. Afinal, Josias só lhes deu um feriado para o dia da festa – ele não os dispensou de seus deveres no dia seguinte. Mas quem sou eu para falar de dever agora? Nossa família está em ruínas e duas crianças ciganas estão mortas – tudo por minha causa. Não posso repreender meus servos.

Lamentei minha compaixão por Jane no momento em que ganhei meu quarto. Era um negócio abominável, manobrar meu corpo entorpecido para

fora das roupas encharcadas. Eu os deixei cair no chão em uma pilha e olhei para minha pele – ainda molhada, com um leve brilho. Enxuguei os braços com uma roupa limpa, encostei-me e acendi o fogo, depois me retirei para a cama com meu diário. Eu permaneci aqui desde então.

O livro não me conforta como costuma fazer. Achei que poderia escrever longamente sobre o remorso que me consome, centímetro por centímetro; explicar como os detalhes da noite passada giram e giram na minha cabeça.

Se eu tivesse feito isso. Mas agora acho que alguns arrependimentos são profundos demais para palavras. A linguagem é insuficiente. Eu não posso fazer mais do que lembrar daquele rosto. É a *imagem* que preciso para confessar meu crime. Toda a minha insondável e vasta culpa está expressa naqueles dois olhos vidrados.

Ela deve ter tropeçado. Ela deve ter tropeçado nos cardos e caído no rio. Eu a vejo quando fecho os olhos: tropeçando na neve; plantas rastejantes enroladas em seus tornozelos. Ela levou meus diamantes com ela para seu túmulo aquático? Aquelas pedras que Josias escolheu com tanta esperança e orgulho? É adequado se ela o fez. O homem que comprou aqueles diamantes e a mulher que os usava se foi. Eu não os conheço mais.

Um silêncio enervante enche a casa. Toda vez que um som é ouvido, ele ecoa como se tivesse algum significado profundo. Gotas caem da janela enquanto pingentes de gelo derretem. Acima de mim, pancadas esporádicas do sótão. Há um barulho no andar de baixo – Jane derrubando uma panela com os dedos trêmulos, imagino.

Eu me pergunto o que Hetta está fazendo no berçário com seus companheiros de madeira. Eu deveria ir até Lizzy, eu sei, e contar a ela o que aconteceu com a garota cigana. Ela merece ouvir isso de mim. Mas, meu Deus, não suporto testemunhar seu desânimo.

Eu realmente deixei lá? Seguro e cansado na minha cama? Era onde eu deveria ter ficado. Olhando para trás, eu estava feliz naquela época.

Eu daria reinos para não olhar por cima do ombro e ver os acontecimentos das últimas horas. Mas eu não tenho reinos; únicos fardos que devo me livrar. A verdade deve ser colocada aqui.

As imagens rodam e não consigo classificá-las em ordem. Eu devo pensar.

Onde eu estava? Na cama? Sim: adormecido na cama, pois a tensão da minha madrugada e a caminhada pela neve finalmente me pegaram.

Acordei com o som de soluços; de partir o coração em sua suavidade.

Saí da cama. O ar gelado me acordou imediatamente. Pegando um manto seco da prensa, joguei-o sobre meus ombros e abri a porta. Ninguém se mexeu. Os gritos subiam e desciam em uma maré suave.

Com um vazio cada vez menor por dentro, concluí que era Hetta. Chorando por Merripen, ou apenas por sua própria existência solitária.

Um pedacinho do meu coração se partiu com cada suspiro que eu ouvia.

Mas mesmo assim eu era muito egoísta, com muito medo. Não fui consolar minha filha – não consegui encará-la. Voltando para o meu quarto, vesti uma camisola e desci as escadas.

Ainda nenhum servo se moveu. Isso me incomodou. A julgar pelo sol, era bem depois do meio-dia. Ninguém tinha me alimentado ou verificado se eu precisava de atendimento. Não era como a minha casa.

Antes de chegar à cozinha, ouvi um baque e um barulho como o som de panelas. Esse seria Cook, pensei. Meu estômago gemeu – fazia muitas horas

desde a última vez que comi. Mas, para minha surpresa, quando destranquei a porta e entrei no brilho quente do fogo, encontrei o quarto vazio.

Cheirei – um cheiro estranho e mofado pairava.

A cozinha mostrava sinais de ocupação recente: um bloco com as ervas de Hetta ao lado, os talos meio picados e a faca ainda molhada, tingida de verde e reluzente. Talvez Cook tivesse descido à despensa?

Passei pela porta interna em uma passagem úmida. Me senti em uma caverna. Eu tinha esquecido de trazer uma lanterna e era difícil de ver. Eu escolhi meu caminho de uma maneira estranha e hesitante, incapaz de me mover com qualquer pressa.

A porta da despensa fria estava aberta. Nenhum som de movimento veio de dentro. Eu dei uma batida curta. Nenhuma coisa.

Enfiei a cabeça para dentro. Era uma sala cavernosa com uma fileira de ganchos de carne na extremidade. Animais mortos me encaravam com seus olhos de pedra e havia um cheiro tão forte, tão primitivo, que me arrepiou os braços.

Eu não podia ver Cook.

Eu entrei. 'Olá?'

A caixa torácica aberta de uma corça ocupava a maior parte do espaço na mesa. Notei o cutelo, ainda ensanduichado em um pedaço de carne.

Outro passo. Minha cabeça bateu contra um pássaro morto suspenso no teto. Eu me encolhi e o empurrei, cuspindo penas. A criatura estava meio mole, meio balançada, como se alguém tivesse começado a arrancá-la, mas desistido. E agora que refleti, havia muitas tarefas assim em casa hoje: o balde abandonado; as ervas parcialmente picadas.

Uma carcaça rangeu enquanto balançava em seu gancho.

'Olá? Cozinheiro?'

Nenhuma resposta. Quase assustado agora, caminhei na direção dos ganchos. Não sei o que esperava – que alguém pulasse em cima de mim por trás de uma carcaça, talvez, ou que um dos animais subitamente se contorcesse vivo. Focada nesses medos, não pensei em olhar para baixo.

Meu pé escorregou em algo macio e, em um instante, meu corpo bateu contra o chão de pedra.

Levou o vento de mim. Fiquei deitada por um momento, perplexa.

Uma forma longa e irregular esticada ao meu lado. Revoltado com a noção de que poderia ser uma vaca morta, caída de seu gancho, eu chutei um pé para afastá-lo. Mas a massa negra simplesmente rolou, um braço se desdobrando.

Era humano.

Meu grito ecoou. Eu me levantei em uma posição sentada, arrastando para trás com meus braços. Eu vi o rosto agora: era Cook.

Empurrando meu desfiladeiro, estendi uma mão trêmula e bati meus dedos contra sua bochecha. A pele estava fria como mármore. Não haveria como salvá-la.

Eu tive que sair do quarto. Agarrando a mesa ensanguentada, eu me levantei. Eles tremeram, mas não cederam. *Busque ajuda* , minha mente gritou. *Jane, Mark, qualquer um* .

Corri de volta pelas passagens de pedra para o calor da cozinha.

Ainda assim, aquele cheiro de mofo contaminou o ar.

'Ajuda!' Eu gritei. 'Alguem AJUDE! Eu estou na cozinha.'

O silêncio reinou.

Foi então que o pensamento astuto e terrível rastejou pela minha mente?

Alguma parte de mim deve ter sabido, pois meus pés me levaram pela passagem do servidor e para a copa.

O cheiro me atingiu primeiro: vômito e o fedor acre de um monturo. Em uma poça de fluido viscoso estavam pedaços de louça quebrados, facas manchadas e, ao lado deles, minhas duas jovens empregadas de cozinha.

Olhos injetados de sangue olhavam cegamente para o teto. Marcas escuras manchavam seus lábios e um padrão amarelo e vermelho manchava sua pele.

'Não,' eu ofeguei, 'não.'

Mal sabendo o que fiz, corri de volta para a cozinha. Parado. A sala ondulava como água ao meu redor. Quando meus olhos clarearam, o bloco

g

de corte assomou em foco terrível. Nas ervas meio cortadas, vi o que não havia notado antes.

'Não.' Meus dedos viraram os caules molhados. Eles estavam cheios de manchas roxas.

Peguei a faca e procurei a porta. Não podia ser verdade. Se eu tivesse que correr dezesseis quilômetros na neve com o vento cortante rasgando meu vestido, provaria que não era verdade.

O jardim de Hetta estava sob uma camada de neve e geada. Mergulhei minhas mãos nuas nas ervas. O cardo enredou tudo. Do canto da minha mente, as palavras de Harris ecoaram de volta para mim: *arrepia* . Eu empunhei minha faca e cortei meu caminho.

Arranhado e sangrando, arranhei até que toda a neve caísse. E ali, escondidas sob o cardo azul-acinzentado, cresciam as plantas que eu não tinha visto – eu, que me orgulhava da segunda vista. Meimendro venenoso, monkshood e pennywort de água. Vervaina para feitiçaria. Por último, crescendo na parte de trás, as bagas escuras da beladona.

Meus dedos ficaram frouxos; a faca caiu sem fazer barulho na neve.

Era *verdade* . E foi pior do que eu imaginava.

A memória me inundou com uma força que não seria negada. Eu vi imagens piscando: a poção; tesoura enferrujada; o rosto frio e impassível de Hetta; uma antimáscara de fumaça e luzes vermelhas, e saltitando por tudo isso, o diabo mascarado da altura de uma criança.

— Meu Deus — sussurrei. 'Querido Deus.'

Não me lembro quanto tempo fiquei ali de joelhos com as verduras amargas que minha filha havia semeado. Eu mal senti o frio beliscando meu rosto, ou o gelo se acumulando na água sob minhas saias.

Josiah estava certo o tempo todo. Através de minhas poções e feitiços, invoquei algo perverso. Eu a *criei* . Eu sou pior que uma bruxa.

Meu bebê. Podre até a raiz. Cada lembrança de sua infância assume uma aparência sórdida e vergonhosa. Ela era um demônio desde o útero? Mas é claro que ela estava. O que mais ela poderia ser, ao mesmo tempo antinatural e ilegítima?

Agora ela tem nove anos, seu poder está cheio. A nona hora, a hora em que Cristo morreu. No entanto, mesmo antes disso, ela estava tramando. O que eu confundi com amizade com o cigano deve ter sido uma isca. Ela armou para ele assumir a culpa enquanto ela matava o cavalo. E agora ela matou meus servos.

Não sei se uma criança criada por mãos humanas possui alma. No entanto, isso eu sei – a penalidade pelos pecados de Hetta será exigida de *mim* no Dia do Julgamento. *Matei* aqueles criados quando preparei minha bebida: era apenas uma combinação diferente de ervas.

Devo ter cometido um erro. Uma proporção de uma mistura, uma palavra no feitiço. Eu não criei um filho. Eu fiz um monstro.

Eu gostaria de poder dizer que criei coragem para entrar e enfrentar Hetta, mas foi o frio que me conquistou no final. O sol se pôs cedo, polvilhando as

nuvens de rosa e cinza como madrepérola. Meus dedos trêmulos procuraram a faca ao meu lado.

Minhas saias estavam congeladas. Era como se eu arrastasse uma corrente em volta da minha cintura enquanto cambaleava de volta para a casa, e meus pensamentos rastejaram também, incapazes de traçar o curso que eu deveria tomar. O que eu diria para minha família? Lizzy adorava a garota, ela nunca acreditaria em mim.

Então o pensamento me jogou de lado.

Lizzy .

eu corri. Tropeçando, tropeçando, incapaz de controlar meus membros, atravessei a porta do quintal. A casa cheirava a morte. Tossindo contra a manga, arrastei-me para o Salão Principal.

Minhas saias jogaram lascas de gelo enquanto eu subia as escadas. O medo apertou meu peito quando me aproximei do berçário.

Cheguei à porta. O pardal de Hetta gorjeou por dentro. Antigamente era doce ouvir o canto do pássaro, mas agora ele estava chamando, chamando os mortos, chamando suas almas para que pudesse levá-los embora.

Eu hesitei. Então eu empurrei a porta aberta.

Meus olhos não queriam processar o que viam. Eles observaram as folhas no chão, os companheiros silenciosos se espalharam pela sala como uma platéia na peça, e Lizzy, deitada de costas. *Dormindo* , meus olhos diziam.

Dormindo . Mas com algo pendurado em seu pescoço. Vinhas. Uma corda feita de videiras e trepadeiras.

Lembrei-me das capturas de fôlego que tinha ouvido antes. Não era Hetta chorando, ofegante – era Lizzy.

Hetta virou-se para mim. Quando seus olhos encontraram os meus, tudo entrou em foco. Eu vi minha amiga mais antiga, a mulher que eu amava como

uma mãe, com a vida estrangulada de seu corpo, e de pé sobre ela, o duende que eu uma vez chamara de *filha* .

Não havia desculpas em seu rosto – apenas um triunfo repugnante e exultante.

Eu ainda segurava a faca na minha mão.

Deus me perdoe.

Agora está tudo tranquilo. O pardal fica imóvel em sua gaiola. Ao redor da casa, os corpos endurecem e se corrompem enquanto o sangue de Hetta rasteja pelas tábuas do piso até os pés dos companheiros, seus únicos verdadeiros amigos. Observo a poça vermelha coalhar com as vinhas e me tornar um marrom enferrujado – o mesmo marrom da poção que bebi, há muito tempo.

Eu sei o que vai acontecer comigo: Josias e seus homens vão me encontrar sozinho em uma casa de morte. Eles vão mandar chamar o caçador de bruxas. Os sussurros me seguiram por tempo suficiente. vou queimar.

É a mais horrível de todas as mortes. Eu poderia evitar – a faca ainda está afiada. Eu deveria passar a lâmina brega em meus pulsos agora e me salvar.

Mas isso seria bom demais para mim.

Eu convoquei o demônio. Eu preciso do fogo purificador da ira de Deus.

Eu preciso sentir as chamas.

A PONTE, 1866

A manhã chegou e o relógio do Salão Principal soou dez horas antes de Sarah voltar. A luz do sol fluía através das cortinas abertas e esticava sua sombra, dobrando-a contra a parede. Em seu vestido lavanda, seu corpo parecia encolhido. Ela não sorriu ao entrar na sala, arrastando bandagens como se fosse uma múmia que saiu da tumba e segurando uma tigela de água.

— Sarah, graças a Deus. Achei que nunca deveria ver você.

— Vim trocar suas bandagens — respondeu Sarah, em voz alta. 'Deve ser feito para evitar infecção.' Ela chutou a porta e baixou a voz para um sussurro. — Pronto, isso vai nos dar um pouco de tempo.

Elsie a observou colocar as tiras de linho e a tigela na penteadeira. — O que foi, Sara?

Sarah olhou para a porta. 'Em um momento. Venha, me dê sua mão. Ela se sentou ao lado da cama e pegou a mão de Elsie em seu colo.

Elsie estremeceu quando Sarah tirou um pedaço de tecido, seco com sangue, da palma da mão. "Eu li o diário", ela sussurrou.

'E? Conte-me!'

Ela fez uma pausa, sabendo que nunca seria capaz de transmitir o desespero e a culpa arrepiante naquelas últimas páginas. A voz que ela precisava pertencia a Anne, pertencia a outro tempo. — Você estava certo. Sobre Ana.

Ela nunca teve a intenção de causar danos. Era tudo uma terrível sequência de eventos que ela não podia controlar. Sua respiração ficou presa, mas ela não precisava escondê-la – no mesmo instante o curativo caiu, expondo suas feridas ao ar. A maioria tinha cicatrizado, mas um ou dois ainda choravam.

Estranho, que as mãos de Elsie estivessem cicatrizando mais rápido do que o único corte de Sarah. Até uma infecção já deveria ter se acalmado.

'Mas o que aconteceu com a pobre Hetta?'

'Ana. . . Anne matou Hetta.

— Ela matou o próprio filho!

'Ela teve que!' Uma chama defensiva que não tinha nada a ver com Anne.

— O mal de que você falou. Algo sobre uma poção e um feitiço? Foi em Heta. Preso nela. Anne teve que matá-la e salvar o que restava de sua família. Ela teve que salvar seus meninos.

q

Sarah franziu a testa, pensativa. Ela molhou um pano na tigela de água e passou-o suavemente sobre a palma da mão de Elsie. As feridas suspiraram de alívio. 'Então não é o fantasma de Hetta, nos assombrando?'

— Não exatamente. É mais do que isso. Eu acho que . . . Os companheiros estavam lá quando Hetta morreu. Anne escreveu que seu sangue escorria até os pés deles. Eles absorveram, entende? O mal entrou neles.

— Mas o que ele quer?

'Eu não faço ideia.' O mal tinha desejos e necessidades? Certamente não, certamente isso o tornaria muito humano. Não mais um puxão das profundezas do abismo, mas algo senciente que poderia emergir em qualquer um. Nela.

'Talvez o mal esteja procurando alguma coisa.' A respiração de Sarah veio quente contra sua pele. 'Buscando . . . um hospedeiro mais permanente.'

Um silêncio nauseante caiu enquanto eles consideravam as implicações disso. Lascas. Em Rupert, no bebê. Algo tentando entrar.

Sarah desenrolou um novo curativo e o pressionou no centro da palma da mão de Elsie. 'Enquanto fica nos companheiros, fica preso dentro de casa.'

— Então temos que pará-lo, antes que ele possa escapar.

Sarah enfaixou as feridas de Elsie e deu um nó no curativo. Então, finalmente, ela exalou. 'Não podemos pará-lo. Não temos tempo. Tudo o que podemos fazer é fugir.

'Fugir?' Elsie chorou. 'Não podemos simplesmente correr! E se machucar outras pessoas?

— Talvez machuque outras pessoas, Elsie! Mas não estou preocupado com outras pessoas. Estou apenas preocupado com você. Elsie queria retirar a mão. Havia algo nos olhos de Sarah que exigia demais. 'Escute-me por favor. Eu estive sozinho toda a minha vida. Você não podia chamar a Sra.

Crabbly de família, não com suas broncas e seus horríveis caminhos cruzados. E Ruperto. . . Bem, houve um tempo em que pensei que Rupert poderia se casar comigo. Achei que ele poderia entrar e me salvar da vida do companheiro de uma dama. Mas você sabe o que aconteceu lá.

Elsie não sabia o que dizer.

— Então eu conheci você. E você foi gentil comigo. Comecei a pensar talvez. . . você pode me deixar ser seu amigo, afinal. Que eu poderia ser útil para você.

— Você esteve, Sarah. Você é a única pessoa no mundo que acredita em mim, que entende. Você tem sido o melhor dos amigos.

'Eu nunca tive um amigo antes.' Seu aperto na mão ferida de Elsie era dolorosamente forte. — E eu serei amaldiçoado se deixar que eles a levem para longe de mim.

— Os companheiros?

— Não os companheiros! Os doutores!'

Seu corpo enrijeceu sob os lençóis. 'Por que . . . por que os médicos me levariam embora?'

— Desculpe, Elsie. Não queria lhe contar, mas o Sr. Livingstone já se decidiu. Ele mesmo disse isso, no jantar da noite passada. Ele escreveu para um asilo.

O pânico esticou seus braços profundamente em seu peito. Deve ser um erro. Claro, deve ser - Jolyon nunca a teria internado! Mas os olhos castanhos profundos de Sarah contavam outra história.

— O que exatamente ele disse a você?

— Que você estava muito doente. Gentilmente, ela dobrou a mão de Elsie de volta na cama. — Ele disse que suspeitava disso há algum tempo. Então ele me pediu para arrumar todas as suas coisas porque alguns homens estavam

vindo, alguns médicos, para examiná-la. Que eles levariam você com eles e você provavelmente ficaria fora por um bom tempo.

Caindo – foi assim que me senti. Despencar do lado de um penhasco com nada além de rochas abaixo. *Jolyon* , traí-la? O menino pelo qual ela sangrou, entregou sua juventude para criar. Não, ele nunca iria. . . A menos que. A menos que ele não estivesse dormindo, afinal.

— Você tem certeza disso, Sarah? Você tem certeza *absoluta* ?

Sara assentiu. Fios de cabelo caídos, apáticos, soltos de seus grampos. 'Eu fui a livraria. Eu vi as cartas que ele escreveu.

'Mas *você* sabe que eu não sou louco!'

'Claro que eu faço. E é por isso que decidi. Ela jogou o queixo para cima, desafiadora. — Vou tirar você daqui. Esta noite.'

Elsie teve uma vontade terrível de rir. Aquela risada chocada e histérica que só veio quando toda a esperança se foi. 'Como você se propõe a fazer isso?

Pense na minha perna.

— Encontrei uma bengala. Você pode usá-lo para se apoiar.

'Vai fazer barulho. Eles vão ouvir nas escadas.

Rosas floresceram nas bochechas de Sarah. 'Há algo . . . algo que eu possa fazer no jantar. Eu costumava fazer isso para a Sra. Crabbly, quando ela

estava reclamando. Elsie olhou para ela. — Um golinho nas bebidas, para fazê-los dormir bem.

Elsie teve a sensação de que havia julgado mal Sarah o tempo todo. 'Você realmente? Você realmente drogou a Sra. Crabbly só para ter um pouco de paz?

Um sorriso maroto se espalhou pelo rosto de Sarah. — Todos nós fizemos coisas das quais nos envergonhamos um pouco, Sra. Bainbridge.

A noite caiu rapidamente. A chuva da tarde inteira batia contra as janelas.

Cada vez que Elsie acordava de um cochilo, as nuvens ficavam um pouco mais escuras. Ela fechou os olhos para um céu de pólvora, e os abriu para descobrir que ele havia se tornado preto como piche. Já era tempo.

Elsie cambaleou para fora da cama antes que tivesse a chance de voltar a dormir. Com grande dificuldade, ela amarrou a capa que Sarah havia deixado para ela e colocou uma nova caixa de fósforos no bolso. Uma névoa de láudano encheu sua visão. Cada músculo protestou contra sua loucura. Como ela conseguiria descer as escadas?

A bengala era muito frágil, tremendo sob seu peso enquanto ela mancava até a porta. Se os companheiros viessem, ela não poderia correr.

Mas que escolha ela tinha?

Dois baques suaves na porta. A cabeça de Elsie se ergueu.

— Entre — ela sussurrou.

A porta se abriu silenciosamente e Sarah deslizou para dentro, trazendo consigo uma aura de luz dourada. Ela carregava uma lanterna a óleo em cada mão.

'Aqui.' Sombras saltitavam em seu rosto enquanto ela entregava uma lanterna para Elsie. Suas pupilas refletiam a luz.

— Os dois estão dormindo?

"Houve um pequeno problema", disse Sarah. — O Sr. Livingstone foi à biblioteca. Receio que ele tenha adormecido lá. Ele terá um torcicolo quando acordar.

A preocupação se amontoou em seu peito. Agora se tratava disso, ela era fraca. Ela não queria deixá-lo para trás. 'Sara. . . Talvez devêssemos esperar.

Precisamos planejar isso. Para onde iremos, o que faremos?'

Sara olhou para ela. 'Não há tempo. Temos dinheiro suficiente entre nós para pegar um trem.

'Mas . . . Não posso simplesmente abandonar Jolyon. E se os companheiros forem atrás dele? E se eles o usarem como anfitrião?

— Você será capaz de detê-los, se estiver aqui?

'Não . . . Mas-'

'Você será capaz de protegê-lo de dentro de um asilo?'

Elsie fechou os olhos. Não havia como vencer. Seja qual for a escolha que ela fez, ela perdeu Jolyon. E qual era a vida dela, então?

'Eu não posso. . .'

— Você não o está traindo, Elsie. Foi *ele* quem desistiu de *você* .

Relutantemente, ela assentiu. Melhor arriscar com Sarah do que passar a vida inteira presa atrás de muros altos. Ela não deixaria alguém forçá-la, nunca mais.

Sara liderou o caminho. Elsie mancou atrás dela. Tudo estava em trevas.

Nem mesmo as luzes de gás queimaram.

Tudo o que ela podia ouvir eram os passos de Sarah e a *batida firme* de sua bengala. A lanterna em sua mão saltou para seu andar irregular, iluminando flashes de tapete marrom.

De repente, Sarah congelou. Elsie não conseguiu parar a tempo. Houve um baque e o som de vidro se quebrando, óleo derramando. Sombras inundaram quando o corredor ficou um pouco mais escuro. Sarah tinha deixado cair sua lanterna.

'Rápido.' Ela se virou e arrancou a luz restante de Elsie. No momento em que ela o segurou no alto, eles engasgaram.

Sete companheiros se esconderam ao lado da escada.

Estava escuro demais para distinguir seus rostos. Apenas silhuetas assomavam, grandes contra a parede enquanto a lanterna tremia na mão de Sarah. Elsie lançou um olhar por cima do ombro, lembrando-se de como eles vieram antes, de ambos os lados, como uma matilha de lobos. Ela não conseguia ver nada sólido, apenas um fio amarelo escorrendo do teto no final do corredor.

— Sarah, o que... Antes de terminar, ela ouviu o ronco de Jolyon. Imagens confusas se encaixaram e então ela percebeu: a faixa amarela era uma lâmpada acesa na biblioteca. A porta da biblioteca estava aberta. Ela agarrou o vestido de Sarah. — Ele está lá sozinho. Não posso deixá-lo, não com eles aqui fora.

Os olhos de Sarah estavam fixos nos companheiros. 'O que você quer dizer?'

'Jolyon!'

'Mas você estar na casa não vai impedi-los!'

Sua perna ruim começou a tremer. — Ele deixou a porta aberta.

'Que diferença faz?'

Ela estava certa. Havia lógica, mas havia também o coração: o coração de uma mulher que criou um menino sozinha desde os cinco anos de idade.

Elsie não podia deixá-lo. No mínimo, ela tinha que fechar a porta.

"Continue observando-os", ela gritou, e girou em sua bengala. Pensando apenas em Jolyon, ela mergulhou de volta no corredor.

Sua bengala batia no ritmo de seu pulso frenético. Ela ouviu o grito de alarme de Sarah, mas já parecia distante. Ela estava se afogando na escuridão. Seus olhos voaram ao redor, buscando alívio do preto implacável. *Jolion . Apenas se concentre em Jolyon* . Apesar da dor escaldante em suas costelas, apesar da fraqueza entorpecida de sua perna esquerda, ela seguiu em direção à fresta de luz.

Ela achou que ia cair. Dor, medo e láudano a engolfaram. Apenas o frio não natural rolando da biblioteca e o cheiro úmido e mofado cortavam a neblina. Ela tropeçou ofegante através do limiar. Jolyon estava sentado na escrivaninha da alcova, com a cabeça apoiada na superfície polida.

Mancando mais perto, ela viu o movimento de seus olhos sob suas pálpebras e o baque lento de um pulso em seu pescoço. Vivo. Ele estava apenas dormindo. Sua respiração agitou o papel sob sua bochecha.

Foi apenas por acaso que ela notou o papel timbrado. Ela estava prestes a se virar, mas seus olhos se detiveram no roteiro, impresso como um grito.

Hospital São José para Insanos

Por um momento tudo ficou imóvel. Então seu coração chutou de volta, tamborilando sangue em sua cabeça com batidas dolorosas. Ela tropeçou para fora do quarto.

Essa única palavra ricocheteou em seu crânio: *insano* .

Ela não podia mais duvidar de Sarah. Jolyon realmente achava que ela estava louca. Ele havia desistido dela. A dor disso era pior do que as costelas quebradas. Batendo a porta, ela se virou e abriu caminho pela escuridão, de volta ao longo do corredor.

'Por favor, Elsie!' A voz estrangulada de Sarah a levou adiante. 'Você está aí? Não posso mais olhar para essas coisas.

— Eles se mudaram?

— Apenas os olhos. Eles estavam observando você.

p

Elsie estremeceu.

Se ao menos ela pudesse ver claramente. Ela não podia acender novamente a lanterna quebrada, pois o óleo havia encharcado o tapete. Ela se atreve a

acender uma lâmpada de parede? Certamente a luz de apenas um não acordaria Jolyon?

Com a mão livre, ela puxou a alavanca.

— Aqui, Sarah, pegue meus fósforos. Eu seguro o lampião enquanto você acende o gás.

Sarah obedeceu e a chama ganhou vida. A luz respingou no papel de parede vermelho flocado, nos bustos de mármore. 'Oh meu. Eles parecem um pouco mais próximos.

"Não podemos parar de observá-los", Elsie disse a ela. — Vou descer as escadas primeiro com a lanterna, para tomar cuidado com qualquer um no Salão Principal. Você anda para trás e fica de olho nesses.

Os dedos de Sarah se apertaram ao redor da caixa de fósforos. 'Para trás?

Por que eu?'

Elsie bateu sua bengala impacientemente no chão. 'Será bastante difícil para mim seguir em frente.'

Eles se levantaram, costas com costas. Graças a Deus eles estavam vestidos com simplicidade, sem crinolinas bufantes. Elsie sentiu os ombros de Sarah contra os dela, o suor úmido através de seu vestido. 'Preparar?'

O suspiro de Sarah. 'Preparar.'

Ela pegou suas saias na mão que segurava o bastão, o material dando aderência à palma escorregadia. 'Venha, então.'

Suas pernas estavam tremendo – não apenas a ruim. Um passo. Dois.

Lentamente, lentamente, os saltos de Sarah batendo nos dela. A nuvem de luz do lampião percorreu a escada, mostrando flashes de carpete e papel de parede. Sem companheiros.

— O último — sussurrou Elsie, e eles tropeçaram em um pequeno patamar.

Um vôo para baixo, outro para ir.

Sibila, sibila.

Os ombros de Sarah ficaram rígidos. — Não posso mais vê-los. A lâmpada a gás. . . fica muito longe.'

'Acender um fósforo. É só um pouco mais longe.

De cima deles veio um arranhão lento. Elsie os imaginou, arrastando suas bases monstruosas pelas tábuas do assoalho.

A exaustão ameaçou inundá-la, mas ela não podia se render a isso. *Thump, thump* fez sua bengala na escada, sua perna quase cedendo. A cada passo, Sarah esbarrava nela, enviando uma espiral de dor em seu peito. E o tempo todo, sombras rolaram atrás deles.

Sibila, sibila.

Finalmente, a lanterna brilhou no metal e brilhou sobre o brasão azul e dourado de Bainbridge. O Grande Salão estava à vista. Eles estavam quase lá.

'Elsie! Elsie, eu *sinto* alguma coisa!

Eles estavam no último degrau. Elsie correu para alcançar a segurança do piso, mas tropeçou.

Não, não . Sua bengala derrapou, a lanterna oscilou. O fogo disparou em sua perna ruim. Sara gritou. Lá estava: o chão, duro e nivelado sob seus sapatos. Elsie cambaleou e de alguma forma conseguiu recuperar o equilíbrio.

Eles tinham chegado ao Grande Salão.

'Caro eu! Senhorita Sarah!

Luz, esgueirando-se do outro lado do Salão Principal. O coração de Elsie saltou para a garganta.

'Como você pode?'

Ofegando, apertando os olhos, ela se virou para encarar a voz. A porta de baeta verde do lado dos criados estava aberta. A Sra. Holt delineada em fogo, iluminada por trás. Ela se atrapalhou, houve um estalo, e então uma lâmpada ganhou vida.

'Bem bem.' Os passos da Sra. Holt soaram nas lajes, cortantes, julgadores.

'Quem teria pensado? Eu poderia ter esperado isso de *você* — ela deu um aceno de cabeça na direção de Elsie. — Mas senhorita Sarah! Você deveria saber melhor.

Desorientada, Elsie deixou a lanterna cair de sua mão. A Sra. Holt acendeu outra lâmpada.

'Você!' Sarah, estridente, atrás dela. 'Você está destinado a ser. . . Por que você não está dormindo?

— Deus te perdoe, garota, você não acha que eu reconheço o chá de papoula quando sinto o cheiro? Eu sabia que você estava tramando algo, mas nunca imaginei que você tentaria eliminá -*la* ! O que o possuiu?

Onde estavam os companheiros? O Grande Salão se materializou ao redor dela. Armaduras, espadas, o tapete oriental. Não havia companheiros. Havia

apenas a Sra. Holt e a calça dos lampiões a gás.

— Você está tentando tirá-la de mim! Sara gritou. Sua mão agarrou o braço de Elsie. — Eu não vou deixar você. Ela não é lunática! Eles estavam bem aqui, você não os viu? Você não *ouviu* , sua velha tola?

A luta ainda estava em Sarah. Não Elsie. O sentimento se esvaiu, deixando-a uma concha vazia. Lá se foi a decepção. O medo se acumulou a seus pés.

Os últimos restos restantes eram algo como alívio. Pelo menos agora, ela não deixaria Jolyon.

— Não ouvi nada. Não *havia* nada. A repulsa torceu as feições da Sra. Holt.

'Céu acima! Você é tão louco quanto ela!

A mandíbula de Sarah se projetou. Por um momento, realmente parecia que ela iria bater na Sra. Holt, mas então os móveis caíram no andar de cima e os passos bateram, instáveis, até que Jolyon apareceu na galeria. Ele parecia um homem embriagado: corado, o cabelo em ângulos. 'O que é isso?' Ele piscou para eles, lutando com as palavras de seu sono drogado. — Ouvi um grito e... Elsie? Isso é você?'

"São as duas senhoras, Sr. Livingstone", a Sra. Holt chamou. — Eu os peguei tentando escapar.

'Fuga!'

— Receio que o tenham drogado, Sr. Livingstone. Eles são astutos. Muito mais perigoso do que temíamos.

Elsie nunca esqueceria a expressão em seu rosto: a mistura de medo e ira.

Pois não era mais Jolyon olhando para ela por trás daqueles olhos castanhos avermelhados. Seu querido menino sumiu com as palavras da Sra. Holt. No dele no lugar estava outra pessoa, alguém que ela rezava para nunca mais ver enquanto vivesse.

Foi Pai.

"Deixe-me sair!" A palma da mão de Elsie bateu na madeira de novo e de novo, sacudindo a porta nas dobradiças. Cada golpe vibrava em suas costelas com uma dor incandescente, mas ela não parou. Ela não *conseguia* parar. 'Jolyon, abra a porta agora mesmo!'

'Eu não posso fazer isso.'

'Por favor! Deixe-me sair! Eu estive aqui a noite toda!' Sua voz saiu do tom.

Histérico, louco. Mesmo para seus próprios ouvidos, soou como a confirmação de seu diagnóstico. 'Jolyon!'

'Você não está bem. Eu deveria saber.' Ela ouviu o ombro dele se mover contra a porta. — Eu deveria ter suspeitado há muito tempo.

Sua mão pairou a uma polegada de distância da madeira. Ela estava se enchendo de fumaça; atrás de seus olhos, seu estômago, debaixo de sua língua. Uma fumaça amarga e sufocante que era o passado e o presente, envolvendo-a com fumaça acre.

'Do que você está falando?' Como soava falso. Uma linha dada a uma atriz em uma peça.

'Depois da mãe—'

'Não!'

— Eu vi você, Elsie. Eu vi você colocar o travesseiro no rosto dela...

'Não foi assim!' ela gritou, sacudindo a maçaneta novamente. 'Ouça-me, eu posso explicar-'

— Não posso acreditar em uma palavra do que você diz!

— Ela estava com muita dor. Ela já estava às portas da morte, não era pecado.

'Não é pecado!' ele explodiu. 'Bom Deus. Talvez a pobre mãe estivesse certa o tempo todo. Talvez ela não estivesse brava. As coisas de que ela te acusou

. . .'

— Tudo o que eu fiz, fiz por você.

Ela ouviu um soluço dele. — Você não fez isso em meu nome. Você não matou minha mãe por minha causa.

— Jolyon, olhe. Tem coisas que eu nunca te contei, coisas...

'Pare!' Sua mão bateu para trás do outro lado. — Por favor, não me faça ouvir. Suas palavras vão me deixar louco também. A ajuda está chegando.

Só preciso mantê-la segura até que os homens cheguem.

— Homens de São José?

— A Sra. Holt já foi com o telegrama. É o melhor lugar para você. Eles podem ser capazes. . .' Ele sumiu.

Lágrimas escorriam por seu rosto. Como isso pode estar acontecendo?

A cada dia o impossível se tornava realidade, mas era mais fácil acreditar em assassinos de madeira do que aceitar que Jolyon, seu Jolyon, estava contra ela.

Ela pressionou a testa contra a porta. Sob a tinta branca, ela podia distinguir o padrão e os nós na madeira, como se não fosse apenas uma barreira entre eles, mas uma coisa viva, completa com veias e tendões.

— Jolyon, considere novamente. Ela lutou para manter a respiração estável, para soar como uma pessoa sã. — Você sabe que isso não está de acordo

p

q

com o meu caráter. Com seus próprios lábios, você disse ao Sr. Underwood que arriscaria sua vida nos meus nervos.

'Eles estão quebrados, e meu coração com eles.'

Ela deitou a palma da mão, imaginando a cabeça dele pressionada contra a madeira. Se ao menos ele olhasse para ela. Se ele olhou para ela olhos, ele saberia que ela estava dizendo a verdade. 'Você é muito apressado. Pergunte a Sarah—'

— Mandei Sarah para sua própria suíte! Não posso deixá-la ir ao seu quarto, encorajando-o em suas ilusões.

Ela deslizou para o tapete, aterrissando dolorosamente em seu joelho ruim.

"Você não pode confinar Sarah", ela tentou novamente. — Você não tem autoridade sobre ela. Você não pode nos tratar como prisioneiros.

— É para sua própria segurança. Eu sei o que é melhor para você.

Mas ele nem sabia quem ela era.

Ela permaneceu no chão, vazia e exausta. Logo, os passos de Jolyon soaram no corredor. A porta da biblioteca abriu e depois fechou.

Sombras de árvores jaziam no tapete perto da janela. Centímetro por centímetro, eles se alongaram pelo chão. Uma parte dela se perguntou o que a pegaria primeiro – os acompanhantes ou o asilo. Talvez a Sra. Holt já tivesse selado seu destino; soletrou seu destino em fios e crepitações e cliques. Já sentia o frio de um dormitório de hospital se aproximando dela.

Ela merecia? Talvez ela fez. Não para os companheiros, mas para as outras coisas. Pai, mãe. Ela poderia apagá-los, mas eles nunca a deixaram; eles corriam, escuros, em sua corrente sanguínea. Em Jolion.

Foi talvez uma hora mais tarde quando ela ouviu o barulho: suave, a princípio, um crepitar como troncos cedendo a uma chama. Ela lançou um olhar para o fogo, mas a madeira tinha queimado. Novamente veio: um som de arranhar e sussurrar. Bem do lado de fora da porta dela.

Elsie inclinou a cabeça, ouvindo. Desta vez ela ouviu pequenos cliques. Em seguida, uma porta, rangendo aberta.

A exclamação sem palavras de Jolyon a fez pular. Talvez fosse a Sra. Holt de volta? Mas não havia passos, não vozes. Apenas aquele farfalhar distante, como galhos se quebrando. Ou pequenos ossos.

Ela se deitou desajeitadamente no chão. A lasca de luz sob a porta só revelava um pedaço de carpete marrom.

Jolyon gritou.

Ela se ergueu, estremecendo enquanto a dor queimava ao longo de suas costelas. 'Jo?' Ela tentou a maçaneta da porta. Ainda trancado. Ele gritou novamente, uma palavra estrangulada que soava como o nome dela.

'Jolyon!'

Agora os sons foram amplificados. Torcendo, deslizando. Ela pensou em animais se debatendo na vegetação rasteira, enredados por galhos. Querido Deus, o que estava acontecendo?

'Elsie!' Um grito angustiado, borbulhando com líquido.

Furiosa, ela apertou a maçaneta e bateu na porta. Ela não podia chegar até ele. Ela não podia sair.

Nenhuma tortura poderia ser mais enlouquecedora: ouvir e não ver; ser impotente enquanto ele uivava. O ar tornou-se sufocante, impossível de respirar, pressionando cada vez mais perto.

Elsie procurou pelo quarto um objeto para bater na porta. Seus olhos errantes caíram sobre a penteadeira e ela disparou uma oração de gratidão.

Por que ela não tinha pensado neles antes?

Ela correu, ignorando a dor no joelho, e pegou um punhado de grampos de cabelo. Com as palmas das mãos suadas, ela dobrou o primeiro alfinete e tentou enfiá-lo no buraco da fechadura. Faltou. Novamente ela o alinhou, e novamente ele deslizou fora de controle. 'Maldito!' Suas mãos tremiam como se ela estivesse com febre.

Vidro quebrado.

'Vamos! Vamos.' Por fim, ela enfiou o pino no buraco, mas ele chacoalhou e ela não conseguiu sentir os pinos. 'Por favor!'

Sibilo . O alfinete caiu de sua mão. *Sibilo* .

Houve outro grito, e a voz de Jolyon morreu. O silêncio era ensurdecedor.

Agarrando outro pino, ela o dobrou com os dentes e o enfiou na fechadura.

O alívio surgiu quando os acrobatas estalaram e se moveram, e a porta cedeu à sua mão.

No corredor tudo estava quieto. Ela saiu mancando, rangendo os dentes.

Passos soaram à sua esquerda. Quando ela se virou, ela viu Sarah correndo em sua direção, olhos arregalados, Jasper em seus calcanhares.

'Elsie! O que aconteceu? Ouvi gritos.

— Jolyon — ela engasgou. "Jolyon."

Os olhos de Sara se arregalaram. 'Não *eles* ?'

Um ruído saiu de seus lábios: lamento, animal. Ela nunca tinha conhecido uma dor como aquela. 'Não! Por favor, Deus, não.

q

Sem outra palavra, Sarah cutucou seu ombro sob a axila de Elsie e a ajudou a ir para a biblioteca.

Foi um desastre. Livros estavam espalhados no chão com suas páginas soltas. O tapete era um cemitério de papel, vidro e folhas murchas. À

medida que avançavam cambaleando pela sala, Elsie viu rasgos nas cortinas que esvoaçavam e dançavam com a brisa.

'Jolyon?' Não soava como a voz dela – não soava como o nome dele.

A tinta respingou sobre a mesa, lascada com cacos de vidro verde do abajur, mas a cadeira atrás estava vazia.

'Elsie! Lá!'

Ela se virou. O menino cigano com seu cajado apareceu diante do fogo.

Algo inumano cintilou no rosto plano. Seus olhos seguiram a direção de seu cajado.

A janela do meio foi quebrada em uma teia de aranha. Rachaduras irradiavam de um buraco central e irregular. Algo se prendeu em um dos pontos. Material. Cabelo?

As cortinas esfarrapadas acenaram, frenéticas, afastando-a. Mas seus pés se moveram sem sua permissão, irremediavelmente arrastados pelo tapete, esmagando vidro, para ficar onde o vento poderia bater em seu rosto.

Dezenas de Elsies olharam para ela da janela quebrada, cada uma com uma forma diferente. Bocas alongadas, achatadas, ausentes; seu rosto derretendo. E ela viu que as rachaduras estavam cheias de sangue.

Respirando fundo, ela olhou para baixo do parapeito.

Seu Jolyon, seu filho, estava deitado de bruços no cascalho, o pescoço em um ângulo impossível. Morto.

As cortinas sopraram ao redor, abraçando-a enquanto ela gritava.

Certa vez, quando ela era muito jovem, o pai rompeu o tímpano. Ele criou um barulho, um barulho tão intenso que era de alguma forma mais do que som, afogando tudo, menos seu toque insistente.

Depois do barulho veio a dor severa. Enterrando em sua cabeça e deixando-a tonta, afrouxando seu rosto. Ela sentiu tudo e nada.

Deve ter acontecido de novo, pois ela não podia ver nem ouvir. O tempo passou por ela como se ela não estivesse mais lá.

De repente, ela bateu de volta em si mesma, encontrando-se apoiada atrás da mesa nos restos da cadeira de couro. A crina de cavalo pinicava através dos cortes no tecido, áspera contra sua pele macia.

Sarah estava à sua esquerda, agitando uma garrafa de sais aromáticos debaixo do nariz. À direita estava a Sra. Holt.

— Outro terrível acidente? ela estava dizendo. 'Meu olho! É ela, sua garota idiota. Ela não está bem da cabeça. Vou chamar a polícia.

— Foram os companheiros, Sra. Holt! Elsie tinha acabado de sair de seu quarto, eu vi a porta aberta. Não há nenhuma maneira concebível de ela ter entrado aqui e . . .' Sarah viu Elsie voltando à vida e pousou os sais aromáticos.

— Acho que o sr. Livingstone perdeu um truque quando escreveu aquele telegrama — murmurou a sra. Holt. — Ele deveria ter internado vocês dois.

Até o nome dele foi um golpe no estômago. Não havia nenhum Sr.

Livingstone agora, nada de bom por vir de toda a sua tristeza: havia apenas os destroços de um belo jovem caído no cascalho como um pássaro caído.

"Meu bebê", seus lábios dormentes disseram. "Meu menino."

'Ver?' A Sra. Holt sacudiu a cabeça. 'Biscoitos.' Ela se inclinou para que Elsie pudesse ver as redes de rugas ao redor de seus olhos e sentir o cheiro de seu hálito antigo e apimentado. — Você pode ter perdido um bebê, madame, mas isso não é nada comparado a perder uma filha adulta, a

esperança de sua vida. Vê-la espetada como um pedaço de carne em uma assadeira! Seu rosto parecia assustador, distorcido pelas lágrimas. — Deus sabe que eu deveria ter pena de você por sua doença, mas não posso. Eu não posso fazer isso. Só rezo para ver você se balançar pelo que fez com ela.

Em qualquer outro momento, sua mente poderia ter juntado as peças. Mas Elsie se viu encarando a Sra. Holt com a mesma confusão que estava na testa de Sarah. 'Do que você está falando? Que filha?

A Sra. Holt passou a mão pelo rosto devastado. — Suponho que não há necessidade de manter o segredo agora. Havia uma razão O Sr. Bainbridge me chamou de seu anjo. Havia também uma razão para eu vir aqui no meio do nada.'

'Oh!' Sarah respirou. — Você estava carregando o filho dele.

Ela fechou os olhos e assentiu. 'Eu fui. Você vê, minha senhora estava tão doente e ele precisava. . . Ele não era um homem mau. Ele queria fazer a coisa certa por nós dois.

— Então ele avançou você. Deu-lhe uma casa onde você estaria livre de fofocas.

'Eu escondi o bebê no começo. Então, mais tarde, eu a treinei para trabalhar ao meu lado na casa. Eu não era maluco, nunca esperei que Helen fosse criada com Mestre Rupert.

' *Helen* . Helen era sua filha? E entao . . .' Sarah colocou a mão no peito.

'Meu primo?'

'Ela era. Aquela mulher miserável sentada diante de nós também tirou sua família de você, Srta. Sarah. Você deve me soltar pela polícia.

Elsie não temia o ódio da Sra. Holt. Ela ansiava por se agarrar a ela como alguém que sentiu a mesma dor e sobreviveu. Ou ela tinha? A mulher que protestava com Sarah não era a mesma Sra. Holt que ela conhecera naquela

primeira noite. Ela era uma versão endurecida, uma versão de ferro, amarga no coração.

"Vá", disse Elsie. 'Por favor. Vá atrás da polícia.

A Sra. Holt piscou os olhos lacrimejantes.

– Não – gritou Sarah. — Não, Elsie, você não está pensando direito. Você tem que sair daqui antes que as pessoas do asilo cheguem e...

'Deixe que venham. O que importa agora?

'Isso importa para mim! Eu preciso de você!'

Elsie recostou a cabeça na cadeira. — Não vou deixar Jolyon. Não terei mãos estranhas lavando-o e deitando-o para fora. Estarei lá quando ele for enterrado como eu estava lá quando ele nasceu.

Sarah exalou, seus ombros cedendo. — Então suponho. . . A Sra. Holt está certa. Devemos ir atrás da polícia, ou o pessoal do asilo mandará buscá-los assim que chegarem. Vai ficar pior para todos nós se isso acontecer.

"Três corpos na casa", disse a Sra. Holt. 'Três.'

— Um deles lá fora. Venha, vamos trazê-lo antes que eu vá buscar o policial.

'Você?' cuspiu a Sra. Holt. — Por que eu confiaria em *você* para chamar a polícia? Ontem à noite, você estava tentando soltá-la!

Sarah colocou a mão no ombro da Sra. Holt e a afastou de Elsie, em direção à lareira. — É uma longa caminhada até Torbury St Jude. Você já esteve lá e voltou hoje.

— Mas você honestamente... A frase dela terminou abruptamente. Algo estava mudando, mudando sob sua expressão. 'Você fez isso?' ela assobiou.

'Fazer o que?'

'Que!' O braço da Sra. Holt se debateu na lareira. — Era você ou era ela?

'Não entendo você.'

Mas Elsie sim. Ela viu a mudança que ocorreu enquanto eles estavam de costas para a lareira. Sua pele arrepiou.

p

p

— Não era assim quando entrei na sala. Veja!

Linhas brancas frenéticas marcavam a madeira. Cortes profundos e raivosos.

Os olhos do cigano tinham sido arrancados.

Agulhas de chuva passavam pela porta aberta. O ar da tarde tinha um cheiro estranho: turfoso e rico. Elsie tentou se concentrar no cheiro, perder-se nele; qualquer coisa para se distanciar da cena terrível que se desenrolava diante de seus olhos.

Nem a Sra. Holt nem Sarah eram fortes. Eles meio empurraram, meio arrastaram o corpo de Jolyon pela soleira. Sua cabeça pendeu, grotesca.

Manchas de cascalho grudadas em suas bochechas e os cílios emoldurando seus olhos castanhos abertos.

Ela sempre tentou salvá-lo. Deus, como ela tinha tentado.

Eles o deitaram como uma marionete quebrada no mesmo tapete oriental onde o caixão de Rupert estava. A Sra. Holt cruzou os braços esparramados de Jolyon para que as mãos descansassem, sobrepostas, em seu estômago.

Ela franziu a testa. — Há farpas nos dedos dele.

Elsie se encolheu.

— Havia farpas em Rupert — disse Sarah. — E o bebê.

Os lábios da governanta se contraíram. Elsie podia vê-la lutando com a verdade intragável: acreditar; não querendo acreditar; tentando provar que estava errada.

'Mabel ou Helen tinham farpas?' perguntou Sara.

'Eu não vi. Eu não verifiquei. A Sra. Holt deu um passo. Parado. 'Eu poderia . . . vá e olhe. Ela lançou outro olhar para Elsie.

Elsie entendeu. A governanta queria odiá-la. Ela preferia encontrar as impressões digitais ensanguentadas de Elsie no pescoço de Helen do que um monte de farpas.

Pobre Sra. Holt. Muito melhor acreditar que seu filho foi assassinado rapidamente do que perseguido, vivendo seus últimos momentos em um paroxismo de medo. Ela viu a velha desaparecer atrás da porta de baeta e seu coração foi com ela.

'Não entendo.' Sarah mordeu uma mecha de seu cabelo, agitada. 'O que essa coisa quer? O que não encontrou em Rupert, ou no bebê? O que ele precisa, exatamente?

Ela balançou em seus pés. — Não sei, Sarah, e não quero saber. Só estou agradecido por Jolyon estar livre disso agora. Não vou dar outra chance.

Traga-me um pouco de água, por favor. Vou lavá-lo.

Sara hesitou. — Não tenho certeza de que você possa. Se a polícia vier investigar, eles vão querer vê-lo. . . como ele era.

'Como ele era!' Um soluço seco saiu. 'Meu Deus, todos nós queremos isso.'

Sara abaixou a cabeça. 'Você faz . . . Você ainda quer que eu chame a polícia?

'Sim! Alguém tem que nos ajudar. Não podemos enfrentar isso sozinhos.

— Mas eles não vão acreditar nos companheiros! E se eles nos prenderem?

Prisão, o asilo. Era tudo a mesma coisa, sem Jolyon. — Então deixe que eles nos prendam. Pelo menos estaremos fora desta maldita casa.

Sarah foi buscar seu gorro e amarrou as fitas apressadamente sob o queixo.

Enquanto colocava as luvas, Elsie olhou para a porta de baeta. A Sra. Holt não fez nenhum som desde que passou por ela.

— Não se preocupe, Sra. Bainbridge. Nós vamos superar isso, você e eu.

Parece impossível agora, mas. . . De alguma forma, vamos reconstruir nossas vidas. Juntos.' Sarah apertou o ombro de Elsie. 'Acho que Rupert teria gostado disso.'

Sem dúvida, Sarah quis dizer isso com bondade, mas Elsie não conseguiu suportar suas palavras açucaradas. Ela se afastou.

Sarah abriu a porta novamente, deixando entrar uma fina chuva. Os jardins estavam encharcados. As sebes pingavam e a água caía das bochechas do cão de pedra como baba. Sarah colocou um pé para fora da porta.

'Esperar!' Elsie enfiou a mão no bolso e deu a bolsa a Sarah. 'Tome isto, no caso de você ter problemas. Pagará hospedagem ou transporte para casa.

Lançando um último olhar para ela, Sarah se aventurou na chuva. Elsie a observou partir: uma figura cinzenta e encurvada, esmagando o cascalho, ficando cada vez mais escura à medida que a sombra da casa caía sobre ela.

Ela atravessou as colinas e desapareceu de vista.

Menos de dez minutos depois, a névoa desceu.

Ela desmoronou ao lado da lareira e sentou-se com as pernas esticadas, ao lado de Jolyon. Ou o que se passava por Jolyon: a paródia cruel e cinza-azulada dele. Ela não queria guardar essa imagem de seu filho: ceroso e inchado; características impressas com horror; cortes cruéis na querida pele.

Mas ela sabia que iria invadir, furtivamente, e substituir todos os tempos mais felizes. A morte, uma vez concebida, era voraz. Levou tudo com ele.

Cada tiquetaque do relógio do avô ecoava pelo Salão Principal. A chuva tamborilava em contraponto. Elsie sentiu as nuvens pressionando, bloqueando o sol. Segurando a cabeça nas mãos enfaixadas, ela esperou.

Ela não se atreveu a fechar os olhos. De costas para a parede, ela manteve uma vigília. Os companheiros poderiam tirar a vida de Jolyon, mas ela estaria condenada se profanassem seu corpo com mais lascas. Ela sabia como era – ser invadida, contra a sua vontade. Ela nunca, nunca deixaria isso acontecer com ele.

O tempo rastejou. Nada se moveu. Tudo o que ela viu foi uma quietude cinzenta; tudo o que ela ouviu foi o tamborilar constante nas janelas. Era uma espécie de tortura.

Sua mente vagou pelos caminhos enevoados até Torbury St Jude; viu Sarah perdida, caindo no rio, arrastada pela corrente pelas saias encharcadas como a cigana do diário de Anne. Ela deu um tapa nas bochechas e tentou direcionar seus pensamentos em uma direção melhor. Eles giraram por um momento e então, tontos, tropeçaram em direção a Jolyon. *Não* .

Depois de duas horas, ela pensou que iria perder a cabeça. Com as articulações rígidas, ela se levantou com um gemido. Ainda a chuva caía, leve mas insistente. Tudo parecia o mesmo de manhã. Ela sentiu que tinha vivido dez vidas desde então.

O ar estava girando. O odor subiu lentamente, como um rubor do cadáver de Jolyon, roubando o cheiro de folhas de louro e limão que sempre fizeram parte dele. Ele parecia tão sujo e negligenciado: manchas de lama em suas mãos, fragmentos de vidro brilhando em seu cabelo emaranhado. A polícia seja enforcada – ela ia lavar seu filho.

Ela mancou pela porta de baeta para os aposentos dos empregados. Ela se fechou atrás dela, envolvendo-a em pedra fria.

A última vez que ela entrou nesta passagem havia uma equipe de cinco pessoas. Agora os corredores tinham um ar de abandono. Foi-se o som do fogão da cozinha e o cheiro de sabão. Nenhuma lamparina a óleo brilhava.

Enquanto se dirigia à cozinha para buscar água, passou pelo quarto da governanta. A porta estava fechada. A Sra. Holt ficou sentada ali sozinha, todo esse tempo, no escuro?

Sua mão pairou sobre os painéis, insegura. Se a Sra. Holt queria ficar sozinha, não tinha o direito de perturbá-la. Ela tinha acabado de se decidir a ir embora quando ouviu um som vindo de dentro.

Não um soluço, como ela esperava. Algo mais baixo, prolongado. Um gemido ou um rangido, como ossos velhos.

Ela estendeu a mão para a maçaneta, mas não a girou. O pulso tamborilou em sua garganta.

Creeak . Uma corrente de ar passou por baixo da porta e tocou seus tornozelos. Ela tinha que voltar para Jolyon, ela tinha que—

Assim que ela se virou, Jasper gritou.

Isso a imobilizou. Aquele som patético e esganiçado, tão parecido com o choro de um bebê. Ela tentou empurrá-lo de lado e endurecer seu coração, mas ele veio de novo, mais alto desta vez. Perfuração. Em seguida, o mesmo rangido.

'Droga, Jasper.' Repreendendo-se, ela girou a maçaneta e empurrou.

A sala deslizou à vista. Elsie apertou os dedos feridos ao redor do batente, cravando as unhas na madeira.

Todas as gavetas da mesa da Sra. Holt estavam abertas. Papéis cobriam a mesinha com o pano floral. Jasper sentou-se nele, choramingando, enquanto os vários recibos e receitas flutuavam abaixo dele. Diamantes de chuva mancharam seu pelo preto. A janela escancarada.

'O que . . .?' Uma das cadeiras estava faltando. 'Jasper, onde está a Sra...'

O rangido soou, bem perto de seu ouvido. Ela se virou. O ar entupiu em sua garganta.

Foi o movimento que ela viu primeiro – suave, como uma árvore balançando ao vento. Só então ela começou a entender: o rangido, não da madeira, mas do cânhamo; os pés oscilantes. Seu olhar percorreu o vestido preto até os ombros caídos e um rosto que não pertencia a ninguém: vermelho-azulado;

os olhos arregalados; a língua de fora. A governanta tinha amarrado um laço em torno de um gancho no teto. Tudo o que tinha uma vez a Sra. Holt estava pendurada ali, suspensa como um saco de grãos.

Náusea empurrou para cima de seu estômago. Enquanto as saias balançavam para frente e para trás, ela captou flashes de um rosto de madeira atrás delas, o rosto de uma empregada feito terrível pelo medo.

Helena.

Ela estendeu a mão e arrancou Jasper da mesa.

O medo dominou sua dor quando ela deslizou para fora da porta, através das passagens, para a cozinha. *Sibila, silva* . Oh sim, eles estavam vindo agora. Eles só esperaram que ela visse o pesadelo da Sra. Holt antes de começar o seu.

Sua mão se atrapalhou com a porta do quintal. 'Vamos! Vamos.'

Jasper arranhou com ela.

Ela rangia e gemia, mas não se movia. A porta estava trancada.

Sibilo .

O quarto da governanta – a Sra. Holt tinha o molho de chaves. Ela só precisava entrar lá e – não, caramba, ela não precisava roubar as chaves de um cadáver, ela poderia sair pela janela aberta do quarto. Por que ela não tinha pensado nisso antes?

Sibila, sibila. Dentro de seu cérebro, zumbindo em seus pensamentos.

Sibilo .

'Cale-se!' ela gritou. 'Cala a boca!'

Ela foi forçada a se abaixar e colocar Jasper a seus pés. A dor queimava: agulhas quentes subindo e descendo por sua perna, chamas furiosas em seu

peito. Então aquela sensação dentro de sua cabeça quando o silvo veio novamente, um fogo de artifício explodindo.

Jasper miou e trotou para frente, virando-se para ver se ela o seguiria. Com grande dificuldade, ela mancou atrás dele.

Sibila, silva . Diferente do som que assombrava seus sonhos: agora ela ouvia o vapor da fábrica nele. Uma serra também, mas não uma cortando madeira. Ele rasgou alguma outra substância, pulverizando líquido.

'Não.'

As letras pintadas de branco que soletravam *Governanta* apareceram. Essas cartas estavam na frente da porta – mas ela não a deixou aberta?

Sibilo .

Bloqueado. Outra porta, trancada. Ela jogou o ombro contra os painéis, gritando de dor e frustração. Seus punhos bateram, inúteis, na madeira.

Sibila, sibila.

Jasper sibilou de volta. Ele perambulou pela passagem de pedra. Caçando.

'Esperar.'

Ela tropeçou atrás dele. A dor queimou e lançou formas negras diante de seus olhos. Ela tinha que ignorá-lo, ela não podia ceder agora. Essa agonia não era nada comparada a...

Sibilo .

O choque a chutou no estômago, depois no peito. Ela reconheceu *o* som.

Estava dentro dela, parte dela, mas seu cérebro estava sufocando e se recusando a deixar a memória subir.

Sibilo .

Objetos batendo na calha. Nem talas. Mais suave, mais úmido.

Chegaram à porta de baeta.

Jasper se recompôs e atacou. A porta se abriu, ampliando o som e o cheiro –

não rosas desta vez, mas fósforo, madeira queimada e metal queimado.

Uma nota aguda e doentia subindo acima de tudo. Sangue.

Ela cambaleou para o Salão Principal. O vento uivava, arremessando alegremente a chuva contra as janelas. A luz estava desaparecendo rapidamente. O fogo moribundo tocou o rosto de Jolyon com listras alaranjadas, e ao lado dele—

'Não!' A palavra rasgou dela, levando-a por dentro com ela.

Jasper gritou e arqueou as costas.

Outro companheiro: um que ela carregava há muito tempo. Seu rosto malicioso, o músculo robusto e brutal dele.

Pai

Sibilo .

Ela não podia mais sentir a dor nas costelas. Outras sensações assumiram o controle. Era muito pior do que ela se lembrava; não apenas o terror, mas a raiva, a impotência e o desgosto.

Sibilo .

— Você não pode tê-lo! Cai fora!'

Ela foi se mexer, mas sua perna ruim se dobrou e ela estava de joelhos, vomitando.

'Fique longe dele!'

Sibilo .

Ela olhou para suas mãos, espalhadas nas bandeiras cinza e preta. Suas bandagens estavam descascando. Lá, sob as feridas recentes, estavam as cicatrizes de outrora – o pecado ardeu em sua pele.

Sibilo .

A barragem cedeu. Ela se lembrava de tudo.

E ela não se arrependeu.

Ela estava lá na fábrica, com doze anos, agachada com sua caixa de fósforos, as veias pulsando com a batida do coração. Acender o fogo, muito apressado, todos os dedos e polegares. Mais uma vez ela sentiu seu calor vingativo respondendo a fúria que assolava dentro dela. E ela não se importou que tivesse queimado suas mãos porque então ela se tornou a chama, se tornou as chamas, se tornou a isca para seu pai que correu como um louco para tentar apagá-la.

Ele a viu? Ela esperava que ele a visse, como Ma fez, aquela fração de segundo antes de ele cair. A criança que ele havia abusado se atirou em sua perna, empurrando-o direto para a serra circular.

Sibila, sibila. O maquinário lutando para lidar com isso, as lâminas entupidas. Gore caindo no cocho. Uma espécie de borbulhar quando o sangue se espalhou pelo chão, fazendo as garotas dos fósforos gritarem.

Mas então o barulho se transformou em um zumbido, um estalo quando ossos apertavam os dentes. Vapor saiu ofegante da máquina. A serra deu um estertor. Tudo ficou quieto, e Jolyon estava a salvo.

Até agora.

'Você . . . não pode. . . ter . . . ele!'

Jasper saltou antes dela, garras brilhando nas brasas do fogo. O

companheiro do pai tombou, ainda olhando de soslaio, na grade.

Uma baforada de fumaça, um estalo. Então ele pulou em chamas.

Jasper deslizou para trás do fogo. Estava indo rápido demais; serpenteando pelo comprimento do companheiro, lançando faíscas como pulgas luminosas. Nenhum fogo natural poderia queimar assim.

A fumaça ardia em seus olhos. Ela agarrou Jasper e subiu, instável, a seus pés.

Um tronco estalou e o tapete oriental pegou fogo.

'Jolyon!'

Mas o tinha em suas mãos. Línguas alaranjadas saltavam e se contorciam, refletidas nas espadas penduradas na parede. Ela o observou dançar, fascinada, horrorizada, até que começou a tossir.

Ela se virou e viu os contornos vacilantes de companheiros em todos os lugares: nas escadas, espiando da galeria, de pé em todas as portas.

Impedindo seu caminho.

Estava quente. Tão quente. O pelo de Jasper fez seus braços suarem.

Flocos de neve carbonizados de cinzas flutuavam no ar. Ela não conseguia mais distinguir qual companheiro era qual; ela não conseguia nem ver a porta da frente.

Não havia nada além das chamas.

Uma janela. Balbuciando, ela lutou em direção a um retângulo brilhando através da fumaça. A janela com vista para a unidade. Foi aqui que eles ficaram, Hetta e o menino cigano, observando-a. Sabendo que isso aconteceria.

Embalando Jasper em um braço, ela bateu na janela com a mão livre. Vidro quente – insuportavelmente quente.

'Vamos!'

Aquela chamuscada velha e familiar em suas palmas. Era assim que ela havia vencido antes – lutando contra a dor. Ela poderia fazê-lo. Ela poderia fazer seu corpo fazer qualquer coisa. Ela tinha aprendido da maneira mais difícil.

Ela bateu no vidro novamente. Novamente. Seus dedos gritaram e ela os trouxe de volta, pingando sangue. Novamente. O vidro rachou.

O fogo rugiu atrás dela. Ela sentiu sua respiração, espremendo o suor de sua nuca. Claro, ela deixou o ar chegar até ela. Ela tinha piorado.

'Rápido, Jasper, rápido!'

Ele era uma confusão de membros e garras se debatendo, tentando pressionar as patas de cada lado do buraco e impedi-la de colocá-lo através dele. Mas ela era áspera, impermeável a ele. O vidro quebrou novamente e ela o empurrou para fora com ele, uivando furiosamente.

Calor subiu pelas costas dela. Ela sentiu sua pele levantar e apertar. A dor.

A *dor* , vasculhando suas roupas com as mãos em chamas.

Ela não pensou. Não houve tempo para pensar – ela deu alguns passos para trás e correu, como Jolyon deve ter feito, direto para o vidro. Com os braços protegendo o rosto, ela se jogou na janela e a quebrou em pedaços.

Uma forquilha de fogo atacou atrás dela, mas ela já estava no chão, batendo em seu vestido, rolando pelo cascalho e sufocando as chamas. A chuva caiu e extinguiu o resto. Muito tarde. O estrago estava feito – ela podia sentir sua pele empolar e estourar no ar implacável.

Jasper tinha corrido até a árvore mais próxima. Seus olhos verdes olharam para ela enquanto ela rastejava, fumegante e meio morta, pelos jardins úmidos. Ela tinha que fugir do fogo. Da casa.

Seus músculos estavam gritando. Sujeiras negras dançavam em sua visão e ameaçavam assumir o controle. Este era o limite: a fonte. Seu corpo não iria

mais longe. Ela caiu sobre a borda, os braços vermelhos e crus balançando na bacia.

Uma rajada de vento soprou pelas colinas. Ela sentiu o cheiro na brisa: rosas e tomilho, salpicando a fumaça. Ela tossiu.

- Sra. Bainbridge!

Sara?

Ela espiou através do jardim cintilante e coberto de calor. Mas não foi Sarah que ela viu. Havia um companheiro, junto à topiaria. Quem começou tudo: Hetta.

- Sra. Bainbridge! Bom Deus!'

Parecia a *voz* de Sarah, vindo do outro lado dos jardins, embora ela não pudesse ter certeza. Ela podia ouvir duas vozes ao mesmo tempo, uma se sobrepondo à outra.

Enquanto ela olhava fixamente para Hetta, uma forma escura, uma forma mais alta, correu pelos jardins, sobre o cascalho em sua direção. Humano.

Se era homem ou mulher, ela não sabia dizer. Parecia-lhe que dois se moviam ali, não um. Ambos, estendendo as mãos para ela.

- Sra. Bainbridge!

Quando ela acordou, havia outra chamando seu nome, uma enfermeira com cara de rato. Seus arredores eram brancos e estéreis. Ela sentiu o cheiro de sabão carbólico. Urina. A dor foi costurada em sua pele.

Ela abriu a boca ressequida para falar, mas apenas um coaxar saiu mancando de seus lábios. Sua voz sumiu – sumiu com a memória e a fumaça.

HOSPITAL DE SÃO JOSÉ

Quando terminou de ler, permaneceu curvado sobre a mesa, olhando para a última palavra. Então ele empurrou para trás e se inclinou em sua cadeira, fazendo um som oco em sua garganta. Aquele som pareceu cair através dela, como uma moeda de um centavo em um poço, ecoando quando atingiu as bordas e aterrissou com um baque surdo na boca do estômago.

Fracasso. Todo esse trabalho, arando memórias e emoções até que fossem sementes no topo do solo para os corvos bicarem, e ainda – fracasso.

Ou foi? Ela o observou minuciosamente, alerta para a menor mudança em seu semblante. Seus olhos verdes não se moviam, estavam fixos no papel.

Uns bons três minutos se passaram. O espaço entre eles engrossou, pesado com expectativa.

Ela imaginou sua mente como uma grande máquina, os pistões bombeando, montando seu passado em... . . que? Ela queria mesmo saber?

"Bem", ele suspirou. 'Nós vamos. Deve ter sido o Sr. Underwood que você ouviu, chamando seu nome. Ele encontrou você.

Apenas uma migalha de informação, mas ela se inclinou para frente, ansiosa para pegá-la.

— Embora — continuou ele, mexendo-se na cadeira — tenha sido consideravelmente mais tarde do que você escreveu aqui. Noite inteira. Ele viu o brilho da sua casa no horizonte e deu o alarme.

Ninguém havia dito isso a ela. Ninguém havia lhe contado nada.

Surgiram flashes de memória dolorosa: não apenas fotografias sépia de pessoas, mas suas vozes, seus aromas, os sentimentos que inspiravam. Sr.

Underwood, Sarah, Jasper. O *que* aconteceu com eles?

Ela considerou a história como seu segredo. Agora ela o via diante dela na mesa, páginas e páginas cobertas com sua escrita grande e quadrada, e percebeu que estava incompleto. O fim não estava em seu poder. Dr.

Shepherd realizou o último ato, trancado dentro dele.

Hesitante, ela pegou o lápis dele e escreveu uma palavra no final da última página.

Sara?

'Essa é a questão. O que aconteceu com Sarah Bainbridge?

Ela inclinou a cabeça, tentando ver o olhar em seus olhos, mas a luz estava errada. As lentes de seus óculos eram opacas, ocultando-o de vista.

'O que você escreveu. . . Acho que talvez eu possa usá-lo. Mas possivelmente não da maneira que você esperava. Não prova sua inocência, ou mesmo qualquer coisa, exceto uma grande facilidade de invenção. E se a imaginação fosse uma doença, o Sr. Dickens seria um residente permanente aqui.

Imaginação! Pelo menos a *loucura* tinha poder. Não a fazia parecer pueril, uma garota sonhando com fadas e unicórnios.

Sara? Ela sublinhou a palavra, riscando o papel.

'Sim. Ela é a única pessoa capaz de colaborar com sua história. Se o que você escreve é verdade, ela pode confirmar seu paradeiro no momento da morte de Jolyon Livingstone.

Uma lágrima molhou seu rosto com a menção do nome de Jolyon.

— Aqui chegamos à nossa dificuldade, Sra. Bainbridge. Desde que você começou a escrever, tenho vasculhado registros em busca de Sarah Bainbridge. Você arriscaria um palpite sobre o que eu encontrei? Ele estendeu as mãos, mostrando-as vazias. 'Nenhuma coisa. Não consigo rastrear uma entrada do censo, uma morte – nada. Até tirei um anúncio pedindo informações. Sarah Bainbridge desapareceu.

Outra lágrima, caindo para se juntar e acelerar na primeira. A pobre Sarah nunca chegou à polícia. Eles não tinham encontrado o corpo dela. Poderia estar em alguma vala, corrompendo, moscas entrando e saindo entre seus lábios. Ah, Sara. Ela merecia muito mais do que isso.

O Dr. Shepherd tossiu – não uma tosse de verdade, mas um modesto pigarro. Um prenúncio. Estava chegando agora: sua teoria.

— Uma coisa está clara para mim por sua escrita, Sra. Bainbridge. Você tem uma tendência a reprimir emoções desagradáveis. É sua defesa, sua estratégia para lidar. Os – incidentes – com seu pai, por exemplo. Em seguida, episódios ausentes da história. Elsie – ou seja, a Elsie nestas páginas – desmaia em várias ocasiões. Não posso deixar de sentir que cada um representa um pedaço do passado que você se recusa a lembrar.

No corredor, uma campainha tocou.

'Vamos considerar, por um momento, que você está submergindo ativamente suas memórias prejudiciais. Sua raiva de seus pais, a culpa que você sente por suas mortes – qualificadas ou não, não posso dizer neste estágio. Todas essas emoções sombrias devem ir para algum lugar. Eu li sobre eles se voltando contra o corpo do paciente e deixando-o doente. Mas

também existem casos em que eles se fragmentam, por assim dizer, no que só podemos chamar de dupla consciência.

— Você consideraria uma possibilidade para mim, Sra. Bainbridge? Sem dúvida será alarmante, mas quero que você se abra para a possibilidade de que Sarah Bainbridge não tenha existido. Que ela era, de fato, um aspecto de você.

Ela pegou o lápis, tentou manter a mão firme. *As pessoas a viram. Eles falaram com ela.*

— Então você acredita. Sua voz era suave, mas não gentil. Insinuando, fazendo cócegas dentro de seus ouvidos. — Mas não podemos verificá-lo.

O elenco de sua história se foi. As únicas pessoas que poderiam atestar a existência de Sarah Bainbridge agora estão mortas e enterradas.

Senhor Underwood.

"Ah." Ele cruzou as pernas. — Lamento dizer que o Sr. Underwood também morreu.

Seus dedos se moveram, mas tudo o que ela sentiu foram as vibrações do lápis. *Como?*

'Pelo fogo. Parece que quando o grupo de resgate chegou de Fayford, o Sr.

Underwood enviou alguns aldeões para Torbury St Jude em busca de ajuda.

Mas ele não esperou pelo retorno deles. Testemunhas dizem que ele falou de outras pessoas, presas dentro do prédio. Isso está de acordo com a sua história – ele não saberia sobre as mortes do Sr. Livingstone ou da Sra.

Holt, ele os imaginaria ainda lá dentro. Ele correu para a ponte para tentar resgatá-los, mas infelizmente. . . Pobre homem.'

Jaspe?

Um sorriso aliviado se abriu em seu rosto. 'Pelo menos lá, eu tenho algumas boas notícias. O pequeno companheiro não o deixou com seus ferimentos.

Ele te protegeu bastante. Ao raiar do dia, nosso pessoal havia chegado em resposta ao telegrama do Sr. Livingstone. Dada a sua condição, a polícia se dispôs a nos deixar levá-lo à nossa enfermaria, e o gatinho tentou segui-lo.

Um dos ordenanças teve pena dele, trouxe-o de volta aqui. Desde então, ele vive com nosso superintendente-chefe. Eu o vi. Muito gordo, parece, e muito feliz também.

Nove , ela escreveu.

'Eu sinto Muito?'

Nove vidas .

'Ah! Sim, bastante. O Dr. Shepherd descruzou as pernas e se inclinou para descansar as mãos sobre a mesa. Ele tinha unhas curtas e uniformes.

Cabelos loiros cresciam em seus dedos. Ao lado dele, sua própria mão queimada parecia a pata de um monstro. 'Felizmente, não temos nove vidas para contabilizar. Só dois. Sr. Livingstone e Sra. Holt.

Por fim, seus olhos se encontraram com os dela.

— Sra. Bainbridge, não acredito que a tenha matado. Eu nunca fiz. E

embora eu também não possa acreditar em todos os aspectos de sua história, *acredito* em seu amor pelo Sr. Livingstone. Você não iria machucá-lo.

Parece-me que o incêndio foi um acidente, como muitos incêndios são. Ele consumiu a vida de dois, e quase o consumiu, até que a Providência o ajudou a escapar. Mas você deve compreender, minha crença é irrelevante.

Um júri vai olhar para isso e ver uma mulher cujo pai morreu em circunstâncias suspeitas, cujo marido morreu dentro de um quarto do casamento, para sua vantagem considerável. Dois servos mortos em acidentes misteriosos. Então, no mesmo dia, um telegrama é enviado a um asilo para dizer que você é incontrolável e precisa de contenção. . . Você vê como é.

Assassina . O nome não combinava com a Elsie da história, mas agora ela tinha o rosto para isso: a carne rosada e brilhante; cabelo curto; olhos que pareciam ter sido parafusados nas órbitas. Um monstro, presenteado às multidões. Como eles a devoravam, escreviam sobre ela, se deliciavam com pequenos gritos afetados enquanto ela cambaleava de e para o cais.

— Tenho poucas opções, Sra. Bainbridge. Devo fazer meu relatório, e logo.

Seus dedos se contraíram. Eles escreveriam as próximas palavras, as palavras que decidiriam seu destino. Ela os considerou, cautelosa. Poderiam esses dedos finos e afilados manter sua vida segura?

— Até onde posso ver, há apenas duas maneiras de mantê-lo fora da prisão.

A primeira é que você se submeta à minha teoria. Aceite que você é um indivíduo perturbado, prejudicado por um par de pais cruéis e insensíveis.

Você me permite dizer que Sarah é uma parte separada do seu subconsciente, que você pode ter matado, mas não pode aceitar o que fez, então você inventou esses fantasmas, esses *companheiros* , para assumir a culpa por você. O veredicto será, sem dúvida, culpado, mas pelo menos temos uma chance de alegar insanidade criminal. Isso significa Broadmoor em vez de Newgate.

Deixar todos acreditarem que ela assassinou Jolyon? O nome dela vai para o registro como o destruidor de sua vida? Ela balançou a cabeça, veemente.

— Deve insistir nisso, Sra. Bainbridge. Prometa-me que você vai. Pode não ser toda a verdade, mas. . . É nossa melhor esperança.

O lápis escorregou em sua mão suada. *Outra opção?*

Sua boca se torceu. — Bem, existe um, mas temo que não seja provável.

Sim .

— Minha cara Sra. Bainbridge, sua única outra opção é rezar para que Sarah Bainbridge entre por aquela porta, pronta para jurar sua inocência.

Ela sonhou com Sarah naquela noite. Vestido lavanda, capa cinza, balançando na chuva. Ramos se contorceram acima de sua cabeça, estendendo a mão para ela com um apelo mudo. Suas botas deslizavam pelas poças que borbulhavam no chão.

A paisagem se estendia à sua frente; valas, montículos negros e a massa indisciplinada de sebes. Atrás ficava a aldeia de Fayford em tons de prata e cinza, um daguerreótipo do lugar que Elsie conhecera. Não havia luz.

Sara tropeçou. A lama grudou na bainha de sua saia. Seus tornozelos estavam encharcados e seu vestido estava molhado, grudado em suas pernas. Ela parecia totalmente perdida, totalmente sozinha. Afogamento.

Um rangido; longo e baixo, como um gemido de dor no escuro. Duas batidas pesadas – *thump, thump* . Então o rangido novamente.

As pálpebras de Elsie piscaram. O som era do sonho dela? Ou estava no quarto? Ela ainda podia ver Sarah, intimidada pelas agulhas prateadas caindo sobre ela, mas ela não podia sentir o cheiro de grama úmida, ou o cheiro metálico da chuva; um aroma mais doce e pesado encheu seu nariz.

Rosas .

Ela acordou. Instintivamente, ela contraiu os braços. Eles estavam presos ao lado dela, sobrecarregados pelos lençóis dobrados. Ela tentou olhar ao redor, mas viu apenas preto.

As tábuas do assoalho gemeram. Elsie ouviu de cima a baixo em sua espinha. Pequenos tapinhas, como os passos de um animal.

Jaspe?

Mas não; Jasper não estava aqui. Ela não estava na Ponte. Ela soltou a respiração, aliviada por esse único fato: ela não estava lá.

Bate, bate. Ela pulou. Alguém na porta.

Ela não iria responder, pensou loucamente, eles não poderiam obrigá-la. Ela tentou se esconder debaixo das cobertas, mas elas estavam apertadas, muito apertadas. A batida veio novamente.

Quem poderia ser? Enfermeiras, atendentes, médicos – nenhum deles *bateu* para entrar.

As tábuas do assoalho a seus pés gemiam. O som vinha de dentro da sala.

O medo apertou sua garganta. Ela não podia gritar, ela não podia gritar; ela só conseguia arrastar as pernas na ponta da cama enquanto o rangido se aproximava cada vez mais. Ainda assim, os lençóis se recusavam a ceder e estava quente; ardente como um sopro do inferno.

Ela se sentiu doente. Ela queria chorar. Fortalecida pelo desespero, ela arrancou os braços dos lençóis e tateou debaixo do travesseiro. *Por favor, esteja lá, por favor, esteja lá.* Mas não, isso era passado. Eles não a deixaram guardar fósforos aqui.

Algo tocou seu pé.

Queimou como uma marca. Flechas incandescentes perfuraram sua pele, viajando por suas veias. Eles cortaram a garganta bloqueada de Elsie e soltaram seu grito.

Passos soaram do lado de fora. Vozes, pessoas reais, vindo para ajudar. Ela manteve os olhos fechados e gritou mais alto. Eles não podiam vir rápido o suficiente.

Ela os ouviu sacudindo a corrente, atirando parafusos de seus berços. Por que demorou tanto?

Outra marca na perna. Até a canela, agora.

Bang . A porta bateu na parede. Lâmpadas a gás estavam acesas no corredor; sua luz ricocheteou no quarto.

Foi apenas um vislumbre, capturado nas sombras, mas Elsie viu: Sarah. De madeira, pintado.

Ela gritou novamente.

'Cuidado.' A voz baixa de um atendente.

Algo assobiou, então um corte de luz rasgou sua visão. Ela fechou os olhos, cega. Era a lâmpada do quarto dela – eles a tinham acendido. Lentamente, lentamente, ela conseguiu abrir os olhos franzidos. Sara se foi. Em seu lugar estavam dois atendentes corpulentos e um homem usando algemas de papel.

'Agora!'

Eles atacaram, agarrando a carne tenra de seus pulsos. Mais dois atendentes pegaram seus tornozelos. Os lençóis caíram facilmente agora, não mais

tensos e sufocantes.

Ela chutou e se debateu, mas não cedeu. Eles eram insensíveis aos seus golpes, surdos aos seus gritos. Ela tentou morder. Um gosto acre e seco encheu sua boca enquanto eles a enchiam com um pano. Engasgando, ela tentou cuspir, mas algo cobriu seu rosto, passando por seus olhos; algo grosseiro e rígido e cheirando a terror.

A pressão apertou em torno de suas costelas. Suas mãos em garras estavam mergulhadas em mangas sem fim. Por um momento ela era uma figura macabra com braços longos e arrastados e sem mãos. Em seguida, as mangas foram cruzadas sobre o peito e presas bem atrás das costas. Um cadáver: ela foi amarrada na posição de um cadáver.

O homem com algemas de papel deu-lhe um sorriso horrível. Seus dentes estavam podres. — Melhor chamar o médico. Diga a ele que é um milagre sangrento. A assassina pode falar.

Ela tentou. As palavras estavam todas lá, enfileiradas em sua garganta, clamando por liberação: *corra* ; *Sara* ; *companheiros* ; *chegando* . Mas sua língua seca e inchada recusou-se a se mover.

Ela fez um som ofegante e isso foi tudo. Um eco patético do silvo dos companheiros.

"Parece que ela não pode falar comigo", disse um atendente.

O homem a olhou. Seu sorriso se transformou em um olhar malicioso.

'Bem, de qualquer forma, ela pode gritar.'

O quarto acolchoado novamente. Deve ser. Ela podia sentir o cheiro de palha sob a lona imunda nas paredes. Palha, odor corporal e medo: um cheiro pungente que não se esquece facilmente.

Oleado cobria o chão e chiava enquanto seus pés descalços andavam de um lado para o outro, para frente e para trás, para frente e para trás. Ela podia ouvir; podia sentir as fivelas do colete apertando contra seu torso. Eles

também foram contra a mãe de Rupert? *Não, não, não* . Tudo o que ela queria era voltar ao tempo em que o mundo era calmo e seguro. Por que ela começou a escrever em primeiro lugar?

Em algum lugar dentro do hospital, uma campainha tocou. Muito alto, muito real, mesmo através do canudo.

Ela precisava ver o Dr. Shepherd. Se ele a tivesse acordado, talvez pudesse mandá-la de volta ao sono. Então ela não teria esses pesadelos horríveis com Sarah, nem seria forçada a suportar os próximos passos do processo.

Um inquérito? Um julgamento? Ele ia se levantar em uma plataforma e falar sobre ela como se ela fosse uma espécie rara de planta, expondo tudo o que ela havia escondido sob o solo. Homens como aquele potencial investidor fabril, o Sr. Greenleaf – gordo, privilegiado e cheio de pelos faciais – sentariam para ouvi-lo e decidiriam o destino dela entre eles.

E que destino foi esse? A Dra. Shepherd disse que o melhor que ela podia esperar era Broadmoor: fortaleza para criminosos insanos. Ela tinha uma noção de que faria St Joseph's parecer o hotel de Claridge.

Talvez se o remédio fosse forte o suficiente, como era antes, ela pudesse suportar. Mas sobreviver como ela estava agora – alerta, lembrando?

Impossível.

Uma fechadura estalou. Dr. Shepherd voou para a sala.

Algo havia acontecido com ele. Ele não usava jaqueta ou colete, apenas mangas de camisa com um par de suspensórios bege à mostra. Seu cabelo estava despenteado. Ela notou uma impressão digital na lente de seus óculos e manchas de tinta na ponta dos dedos.

- Sra. Bainbridge, perdoe-me. Eu deveria ter vindo muito mais cedo quando soube de sua pequena explosão, mas os acontecimentos me surpreenderam.

Ele a olhou de cima a baixo, realmente a vendo pela primeira vez. — O

colete? Eu não sabia que eles tinham feito isso. As minhas desculpas, Senhora Deputada Bainbridge, vou pedir que o retirem e a coloquem de volta num quarto adequado. Por que eles achariam tudo isso necessário?

Pelo que entendi, você só teve um sonho ruim?

Ele olhou para ela. Ela olhou de volta.

“Ah, claro, você não pode escrever – seus braços. Eu imploro seu perdão.

Não estou pensando coerentemente.

Quase como uma reflexão tardia, ele fechou a porta atrás de si. Seus olhos estavam injetados: não parecia que ele havia dormido. Mas então, ela não podia ter certeza do tempo nesta cela sem janelas. Ainda pode ser no meio da noite.

"Eu estava escrevendo meu relatório", disse o Dr. Shepherd. Percebendo seus dedos manchados de tinta, ele distraidamente os enxugou contra as paredes. — Você vê as marcas disso! Eu estava apresentando a teoria que discutimos sobre seus pais e a Srta. Bainbridge quando... Bem, vou precisar refazê-la. Ou não escrever nada, mal posso dizer. Isso é muito, muito irregular.

Nunca sentira tanta falta de sua voz. Ontem à noite ela gritou, mas parecia que era tudo o que ela podia fazer. Ela se lembrou do diário de Anne, o demônio segurando a língua de Hetta. Era assim que se sentia: um colete apertado na língua sem ninguém para afrouxar os laços.

O Dr. Shepherd tirou os óculos e os limpou na camisa. — Devo dizer que é um golpe e tanto para o meu orgulho. Achei que tinha entendido, e o relatório leu muito bem. Mas, nesses casos, fica-se feliz por estar errado.

Você olha. Mas é claro que nem comecei a explicar. Ele colocou os óculos de volta – eles ainda estavam manchados. — Eu pediria que você se sentasse, mas parece que meus colegas imprudentes não providenciaram uma cadeira. Não importa. Terei de lhe pedir, Sra. Bainbridge, que se prepare para algo maravilhosamente estranho.

Ele estava falando sério? *Maravilhosamente estranho?* Ele tinha lido a história dela?

— Ontem à noite, ou melhor, hoje de manhã, recebi um telegrama. Foi em relação ao anúncio que coloquei pedindo informações sobre Sarah Bainbridge.

A sala parecia dilatar. Ela prendeu a respiração.

— Você não acreditaria, depois de todo esse tempo, mas era *de* Sarah. Ela existe, ela está viva.

Vivo . Tantas possibilidades em uma palavra – era uma porta abrindo da cela dela, abrindo da cripta.

Ela deve ter ficado pálida, pois ele agarrou seu ombro com força. — Sim, posso ver o que você está sentindo. É milagroso. Estou tão, tão feliz por você, Sra. Bainbridge. Parabéns.'

Sarah juraria que a morte de Jolyon foi um acidente. E embora ela não estivesse lá para ver a Sra. Holt enforcada, ela poderia testemunhar seu estado de espírito na época, a raiva e o desânimo que ela demonstrou após a perda de seu único filho.

Ninguém poderia chamar Elsie de criminosamente insana depois disso. Ela não era uma assassina. Ou, pelo menos, não nesse aspecto. A Dra. Shepherd revelaria sua estranha narrativa e a confissão sobre a morte de seus pais?

Ela não pensava assim. Ele estava sorrindo de orelha a orelha, olhando para todo o mundo como se ele a tivesse salvado pessoalmente do laço.

“A comunicação por telegrama é naturalmente bastante atrofiada. Eu não poderia fazer muitas perguntas a Sarah, mas posso fazer isso pessoalmente.

Ela está vindo, depois de amanhã. O hospital concedeu-lhe uma entrevista com nós dois. Eu entendo que ela pretende se apresentar à polícia, mas ela queria ver você primeiro.

Sara. Não mais apenas um personagem em sua história, mas uma pessoa de carne e osso que cuidou dela. O pensamento a sufocou de alegria.

O que ela disse antes de partir para Torbury St Jude? Algo sobre reconstruir suas vidas juntos. Sim, eles realmente poderiam. Com as provas de Sarah, Elsie pode ser libertada. Haveria alguém para cuidar dela, alguém por quem viver. Ela não trataria Sarah como a Sra. Crabbly, uma mera companheira paga. Eles começariam de novo como iguais.

'Agora', disse o Dr. Shepherd, 'é melhor eu me apresentar apresentável antes de começar minhas rondas. Sente-se firme, Sra. Bainbridge, e mandarei alguém desamarrá-la. A equipe não tem desculpa agora, nenhuma desculpa, para tratá-lo como um criminoso.

Ela não se importou quando ele fechou a porta, mergulhando-a de volta na escuridão. Ela nem se importou com o colete estreito restringindo o fluxo sanguíneo para os braços. Ela podia suportar qualquer coisa agora. Isso foi apenas temporário.

Eles a haviam banhado. O Dr. Shepherd até persuadiu as enfermeiras a trocarem seu vestido de hospital por um mais novo, ainda não desbotado pela lavanderia. Um lenço azul estava amarrado em seu pescoço – de aparência respeitável, como lunáticos. Mas Elsie não conseguiu conter sua ansiedade. Como Sarah reagiria quando ela finalmente chegasse? Com seu piso de ladrilhos e luz aquosa, a sala comprida lembrava a Elsie um necrotério. Uma mesa de metal havia sido colocada no centro. Ela e o Dr.

Shepherd estavam sentados de um lado; uma cadeira estava pronta para Sarah do outro lado. Elsie tinha uma visão da porta no canto esquerdo da sala e, em frente a ela, um espelho redondo pendurado logo abaixo do teto.

Estava inclinado para que um médico ou atendente que entrasse pudesse ver os cantos mais distantes – poderia ver, em suma, se um lunático estivesse prestes a atacá-los.

O espelho não mostrava uma visão distinta do rosto de Elsie. Só refletia a cor da pele, como carne de salsicha. Ela parecia diminuída, uma ruína da

mulher que Sarah conhecera. Um gorro branco cobria sua cabeça, escondendo os tufos desgrenhados de seu cabelo.

Eles haviam preparado Sarah para o choque de vê-la?

O Dr. Shepherd colocou a mão sobre a dela. — Coragem, Sra. Bainbridge.

Ela estará aqui em um momento.

Seu estômago revirou com os nervos. Ela meio que temia que Sarah desse uma olhada nela e gritasse. Mas essa era Sarah, que se importava com mulheres velhas, que até tinha pena de Hetta. Ela foi gentil. Ela veria além da desfiguração. Uma vez que o inicial aborrecimento acabasse, eles continuariam como antes – só que desta vez, eles estariam livres do medo.

O que Sarah disse uma vez? *O fogo os torna mais poderosos* . Não tinha. A Ponte foi queimada e se foi, e o mal junto com ela. Nenhum companheiro foi encontrado nos escombros, o Dr. Shepherd confirmou isso. Apenas ossos e cinzas.

As juntas da porta gemeram. O Dr. Shepherd se pôs de pé. Elsie não podia confiar em suas pernas para ficar de pé – ela simplesmente agarrou a borda da mesa.

"Senhorita Bainbridge para você, doutor", disse um atendente.

Elsie estava tão preocupada com sua própria aparência que não parou para pensar em como Sarah ficaria. Ela esperava a mesma garota mal vestida e monótona que ela havia dispensado. Mas a senhora que entrou na sala usava

q

p

q

um vestido de seda verde arsênico abotoado até o pescoço. Sua agitação franjada farfalhava atrás dela. O cabelo de camundongo que sempre caía dos grampos estava penteado para trás e arrumado em uma pilha de cachos de

salsicha em cascata. Empoleirado na lateral de sua cabeça estava um chapéu preto com uma pena verde e um véu de rede.

Um impostor.

Mas não – o rosto era o mesmo. Um pouco mais gorda, talvez, e melhorada com cosméticos, mas as maçãs do rosto ainda eram muito altas e a boca, que sorriu para cumprimentar o Dr. Shepherd, ainda era muito larga.

'Oh! Sra. Bainbridge! Ela avançou para agarrar as mãos de Elsie nas suas.

Eles eram macios, envoltos em luvas de pelica apertadas. 'Meu Deus, eu não tinha ideia de que era tão ruim. Seu pobre rosto! O que você deve ter passado.

Havia uma nota em sua voz que Elsie não havia percebido antes – mais feminina agora e flautada. Mas talvez ela não se lembrasse direito.

Ela apertou as mãos de Sarah, tentando transmitir toda a sua emoção através da pressão. Ela não podia olhar Sarah de frente, ainda não. Ela não queria ver a pena e a repulsa ali.

— Acho que talvez eu tenha mencionado a você, Srta. Bainbridge, que meu paciente tem tido dificuldade para falar desde o incidente. Eu agirei como intérprete dela, se isso for de seu agrado.

'Sim claro.' Sarah retirou as mãos e pegou a cadeira que o Dr. Shepherd puxou para ela. A desossada de seu vestido deu-lhe uma postura ereta. —

Não é surpreendente depois de tudo o que aconteceu.

O Dr. Shepherd voltou para seu próprio lugar. Elsie deu uma olhada no rosto de Sarah, mas ela estava observando o médico.

"Na verdade, é comum quando um paciente sofreu um trauma", disse o Dr.

Shepherd. — Mas neste caso se mostrou bastante inconveniente. Sem poder interrogar a senhora deputada Bainbridge, a polícia esteve um pouco

atrasada na investigação. As especulações sobre o que ocorreu na Ponte estão fora de controle.

— É por isso que estou aqui. Para contar o que sei. Sarah ofereceu-lhe um sorriso. Era de alguma forma assustador.

— E nem um momento tão cedo! O inquérito está quase sobre nós. Posso perguntar, Srta. Bainbridge... perdoe a impertinência... o que a impediu de se apresentar por tanto tempo?

— Achei que era óbvio, doutor. Eu estava com medo.'

'Com medo? O que quer que seja?

— Ah, sem dúvida vai parecer tolice para um homem inteligente como você. Ela jogou um cacho por cima do ombro. 'Mas havia tanto muita morte na Ponte! Então o Sr. Livingstone decidiu internar a irmã dele no asilo, e me pareceu que eu deveria me afastar do lugar.

O ar se reorganizou ao redor deles. O que... o que ela disse?

Dr. Shepherd fez uma pausa, sua boca ligeiramente aberta. 'Você . . . fugiu, então? Você não se perdeu ou se machucou indo buscar a polícia?

— Sei o que deve pensar de mim, doutor. Eu tenho sido um covarde terrível. Mas estou disposto a ser corajoso agora. Depois de todos esses anos, finalmente encontrei minha voz.

Elsie olhou para ela. Seu contorno nadava, oscilando sob as lágrimas que cobriam os olhos de Elsie.

Sarah a tinha deixado? De *propósito* ? Ela havia mentido na cara, pegado sua bolsa e fugido para deixá-la para os companheiros? De todas as pessoas, *Sarah* ?

A sensação de traição cresceu tão escura e forte que ela podia prová-la.

Suas próprias palavras voltaram para ela. *Isso é o que acontece comigo, Jo.*

Eu confio nas pessoas e elas abusam dessa confiança.

Dr. Shepherd estava vasculhando suas anotações, perturbado. — Mas você... er... você não achou que era seu dever se dar a conhecer depois do incêndio? Quando a polícia pediu informações?

“Não estava claro naquela época se a Sra. Bainbridge iria sobreviver ou não. Li sobre os terríveis ferimentos do coitado.

Outro golpe. Ela sabia. E mesmo que os jornais lhe dissessem que A Ponte estava queimada até o chão, para sempre livre de companheiros, ela não se deu ao trabalho de visitá-la. Elsie estava lutando por sua vida e Sarah não levantou um dedo.

Esta era a garota com quem ainda ontem Elsie esperava viver, viver! Como ela poderia ter entendido Sarah tão errado?

— Bem, sim, mas com certeza isso não aconteceria. . . Quer dizer, independentemente da sobrevivência da Sra. Bainbridge, você tinha informações. Informações sobre a morte do Sr. Livingstone.

— Sim, Deus me ajude. Sarah tirou um lenço e enxugou os olhos. Seu vestido era tão brilhante que refletia em suas íris, dando um tom verde ao marrom. — Eu não queria dizer isso a menos que fosse necessário. Mas agora é meu dever, eu vejo isso. Outras pessoas podem estar em perigo.

— Em perigo de...?

Sarah olhou para Elsie. Seu rosto enrugou. 'Ah, me perdoe! Você sabe que devo contar a eles!

Diga a eles? Sobre os companheiros, ela quis dizer? Ela trocou um olhar perplexo com o Dr. Shepherd, cujas bochechas estavam ficando mais vermelhas a cada instante.

— Parece que estamos falando de propósitos contraditórios, Srta.

Bainbridge. Eu não dei muita importância a isso, mas a Sra. Bainbridge me contou sobre um mobiliário que vocês dois pareciam temer, algo que ela

chamava de acompanhante. É a isso que você se refere?

"Coitadinho", ela sussurrou, "coitadinho."

- Senhorita Bainbridge?

— Foi por isso que o Sr. Livingstone escreveu para o seu hospital, doutor.

Ela continuou vendo esses companheiros em todos os lugares, quando ninguém mais podia.

O Dr. Shepherd inclinou a cabeça. 'Eu pensei . . . ela escreveu que você poderia?

— Posso ter concordado, doutor, para acalmá-la. Sarah torceu o lenço. 'Eu não sabia mais o que fazer. Eu estava com tanto medo de que, se a cruzasse, eu seria o próximo.

'Próximo?'

'Aqueles . . . acidentes. Era tão claro o que realmente estava acontecendo, mas ninguém queria admitir. A vaca, bebê Edgar, Helen. O Sr. Livingstone não conseguiu encarar a verdade até que fosse tarde demais para ele.

— Você... você... — O Dr. Shepherd começou a gaguejar. Elsie viu sua própria confusão e desânimo escritos em cima dele. 'Você esta falando . . .'

'Eu vi ela. Eu a vi empurrá-lo daquela janela com as próprias mãos. E não tenho dúvidas de que ela também matou a pobre Sra. Holt, antes de acender o fogo.

Não . Como eles não ouviram – como sua língua não estava dizendo isso?

A palavra soou tão alto em sua cabeça que deveria estar ecoando pelas paredes, saltando pelos corredores. *Não!*

Não era verdade, ela nunca machucaria Jolyon! Ela não era uma assassina!

Mas então por que Sarah a encarou daquele jeito?

Ela viu a certeza do Dr. Shepherd desmoronar, sua coragem se esvair. 'Oh!

Ah eu vejo . . .'

Eles ainda estavam sentados do mesmo lado da mesa, mas não eram um time agora. O espaço entre seus ombros formigou como estática. Sua mente

g

p ç

g

deve estar correndo com os mesmos pensamentos de Elsie: por que eu confiava nela; como pude ser tão tolo; por que ela iria me trair assim?

— Você entende, agora, por que me contive — disse Sarah. - Eu amava a Sra. Bainbridge, de verdade, e fiquei horrorizada quando... . . Eu não queria falar contra ela se pudesse evitar. Mas agora chegou a hora.

'Sim.' O Dr. Shepherd tirou os óculos e esfregou os olhos. Ele não olhava para Elsie. — Sim, acredito que o inquérito deve ocorrer na próxima semana. Devemos consultar a polícia. Você iria . . .'

— Estou preparado para testemunhar. Devo deixar meus sentimentos pessoais de lado por justiça. Ela soltou um pequeno suspiro. — Mesmo que isso signifique ver a viúva do meu pobre primo ser enforcada.

'Aguentar!' Dr. Shepherd repetiu.

Elsie sentiu em volta do pescoço: cânhamo apertando. Madeira, sempre madeira, sob seus pés até que eles puxaram uma alavanca e o alçapão se abriu.

— É uma possibilidade, não é, doutor? Quatro pessoas estão mortas.

'Nós vamos . . . sim, em teoria a sentença de morte poderia ser concedida.

Mas você disse que ela não está em seu juízo perfeito. Certamente um júri a consideraria inocente por insanidade.

— Esse é o meu maior desejo. Sarah olhou para Elsie com o nariz comprido. O olhar a deixou fria. — Mas suponho que depende do que for dito no julgamento.

Nada disso era real. Estes eram atores de pé e apertando as mãos, sua conversa girando em torno de suas bordas. O guincho das pernas da cadeira contra os ladrilhos; O ofegante 'Deus a salve, querida Sra. Bainbridge!' de Sarah! – essas coisas não poderiam estar acontecendo. Aqui não. Não para ela.

Ela olhou para o espelho no canto da sala. Uma mulher esquelética e de pele manchada estava sentada debruçada sobre a mesa, sozinha. Suas mãos pareciam cascos fendidos. Ela parecia uma assassina.

Jolyon. No mais louco dos ataques, na mais forte das drogas, ela sabia que nunca poderia machucá-lo. Sra. Holt, Mabel – bem, talvez. Em extremo.

Mas nunca, nunca Jolyon.

O Dr. Shepherd e Sarah foram até a porta. Eles ficaram lá conversando.

— Posso acompanhá-lo até a estação depois de minhas rondas aqui. Tenho certeza de que você não vai querer ir sozinho.

— Isso é muito gentil de sua parte. Eu aprecio seu tempo, Dr. Shepherd.

'De jeito nenhum. E você pode desejar algum apoio quando eles o questionarem. Os inspetores podem ser sujeitos pegajosos. Eles podem ficar um pouco rudes quando perguntarem onde você esteve todo esse tempo.

— É uma pergunta válida. Tenho apenas a mim mesmo para culpar. Sarah deslizou um dedo sob o colarinho. Algo brilhou ali.

— Compreensível, considerando.

— Espero que a trate com gentileza, doutor. Enquanto você for capaz. Eu sei que ela fez coisas terríveis, mas. . . Não gosto de pensar nela sofrendo desnecessariamente.

Diamantes. Havia diamantes na garganta de Sarah.

'Farei o meu melhor. Não posso responder por Broadmoor ou Newgate, ou para onde quer que a mandem em seguida.

Sarah virou-se para chamar no quarto. — Adeus, Sra. Bainbridge. Deus te dê um descanso. Eu rezo para que com o tempo você entenda o que eu fiz.

Não posso manter meu silêncio para sempre. Devo ser livre. Ela suspirou.

'Você não vai ao menos me dar adeus, minha querida?'

Mas Elsie não estava olhando para Sarah. Seus olhos estavam focados no espelho e nas duas figuras refletidas na porta.

Tudo foi invertido. O vestido verde-arsênico, a anquinha, o chapéu. No entanto, o rosto que espreitava por baixo da aba não era uma imagem espelhada de Sarah. O nariz era mais curto, as bochechas mais cheias.

O cabelo ruivo-dourado substituiu a pilha de cachos castanhos de Sarah.

Não se parecia em nada com Sarah. Parecia com-

— Bem, adeus, Sra. Bainbridge. Obrigado por tudo que você fez por mim.

Ao se virar e fechar a porta, Elsie se lembrou de onde tinha visto aquele rosto antes.

Heta.

Agradecimentos

Há muitos 'companheiros silenciosos' escondidos atrás do meu nome na capa deste livro. Gostaria de aproveitar esta oportunidade para estender meus sinceros agradecimentos a todos eles.

Juliet Mushens, minha maravilhosa agente, a quem o livro é dedicado. Você acreditou na minha ideia desde o início. Eu nunca poderia ter chegado tão longe sem seus conselhos e incentivo. Obrigado, obrigado, obrigado.

A equipe da Raven Books, particularmente meus editores Alison Hennessey e Imogen Denny. Vocês são as pessoas mais inteligentes e adoráveis com quem eu poderia ter esperado trabalhar. Seu entusiasmo pela história me manteve à tona e tornou a experiência de publicação uma delícia. Para David Mann – essa capa! Serei sempre grato por você ter embalado minha escrita tão lindamente.

Meus agradecimentos a Hannah Renowden por me alertar sobre a existência dessas figuras de madeira assustadoras e por fazer minha mente girar. Os primeiros leitores Anna Drizen, Laura Terry, Sarah Hiorns e Jonathan Clark – seu feedback foi inestimável.

Sou grato a Mimi Matthews e Past Mastery pelos blogs abrangentes que ajudaram em minha pesquisa mais ampla. Também à equipe da Harris & Hoole, Colchester, por me manter cafeinado todos os dias!

Por último, e mais importante, meu marido Kevin. Você me ajudou com pontos da trama, debateu ideias e me apoiou em vários colapsos relacionados a livros. Eu te amo com todo o meu coração.

Uma nota sobre o autor

Laura Purcell é uma ex-livraria, ela mora em Colchester com seu marido e porquinhos-da-índia de estimação. Seu segundo romance para a Bloomsbury, o chiller gótico *The Corset* , será publicado em 2018.

laurapurcell. com

@spookypurcell